

FABÍOLA SUCUPIRA FERREIRA SELL

**AS INTERROGATIVAS DO
PORTUGUÊS BRASILEIRO
- PERGUNTAS E RESPOSTAS -**

Tese apresentada ao Curso de Pós-graduação em Letras / Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Lingüística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Figueiredo Silva

UFSC

Curso de Pós-graduação em Letras / Lingüística

2003

Pro Sérgio e pra Sofia.

AGRADECIMENTOS

Meu primeiro agradecimento é devido aos professores efetivos e visitantes da Pós-graduação em Lingüística da UFSC, porque boa parte do que sei sobre lingüística se deve a seus cursos e suas orientações.

Agradeço, em especial,

À Cristina, minha orientadora, não só pela orientação segura, mas pela amizade, pelo convívio agradável, pelo apoio nas horas alegres e também nas dificuldades, pela confiança que depositou em mim e pela segurança que sempre me passou. Decididamente, os seus ensinamentos foram além dos limites da vida acadêmica.

Ao professor Carlos Miotto, que me iniciou nos estudos gerativistas ainda na graduação e pelas observações feitas na qualificação do projeto de tese.

Ao professor Sérgio Menuzzi, pelos textos e referências bibliográficas, fundamentais para este trabalho, pelas observações feitas quando da qualificação do projeto de tese e pela gentileza em esclarecer minhas dúvidas.

À professora Ruth Lopes, pela orientação no trabalho de qualificação em aquisição da linguagem. Seus esclarecimentos nos cursos e suas apostilas de sala de aula tornaram mais fácil a tarefa de ler o Programa Minimalista. Agradeço, ainda, seu apoio, por sempre ter me atendido e respondido meus e-mails tão gentilmente e pela revisão do *Abstract*.

À professora Roberta Pires de Oliveira, pela orientação na qualificação em semântica e no auxílio à leitura de Reinhart (1994), juntamente com a Cristina.

À professora Izete Coelho, pela ajuda nas minhas primeiras leituras de Rizzi (1991), ainda na época do mestrado, e pelas palavras de incentivo ao longo da minha vida acadêmica.

Às amigas e colegas

Ana Luzia Dias, por sua prontidão e pela ajuda inestimável na elaboração das observações referentes à prosódia das perguntas-eco.

Cristina Chaoui, pela ajuda com o *Abstract*, pelo carinho e amizade.

Luciana de Souza, pela bibliografia cedida e pelo apoio.

Suzana Rocha, pela amizade, pelo apoio e pelos esclarecimentos nas questões burocráticas.

Sanir da Conceição, pelas palavras de incentivo.

À saudosa amiga Sandra Mara Silvério, por ter me ensinado a lidar com mais leveza com os problemas da vida acadêmica.

À CAPES, pelo financiamento dos três últimos anos do doutorado.

Ao curso de Pós-graduação em Linguística da UFSC, seus coordenadores e funcionários.

Agradeço ainda a todos que me ajudaram nos julgamentos de gramaticalidade e me desculpo por ter ‘bagunçado’ a intuição de falante nativo de muitas dessas pessoas que tão prestativamente julgaram sentenças às vezes beirando a agramaticalidade.

À toda minha família, especialmente Vera, minha mãe, e meus irmãos João Nelson, Lucíola e Clarissa.

Ao meu pai.

Ao Sérgio, com quem divido as alegrias e dificuldades da vida a dois, as alegrias e dificuldades de ser pai e mãe, e também as alegrias e dificuldades da vida acadêmica, agradeço seu carinho, seu total apoio e compreensão e, ainda, as aulas de lógica.

A todos aqueles que me ajudaram a cuidar da Sofia.

À Sofia.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo descrever e analisar o comportamento sintático das sentenças interrogativas do português brasileiro (PB). A partir do modelo Princípios e Parâmetros da gramática gerativa, buscamos confrontar suas duas versões concorrentes: a Teoria de Regência e Vinculação e o Programa Minimalista, procurando mostrar de que maneira cada uma delas lida com os fenômenos relacionados às interrogativas do PB.

Assumimos como ponto de partida a classificação usual das sentenças interrogativas em WH (não-polares) e polares e tratamos em separado cada um.

Dividimos o estudo das interrogativas WH do PB em três partes em função da posição relativa do operador WH, contemplando desta forma as interrogativas com WH deslocado, com WH múltiplo e com WH *in situ*. Quanto às primeiras, que costumam apresentar a ordem Sujeito-Verbo, tratamos especialmente dos fenômenos de inversão Verbo-Sujeito e das estruturas com *que/é que*. Nas estruturas WH múltiplas, os principais fenômenos tratados são o Efeito de Superioridade e a distinção *D-linked/não-D-linked* proposta por Pesetsky (1987), o que nos leva, entre outros resultados, à suposição de que nas sentenças que não manifestam Efeito de Superioridade não ocorra movimento WH de fato, mas algum outro tipo de movimento. Quanto às interrogativas WH *in situ*, mostramos que os sintagmas WH nessa posição apresentam evidência de permanência *in situ* também em LF e, por isso, optamos por interpretá-los *in situ*, via funções de seleção, conforme a abordagem de Reinhart (1994), a qual pode ser combinada à abordagem minimalista.

A discussão das interrogativas polares do PB se baseou no tipo de resposta que podem receber. A descrição das respostas foi decisiva na determinação da tipologia de tais perguntas, as quais classificamos em Yes/No (Y/N) e Alternativas (esta última incluindo as perguntas A-não-A). Se por um lado perguntas Y/N, grosso modo, são respondidas com o verbo flexionado mais alto da sentença, com a cópula *É*, com alguns advérbios ou ainda com as partículas *sim/não*, perguntas Alternativas, que apresentam uma estrutura de coordenação, só podem ser respondidas com uma das alternativas dadas na própria pergunta.

ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to describe and analyze the syntactical behavior of Brazilian Portuguese (BP) interrogative sentences. Having adopted the Principles & Parameters framework, we confront its two concurrent versions - the Government and Binding Theory and the Minimalist Program - in order to show the way each one of them deals with the phenomena related to BP interrogative sentences.

Our starting point is the usual WH (non-polar) and polar distinction, which are treated separately.

We divide the study of the BP WH questions into three parts regarding the position of the WH operator: displaced WH, multiple WH, and WH *in situ*. As for the first ones, that usually display the subject-verb order, we are especially concerned with the verb-subject inversion phenomenon and the *que/é que* structures. On what regards the multiple WH structures, the most important phenomena dealt with are the Superiority Effect and the *D-linked/non-D-linked* distinction proposed by Pesetsky (1987), which, among other results, leads to the assumption that in sentences not showing the Superiority Effect there is no real WH movement but some other kind of movement instead. Finally, regarding the WH *in situ* structures, we show that there is empirical evidence to consider that there is also no movement in LF and, thus, that interpretation occurs through choice functions, as proposed by Reinhart (1994), an analysis, which can be incorporated into a minimalist approach.

The discussion about the BP polar questions was based on the kinds of answer they can receive. The description of such answers was decisive to determine the typology of the questions, which we have classified as Yes/No (Y/N) questions and Alternative questions (the last one including A-no-A questions). While, on the one hand, Y/N questions in general can be answered either by the higher verb, by the auxiliary *É*, by some adverbs, or even by yes/no particles, Alternative questions, on the other hand, which display a coordinated structure, can only be answered by one of the alternatives given in the question itself.

ÍNDICE GERAL

RESUMO	vi
ABSTRACT	vii
INTRODUÇÃO.....	1
1 QUESTÕES TEÓRICAS	5
1.1 Introdução.....	5
1.2 Definição de interrogativa	5
1.2.1 Higginbotham (1996)	6
1.2.2 Huddleston (1994).....	9
1.2.3 As noções de pergunta e resposta.....	15
1.2.4 Apêndice: perguntas-eco	18
1.3 Movimento	25
1.4 Escopo	29
1.5 Resumo do capítulo	33
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	34
2.1 Considerações iniciais	34
2.2 O Critério WH	35
2.2.1 Rizzi (1991, 1996).....	35
2.2.2 Miotto (1994).....	45
2.3 Programa Minimalista	50
2.3.1 Movimento WH (Chomsky, 1995).....	50
2.3.2 NHG (2001).....	55
2.4 Resumo do capítulo	58
3 AS INTERROGATIVAS COM WH DESLOCADO	60
3.1 Considerações iniciais	60
3.2 Descrição tipológica do PB	60
3.3 A inversão Verbo-Sujeito	64
3.4 <i>Que</i> vs. <i>é que</i>	71
3.4.1 Miotto & Figueiredo Silva (1995) e Miotto (1996).....	71

3.4.2	As propriedades das estruturas com <i>que / é que</i>	75
3.5	Análise das interrogativas com WH deslocado	76
3.6	Resumo do capítulo	80
4	AS INTERROGATIVAS WH MÚLTIPLAS	83
4.1	Considerações iniciais	83
4.2	Descrição tipológica	83
4.2.1	Interrogativas WH múltiplas nas línguas em geral.....	84
4.2.1.1	As interrogativas WH múltiplas matrizes do PB.....	87
4.2.1.1.1	Quando os sintagmas WH são argumento.....	87
4.2.1.1.2	Quando um dos sintagmas WH é argumento e o outro é adjunto ...	91
4.2.1.1.3	Quando os dois sintagmas WH são adjuntos.....	96
4.2.1.1.4	Resumo das interrogativas WH múltiplas matrizes.....	97
4.2.1.2	Interrogativas WH múltiplas encaixadas do PB.....	98
4.2.1.3	A interpretação das interrogativas WH múltiplas	100
4.2.2	Resumo da descrição das interrogativas WH múltiplas do PB	102
4.3	Dois estudos acerca das interrogativas WH múltiplas.....	103
4.3.1	Pesetsky (1987)	103
4.3.2	Bošković (1998)	111
4.3.3	Resumo das seções 4.3.1 e 4. 3.2	116
4.4	Análise das interrogativas WH múltiplas do PB	118
4.4.1	As interrogativas WH múltiplas matrizes e encaixadas	118
4.4.2	Efeito de Superioridade, MLC e sintagmas <i>D-linked/não-D-linked</i>	121
4.4.3	Sintagmas <i>D-linked</i>	126
4.5	Resumo do capítulo	127
5	AS INTERROGATIVAS WH <i>in situ</i>	129
5.1	Considerações iniciais	129
5.2	O estatuto das interrogativas WH <i>in situ</i> em PB	129
5.3	Movimento em LF?	136
5.3.1	Huang (1982).....	136
5.3.2	Propostas de não movimento WH em LF.....	137
5.3.2.1	Aoun & Li (1993).....	138
5.3.2.2	Shi (1994)	144
5.3.2.3	Lopes-Rossi (1996)	148
5.3.2.4	A interpretação de sintagmas WH <i>in situ</i> : Reinhart (1994).....	152

5.4	Resumo das análises para WH <i>in situ</i>	162
5.5	Análise das interrogativas com WH <i>in situ</i>	164
5.6	Resumo do capítulo	167
6	AS INTERROGATIVAS POLARES DO PB.....	169
6.1	Considerações iniciais	169
6.2	Interrogativas Y/N	169
6.2.1	Descrição	170
6.2.2	Respostas para as interrogativas Y/N: dois estudos	179
6.2.2.1	Kato & Tarallo (1993)	179
6.2.2.2	De Oliveira (1996).....	184
6.2.3	Análise das interrogativas Y/N do PB.....	194
6.3	Interrogativas Alternativas	204
6.3.1	Interrogativas A-não-A.....	208
6.3.2	Análise para as respostas de interrogativas Alternativas.....	212
6.3.2.1	Huang (1982).....	212
6.3.2.2	Shi (1994)	215
6.3.2.3	As perguntas Alternativas do PB.....	216
6.4	Resumo do capítulo	218
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	222
7.1	Introdução.....	222
7.2	Quadro geral das interrogativas WH	223
7.3	Quadro geral das interrogativas polares	231
7.4	Quadro geral das interrogativas do PB	234
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	236

INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste trabalho é estudar as estruturas interrogativas do PB. Interrogativas são estruturas que seguramente existem em todas as línguas, sendo, portanto, universais. Contudo, a forma de realização destas construções sintáticas varia bastante de língua para língua (e também dentro da mesma língua), o que torna o tema muito interessante para qualquer quadro teórico que busque compreender os aspectos formais da linguagem, como a teoria de Princípios e Parâmetros, que trabalha com a articulação do que é particular a cada língua e do que é geral para todas as línguas. Como atualmente a gramática gerativa fundada em Princípios e Parâmetros tem dois modelos razoavelmente distintos e concorrentes entre si – Teoria de Regência e Vinculação e o Programa Minimalista – este é um campo excelente para confrontá-los. Neste contexto, este estudo tem por objetivo, pois, comparar estes dois modelos, mostrando como podem lidar com os fenômenos referentes às interrogativas do PB.

Sob o ponto de vista descritivo, *grosso modo*, enquanto algumas línguas apresentam seus sintagmas WH deslocados para a periferia esquerda da sentença, como é o caso do inglês, outras os mantêm *in situ*, como o japonês e o chinês, e outras, ainda, apresentam estas duas possibilidades, como é o caso do francês. O português brasileiro (PB) é uma língua que se comporta como o francês em relação às interrogativas WH. Um outro fenômeno encontrado em estruturas interrogativas é a inversão Verbo-Sujeito. Línguas como o inglês apresentam tal inversão tanto nas perguntas WH como nas interrogativas Yes/No (Y/N), enquanto línguas como o PB de modo geral mantêm a ordem Sujeito-Verbo das sentenças declarativas nas estruturas interrogativas.

Quanto às interrogativas WH, um dos fenômenos mais intrigantes do PB são as estruturas com WH *in situ*, especialmente se olharmos para os dados da aquisição: apesar de aparentemente esta ser uma estrutura menos complexa do que a estrutura de WH deslocado, já que parece não envolver movimento, WH *in situ* é adquirido tardiamente se comparado a WH deslocado.

Quanto às interrogativas Y/N, além do fato de este tipo de pergunta não apresentar em PB mudança sintática aparente se comparada a sentenças declarativas, o que nos chama a atenção, num primeiro momento, é o tipo de resposta que podem

receber, já que, em PB, a resposta afirmativa mais usual para este tipo de pergunta é dada com o verbo finito da interrogativa e não com a partícula *sim*.

Este trabalho dá continuidade a um outro estudo das interrogativas do PB, desenvolvido no período de 1996 a 1998, que teve como fruto a dissertação de mestrado *Estudo das Interrogativas do Português Brasileiro em Teoria Gerativa*. Evidentemente, o presente trabalho apresenta acréscimos significativos em relação àquele. Enquanto naquele primeiro trabalho nos propomos a estudar as interrogativas WH e as interrogativas Y/N desta língua, neste ampliamos tal estudo em basicamente dois aspectos. Em primeiro lugar, dividimos as interrogativas WH em três tipos: as interrogativas com WH deslocado, as interrogativas com WH *in situ* e as interrogativas com WH múltiplo. Uma das justificativas para isso é que as teorias que têm surgido para explicar WH *in situ* tomam como ponto de partida línguas que apresentam sintagmas WH *in situ* somente em interrogativas múltiplas, como no caso do inglês, ou, ainda, línguas que apresentam unicamente sintagmas WH sem movimento visível, como no chinês e no japonês.

Ao estudar as interrogativas WH do PB, a primeira pergunta que se coloca é se estas teorias dão conta de explicar os fatos desta língua, que apresenta a estratégia de WH *in situ* tanto em interrogativas simples (com um único elemento WH, que aparentemente também pode ser movido em sintaxe visível), como em interrogativas múltiplas, nestas inclusive com todos os sintagmas WH *in situ*. No entanto, alguns fenômenos, como Efeito de Superioridade e a distinção entre sintagmas WH *D-linked* e *não-D-linked* de Pesetsky (1987), só podem ser observados em interrogativas WH múltiplas.

Em segundo lugar, ampliamos o estudo das interrogativas polares, que antes elegia apenas as perguntas Y/N, para agora abranger também as interrogativas Alternativas, as quais incluem as perguntas A-não-A. A idéia de ampliar o estudo das interrogativas polares surgiu de leituras de autores que estudam línguas tais como o chinês, como é o caso de Huang (1982), Xu (1990) e Shi (1994), mas principalmente a partir do trabalho de Huddleston (1994), que apresenta uma tipologia das interrogativas nas línguas naturais, assumida neste trabalho. Além disso, um dos fenômenos interessantes deste tipo de pergunta são as respostas que podem receber. Portanto são os tipos de respostas dadas às interrogativas polares do PB que vão nortear a descrição destas.

Veremos que o estudo das interrogativas polares do PB não é uma empreitada tranqüila, já que, além de haver muito poucos estudos no PB sobre as perguntas Y/N, desconhecemos trabalhos acerca das interrogativas Alternativas nesta língua, o que torna pioneiro o nosso trabalho, com todos os riscos que o pioneirismo comporta.

O primeiro passo para o estudo das estruturas interrogativas do PB foi, então, descrever as interrogativas WH e as interrogativas polares desta língua. Nosso propósito não foi, porém, descrever exaustivamente as interrogativas WH e polares desta língua, mas antes observar detidamente certos fenômenos específicos que podem receber uma explicação à luz da teoria gerativa.

Cumpramos notar que as descrições apresentadas aqui partiram, sempre que possível, de outros trabalhos que procuram descrever as interrogativas do PB. A maioria das sentenças foi submetida a julgamentos de gramaticalidade de falantes nativos desta língua. Como diacríticos, usamos os seguintes símbolos, usuais na literatura gerativa: [*] para sentenças absolutamente agramaticais, [?] e [??] para sentença mais ou menos toleráveis, [%] para indicar diferença dialetal e nenhuma marca para sentenças gramaticais. Em relação a exemplos em outras línguas, utilizamos a seguinte convenção: aspas simples para tradução de sentido (= frase gramatical em PB) e barras oblíquas para glosa (tradução palavra por palavra, levando em conta a ordem dos constituintes na língua do exemplo). No que diz respeito à nomenclatura técnica, optamos por manter alguns termos em inglês, tais como *D-linked* e *Não-D-linked* e o também o termo WH. No entanto, sempre que possível, usamos a nomenclatura técnica em teoria gerativa traduzida para o PB, utilizando termos já cunhados por outros autores de língua portuguesa ou, ainda, procurando traduzi-los da forma mais adequada possível.

Há uma diferença na descrição das interrogativas WH de um lado e das polares de outro, já que no caso do segundo tipo de pergunta, decidimos descrevê-las a partir dos tipos de respostas que podem receber. Veremos que a descrição das respostas foi importante inclusive para decidirmos a tipologia das interrogativas polares, quando classificamos as perguntas A-não-A como um subtipo de Alternativa e não como fazendo parte das Y/N. Desta forma, e seguindo a orientação de Huddleston (1994), as definições dadas aqui estão baseadas nas respostas que cada tipo de interrogativa pode receber.

Esta tese está organizada, pois, da seguinte maneira. O primeiro capítulo trata de questões gerais, como é o caso da definição de interrogativa e de sua tipologia.

Adicionalmente, trata das noções de pergunta e resposta e da diferença da primeira em relação às perguntas-eco. Apresenta também as noções de movimento e de escopo dentro da teoria gerativa.

O segundo capítulo apresenta duas maneiras de abordar o estudo das interrogativas WH dentro de uma teoria como Princípios e Parâmetros, uma dentro do quadro teórico da Teoria de Regência e Vinculação, com os trabalhos de Rizzi (1991, 1996) e de Míoto (1994); e outra no quadro teórico do Programa Minimalista (MP) de Chomsky (1995), apresentando uma introdução ao movimento no MP e o trabalho de Nunes, Hornstein e Grohmann (2001) para o PB. A apresentação destes dois quadros teóricos tem por objetivo permitir a comparação entre eles no que se refere ao estudo das interrogativas do PB. Procuramos mostrar de que maneira cada arcabouço lida com os fenômenos relacionados às estruturas interrogativas desta língua descritos em cada capítulo.

O estudo das interrogativas WH está dividido em 3 capítulos: o capítulo 3 apresenta as interrogativas WH com sintagma WH deslocado, o capítulo 4 as interrogativas WH múltiplas e o capítulo 5 as interrogativas WH *in situ*. Cada capítulo inclui descrição, referencial teórico e análise de cada tipo de interrogativa WH classificada nesta tese. A divisão em 3 capítulos se fez necessária, já que a descrição e a análise dos fenômenos envolvendo interrogativas WH são relativamente extensas se comparada ao estudo das interrogativas polares.

O capítulo 6 apresenta as interrogativas polares do PB, divididas em perguntas Y/N e perguntas Alternativas, estas últimas incluindo as perguntas A-não-A. O foco do estudo deste tipo de interrogativa se concentra no tipo de resposta que podem receber. Dada a escassez de material teórico sobre o assunto e dado que esta é a primeira descrição sistemática de que temos conhecimento sobre as interrogativas Alternativas em PB, os resultados são mais tentativos que de fato conclusões seguras, os quais, sem dúvida, poderão servir para pesquisas futuras. O último capítulo apresenta um quadro geral das interrogativas WH e das perguntas polares do PB e conclui o trabalho.

1 QUESTÕES TEÓRICAS

1.1 Introdução

Este primeiro capítulo tem como objetivo abordar noções gerais que serão usadas durante todo o texto desta tese, bem como delimitar o nosso objeto de pesquisa. Para tanto, na seção 1.2 trataremos das noções de pergunta e resposta e da diferença entre perguntas e perguntas-eco; na seção 1.3 trataremos do que é movimento dentro da teoria gerativa e na seção 1.4, da definição de escopo. A seção 1.5 apresenta um resumo do capítulo.

1.2 Definição de interrogativa

O primeiro passo a ser dado para o estudo de interrogativas é determinar o que é uma sentença interrogativa e quais os tipos de interrogativas existentes nas línguas em geral. Além disso, uma sentença interrogativa está de alguma forma atrelada a uma outra sentença, que é a sua resposta. Entretanto, a nossa preocupação não é com qualquer tipo de resposta, já que existem diversas maneiras de responder uma interrogativa. Por isso, é preciso delimitar o que é uma resposta relevante para sabermos o que esta ligação pergunta-resposta tem a nos dizer sobre as sentenças interrogativas.

Sell (1998) afirma, em uma primeira aproximação, que uma interrogativa é uma sentença que, ao ser formulada, requer uma outra sentença como resposta. No mais simples dos casos, então, a pergunta é um pedido para o ouvinte fixar o valor de uma variável x . Assim, uma resposta cooperativa é uma sentença cuja função é indicar o valor para uma variável.

Sell (1998), seguindo uma longa tradição no estudo deste problema, afirma também que nas línguas naturais existem basicamente dois tipos de perguntas. O primeiro tipo são as sentenças chamadas interrogativas *yes/no* (Y/N) ou *polares*, assim denominadas por poderem receber, em geral, *sim* ou *não* como resposta, isto é, por fixarem um destes dois valores para a variável. O segundo tipo é o das sentenças que se

caracterizam por conterem expressões interrogativas, chamadas expressões WH em teoria gerativa. As perguntas deste segundo tipo devem receber como resposta um sintagma compatível com a expressão interrogativa: este sintagma corresponde ao valor fixado para a variável.

Essa primeira abordagem das sentenças interrogativas, no entanto, é um tanto ingênua teoricamente. Mesmo restringindo-nos ao PB, já existe vasta literatura sobre o assunto e o que se pode observar é uma enorme gama de conceituações possíveis para as noções diretamente relevantes para este estudo. Vejamos, pois, o que dois autores propõem em relação à tipologia e à definição de interrogativa nas línguas naturais.

A seção 1.2.1 apresenta a resenha de Higginbotham (1996), que trata, entre outras coisas, da noção de pergunta, da intuição de que formas interrogativas não têm valor de verdade e da relação pergunta-resposta. Já a seção 1.2.2 traz uma resenha do texto de Huddleston (1994), que apresenta uma tipologia das sentenças interrogativas nas línguas naturais, a qual será assumida nesta tese.

1.2.1 Higginbotham (1996)

Segundo Higginbotham (1996), a noção de pergunta (*question*) pode ser entendida de três maneiras diferentes. Na primeira, pergunta pode ser pensada como uma instância de um certo tipo de estrutura lingüística; isto é, como uma forma interrogativa, que pode ser matriz ou encaixada, ocorrendo como complemento ou sujeito. Assim, (1) é uma interrogativa matriz e em (2) o complemento é uma interrogativa encaixada:

(1) Who is Sylvia?

‘Quem é Silvia?’

(2) I want to know [who is Sylvia].

‘Eu quero saber quem é Silvia.’

Em outros termos, uma interrogativa matriz é uma pergunta *direta*, e uma interrogativa encaixada é uma pergunta *indireta*.

Ao lado desta concepção sintática ou formal, existe uma concepção semântica de pergunta. O autor sustenta que formas interrogativas possuem significados peculiares a

elas, que diferem do significado de formas declarativas, ou seja, elas não possuem valor de verdade.

Por fim, a terceira concepção de pergunta diz respeito ao conteúdo de certo tipo de atos da fala. Uma pessoa que diz (1) está provavelmente expressando o desejo de saber a identidade de Sylvia e questionando o ouvinte neste sentido. O conteúdo do ato da fala desta pessoa é uma pergunta no terceiro sentido do termo.

Higginbotham (1996) procura uma forma de pensar a sintaxe e a semântica de perguntas que sustente a intuição de que formas interrogativas não têm valor de verdade e, assim, associar a elas um tipo diferente de conteúdo daquele de formas declarativas. O autor discute também a noção de resposta.

Sintaticamente, formas interrogativas constituem uma projeção máxima CP da categoria C (= complementizador), que é marcado por um traço Q (morfema abstrato de pergunta)¹. Este traço é comum e peculiar a todos os CPs interrogativos. O complemento de C é o *neutral core* (abreviado por S), uma estrutura sentencial que admite análises de condições de verdade.

Uma pergunta Y/N direta terá então a estrutura de (3):

(3) [CP [C Q] [s...]]

onde “...” é o *neutral core*. Como qualquer projeção máxima, CP terá uma categoria Especificador *Spec CP*, a qual poderá ser preenchida por um sintagma WH. A estrutura frasal *completa* de CP=C” segue o padrão familiar das projeções dentro da teoria X-barra.

Higginbotham segue a sugestão dada por Chomsky (1973)² e Huang (1982), segundo a qual no nível LF todas as expressões WH são movidas para uma posição fora de S³. O autor assume também que todas as línguas humanas apresentam perguntas WH simples e múltiplas, ambas direta e indireta, na forma (4), em LF⁴:

(4) [CP [WH₁ ... WH_n] [Q [s...t₁...t_n]]]

¹ Higginbotham (1996) utiliza o símbolo “?” como marca de pergunta. Nós, entretanto, a fim de padronizar a nomenclatura desta tese, adotaremos o símbolo Q (de *question*).

² Citado por Higginbotham (1996).

³ A questão do movimento em LF será discutida em mais detalhes no capítulo 5 desta tese.

⁴ Veremos no capítulo 4, onde este assunto será discutido, que algumas línguas, como o italiano e o irlandês, não apresentam interrogativas WH múltiplas.

onde WH_1 é uma projeção máxima de alguma categoria, nucleada por uma expressão WH simples; Q é o traço que marca perguntas (de forma que se $n=0$ temos uma pergunta Y/N) e S, que pode ser de qualquer categoria sentencial, é o *neutral core*.

A um *core* S estão associadas condições de verdade segundo a semântica de mundos possíveis. O autor assume que falantes nativos de uma língua a qual S pertence conhecem estas condições.

Higginbotham afirma que a relação pergunta-resposta seguramente deve ter um papel expressivo na teoria do conteúdo de uma forma interrogativa. A noção de uma resposta pode ser entendida estritamente, como confinada a respostas verdadeiras, ou mais amplamente, como incluindo respostas apropriadas, sendo elas verdadeiras ou não. Uma resposta no sentido mais estrito é simplesmente uma resposta apropriada que também é verdadeira.

Para explicar esta relação entre perguntas e respostas, o autor supõe que se possa associar a interrogativas não um conjunto simples de proposições, mas em vez disso *possibilidades espaciais* (*space possibilities*) ou, ainda, uma partição, cujos elementos são mutuamente exclusivos e conjuntamente exaustivos. Uma pergunta apresenta, portanto, um espaço de possibilidades e uma resposta relevante para uma pergunta reduz o espaço por ser incompatível com certas possibilidades.

Respostas completas para perguntas serão réplicas que (verdadeiras ou falsas) limitam o espaço de possibilidades mais severamente. Já as respostas parciais eliminam algumas das possibilidades que estavam abertas na pergunta por serem incompatíveis com elas.

O sentido no qual qualquer uma das respostas de (6), por exemplo, é completa para (5) é que a verdade dessas sentenças é compatível com uma possibilidade no espaço e incompatível com outra. O sentido no qual qualquer uma das respostas de (7) é uma resposta parcial é que ela é menos do que completa e sua verdade é incompatível com alguma das possibilidades no espaço, mas compatível com mais que uma (por ex., a verdade de (7c) é compatível com todas as possibilidades exceto aquela onde o falante viu *a*, mas não viu *b*):

(5) [Que estudantes]_i você viu t_i?

(6) a. Eu vi *a*, mas não vi *b*.

b. Eu só vi *a*.

- c. Eu não vi nenhum estudante.
- (7) a. Eu vi *a*.
- b. Eu vi *a* ou *b*, mas não lembro qual.
 - c. Se eu vi *a*, então eu vi *b* também.

Segundo Higginbotham, todas as respostas de (6)-(7) são observações relevantes para a pergunta (5). O autor sugere que para uma sentença ser uma resposta relevante ela precisa ser incompatível com alguma das possibilidades, mas não com todas. O problema que notamos aqui é que (7c) de maneira alguma nos parece resposta para a interrogativa em (5) – na verdade, é difícil imaginar uma pergunta para a qual (7c) seja uma resposta adequada. Diferente das demais respostas em (6)-(7), (7c) não nos parece compatível, pois, com nenhuma das possibilidades apresentadas pela pergunta em (5). Dito de outro modo, ainda que (7c) seja uma alternativa logicamente disponível neste sistema, pragmaticamente essa frase não é uma alternativa disponível para o falante.

O autor conclui então que o conteúdo expresso por uma pergunta, a intensão de uma partição, é em cada mundo possível um espaço lógico, ou um espaço de possibilidades. Assim como uma forma declarativa tem um valor de verdade e expressa uma intensão cujo valor em cada mundo possível é um valor de verdade, uma forma interrogativa, embora não tenha valor de verdade, tem um valor no domínio de partições, e expressa uma intensão cujo valor em cada mundo possível é uma partição.

Assim, Higginbotham (1996) mostra que uma pergunta apresenta um espaço de possibilidades o qual é reduzido por uma resposta relevante, uma vez que esta é compatível com algumas possibilidades, mas não com outras. A resposta será completa se for compatível com apenas uma possibilidade no espaço. Se a resposta for compatível com mais de uma possibilidade (mas não com todas), será uma resposta parcial.

1.2.2 Huddleston (1994)

Huddleston (1994) investiga a relação entre *Interrogativa* e *Pergunta*⁵, sendo a primeira uma categoria de forma gramatical, e a segunda uma categoria de significado.

⁵ Os termos usados por Huddleston (1994) são *Interrogative* e *Question*, que traduzimos aqui, respectivamente, por *Interrogativa* e *Pergunta*.

O autor afirma que podemos esclarecer muitas questões se assumirmos uma distinção sistemática entre essas duas categorias.

Interrogativa, num primeiro momento, é tomada como um termo no sistema sintático usualmente chamado tipo de sentença, contrastando com outras categorias como declarativa, imperativa e exclamativa.⁶

Enquanto uma interrogativa, como um tipo de sentença, é definido em termos de forma sintática, a propriedade distintiva de uma pergunta é que ela define um conjunto de respostas. Huddleston (1994) tenta, então, distinguir o conceito de *answer* (resposta) do de *response* (réplica). Segundo o autor, existem exemplos de réplicas que não são respostas, mas também é comum uma réplica conter mais que uma resposta.⁷ Por exemplo, *Sim, ele leu isso* é uma resposta para a pergunta *Ele leu isso?*, mas *Provavelmente* ou *Eu não sei* não são, embora sejam réplicas perfeitamente naturais.

Por outro lado, Huddleston isola três tipos diferentes de perguntas de acordo com o modo como elas definem o conjunto de respostas possíveis. O primeiro tipo são as perguntas Y/N, que vemos em (8) (perguntas *polares*, nos termos do autor), que definem um conjunto de duas respostas, aquela que tem o conteúdo proposicional expresso na pergunta e outra que é seu oposto polar:

(8)a. Are you ready?

‘Você está pronto?’

b. [She wants to know] whether / if you are ready.⁸

‘Ela quer saber se você está pronto.’

O segundo tipo de pergunta são as Alternativas, que têm como resposta um conjunto de alternativas dadas na própria pergunta. O conteúdo proposicional de uma

⁶ Segundo Huddleston (1994), uma oração será declarativa se lhe faltar as propriedades de distinção de todos os outros termos; ou seja, declarativa será o termo não marcado do sistema. Já as Imperativas, em inglês, se distinguem por três propriedades: (i) o verbo está na forma de base; (ii) o sujeito está omitido se na segunda pessoa; (iii) *do* é inserido em negativas e positivas enfáticas sempre que o verbo da positiva neutra for *be*. E, por fim, as exclamativas são marcadas no inglês por uma ou outra das palavras exclamativas *how* e *what*.

⁷ Contudo, Huddleston (1994) não define explicitamente tais conceitos.

⁸ Sobre interrogativas Y/N encaixadas, veja capítulo 6 desta tese.

alternativa é logicamente equivalente a uma disjunção de proposições, e cada uma delas constitui o conteúdo de uma das respostas:⁹

(9)a. Is it a boy or a girl?

‘É um menino ou uma menina?’

b. [Do you know whether] / if it is a boy or a girl [?]¹⁰

‘Você sabe se é um menino ou uma menina [?]’

O terceiro e último tipo de pergunta, na classificação de Huddleston, são as perguntas WH (*variáveis*, em seus termos), que têm um conteúdo proposicional contendo uma variável. A resposta a esse tipo de pergunta expressa proposições derivadas da substituição de um valor particular da variável:¹¹

(10)a. Whose hat is this?

‘De quem é esse chapéu?’

b. [I wonder] whose hat this is.

‘Eu quero saber de quem é esse chapéu.’¹²

Huddleston trata das perguntas A-não-A, que ele chama de Alternativas com oposições polares, como um tipo especial de perguntas Alternativas¹³. Neste caso, o conteúdo proposicional das duas respostas está expresso na pergunta, e isso é o que faz dela uma alternativa e não uma polar:

(11) Are you ready, or not?

‘Você está pronto ou não?’

⁹ Este tipo de pergunta pode ter duas alternativas, como em (9), mas também pode apresentar mais de duas alternativas, como na sentença *Would you like to meet in the morning, the afternoon or the evening?* (‘você gostaria de me encontrar de manhã, à tarde, ou à noite?’).

¹⁰ Repare que se esta pergunta é uma interrogativa matriz, ela é uma Y/N e não uma alternativa (cf. capítulo 6 desta tese)

¹¹ Segundo Huang (1982:252), uma pergunta WH consiste de uma pressuposição a qual tem a forma de uma sentença quantificada e um foco indicando a solicitação do falante para uma especificação do elemento quantificacional na pressuposição. O significado de uma pergunta pode ser analisado a partir do significado de suas possíveis respostas.

¹² Note, emretanto, que responder uma interrogativa encaixada parece antes um fenômeno discursivo do que propriamente sintático, já que não são verdadeiras perguntas.

¹³ Huang (1982:277) considera as perguntas A-não-A como um tipo de perguntas Y/N, tomando uma forma disjuntiva que requer que o destinatário identifique ou a afirmativa ou a negativa de suas duas disjunções.

O fato de exemplos como (11) serem um tipo de pergunta Alternativa é a principal razão para o autor preferir o termo ‘perguntas polares’ e não o termo mais freqüente, i.e., perguntas Y/N, pois o que é importante para ele não é a resposta em si mas o modo como ela é derivada do conteúdo proposicional da pergunta. O fato de (11) ser uma alternativa e não uma polar pode ser estabelecido se considerarmos as diferenças na distribuição em contextos encaixados entre Y/N e perguntas Alternativas. O autor apresenta dois contextos em que esses dois tipos de interrogativas estão em distribuição complementar:

- (i) predicados como *doubt*, *doubtful*, *questionable* tomam Y/N como complemento, mas não Alternativas (ou perguntas WH):

- (12) a. I doubt whether you are ready. [Y/N]
 / eu duvido se você está certo/
 b. *I doubt whether it is a boy or a girl. [Alternativa]
 / eu duvido se (expl) é um menino ou uma menina/
 c. * I doubt where she is. [pergunta wh]
 / eu duvido onde ela é/

- (ii) construções com adjuntos concessivos excluem perguntas Y/N mas permitem Alternativas (ou perguntas WH)

- (13) a. * I'm marrying her whether you like her. [Y/N]
 / eu estou me casando com ela se você gostar dela/
 b. I'm marrying her whether you like her or hate her. [Alternativa]
 / eu estou me casando com ela se você gostar dela ou odiá-la/
 c. I'm marrying her whatever you feel about her. [pergunta WH]
 / eu estou me casando com ela o que quer que você sinta sobre ela/

Em ambos os casos, (11) se comporta como Alternativa, e não como Y/N:

- (14) *I doubt whether you are ready or not.
 / eu duvido se você está certo ou não/

(15) I'm marrying her, whether you like her or not.

/eu estou me casando com ela se você gostar dela ou não/

Huddleston afirma que a evidência dada para tratar (11) como uma Alternativa e não como uma Y/N também sustenta o reconhecimento de que estes são tipos distintos de perguntas, contra abordagens que tratam perguntas Y/N como sintaticamente derivadas de, ou formas 'geradas' de, perguntas Alternativas (Katz, 1972; Karttunen, 1977)¹⁴.

Repare que as diferenças apresentadas em (12)-(15) acima em relação às perguntas Y/N de um lado e as Alternativas e A-não-A de outro no inglês parecem não se refletir de forma satisfatória nos dados do PB. Um dos problemas que temos é que o verbo *duvidar* nesta língua não subcategoriza uma encaixada introduzida por *se*, mas sim por *que* como mostram os exemplo abaixo:

- | | |
|---|---------------|
| (16)a. Eu duvido *se/que você esteja pronto. | [Y/N] |
| b. Eu duvido *se/que é um menino ou uma menina. | [Alternativa] |
| c. Eu duvido *se/que você esteja pronto ou não. | [A-não-A] |
| d. *Eu duvido onde você foi. | [WH] |

O problema que aparece em (16) é que o verbo *duvidar* seleciona um complementizador de declarativa e não de interrogativa. Isso significa que (16) não cumpre o propósito de Huddleston com os testes em (12) e (14), com complementos interrogativos. Poderíamos, então, tentar substituir o verbo *duvidar* por uma construção com um verbo leve, como no exemplo abaixo:

- | | |
|--|---------------|
| (17) a. Eu tenho minhas dúvidas (sobre) se você está pronto. | [Y/N] |
| b. Eu tenho minhas dúvidas (sobre) se é um menino ou uma menina. | [Alternativa] |
| c. Eu tenho minhas dúvidas (sobre) se você está pronto ou não. | [A-não-A] |
| d. Eu tenho minhas dúvidas sobre onde você foi. | [WH] |

¹⁴ Citados por Huddleston (1994).

Em (17) o problema é outro: com um verbo leve, todas as sentenças se tornam bastante boas. Ou seja, o contraste pretendido por Huddleston entre perguntas Y/N de um lado e Alternativas e A-não-A de outro não é verificado.

Já o contraste mostrado por Huddleston em construções com adjuntos concessivos em (13) e (15), parece estar presente em PB, embora não isento de problemas, como observamos em (18):

- (18) a. * Eu estou me casando com ela goste você. [Y/N]
 b. ??Eu estou me casando com ela goste você dela ou odeie você ela. [Alternativa]
 c. Eu estou me casando com ela, goste você dela ou não. [A-não-A]

Repare que a sentença em (18b) não é de todo boa, talvez devido à inversão Verbo /Sujeito que aparece na encaixada, mas sem dúvida há um contraste entre ela e (18c) de um lado e a sentença em (18a) de outro.

Embora os testes utilizados por Huddleston para o inglês não dêem resultados claros e indiscutíveis no PB, assumimos a classificação de Huddleston (1994) para os tipos de perguntas existentes nas línguas em geral, devido ao fato de que, como veremos em mais detalhes no capítulo 6, quanto ao tipo de resposta que podem receber e quanto à estrutura, perguntas A-não-A têm mais em comum com Alternativas do que com perguntas Y/N. Perguntas A-não-A, portanto, serão consideradas como um tipo especial de perguntas Alternativas.

Semanticamente os exemplos (8)-(11) acima ilustram três diferentes tipos de perguntas, mas sintaticamente eles se enquadram dentro de dois tipos de oração, que o autor chama de interrogativas fechadas e interrogativas abertas. A propriedade distintiva de interrogativas fechadas em línguas como o inglês é que as sentenças matrizes são marcadas por inversão auxiliar-sujeito e as subordinadas pela inserção de um ou outro dos subordinativos *whether* e *if*. Interrogativas fechadas são aquelas que expressam um conjunto de respostas fechadas, ou seja, as Y/N e as Alternativas.

Interrogativas abertas são marcadas pela presença de uma ou mais palavras interrogativas *who*, *what*, *which*, etc. Como interrogativas principais de línguas como o inglês, elas também são marcadas pela inversão sujeito-auxiliar “quando a palavra interrogativa cai dentro de um sintagma precedendo o sujeito” (Huddleston, 1994:419),

como em *whose hat is this?*. Interrogativas abertas são usadas para expressar um conjunto de respostas abertas, isto é, as perguntas variáveis.

O fato de no nível semântico termos três tipos de perguntas enquanto sintaticamente temos dois tipos de oração reforça, segundo o autor, a necessidade de distinguir entre pergunta e o tipo de oração interrogativa, embora caracteristicamente, uma oração interrogativa expresse uma pergunta e uma pergunta seja expressa por uma oração interrogativa.

Resumindo, Huddleston (1994) observa a diferença entre interrogativa, uma categoria de forma sintática, e pergunta, uma categoria de significado.¹⁵ Uma interrogativa é definida de forma sintática, em contraste com outras categorias, como declarativa, imperativa e exclamativa. Já uma pergunta distingue-se por definir um conjunto específico de respostas a que o autor dá o nome de *answer* (resposta) em contraposição a *response* (réplica). Entretanto, a diferença que o autor não menciona é que podemos ter réplica não só para interrogativas, mas também para declarativas e imperativas, enquanto só podemos ter resposta para interrogativas. Por fim, o autor classifica três tipos de pergunta: as perguntas Y/N, as perguntas WH e as perguntas Alternativas, das quais também fazem parte as perguntas A-não-A. Estamos assumindo esta tipologia proposta por Huddleston porque acreditamos que um tratamento completo das interrogativas deve abordar não somente as perguntas WH, mas também as perguntas Y/N e as Alternativas.

Na próxima seção, trataremos das noções de pergunta e resposta olhando para a relação existente entre elas a partir do que vimos nesta seção, com Huddleston (1994), e na seção anterior, com Higginbotham (1996).

1.2.3 As noções de pergunta e resposta

De acordo com o que mostramos nas subseções 1.2.1 e 1.2.2 a partir das resenhas de Higginbotham (1996) e Huddleston (1994), a noção de pergunta tem pelo menos duas facetas, a sintática e a semântica. A característica mais marcante de uma pergunta parece ser o fato de ela estar de alguma forma atrelada a uma outra (ou outras)

¹⁵ Apesar de assumirmos aqui a distinção entre pergunta e interrogativa proposta por Huddleston (1994), não faremos diferença entre os termos *pergunta* e *interrogativa*, na medida em que estes serão termos intercambiáveis nesta tese, de acordo com a noção de pergunta discutida na próxima seção.

sentença(s), que é sua resposta. Huddleston (1994) observa que uma pergunta tem como propriedade justamente a característica de definir um conjunto de respostas. Já Higginbotham (1996) explica esta relação pergunta-resposta associando interrogativas a espaços de possibilidades, que são restringidos por respostas relevantes.

A diferença entre resposta e réplica apresentada por Huddleston parece estar mais refinada, embora não nos mesmos termos, em Higginbotham (1996), o qual diferencia resposta apropriada (noção de resposta no sentido amplo) de resposta verdadeira (noção de resposta no sentido estrito) e, indo mais além, distingue respostas parciais de respostas completas.

Vejamos a subdivisão que De Oliveira (1996:21-2) propõe para o conceito de resposta/*response* (réplica), dividida em três tipos como segue. Para a autora, *response* é a reação do interlocutor em relação a uma frase imperativa ou declarativa; é uma resposta, mas também uma reação ao pedido:

- 1 . *Assentimento*: ‘response’ de compromisso em relação ao proferimento de uma frase imperativa, como em (19a), e até para interrogativas como em (19b):

(19) a. Abre a janela!

– Depois.

b. (Cê) Abre a janela?

– Tá.

2. *Confirmação*: proferimento de anuência com a frase declarativa anterior, como mostra (20):

(20) É um martírio trafegar pelas ruas na época do natal.

– É mesmo.

3. *Frase assertiva reativa*: resposta afirmativa a uma interrogativa anterior, como em (21):

(21) Você encontrou o disco que queria?

– Encontrei.

A distinção que queremos apreender entre resposta e réplica é que quando nos referimos a *resposta*, estamos falando do que De Oliveira chama de uma *frase assertiva reativa*, e quando nos referimos a réplica, estão em jogo coisas como *assentimento* e

confirmação, entre outras. Nesta tese, vamos tratar estritamente de *frases assertivas reativas*, ou seja, vamos tratar de *respostas* no sentido de Huddleston (1994), ou, ainda, de *respostas verdadeiras* no sentido de Higginbotham (1996), ambas se opondo, respectivamente, a *réplica* e a *resposta apropriada*. Doravante, pois, usaremos o termo *resposta* para nos referirmos a uma *frase assertiva reativa*.

Higginbotham (1996) fornece também a noção sintática gerativa para interrogativa, que será amplamente usada nesta tese, segundo a qual uma forma interrogativa constitui uma projeção máxima CP cujo núcleo é marcado por um traço [+Q] comum e peculiar a todos os CPs interrogativos.

Além dessa noção sintática, podemos pensar em uma pergunta como uma sentença formulada com a intenção de requerer uma informação do ouvinte. Essa informação pode ser conseguida a partir do preenchimento de uma variável, da afirmação ou negação de uma proposição ou, ainda, da escolha entre duas ou mais alternativas.

Neste sentido, assumimos a definição semântica de Higginbotham (1996) para interrogativa segundo a qual uma pergunta pode ser definida como uma sentença que abre um espaço de possibilidades, cujos elementos são mutuamente exclusivos e conjuntamente exaustivos, e que está atrelada a uma outra sentença – a sua resposta – que reduz este espaço por ser incompatível com certas possibilidades.

Nós assumimos também a classificação de perguntas dada por Huddleston (1994), segundo a qual existem três tipos de interrogativas:

- (A) interrogativas WH: têm um conteúdo proposicional contendo uma variável;
- (B) interrogativas Y/N: definem um conjunto de duas respostas, uma que está expressa na pergunta e outra que é seu oposto polar;
- (C) interrogativas Alternativas: têm como resposta um conjunto de alternativas dadas na própria pergunta. Aqui estão incluídas as perguntas A-não-A.

Se pensarmos nestes três tipos de interrogativas nos termos de Higginbotham (1996), podemos dizer que uma pergunta WH abre um espaço de possibilidades a partir do seu conteúdo proposicional que contém uma variável possuindo certas características; uma resposta para uma pergunta WH reduzirá este espaço por ser incompatível com certas possibilidades de acordo com as características da variável.

Já uma pergunta Y/N abre um espaço de possibilidades formado pelo conteúdo proposicional da pergunta e seu oposto polar. A resposta para uma Y/N reduzirá este espaço por ser compatível ou com o conteúdo proposicional da pergunta ou com seu oposto polar. Note que o espaço de possibilidades correspondente a uma interrogativa Y/N é bem mais restrito que no caso das WH.

De maneira diversa, uma interrogativa Alternativa abre um espaço de possibilidades formado por um conjunto de alternativas dadas na própria pergunta e sua resposta restringirá este espaço por ter compatibilidade com uma das alternativas postas na pergunta. O mesmo se dará com as perguntas A-não-A, que também abrem um espaço de possibilidades contendo duas alternativas dadas na própria pergunta, uma que é o conteúdo proposicional da pergunta e outra que é seu oposto polar. É aqui que este tipo de pergunta se aproxima de uma Y/N. Note, entretanto, que diferentemente de uma Y/N, em uma pergunta A-não-A o conteúdo proposicional e seu oposto polar formam as alternativas dadas na interrogativa. Portanto, uma A-não-A será considerada um tipo especial de perguntas Alternativas e não um tipo de Y/N. Uma resposta para uma A-não-A restringe o espaço de possibilidades por ser compatível com uma das alternativas e incompatível com a outra.

Pelo que vimos, pois, a relação pergunta-resposta é importante para compreendermos o que é e como funciona uma interrogativa. Ao longo deste trabalho, mostraremos que esta relação é crucial para entendermos muitos dos fenômenos relacionados às interrogativas do PB.

1.2.4 Apêndice: perguntas-eco

Neste trabalho, não temos por objetivo estudar perguntas do tipo ‘eco’. Isto porque, se pensarmos na definição de interrogativas dada por Higginbotham que assumimos aqui, uma pergunta-eco não pode ser considerada uma interrogativa, já que este tipo de sentença não abre um espaço de possibilidades a ser restringido pela resposta, como veremos mais adiante.

Entretanto, é interessante mostrar algumas propriedades dessas sentenças, principalmente porque em PB elas apresentam uma estrutura semelhante a de interrogativas de fato. Entender como funcionam perguntas-eco pode nos ajudar a entender certas estruturas interrogativas do PB.

Huddleston (1994) mostra que perguntas-eco são normalmente ou perguntas Y/N (polares, nos termos do autor), marcadas como tal pela especificidade prosódica, ou perguntas WH (variáveis), assinaladas por uma palavra WH (*in situ*) junto com a prosódia de pergunta-eco, como mostra (22B-B') abaixo. O autor, contudo, não especifica quais são as características da prosódia de perguntas-eco. Mais adiante voltaremos a esta questão.

(22)A: She's a Genius. [sentença estímulo]

'Ela é um gênio.'

B: She's a GENius?¹⁶ [pergunta-eco Y/N]

B': She's whAt? [pergunta-eco WH]

'Ela é o quê?'

Perguntas-eco Alternativas são menos freqüentes mas não impossíveis, segundo Huddleston, como mostra (23B):

(23) A: Give it to Anne.

'Dê isso à Anne.'

B: Give it to Anne or Anna?

'Dar isso à Anne ou à Anna?'

Uma pergunta-eco, segundo Huddleston (1994), pode ser construída a partir de qualquer tipo de oração, seja ela declarativa, imperativa, exclamativa, interrogativa aberta ou interrogativa fechada. Por isso, uma pergunta-eco pertence ao mesmo tipo sentencial da sentença estímulo. Isso significa que uma pergunta-eco como em (24B) abaixo pode ser incidentalmente uma interrogativa, já que a sentença estímulo (24A) é uma interrogativa WH:

(24) A: Where did she put the jug? [pergunta WH estímulo]

'Onde ela pôs o jarro?'

B: Where did she put the jug? [pergunta-eco]

¹⁶ Proeminência rítmica, grosso modo, em maiúsculas.

Uma proposta diferente é apresentada por Sobin (1990), o qual adverte que em lingüística gerativa há a estipulação de que perguntas-eco não seguem de regras normais de sintaxe; por isso, elas têm sido excluídas de descrições sintáticas, uma vez que são consideradas como um desvio de interrogativas usuais. O autor propõe, então, uma análise para as perguntas-eco do inglês que utilize estruturas, regras e princípios da sintaxe desta língua. Como este não é o ponto central deste trabalho, esta análise será apresentada brevemente, a fim de que possamos ter uma idéia de como se estruturam as perguntas-eco em inglês.¹⁷

Sobin propõe que o único aspecto incomum da formação de pergunta-eco é uma estratégia de discurso que envolve necessariamente mais que uma sentença em algum contexto de uso normal da língua. O autor chamará esta estratégia de discurso de *Comp-freezing* (Comp congelado). Uma vez que esse congelamento da dimensão WH-movido-para-Comp é reconhecido, perguntas-eco do inglês originam-se de uma sintaxe normal.

Existem dois tipos de perguntas-eco em inglês, conforme Sobin. No primeiro tipo, que o autor chama de pergunta-eco sintática ou clássica, um sintagma WH recém introduzido aparece *in situ* (25b). O segundo tipo, chamado de pseudo pergunta-eco, é uma pergunta construída aparentemente de forma normal, isto é, com o sintagma WH no início da sentença (25c):

(25)a. A: Bill married Greta Garbo.

‘Bill se casou com Greta Garbo’

b. B: Bill married who↑?

c. B: Who did Bill married ↑?

Entonação final ascendente (indicada com o símbolo “ ↑ ”), como pode ser observado em (25b) e (25c) acima, é comum para perguntas-eco de ambos os tipos.¹⁸

¹⁷ Sobin (1990) trata somente de perguntas-eco WH.

¹⁸ Para Noh (1998:605), pergunta-eco nem sempre requer uma sentença estímulo, como é o caso do contexto abaixo (exemplo (7) do autor):

(i) A French man is looking at a painting showing a bald king sitting beside a French flag. He says: “The King of French is bald? We have no king.”

‘Um homem francês está olhando para um quadro mostrando um rei calvo sentado ao lado de uma bandeira francesa. Ele diz: “O Rei da França é calvo? Nós não temos rei.” onde, ‘o rei da França é calvo?’ é a pergunta-eco, segundo Noh. Porém, dentro da definição de pergunta-eco que estamos usando aqui, esta sentença não é uma pergunta-eco, já que não deriva de uma sentença estímulo.

O autor estabelece que o Comp de uma pergunta-eco pode ser [-WH] ou [+WH]. Em inglês, o verbo *ask* (perguntar) pode ter um complemento cujo Comp é [+WH], por isso a possibilidade de *whether* (se) na posição Comp na sentença encaixada. Em contraste, o verbo *believe* (acreditar) não toma um complemento com um Comp [+WH], como indica a agramaticalidade de sentenças com *whether*. Entretanto, o complemento sentencial encaixado de *believe* pode ser uma pergunta-eco como em (26):

(26)a. A: Mary believes that Bill dates Greta Garbo.

‘Mary acredita que Bill está se encontrando com Greta Garbo’

b. B: Mary believes that Bill dates who↑ ?

c. B: *Does Mary believes that Bill dates who↑ ?

A gramaticalidade de *that* em uma sentença encaixada eco em (26) indica que seu Comp é [-WH]. Além disso, o Comp da sentença matriz também é [-WH]. O autor conclui então que um Comp de sentença matriz que é [+WH] permite inversão sujeito-auxiliar na sentença matriz, mas a versão sujeito-auxiliar invertido de (26b), dada em (26c), é agramatical porque o Comp da sentença matriz é [-WH].

As construções de pseudo pergunta-eco, segundo Sobin, se dão da seguinte forma: diante de uma declaração ‘questionável’, o falante pode criar uma pergunta sintaticamente ‘normal’¹⁹ (mas com entonação de surpresa – acento ascendente característico de perguntas-eco) para que a declaração questionável tenha uma resposta declarativa sintaticamente normal. Portanto, o caráter declarativo de (27a) é crucial. Observe:

(27)a. A: Jill dates Mozart.

‘Jill está se encontrando com Mozart’

b. B: Who does Jill date?

Por outro lado, (28b) não é uma pergunta-eco aceitável para (28a), já que esta última não é uma declarativa:

¹⁹ Ao usar o termo ‘pergunta sintaticamente normal’, Sobin (1990:145) não inclui as perguntas-eco clássicas.

- (28)a. A: Does Jill date Mozart?
 ‘Jill está se encontrando com Mozart?’
 b. B: *Who does Jill date?

O autor classifica as perguntas-eco do tipo de (29b) como ‘sintáticas’ por causa de sua sintaxe aparentemente distinta envolvendo sintagmas WH não movidos:

- (29)a. A: Jill dates Mozart.
 b. B: Jill dates who?

Segundo o autor, os dois tipos de perguntas-eco (sintática e pseudo pergunta-eco) são fortemente ligadas ao discurso em que elas ocorrem. O autor invoca o termo *D-linked* de Pesetsky (1987) em conexão com perguntas-eco sintáticas porque as partes particulares delas são claramente *D-linked* no sentido pretendido por Pesetsky²⁰. Sobin utiliza uma série de recursos prosódicos, sintáticos e semânticos para a análise das eco.

As perguntas-eco WH em PB, da mesma forma que nas línguas em geral, são construídas a partir de uma outra sentença e podem apresentar tanto o sintagma WH *in situ*, que representa a maneira mais usual, quanto com o sintagma no início da sentença (as perguntas-eco em PB também apresentam entonação ascendente de surpresa):

- (30)a. A: O João encontrou Mozart.
 b. B: O João encontrou quem ↑ ?
 c. B: Quem (que) o João encontrou ↑ ?

Repare que (30c) só pode ser usada nas mesmas condições da pergunta-eco (29b). Além disso, ela pode ou não apresentar um complementizador *que*. Não vamos discutir aqui se o sintagma WH em (30c) se moveu para o início da sentença ou se foi gerado lá, já que o nosso propósito é apenas descrever as perguntas-eco em PB.

As perguntas-eco Y/N em PB, assim como no inglês, apresentam a mesma forma da sentença ecoada (31a), com diferença apenas na prosódia:

- (31)a. A: O João encontrou Mozart.

²⁰ Este autor exclui perguntas-eco de sua análise. Cf. Pesetsky (1987: 122, nota 1)

b. B: O João encontrou o Mozart↑?

Note que as pergunta-eco WH e Y/N no PB apresentam a mesma forma sintática de perguntas WH e Y/N verdadeiras desta língua, como mostram (32) e (33):

- | | |
|-----------------------------------|--------------------|
| (32)a. O João encontrou o Mozart? | [pergunta Y/N] |
| b. O João encontrou o Mozart↑? | [pergunta-eco Y/N] |
| (33)a. O João encontrou quem? | [pergunta WH] |
| b. O João encontrou quem ↑ ? | [pergunta-eco WH] |

Podemos dizer, intuitivamente, que todas as perguntas no PB apresentam entonação ascendente final, se comparadas a sentenças declarativas. Isso significa dizer que a caracterização prosódica de uma pergunta-eco é basicamente próxima, senão idêntica, a de uma interrogativa de fato (WH ou Y/N). Isto é, ambas apresentam um padrão entonacional ascendente final.²¹

Contudo, como nota Sobin (1990) entre outros, as perguntas-eco apresentam um *subtom surpresa*, que, crucialmente, as diferencia de perguntas de fato. Embora seja difícil comprovar esse tom surpresa do ponto de vista prosódico, nós o caracterizaremos como um recurso prosódico que expressa adequação discursiva. Vejamos o porquê dessa caracterização.

Voltando às perguntas-eco Y/N do PB, repare que, a partir de uma sentença estímulo como (34), é possível gerar três possibilidades de perguntas-eco (35), cada qual com ênfase em um sintagma diferente:

- | | |
|---|---------------------|
| (34) O João encontrou o Mozart. | [sentença estímulo] |
| (35) a. O JOÃO encontrou o Mozart? | [perguntas-eco] |
| b. O João ENCONTROU o Mozart? | |
| c. O João encontrou o MOZART? ²² | |

²¹ Desconhecemos estudos sobre a caracterização prosódica das perguntas-eco do PB. Para a elaboração destas observações, contamos com a ajuda de Ana Luzia Dias.

²² Repare que em (35c) o tom surpresa e o pico ascendente de pergunta estão amalgamados. Provavelmente haverá aqui maior concentração de energia (*pitch*), se comparado a uma interrogativa Y/N de fato como em (32a).

Note que, por razões sintático-discursivas, somente uma das possibilidades em (35) é possível. A caixa alta nos sintagmas das sentenças em (35) mostra onde está a ênfase (ou o tom surpresa) da pergunta-eco. Esta caracterização nos parece mais adequada do que o símbolo ↑ proposto por Sobin (1990:143), já que em uma pergunta-eco Y/N o tom surpresa pode aparecer em vários pontos da sentença, como mostra (35) acima.

No caso das perguntas-eco WH, vejamos o que acontece no exemplo (30), repetido aqui em (36):

- (36)a. A: O João encontrou Mozart.
 b. B: O João encontrou QUEM ?²³
 c. B: QUEM (que) o João encontrou?

Comparando (36) com (35), parece que as perguntas-eco WH de (36) apresentam uma diferença em relação às perguntas-eco Y/N de (35), já que, no caso das WH, a ênfase (o subtom surpresa) sempre aparece sobre o sintagma WH; ou seja, o que está ‘D-lincado’ na sentença é sempre o sintagma WH (apesar de este não ser um sintagma WH *D-linked* na proposta original de Pesetsky, 1987).

Em resumo, uma pergunta-eco do PB se caracteriza semanticamente por estar relacionada a uma outra sentença, que não é sua resposta mas lhe serve de estímulo (no entanto, veja a nota 18 deste capítulo); ou seja, por apresentar um caráter *D-linked*, que não é necessário às interrogativas de fato do PB. Prosodicamente, caracteriza-se por ter entonação ascendente final, assim como as perguntas WH e Y/N de fato do PB, mas por apresentar, também, um subtom surpresa, que as diferencia sobremaneira de interrogativas de fato. E, por fim, sintaticamente, por não apresentarem movimento na sua forma mais usual.

Para finalizar, como Sobin (1990) mostra, perguntas-eco apresentam uma estratégia de Comp congelado. Expressões congeladas também têm Comp congelado, e justamente por isso não é possível fazer uma pergunta de fato a partir de um expressão como em (37a), por exemplo. Por outro lado, uma pergunta-eco (37c) pode ser formulada a partir de (37a):

- | | |
|--------------------------------|---------------------|
| (37) a. O João bateu as botas. | [sentença estímulo] |
| b. *O João bateu o quê? | [pergunta WH] |
| c. O João bateu o quê↑? | [pergunta-eco] |

O contraste entre (37b) e (37c) mostra que pergunta-eco e interrogativa de fato não se comportam da mesma maneira, pois neste caso quando é possível formular a primeira, não é possível formular a segunda. Além disso, o fato de não ser possível formular uma pergunta WH a partir de uma expressão congelada como (37a) evidencia que estruturas com Comp congelado, como é o caso das perguntas-eco, apresentam um comportamento peculiar a elas. Isso é ainda mais reforçado tendo em vista a prosódia particular das perguntas-eco.

Portanto, esta característica da pergunta-eco de ser uma espécie de repetição parcial ou total da sentença estímulo, isto é, o seu caráter *D-linked*, aliado à sua prosódia específica, mostram que perguntas-eco não podem ser consideradas interrogativas de fato.

Por fim, uma pergunta-eco não se caracteriza como uma interrogativa a partir da definição de Higginbotham (1996), que assumimos aqui, já que ela não abre um espaço de possibilidades, pois, como vimos da descrição do inglês e do PB, pergunta-eco é uma espécie de repetição da sentença-estímulo. Como pergunta-eco é uma repetição, a resposta dada a ela também deverá ser uma repetição do que já está dado na sentença-estímulo.

1.3 Movimento

As línguas naturais apresentam uma propriedade que as diferencia sobremaneira dos sistemas formais. Esta propriedade se caracteriza pela possibilidade de pronunciar um elemento em um determinado lugar da sentença e interpretá-lo em outro. Na interrogativa do PB abaixo, por exemplo, o elemento WH *o que* aparece no início da sentença, embora tenha uma conexão clara com a posição depois do verbo *comprou*, onde é interpretado como objeto direto da sentença:

²³ Aqui ocorre o mesmo que na pergunta-eco Y/N (35c); isto é, o tom surpresa e o pico da interrogativa

(38) *O que* a Maria comprou?

Uma maneira de caracterizar o que aconteceu na sentença (38) é dizer que o elemento WH *o que* se moveu de sua posição de origem (posição pós-verbal) para uma outra posição: ele passou por **movimento WH**. Quando o elemento WH se moveu, ele deixou uma ‘marca’ em sua posição de origem, fonologicamente nula mas de alguma forma recuperável:

(39) *O que* a Maria comprou ____?

Dependendo do modelo teórico gerativo que se tem em mente, esta ‘marca’ na posição de origem do sintagma WH movido será tratada de maneira diferente, por motivos internos a cada teoria. Na Teoria de Regência e Vinculação, ela é uma variável (vbl) coindexada com o elemento movido, como mostra (40) abaixo. Esta coindexação permite que o conteúdo desta posição seja recuperado a partir do elemento WH movido (cf. Hornstein, 1995:2):

(40) *O que*_i a Maria comprou vbl_i?

Já no Programa Minimalista (MP – *Minimalist Program*), que veremos em mais detalhes no capítulo 2, o sintagma WH movido deixa uma cópia em sua posição de origem. Uma das cópias permanece realizada foneticamente, geralmente a mais alta na sentença, e a outra será apagada no componente fonológico:

(41) *O que* a Maria comprou ~~*o que*~~?

A posição que o sintagma WH ocupa na periferia esquerda da sentença (Spec CP) é uma posição onde se tornam legítimas as relações de escopo (cf. seção 1.4). Um sintagma WH nesta posição tem a função de um operador que toma escopo sobre a interrogativa. Isso significa que movimento pode determinar o escopo de sintagmas WH, se este se move para a periferia esquerda da sentença.

Dentre as línguas naturais, há aquelas como o inglês, que apresentam movimento WH obrigatório, e aquelas como o japonês, que não apresentam movimento WH; isto é, com WH *in situ*. E há, ainda, aquelas como o PB, que apresentam tanto movimento WH como WH *in situ*. Além disso, mesmo em línguas como o inglês há WH *in situ* em interrogativas WH múltiplas. Se aparentemente movimento WH não é universal para todas as línguas, é preciso resolver pelo menos a questão do escopo destes sintagmas WH que permanecem *in situ*.

Uma das maneiras pela qual se resolveu este problema em teoria gerativa é supor que o movimento WH em línguas com WH *in situ* ocorre não em sintaxe visível, mas de forma encoberta em LF (*Logical Form*), um nível de representação que codifica propriedades lógico-semânticas, tais como escopo de operadores (cf. Haegeman, 1994:491).

Existe um enorme debate na literatura gerativa quanto às evidências para a existência do nível LF. Hornstein (1995:11), por exemplo, observa que uma das motivações para se argumentar a existência de LF surgiu a partir das considerações acerca das propriedades dos elementos WH. O autor nota que, se aderirmos à assunção de que as propriedades interpretativas das gramáticas são uniformemente representadas nas línguas em geral, é natural assumir, então, que o WH *in situ* se move de forma encoberta para Spec CP.

Em vista disso, podemos distinguir, pois, pelos menos dois tipos de movimento: um que ocorre em sintaxe visível, que pode ser chamado de *movimento sintático, visível* ou *aberto*, e outro que ocorre de forma encoberta e é chamado de *movimento encoberto* ou de *movimento em LF* (cf. Huang, 1982). O movimento WH em LF será discutido nos capítulos 4 e 5. Abordar movimento associando movimento sintático a movimento em LF tem a vantagem de tornar as línguas naturais estruturalmente idênticas com respeito à interpretação semântica.

No exemplo em (40) acima, observamos um movimento sintaticamente visível de um sintagma WH com função de objeto direto. Porém, quando o elemento WH movido é o sujeito de uma interrogativa WH simples, este movimento não produz nenhum efeito sintático visível, pelo menos linearmente, pois aparentemente o elemento WH permanece em sua posição de origem, uma vez que ele já está na periferia esquerda da sentença, como mostra (42a). Haegeman (1994:397-8) supõe, então, por analogia ao

movimento do objeto, que o elemento WH sujeito também se move para Spec CP, produzindo um **movimento vácuo**, como observamos na representação em (42b):²⁴

- (42)a. Quem comprou o livro?
 b. [_{CP} Quem_i [t_i comprou o livro]]?

Entretanto, pelo menos em PB, há maneiras de mostrar que o sintagma WH *quem* com função de sujeito passou por movimento WH: por exemplo, quando introduzimos na interrogativa o complementizador *que*, que ocupa o núcleo de CP, o sintagma WH *quem* deve estar à esquerda de *que* e, portanto, deve ocupar Spec CP, como mostra (43) abaixo:

- (43) a. [_{CP} Quem_i [C que [t_i comprou o livro]]]?
 b. * [_{CP} [C que [quem comprou o livro]]]?

Até aqui falamos do movimento em interrogativas WH. Agora vejamos a questão do movimento nas interrogativas polares. As perguntas Y/N do PB não apresentam nenhum tipo de movimento visível que as caracterize²⁵. Ao contrário, elas mantêm a mesma ordem de elementos encontrada em sentenças declarativas, como mostra (44) abaixo:

- (44)a. O João tem encontrado a Maria? [interrogativa Y/N]
 b. O João tem encontrado a Maria. [declarativa]

A diferença entre os dois tipos de sentenças apresentadas em (44) é a entonação que cada uma delas recebe.

As perguntas Alternativas e A-não-A também não apresentam movimento visível, como podemos observar em (45). Note, porém, que estas sentenças são no mínimo estranhas como declarativas:

²⁴ Note, entretanto, que se por analogia ao movimento de sintagma WH objeto podemos pressupor que o WH sujeito se move, também podemos supor, que assim como tem WH objeto *in situ*, por analogia também há WH sujeito *in situ*.

²⁵ Línguas como o alemão e o inglês apresentam fenômeno V1 (verbo na primeira posição da sentença) em interrogativas Y/N matrizes.

(45) a. O João está vivo ou morto?	[alternativa]
a'. ??O João está vivo ou morto.	[declarativa]
b. O João está ou não está morto?	[A-não-A]
b'. *O João está ou não está morto.	[declarativa]

Apesar de não termos movimento visível nas interrogativas polares do PB, isso não significa que não possa haver em tais estruturas algum tipo de movimento encoberto (para determinação de escopo, por exemplo). Além disso, como se trata de uma sentença interrogativa, é de se supor que um CP esteja envolvido em sua estrutura, dotado de um traço do tipo *question* [Q].

Em resumo, movimento é uma propriedade peculiar das línguas naturais e tem como resultado pronunciar um elemento em uma posição sintática e interpretá-lo em outra. Movimento é sintaticamente visível, como mostramos em (40), mas pode-se supor que ele também acontece de forma encoberta no nível LF. A partir do que vimos, a questão do movimento é, pois, crucial para o estudo das interrogativas WH em geral e principalmente do PB. Além disso, movimento está diretamente ligado à determinação do escopo de sintagma WH, uma noção que discutiremos em detalhe na próxima seção.

1.4 Escopo

Na análise padrão de interrogativas WH em teoria gerativa, um sintagma WH é visto como um operador/quantificador que toma escopo sobre a sentença (cf. Haegeman, 1994; Hornstein, 1995, entre outros), uma vez que ele passa por movimento WH, em sintaxe visível ou de forma encoberta, para ocupar uma posição na periferia esquerda da sentença, onde se tornam legítimas as relações de escopo. Para entender melhor o que isso significa, vejamos alguns conceitos mais de perto, começando com a noção de operador.

Segundo Pires de Oliveira (2001:142) “um operador pode ser compreendido como uma função que toma uma sentença e atua sobre ela, transformando-a em uma sentença mais complexa”. A autora mostra que um operador como *não*, por exemplo, atua em uma sentença como em (46a) e gera sua negativa em (46b), como mostra a representação em (47a) e (47b), respectivamente:

- (46) a. João é brasileiro.
 b. João não é brasileiro.
- (47) a. (Ser brasileiro (João))
 b. (Não (Ser brasileiro (João)))

Um operador do tipo visto em (46) acima se caracteriza como um tipo de operador completo em si mesmo. Existe, ainda, outro tipo de operador, chamado quantificador, cuja função é ligar (ou dar referência a) uma variável. Uma palavra como *alguém* é um exemplo de quantificador. Observe a sentença em (48) abaixo:

- (48) Alguém é brasileiro.
 (49) $\exists x ((x \text{ é uma pessoa}) \text{ e } (x \text{ é brasileiro}))$

A sentença em (48) acima significa que existe pelo menos um x , tal que x é uma pessoa e x é brasileiro. Repare que a expressão quantificada *alguém* liga uma variável x , a qual indica que não sabemos quem é o indivíduo, mas sabemos que existe pelo menos um elemento do conjunto das pessoas que são brasileiras (cf. Pires de Oliveira, 2001: 180). No exemplo em (48), a variável está ligada (ou presa) ao quantificador, o que significa que ela indica sempre o mesmo indivíduo. Mas para que isso ocorra, é preciso que a variável esteja dentro do escopo do quantificador.

Vejamos agora a noção de escopo. Um operador/quantificador exerce um certo tipo de ‘influência’ na interpretação de uma sentença. O escopo de um operador/quantificador é o alcance desta ‘influência’. As propriedades de escopo de um operador/quantificador devem ser sintaticamente representadas porque elas dependem crucialmente de certas configurações sintáticas para se realizarem – por exemplo, elas dependem das relações de c-comando, como veremos mais adiante.

Um sintagma WH pode ser entendido como um operador/quantificador na medida em que também liga uma variável. Repare que a interrogativa em (50) abaixo, da mesma forma que a sentença em (48) acima, também é interpretada como asseverando que existe um x , tal que x é uma pessoa e x é brasileiro:

- (50) Quem é brasileiro?

Em (50), a variável x também indica que não sabemos quem é o indivíduo. Neste caso, entretanto, o que a interrogativa solicita é que o valor da variável seja fixado através da resposta, podendo inclusive ser vazio o conjunto das pessoas que são brasileiras.

Em teoria gerativa, costuma-se postular que um operador deve ocupar uma posição à esquerda da sentença, pelo menos em LF, para que as relações de escopo se tornem legítimas. Esta posição pode ser chamada de *posição de escopo*.

Podemos pensar que toda sentença interrogativa deverá ter um operador de pergunta, que podemos chamar, num primeiro momento, de operador Q. Este operador garante que uma sentença seja interpretada como interrogativa (e não como declarativa, por exemplo). Além disso, ele tem que ocupar, pelo menos em LF, uma posição de escopo para que as relações de escopo se tornem legítimas.

Segundo a análise gerativa padrão, para que as relações de escopo de um operador WH se tornem legítimas, um sintagma WH deve ocupar uma posição de escopo através de movimento WH visível ou encoberto, como vimos na seção anterior. Isso significa que neste tipo de análise, o que estamos chamando de um operador Q é o próprio sintagma WH. Veremos nos capítulos 4 e 5 que existem análises gerativas em que o sintagma WH não figura como operador; em vez disso, há um operador Q nulo em posição de escopo na sentença.

Se estamos falando de uma posição sintática na periferia esquerda da sentença, também podemos definir escopo em termos de c-comando, como na formulação do Princípio do Escopo dada em (51), de Larson & Segal (1995: 252), onde c-comando pode ser definido como em (52), extraído de Haegeman (1995:147):

(51) uma expressão α é interpretada como tendo escopo sobre uma expressão β se e somente se α c-comanda β .

(52) α c-comanda β se e somente se α não domina β e todo X que domina α também domina β .

Segundo Barss (2000), a posição de escopo com a qual o sintagma WH se associa constitui, pois, seu escopo absoluto. Por outro lado, há também, segundo o autor, o escopo relativo de operadores/quantificadores WH em relação a outros operadores com o mesmo escopo absoluto, uma vez que mais de um operador em uma

mesma sentença gera ambigüidade de escopo. A interrogativa em (53a) tem, pois, duas interpretações, uma em que o operador WH tem escopo amplo em relação ao quantificador (53b), e outra em que ele tem escopo restrito com respeito ao quantificador (53c):²⁶

(53) a. What did everyone see yesterday?

‘O que todo mundo viu ontem’

b. [WH!x: thing (x)] [$\forall y$: person (y)] [y saw x yesterday]

c. [$\forall y$: person (y)] [WH!x: thing (x)] [y saw x yesterday]

A interpretação de (53b) é: existe uma única coisa que todo mundo viu ontem e que não sabemos que coisa é essa. Já a interpretação em (53c) é: todo mundo viu uma coisa, não necessariamente a mesma coisa, e também não sabemos que coisas são essas.

Em resumo, quando um sintagma WH é movido de forma aberta para a periferia esquerda de uma interrogativa WH, nitidamente ele tem escopo sobre a sentença, pois ocupa uma posição de escopo. Entretanto, a posição de sintagmas WH em sintaxe visível não explica todas as questões envolvendo escopo em interrogativas WH, uma vez que há línguas em que pelo menos um dos sintagmas WH permanece *in situ* em sintaxe visível em interrogativas WH.

Mesmo se em uma determinada língua um sintagma WH não é movido em sintaxe visível para a periferia esquerda da sentença, ele precisa, de alguma forma, ter garantidas as suas propriedades de escopo sobre a sentença. Para resolver este problema, diversas abordagens têm sido desenvolvidas em teoria gerativa. A mais difundida é que sintagmas WH *in situ* em sintaxe visível se movem no nível LF para a periferia esquerda da sentença. Veremos, entretanto, que há abordagens nas quais o sintagma WH *in situ* não se move em LF, sendo interpretado e tendo seu escopo determinado de outra maneira, a depender da análise proposta por cada autor.

As conseqüências em se assumir para o PB a abordagem de movimento em LF ou uma das análises de permanência do sintagma WH *in situ* serão tratadas nos capítulos 4 e 5, que abordam, respectivamente, as interrogativas WH múltiplas e as interrogativas WH *in situ*.

²⁶ Sobre as propriedades de escopo relativo de sintagmas WH em relação a outros operadores/quantificadores, veja também Huang (1982: 263).

1.5 Resumo do capítulo

Neste primeiro capítulo tratamos da definição de interrogativa e de sua tipologia. Assumimos a tipologia de interrogativas proposta por Huddleston (1994), segundo o qual há três tipos de perguntas nas línguas em geral: as interrogativas WH, as interrogativas Y/N e as interrogativas Alternativas, que incluem as A-não-A. Assumimos também a definição de interrogativa proposta por Higginbotham (1996) e a aplicamos aos três tipos de perguntas propostos por Huddleston, mostrando, assim, a importância da relação pergunta-resposta. Dentro desta abordagem, mostramos que perguntas-eco estão descartadas do nosso estudo por não poderem ser consideradas interrogativas de fato. Abordamos também a noção de movimento dentro da teoria gerativa, e vimos que ele pode ser sintaticamente visível ou realizado de forma encoberta, em LF.

Por fim, procuramos definir o que é quantificador e o que é escopo de quantificadores, mostrando que um sintagma WH se comporta como um quantificador. Mostramos que a questão do escopo dos sintagmas WH é fortemente ligada à questão do movimento destes. Qualquer teoria que pretenda, pois, explicar as interrogativas WH nas línguas em geral, e em especial em uma língua como o PB, que apresenta tanto movimento WH como WH *in situ*, tem que explicar como se dá a marcação de escopo dos sintagmas WH, o que, como veremos, coloca em discussão a questão do movimento encoberto.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Considerações iniciais

A literatura acerca das interrogativas WH em Teoria Gerativa tem discutido a existência de três tipos de língua quanto ao movimento WH: o primeiro tipo apresenta movimento WH em sintaxe visível (inglês, alemão, búlgaro, etc.); o segundo tipo não apresenta movimento WH visível (chinês, japonês, etc.); e o terceiro tipo apresenta tanto movimento WH em sintaxe visível quanto WH *in situ*, como é o caso do PB, do *Ancash Quechua* (cf. Cole & Hermon, 1994) e do francês, entre outras.

Neste capítulo apresentamos duas maneiras de abordar o problema das interrogativas WH em geral. São eles: o Critério WH de Rizzi (1991, 1996) para as línguas em geral e sua aplicação ao PB (Miyoto, 1998), e a proposta minimalista de Nunes, Hornstein & Grohmann (2001), também para esta língua. A primeira abordagem é filiada à Teoria de Regência e Vinculação (GB – *Government and Binding Theory*) e a segunda ao Programa Minimalista (MP – *Minimalist Program*) de Chomsky (1995). Para situar melhor a abordagem de Nunes, Hornstein & Grohmann (doravante NHG, 2001), apresentamos as idéias principais acerca do movimento WH no Programa Minimalista de Chomsky (1995).

Este capítulo está organizado, pois, da seguinte forma: a seção 2.2 apresenta a resenha de Rizzi (1991, 1996) e em seguida a resenha do trabalho de Miyoto (1994) para o PB. A seção 2.3 apresenta as principais características do movimento WH em Chomsky (1995) e em seguida a proposta minimalista de NHG (2001) para o PB. A última seção apresenta um resumo do capítulo.

2.2 O Critério WH

Nesta seção apresentamos o Critério WH de Rizzi (1991) (subseção 2.2.1) e a aplicação deste critério às interrogativas do PB proposta por Miotto (1998) (subseção 2.2.2).

2.2.1 Rizzi (1991, 1996)

Segundo Rizzi (1991), em muitas línguas, como o inglês (1) e o italiano (2)¹, não é permitida a intervenção do sujeito entre o elemento WH e o verbo flexionado:

- (1) a. What has Mary said?
/o que tem a Maria dito/
b. *What Mary has said?
/o que Maria tem dito/
- (2) a. Che cosa ha detto Maria?
/o que tem dito a Maria/
b. Che cosa ha detto?
/o que tem dito/
c. *Che cosa Maria ha detto?
/o que Maria tem dito/

Aparentemente essas duas línguas apresentam estratégias diferentes para evitar que o sujeito se intercale entre o elemento WH e o verbo flexionado; o inglês usa o verbo auxiliar flexionado preposto ao sujeito (1a) e o italiano utiliza o sujeito posposto, como em (2a), ou a realização \emptyset deste, como em (2b). Estes fatos, segundo Rizzi, levantam duas questões:

- (i) O que exclui sentenças como (1b) e (2c)?
(ii) As estratégias do inglês e das línguas românicas são as mesmas?

¹Esta resenha não inclui o caso do italiano, analisado por Rizzi (1991), por se tratar de inversão românica, fenômeno que não ocorre em PB.

Para responder a (i), Rizzi assume a hipótese de Chomsky (1986)² segundo a qual em interrogativas principais, o movimento de I para C deve se aplicar e criar uma configuração Spec-Núcleo que envolva o elemento WH e o verbo flexionado. Assim, a inversão Sujeito-Auxiliar se reduzirá a um caso particular de V2 (Verb Second): *V2 residual*, isto é, manifestações de movimento de I para C em línguas que não generalizam V2 para sentenças declarativas principais.

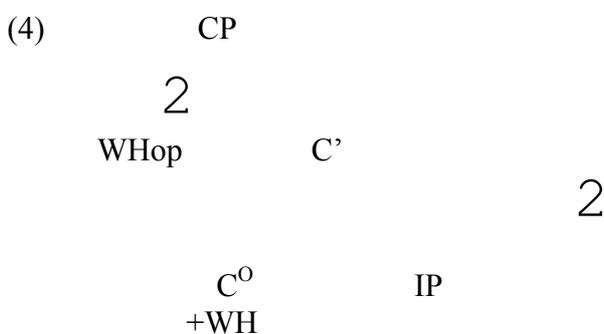
Desta maneira, a questão (i) pode ser reduzida a: o que causa V2 residual? Rizzi propõe que a aplicação do movimento de I para C neste e em outros casos similares é forçada para satisfazer o *Critério WH*, uma condição de boa formação nas sentenças WH, a qual é responsável pela distribuição na SS e interpretação na LF de operadores WH.

Assumindo que o complementizador de uma interrogativa é marcado pelo traço [+WH], Rizzi formula o seguinte princípio:

(3) O Critério WH:

- A. Um operador [+WH] deve estar em uma configuração Spec-Núcleo com um X⁰ [+WH].
- B. Um X⁰ [+WH] deve estar em uma configuração Spec-Núcleo com um operador +WH.

Como o traço [+WH] em um núcleo (C) designa o fato de que a projeção deste núcleo (CP) é uma interrogativa, o Critério WH expressa o fato de que operadores devem estar em Spec CP, para a frase ser interpretada como interrogativa, e, reciprocamente, CPs interpretados como interrogativas devem ter operadores interrogativos como especificadores, de acordo com a representação (4) abaixo:



² Citado por Rizzi (1991).

Em inglês, por exemplo, o Spec CP de uma interrogativa deve ser preenchido por um elemento WH na SS; por isso, sentenças com um único WH *in situ* são excluídas, como mostra (5) abaixo:

- (5)* I wonder [[you saw *who*]]
/eu pergunto você viu quem/

A interrogativa (5) viola a cláusula B do Critério WH porque o verbo *wonder* seleciona uma interrogativa encaixada, ou seja, um CP cujo C⁰ está marcado com o traço [+WH]. Esse C⁰ deveria estar em relação Spec-Núcleo com um operador WH na SS, o que não ocorre.

Em inglês só é possível WH *in situ* em interrogativas múltiplas. Porém, o elemento WH deve permanecer *in situ*, como *where* em (6a) abaixo; se ele for movido para uma posição A', que não é uma posição de escopo apropriada, como em (6b), então a estrutura é excluída por haver um operador WH que não está em configuração Spec-Núcleo com um núcleo WH:

- (6) a. Who believes [[Mary went *where*]]
/Quem acredita Mary foi onde/
b. * Who believes [*where* [Mary went t]]

Para demonstrar como o Critério WH se aplica em interrogativas encaixadas do inglês, Rizzi discute o seguinte paradigma:

- (7) a. * I wonder [[Mary has seen who]]
/eu pergunto Mary tem visto quem/
b. I wonder [who [Mary has seen t]]
/eu pergunto quem Maria tem visto/
c. * I wonder [has [Mary t seen who]]
/eu pergunto tem Maria visto quem /
d. * I wonder [who has [Mary t seen t]]
/eu pergunto quem tem Maria visto/

O autor observa que o verbo *wonder* seleciona uma interrogativa encaixada indireta, isto é, um CP cujo núcleo é [+WH]. Assim, (7b) é gramatical porque o movimento WH é aplicado, a configuração Spec-Núcleo é criada e o Critério WH é, então, satisfeito. Por outro lado, (7a-c) são agramaticais porque em nenhuma delas o operador WH está em configuração Spec-Núcleo com o núcleo +WH na SS. Já (7d) é excluída porque o movimento I para C só pode ocorrer no nível matriz. Além disso, como o C encaixado possui a especificação [+WH], isso o torna indisponível como local de pouso para movimento I para C.

Rizzi assume que o traço [+WH] não pode ocorrer livremente em uma estrutura, devendo ser licenciado de alguma forma. Assim, o traço [+WH] de um C encaixado é determinado por seleção lexical. Uma vez que algumas línguas apresentam uma morfologia especial para sentenças interrogativas, o autor assume também que o verbo flexionado pode carregar o traço [+WH]. Portanto, pelo que foi visto até aqui, o traço [+WH] pode chegar a C de duas maneiras: ou é selecionado (no caso das interrogativas encaixadas) ou é gerado em I e I se move para C (no caso das interrogativas matrizes).

O que o Critério WH exige, pois, é que C possua o traço [+WH]. Assim, nas interrogativas matrizes com inversão sujeito-auxiliar em (8) abaixo, a única sentença boa é (8d), na qual *who* está em Spec CP e *has* no núcleo C, formando, assim, a configuração Spec-Núcleo requerida pelo Critério WH. (8a) é excluída pela cláusula B do Critério WH na SS, pois o operador WH (*who*) não se encontra em Spec CP. As demais sentenças são excluídas porque não há configuração Spec-Núcleo – em (8b), porque não há núcleo e, em (8c), porque não há operador:

- (8) a. *[[Mary has seen *who*]]
 /Mary tem visto quem/
 b. *[*Who* [Mary has seen t]]
 /quem Mary tem visto/
 c. *[Has [Mary t seen who]]
 /tem Mary visto quem/
 d. [Who has [Mary t seen t]]
 /quem tem Mary visto/

Rizzi conclui, então, que a inversão obrigatória Sujeito-Auxiliar através de movimento I para C é forçada por princípios, como o Critério WH, que são responsáveis pela distribuição e interpretação de operadores WH.

O autor nota, entretanto, que o movimento de I para C não pode ser aplicado quando o elemento WH é o sujeito da sentença, como em (9a):

- (9) a. * [*Who_j* does [*t_j* t love Mary]]
 /*quem do-suporte ama Mary*/
 b. [*Who_j* C [*t_j* loves Mary]]
 /*quem ama Mary*/

Assim, surgem dois problemas:

- (i) Por que I para C é incompatível com movimento de sujeito?
 (ii) Por que I para C não é permitido em (9b) e não há violação do Critério WH?

Rizzi (1990a)³ defende que (9a) é excluída por violar a cláusula do ECP que exige regência apropriada de um vestígio por parte de um núcleo:

- (10) *t* deve ser regido por um núcleo X^0 dentro de X' (a projeção imediata de X).

Rizzi argumenta que se a estrutura derivada do movimento de I para C em inglês é (11) abaixo, então não é possível que um vestígio ocorra na posição de sujeito, pois ele não é regido por C, mas sim por I, não dentro entretanto da projeção imediata de I'. Por isso, o requerimento de regência apropriada por parte de um núcleo (10) é violado:

³ Citado por Rizzi (1991)

coindexada com o sujeito e o princípio C seria violado); por isso, C^0 está contraindexado com I^0 também e nenhuma cadeia pode ser formada. Uma vez que C^0 não pode ser dotado com o traço +WH através da formação de cadeia, o Critério WH só pode ser satisfeito neste caso pelo movimento de I para C. Rizzi conclui então que a inversão Sujeito-Auxiliar é obrigatória em todos os casos em que o elemento movido não é o sujeito local.

Crucial para esta discussão é definir o que vem a ser um operador WH. Para tanto, Rizzi observa os seguintes exemplos:

- (14) a. * You gave what to whom?
 ‘Você deu o que a quem’
 b. What did you give t to whom?

Segundo o autor, esse dois exemplos sugerem que o Critério WH se aplica assimetricamente em inglês, pois sua cláusula B deve ser satisfeita na SS, mas a cláusula A pode ser adiada até LF. (14a) é, então, excluída pela parte B do Critério WH, pois não há um operador WH em Spec de C que suporte o traço [+ WH]. Entretanto, (14b) é gramatical com um operador WH *in situ* (*whom*) o que se explicaria se a parte A pudesse ser adiada até LF.

O autor argumenta que a noção de operador WH precisa ser refinada a fim de poder explicar WH *in situ* em interrogativas múltiplas do inglês, tais como (14b) acima. Ele adota, então, as duas afirmações em (15):

- (15) (i) O Critério temático se aplica na EP, ES e LF.
 (ii) Variáveis são argumentos.

Com este aparato em mãos, o autor considera a DS (16a) e sua SS (16b), bem como a interrogativa múltipla (17) na SS:

- (16) a. Mary saw whom.
 /Mary viu quem/
 b. Who did Mary see t ?

- (17) Who t saw whom?

/quem viu quem/

Segundo (15i) o verbo *see* (ver) atribui papel temático ao seu objeto na DS, por isso *who* deve ser um argumento em (16a). Além disso, segundo (15ii), esse papel temático é recebido pela variável em (16b) na SS. *Who* funciona então como não-argumento e como argumento em diferentes níveis.

O mesmo paradoxo pode ser observado em (17), que apresenta duas ocorrências distintas do mesmo elemento no mesmo nível (SS). O papel temático de sujeito é atribuído à variável de *Who*, o qual deve ser, então, não-argumental, uma vez que está em uma posição A' (isto é, Spec CP). Por outro lado, *whom* é quem recebe o papel temático de objeto, por isso ele deve ser um argumento.

Em vista do que foi exposto acima, Rizzi supõe que a noção de operador WH deve definida em parte em termos funcionais, na forma dada em (18):

(18) operador WH = um sintagma WH em uma posição A'.

Rizzi afirma que, a menos que seja um operador segundo a definição (18), um sintagma WH como tal é um argumento. Assim, em (16a) *whom* não é um operador mas sim um argumento pois está em uma posição A e recebe papel temático de objeto. Já o sintagma WH *Who* em (16b) está em uma posição A' e portanto é qualificado como operador e não como argumento. O papel temático de objeto pode ser, então, atribuído à variável. Da mesma forma, na interrogativa múltipla em (17), *who* é um operador porque está em uma posição A'. Assim, a variável recebe o papel temático de sujeito. Por outro lado, *whom* nesta mesma interrogativa é um argumento, pois está em uma posição A e pode, pois, receber o papel temático de objeto. Rizzi resolve, pois, o paradoxo mencionado acima. Para o Critério WH, então, em (17), apenas *who* é visível.

Levando em conta o que foi discutido até aqui, Rizzi retoma a interrogativa (14b) – repetida aqui em (19) abaixo – e afirma que sua gramaticalidade é compatível com a hipótese de que o Critério WH em inglês se aplica na SS:

(19) What did you give t to whom?

Isto significa dizer que, de acordo com a definição dada em (18), o Critério WH não é violado em interrogativas múltiplas do inglês no que concerne ao elemento WH *in*

situ. Uma vez que este se encontra em uma posição A, ele não é qualificado como operador; portanto, a cláusula A do Critério WH não se aplica a ele.

Entretanto, Rizzi alerta para o fato de que o movimento WH em interrogativas múltiplas do inglês pode mover somente um elemento de sua posição de origem para uma posição de escopo apropriada na sintaxe ou, no caso das múltiplas, em LF. Mas o movimento deve ocorrer plenamente em um dos níveis. Observe (20):

- (20) *Who thinks [whom [Mary saw t]]
/quem pensa quem Mary viu/

A sentença (20) é excluída pela cláusula A do Critério WH porque, apesar de *whom* estar em uma posição A', tal posição não contém o traço + WH em decorrência das propriedades seletivas do verbo *think*. Portanto, não pode haver um operador WH no C mais baixo.

A partir da discussão precedente e considerando outros fatos com respeito à distinção A / A', Rizzi assume que a definição funcional de operador deve levar em conta uma noção mais articulada de posição de escopo, definindo posição de escopo como uma posição A' periférica à esquerda (uma posição de Spec ou adjungida):

- (21) Operador WH = um sintagma WH em posição de escopo.

Olhando para as interrogativas matrizes do francês, Rizzi observa que elas não apresentam o mesmo padrão do inglês, já que permitem mais opções, como se observa nos exemplos abaixo:

- (22)a. [[Elle a rencontré qui]]?
/ela tem encontrado quem/
b. [Qui [elle a rencontré t]]?
/quem ela tem encontrado/
c. *[a-t [elle t rencontré qui]]?
/tem ela encontrado quem/
d. [Qui a-t [elle t rencontré t]]?
/quem tem ela encontrado/

Observe que em francês é possível mover simultaneamente o sintagma WH objeto e o verbo flexionado (22d); também é possível mover apenas o objeto (22b) ou

ainda deixá-lo *in situ* (22a). A única sentença que não é possível é (22c), na qual o verbo flexionado foi movido para o núcleo de CP, mas o objeto WH permaneceu *in situ*. (22d) pode ser analisada da mesma forma que interrogativas matrizes do inglês. Mas resta ainda a explicar a boa formação de (22a) e de (22b).

Diante dos fatos apresentados em (22), Rizzi conjectura assumir que o Critério WH não se aplica em SS em francês, protelando, assim, a obediência ao requerimento de configuração Spec-Núcleo até LF. Todavia, esta abordagem se torna inadequada, segundo o autor, se olharmos para o paradigma encaixado do francês, equivalente ao do inglês, em que somente a estrutura com movimento simples de objeto é gramatical, como mostra (23) abaixo:

- (23) a. * Je ne sais pas [[elle a rencontré qui]]
 /eu não sei ela tem encontrado quem/
 b. Je ne sais pas [qui [elle a rencontré t]]
 /eu não sei quem ela tem encontrado/
 c. *Je ne sais pas [a-t [elle t rencontré qui]]
 /eu não sei tem ela encontrado quem/
 b. *Je ne sais pas [qui a-t [elle t rencontré t]]
 /eu não sei quem tem ela encontrado/

As sentenças (23a) e (23b) são excluídas porque violam a cláusula B do Critério WH em SS. (23d), e também (23c), é excluída por aplicar movimento I para C em contexto encaixado. Para explicar as interrogativas matrizes bem formadas do francês em (22), Rizzi assume o seguinte processo de concordância para essa língua:

$$(24) \text{WH-op } X^0 \triangleright \text{WH-op } X^0_{[+\text{WH}]}$$

Segundo (24), um operador WH pode dotar o núcleo C com o traço [+WH] por *concordância dinâmica*. O francês apresenta, então, a opção extra de *concordância dinâmica* para satisfazer o Critério WH. Rizzi assume que ela pode se aplicar livremente em sintaxe ou em LF.

Voltando à interrogativa do francês em (22a), que apresenta WH *in situ*, concluímos que ela não viola o Critério WH em SS porque não existe um núcleo com o traço [+WH], e o sintagma WH não se qualifica como operador WH. Esta sentença

satisfaz o Critério WH em LF, onde o elemento WH é movido para Spec CP, dotando, assim, o núcleo com o traço [+WH] por *concordância dinâmica*. Quanto à (22b), o sintagma WH passa por movimento WH e dota o C com o traço [+WH] através de *concordância dinâmica*, razão pela qual I precisa se mover para C. Estas duas estratégias não estão disponíveis em inglês porque esta língua não dispõe de *concordância dinâmica*. Assim, Rizzi reduz as duas opções de (22a) e (22b) do francês a um único dispositivo adicional neste sistema gramatical: *concordância dinâmica*.

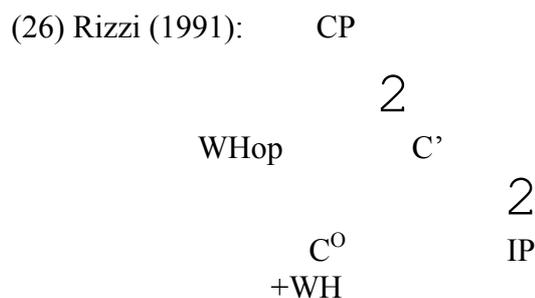
Rizzi afirma, ainda, que *concordância dinâmica* não se aplica a interrogativas encaixadas porque quem determina a especificação do C encaixado é a propriedade de seleção lexical do verbo principal. Assim, de acordo com o Princípio de Projeção, se um verbo como *saber* seleciona um valor [-WH] em DS, essa especificação não pode ser mudada em um nível subsequente.

2.2.2 Miotto (1994)

Miotto (1994) observa que línguas como o alemão, o inglês, o espanhol, o italiano, o português europeu, entre outras, apresentam a inversão Verbo / Sujeito (VS) obrigatória para interrogativas WH matrizes, como mostra (25) abaixo:

- | | |
|-----------------------------|------------|
| (25) a. What has Mary said? | [Inglês] |
| /o que tem Maria dito/ | |
| b. Qué dijo Maria? | [Espanhol] |
| /o que disse Maria/ | |
| d. Che cosa ha detto Maria? | [Italiano] |
| /o que tem dito Maria/ | |
| e. O que disse Maria? | [PE] |

Para explicar o fenômeno de inversão Verbo / Sujeito nas línguas citadas acima, Miotto retoma o Critério WH proposto por Rizzi (1991). A relação Spec-Núcleo explica a adjacência entre a expressão interrogativa (ou expressão WH) e o verbo finito. A primeira tem que ser um operador e estar em Spec CP e o segundo tem que conter o traço [+WH] e estar em C⁰, como mostra (4) repetido aqui em (26):



A expressão WH (*que, o que, quem, quando, onde*) se definirá como operador por estar em posição de escopo, isto é, na posição A' Spec CP. Além disso, o que define o verbo finito como um núcleo +WH é o traço [+WH] presente na flexão de sentenças interrogativas das línguas acima citadas. Esse traço [+WH] aparece em algumas línguas, segundo Rizzi, sem manifestação morfológica.

Segundo Miotto, quando se postula um dado princípio gramatical dentro de Teoria Gerativa para determinadas línguas, todas as demais devem submeter-se a ele, uma vez que o que se pretende com essa teoria é a construção de uma gramática universal.

Entretanto, o autor observa também que o PB aparentemente não se submete a pelo menos um desses princípios, o Critério WH, uma vez que apresenta estratégias diferentes das demais línguas para as interrogativas WH.

Em primeiro lugar, a ordem VS encontrada em tais interrogativas de outras línguas não é usual no PB e, na maioria dos casos, inclusive, é proibida. Observe a agramaticalidade das sentenças (27b, c), onde se observa a inversão VS:

- (27) a . [CP O que [IP a Maria tinha visto?]]
 b . *[CP O que [IP tinha a Maria visto?]]⁴
 c . *[CP O que [IP tinha visto a Maria?]]

Em segundo lugar, diferentemente de algumas outras línguas românicas, tais como o espanhol, o PB apresenta construções interrogativas com expressões WH *in situ*:

⁴ Este tipo de sentença não é de todo ruim para Menuzzi (1993, 1994), principalmente se comparada às declarativas em (ii) e (iii):

- (i) ?Onde tinha o Paulo ido ontem?
 (ii) *Tinha o Paulo saído ontem.
 (iii) *Ontem tinha o Paulo saído.

- (28) a . [CP [IP A Maria tinha visto o quê?]] [PB]
 b . * [CP [IP Maria dijo qué?]] [espanhol]

A interrogativa (28b) é mal formada porque não há configuração Spec-núcleos, já que nem a expressão WH e nem o núcleo [+WH] estão em CP. Note que neste caso o sintagma WH não se qualifica como operador, pois para tanto deveria estar em posição A' Spec CP, dada a definição de operador de Rizzi (1991, 1996). Ocorre que, em vista do Critério WH, se (28b) do Espanhol é agramatical com a expressão WH *in situ*, então a interrogativa (28a) do PB também teria que ser, o que não acontece.

Um terceiro fato encontrado no PB e pouco comum nas demais línguas românicas é o fenômeno chamado Comp Duplamente Preenchido:

- (29) [CP O que_i que [IP o João viu t_i?]

Paralelamente a essas construções, existem outras, tais como:

- (30) a .O que é que o João viu?
 b .O que que é que o João viu?

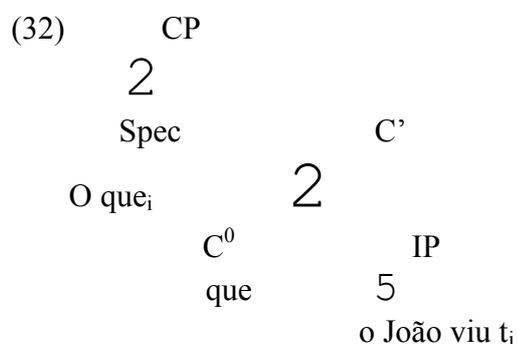
Como se pode observar a partir dos dados acima relacionados, Miotto mostra que o PB apresenta estratégias diferentes das demais línguas no que se refere às sentenças interrogativas. O autor propõe, entretanto, que o PB não viola o Critério WH no que concerne às sentenças interrogativas. Para tanto, analisa as sentenças de (31) abaixo:

- (31) a. [CP [IP O João tinha visto o quê?]]
 b. [CP O que [IP o João tinha visto t ?]]

Partindo de Rizzi (1991), o autor afirma que interrogativas como (27a) e (31b) não violam o Critério WH, uma vez que o PB pertence ao conjunto de línguas que possuem *Concordância dinâmica*. Isso significa dizer que o operador WH de certas línguas atribui o traço [+WH] ao núcleo C^o de CP por entrarem em relação de concordância um com o outro. Desta forma, o Critério WH é satisfeito em PB no nível da SS, como em (31b).

Quanto às interrogativas nas quais o elemento WH permanece *in situ*, como em (M7a) acima, Miotto responde, seguindo Rizzi, que, neste caso, a expressão WH não se caracteriza como operador⁵ e por isso não precisa estar em configuração Spec-Núcleo com um núcleo +WH. O Critério WH, então, não é violado.

No que concerne à questão de Comp Duplamente preenchido, Miotto postula que interrogativas como (29) acima não violam o Critério WH, uma vez que o segundo *que* desta sentença ocupa o núcleo C⁰ que se encontra vazio em PB, já que o verbo finito não sobe para esta posição. Estando em C⁰, *que* dota este núcleo com o traço +WH.⁶ Então, será necessário um operador WH, ou seja, a expressão WH *O que* de (29), ser deslocado para Spec CP. O Critério WH é, portanto, satisfeito em PB, como se pode observar na representação abaixo:



Segundo Miotto, para que (32) se sustente é preciso assumir que (29) não é a abreviação de (M6a). Essa diferença se baseia no fato de (29) ser uma pergunta neutra, ao passo que (30a) se caracteriza por ser uma pergunta clivada, que merece tratamento à parte.

O autor analisa, então, o paradigma abaixo:

⁵ Um elemento WH que está *in situ* não se qualifica como operador, pois para tanto deve estar em posição A' Spec CP (Cf. Rizzi, 1991).

⁶ É preciso assumir que *que*, normalmente complementizador declarativo, pode portar o traço [+WH].

- (33) a. [CP O que_i que [IP o João viu t_i?]]
 b. *[CP Que [IP o João viu o quê?]]
 c. *[CP O que_i que viu_j [IP o João t_j t_i?]]
 d. *[CP Que viu_j [IP o João t_j o quê?]]

(33a) é gramatical pois a configuração Spec-Núcleo envolvendo o operador WH *o que* e o núcleo *que*, marcado com o traço [+WH], se verifica. (33b) é agramatical porque viola o Critério WH no sentido de que não existe operador WH para o núcleo [+WH] *que*. E, por fim, (33c-d) são agramaticais porque C⁰ já está preenchida por *que*, não havendo, desta forma, posição nuclear para alojar o verbo flexionado *viu*.

Para demonstrar que Comp duplamente preenchido em encaixadas se comporta da mesma maneira que nas matrizes, Miotto observa os seguintes dados:

- (34) a. * Maria perguntou [CP que [IP o João viu o quê]]
 b. * Maria perguntou [CP que viu_j [IP o João t_j o quê]]
 c. * Maria perguntou [CP o que_i que viu_j [IP o João t_j t_i]]
 d. Maria perguntou [CP o que_i que [IP o João viu t_i]]

A expressão WH das sentenças de (34a) e (34b) não pode permanecer *in situ*, pois o verbo *perguntar* seleciona um C⁰ [+WH]. Comparando (34d) acima com sentenças interrogativas encaixadas como [*Maria perguntou o que João viu*], o autor assume que elas apresentam o mesmo julgamento de gramaticalidade.

Além disso, a sentença encaixada [*Maria perguntou o que João viu*] apresenta C⁰ vazio, enquanto que em (34d) é preenchido pelo complementizador *que*. Por isso, um dos problemas com (34b) e (34c) é que não há núcleo disponível para o verbo *viu*.⁷

A sentença (34d) é uma prova de que sentenças com Comp duplamente preenchido do PB se submetem ao Critério WH, já que a configuração Spec-Núcleo (operador *O que* + núcleo *que*) é verificada. Miotto não explica como o Critério WH se aplica em interrogativa WH *é que*

Miotto observa também um caso de inversão VS do PB, apresentado abaixo:

⁷ Parece que o problema com o PB é que a flexão não carrega o traço [+WH], já que sentenças como [**Maria perguntou o que viu o João*] não são gramaticais mesmo que aparentemente o núcleo esteja disponível para abrigar o verbo flexionado. Para Miotto (1994), entretanto, esta sentença não é de todo agramatical, apesar de ser praticamente ausente no PB falado. Se não é agramatical em PB, ela traz problemas para a aplicação do Critério WH ao PB, já que esta é uma língua de *concordância dinâmica*.

- (35) a. O que viu a Maria?
 b. A Maria perguntou o que viu o João.

Uma das possíveis soluções para que esse caso não traga problemas para a análise adotada por Mioto para o PB é assumir que as sentenças em (35) são construções de *pro* residual, como sugerido por Kato (1993). Desta forma, o verbo *viu* não se encontraria em C^0 , mas sim em I^0 , com um *pro* em Spec IP.

2.3 Programa Minimalista

Esta seção se divide em duas subseções. Na primeira, veremos como se caracteriza o movimento WH na versão do Programa Minimalista de Chomsky (1995). Já a segunda apresenta a resenha da análise minimalista de NHG (2001) para as interrogativas do PB.

2.3.1 Movimento WH (Chomsky, 1995)

O Programa Minimalista (MP) apresenta uma série de modificações em relação a movimento se comparado à Teoria de Regência e Vinculação. Vejamos as principais características do movimento WH em Chomsky (1995).

Em Chomsky (1995), a operação Mover se aplica a um elemento α somente se as propriedades morfológicas do próprio α não são satisfeitas de outra maneira. Isso significa que Mover é uma operação de Último Recurso (*Last Resort*). Além disso, Mover não pode se aplicar a α a fim de que algum elemento β satisfaça suas propriedades; ou seja, Mover é uma operação de Último Recurso que se aplica somente por necessidade de satisfazer as propriedades morfológicas do próprio elemento movido. Mover, se aplica, então, por ‘avareza’ (*Greed*) do elemento movido.

Quando um elemento se move, ele deixa uma cópia em sua posição de origem. Em (36) abaixo, por exemplo, o sintagma WH se moveu para o início da sentença, deixando uma cópia em sua posição de origem:

(36) *O que a Maria comprou ~~o que~~?*

Veja que o movimento WH em (36) através de cópia criou uma cadeia de dois termos idênticos (cópia₁, cópia₂). Depois de a estrutura em (36) ser mandada para Spell-Out, uma das cópias deve ter apagada (*delete*) por algum mecanismo do componente fonológico. Nas línguas em geral, a cópia apagada é o elo mais baixo da cadeia.⁸

Além disso, a operação Mover se aplica a traços (*features*) e não a categorias, por isso é chamada *Mova-F*. No caso das interrogativas WH, por exemplo, o que se move é o traço [+WH] (entre outros traços), que pode carregar consigo o sintagma WH inteiro em uma espécie de *arrastão (pied-piping) generalizado*. Entretanto, isso só ocorrerá se for preciso satisfazer algum requerimento de convergência do componente fonológico. *Mova-F*, portanto, submete-se à seguinte condição de economia:

(37) F carries along just enough material for convergence.

[F carrega apenas material suficiente para convergência.]

(Chomsky, 1995:262)

Se o movimento do sintagma WH inteiro junto com o traço [+WH] se dá por questões de convergência do componente fonológico, isso significa que este movimento será visível, já que, quando um traço é movido em sintaxe visível, as propriedades do componente fonológico requerem que os demais traços do sintagma WH sejam movidos também, uma vez que a morfologia não consegue ‘ler’ traços isolados.

No caso de movimento encoberto, onde tais questões de convergência fonológica não estão em jogo, *arrastão generalizado* não se aplica. Movimento encoberto está restrito, pois, a alçamento de traços.

Uma outra característica da operação Mover do MP é que ela se aplica estritamente para a checagem de traços (requerimento de checagem morfológica); portanto; como já foi dito, é uma operação de último recurso (*Last Resort*).

Observe que a operação *Último Recurso* faz parte da definição da operação Mover, o que apreende a idéia intuitiva de que movimento está direcionado por requerimentos de checagem morfológica (cf. Chomsky, 1995: 257).

⁸ Alguns autores têm mostrado que nem sempre é o elo mais baixo da cadeia que é apagado. Em servo-croata, por exemplo, é possível apagar a cabeça da cadeia (cf. Nunes, 1999, entre outros).

À operação mova-F se aplica também a Condição de Elo Mínimo (MLC – *Minimal Link Condition*), segundo a qual em um dado estágio da derivação o elo mais distante de α para K não pode ser formado se existe um elo legítimo mais próximo, conforme (38) abaixo:

- (38) α can raise to target K only if there is no legitimate operation. Move β targeting K, where β is closer to K. (Chomsky, 1995: 296)
 [α pode ser alçado para alvejar K somente se não existe operação legítima
 Mova β para alvejar K, tal que β está mais próximo de K]

Onde ‘Operação legítima’ é definida como aquela que resulta em uma configuração de checagem de traços (cf. Chomsky 1995:280 e Barss 2000:38) e ‘mais próximo’ é definido em termos de c-comando. Os exemplos (39) e (40) de Barss (2000) abaixo mostram como (38) se aplica em interrogativas:

- (39) Which man do you think helped which woman yesterday?
 ‘Que homem você acha que ajudou que mulher ontem?’
- (40) Which woman do you think which man helped yesterday?
 ‘Que mulher você acha que que homem ajudou ontem?’

Uma sentença como (40) acima violaria *Minimal Link Condition*, uma vez que o sintagma WH *which man* é que deveria ser alçado para Spec CP, como mostra (39), já que este é o movimento mais curto.⁹

Chomsky (1995) afirma que a interpretação do MLC se torna mais natural se a operação Mover for interpretada não como movimento, mas como atração (*Attraction*). Assim, ao invés de pensarmos que α foi alçado para alvejar K, podemos pensar que K atraiu o α apropriado mais próximo. Assim, Atrair F (*Attract F*) é definido como em (41) abaixo, incorporando MLC e Último Recurso:

- (41) K *attracts* F if F is the closest feature that can enter into a checking relation with a sublabel of K. (Chomsky, 1995:297)

⁹ Veja no capítulo 4 violação de MLC em interrogativas WH múltiplas do PB.

[K atrai F se F é o traço mais próximo que pode entrar em uma relação de checagem com um sub-rótulo¹⁰ de K]

(41) significa que se K atrai F, então α é concatenado (*merge*) a K e entra em seu domínio de checagem. Chomsky alerta que apesar de usar a terminologia da teoria do movimento (alvejar, alçar, etc.), a interpretação correta para movimento é de atração, ou seja, movimento se refere a uma operação generalizada Atrair/Mover.

Pensemos agora na categoria funcional C, que determina, segundo Chomsky, o tipo de sentença. Interrogativas, por exemplo, apresentam um traço Q (*Question*)¹¹. Segundo Chomsky (1995:289), o traço Q é interpretável, o que significa que ele não precisa ser checado, a menos que seja forte. Neste caso, ele deve ser eliminado imediatamente para que a derivação não seja cancelada. A forma de eliminar um traço forte é através de sua checagem em relação a um traço F_Q .

Considerando que o inglês possui o traço Q forte, quando Q é introduzido na derivação, ele deve ser eliminado pela inserção de F_Q em seu domínio de checagem antes de ser concatenado a alguma outra configuração. Há duas formas de F_Q entrar no domínio de checagem: pela operação Concatenar (*Merge*) ou pela operação Mover. Se a opção é Concatenar, uma vez que é visível, uma categoria α plena deve ser inserida no domínio de checagem de Q. Se a operação é concatenar por substituição¹², então α torna-se [Spec, Q]. Por outro lado, se a operação é concatenar por adjunção, então α é uma categoria X^0 , como mostram os exemplos (42a) e (42b), respectivamente:

- (42) a. (I wonder) [_{CP} whether Q [he left yet]]
 b. (I wonder) [_{CP} [_Q if Q] [he left yet]]

No caso de F_Q entrar do domínio de checagem pela operação Mover, novamente há duas opções: substituição ou adjunção. Na substituição, F_Q é alçado para [Spec, Q] por movimento WH, arrastando uma categoria plena para fins de convergência em PF.

¹⁰ Um sub-rótulo de K é um traço da projeção de nível zero do núcleo H(K) de K (cf. Chomsky, 1995: 268)

¹¹ Este traço Q, que podemos assumir como existente em todos os tipos de interrogativas, pode ser chamado também de traço WH se estamos nos referindo apenas às interrogativas WH, como em Rizzi (1991, 1996), Miotto (2001) e NHG (2001).

¹² Segundo Chomsky (1995:248), adjunção difere de substituição na medida em que forma uma categoria de dois segmentos, ao invés de criar uma nova categoria.

Já a opção de adjunção é realizada por alçamento de I para Q.¹³ Há assim dois *outputs* legítimos para (43), dependendo do fato de o traço forte de Q ser checado por adjunção (44a) ou por substituição (44b):

(43) Q [IP John gave DP to Mary]

/John deu DP para Mary/

(44) a. did [IP John give a book to Mary]

/do-suporte John deu um livro para Mary/

b. (adivinha) which book [IP John gave to Mary]

/que livro John deu para Mary/

c. (adivinha) which *x*, *x* a book, John gave *x* to Mary

/que *x*, *x* um livro, John deu *x* para Mary/

Em (44a), o DP de (43) é *a book* (um livro), *did* (do-suporte) se adjunge a Q, e a construção é interpretada como uma pergunta Y/N. Já em (44b), o DP de (43) é *which book*, e a construção é interpretada como (44c). Como F_Q é interpretável, ele não precisa ser checado. Ele só será alçado para o domínio de checagem de Q se for preciso eliminar o traço forte de Q. Neste caso o sintagma WH ou o complexo I serão, respectivamente, arrastados para [Spec, Q] por substituição ou adjungido a Q.

Em línguas que apresentam o traço Q não-forte, este traço não precisará ser checado. Isso significa que o traço [WH] do sintagma WH não precisará se adjungir a Q em sintaxe visível, pois ambos são interpretáveis. Será preciso pensar, então, em alguma estratégia de interpretação para o sintagma WH *in situ*.

Chomsky (1995) sugere que tal mecanismo pode ser, por exemplo, algo como ligação não-seletiva (*unselective binding*) ou, ainda, algo como a proposta de Reinhart (1994) de interpretação do sintagma WH *in situ* através de funções de seleção. Estas duas abordagens de interpretação do sintagma WH *in situ* serão apresentadas e discutidas a partir do texto clássico de Pesetsky (1987) e do próprio trabalho de Reinhart (1994), nos capítulos 4 e 5 desta tese.¹⁴

¹³ Chomsky (1995:386, nota 64) adverte, entretanto, que não é o alçamento de I para Q que satisfaz o traço forte de Q. Este alçamento tem, segundo o autor, uma motivação diferente, possivelmente dentro do componente fonológico.

¹⁴ Grosso modo, uma outra abordagem para WH *in situ* baseada em Chomsky (1995) seria prever o alçamento do traço WH de forma encoberta, ou seja, no nível encoberto a operação Mova-F se aplica

Resumindo, movimento WH em Chomsky (1995) configura-se essencialmente como movimento de traços. As línguas naturais diferem com respeito à força do traço WH. Línguas com traço WH forte apresentam movimento visível e línguas com traço não-forte mantêm o sintagma WH *in situ* na sintaxe visível, podendo interpretá-los a partir de ligação não-seletiva ou através da proposta de Reinhart (1994).

Todavia, o que esta abordagem de força do traço WH não explica diretamente são os casos de línguas como o PB, que apresentam tanto interrogativas com movimento WH visível como interrogativas com WH *in situ*. A proposta de NHG (2001), que apresentamos a seguir, procura mostrar como tal abordagem pode se aplicar às interrogativa WH do PB.

2.3.2 NHG (2001)

NHG (2001) procuram explicar os fenômenos relacionados ao movimento WH das línguas em geral a partir da noção de força de traços. Se o traço WH de C é forte, como no caso do inglês, então o movimento de um sintagma WH simples é suficiente para checar o traço forte. Além disso, Procrastinar previne que outros elementos WH se movam em sintaxe visível. Por outro lado, se o traço WH dos próprios elementos WH forem fortes, como é o caso de interrogativas WH múltiplas de línguas como o búlgaro, então todos os sintagmas WH devem ser movidos abertamente para checar seu traço forte.

Os autores observam que, se adotamos esta noção de força do traço, então o Princípio de Projeção Estendida (EPP – *Extended Projection Principle*), que requer que todas as sentenças tenham um sujeito em SS, pode ser redefinido se assumimos que I tem um traço D/N forte. Assim, algum elemento carregando o traço D/N deve ocupar Spec I em sintaxe visível, a fim de que o traço forte seja checado apropriadamente.

Assim, NHG mostram que uma maquinaria baseada na força do traço associada com um princípio de economia (Procrastinar) pode ser tudo que necessitamos para acomodar a variação entre as línguas. Uma pergunta que surge, então, é se o uso de traços é melhor ou pior que um tratamento a partir de GB em termos de regras que se aplicam antes e depois de SS. À primeira vista, não há muitas diferenças, já que nos

alçando o traço do sintagma WH a fim de que o sintagma WH possa ser interpretado. Comentaremos

dois casos não é possível explicar por que o movimento acontece da forma que acontece, uma vez que não há tratamento específico para isso. Assim, dentro da GB padrão não temos que explicar, segundo os autores, por que uma operação ocorre antes de SS em uma língua e depois de SS em outra língua. Isso significa que assumir uma teoria de força de traço não nos deixa em pior situação do que se assumimos que algumas operações se dão antes de SS e outras depois de SS.

Além de não existir nada particularmente específico sobre um tratamento baseado na força do traço, é muito fácil postular os traços fortes, o que acarreta pouco poder explicativo. Por outro lado, uma tal abordagem mostra que a variação não provê nenhuma evidência para um nível como SS. A razão é que é possível desenvolver tecnologia não menos adequada e não menos específica, mas que não precisa de SS.

NHG (2001) mostram que até mesmo a um nível muito descritivo, parece que é possível tornar o sistema muito mais simples se os parâmetros do movimento são analisados em termos de força o traço, do que em termos do ‘tempo’ de uma operação em relação a SS.

A partir disso, os autores consideram, então, algumas propriedades do movimento WH do PB. A primeira delas é que o movimento WH em interrogativas matrizes é opcional com um C⁰ interrogativo nulo (45a-b), mas obrigatório com um complementizador interrogativo aberto (46a-b). Observe:

(45)a. *Como* você consertou o carro?

b. Você consertou o carro *como*?

(46) a. *Como que* você consertou o carro?

b. **Que* você consertou o carro *como*?

Por outro lado, o movimento WH em interrogativas encaixadas é obrigatório, independentemente de o complementizador ser nulo ou não, como mostram os exemplos em (47):

(47) a. Eu perguntei *como* (que) você consertou o carro.

b. **Eu* perguntei (que) você consertou o carro *como*?

Os autores notam também que o movimento WH (de argumentos) de dentro de interrogativas encaixadas é opcional se nenhuma ilha é cruzada (48), mas proibido se ilhas intervêm (49):

- (48) a. Que livro você disse que ela comprou?
 b. Você disse que ela comprou que livro?
- (49) a. *Que livro você conversou com o autor que escreveu?
 b. Você conversou com o autor que escreveu que livro?

Além disso, o movimento WH de elementos inerentemente *não-D-linked*, como é o caso de *que diabos* em (50) abaixo, é obrigatório:

- (50) a. Que diabo você bebeu?
 b.* Você bebeu que diabo?

Segundo NHG, o paradigma em (45)-(50) mostra que não é possível afirmar que movimento WH no PB pode opcionalmente acontecer antes ou depois de SS, já que o movimento sintático é obrigatório em alguns casos e proibido em outros.

Para explicar os dados do PB arrolados acima dentro de uma teoria baseada em traços do programa minimalista (Chomsky, 1995), os autores postulam o seguinte:

- a) O complementizador interrogativo nulo encaixado, o complementizador interrogativo *que* e elementos inerentemente *não-D-linked* têm traço WH forte, acionando, assim, movimento WH em sintaxe visível;
- b) Existem dois C^0 matrizes interrogativos nulos: um com traço forte, outro com traço não-forte, o que torna a opcionalidade de (45) e (48) ilusória, pois para cada opção está associada a um C^0 diferente. Além disso, a obrigatoriedade da versão *in situ* quando há intervenção de ilhas, como em (49) mostra que neste caso não há derivação convergente baseada em um C^0 com traço WH forte;

Segundo os autores essa abordagem baseada na força do traço pode *descrever* adequadamente os fatos do PB mostrados em (45)-(50).

O que os autores mostram de mais interessante é que o movimento WH no PB não é opcional, mas dependente do tipo de traço que C^0 possui. Se C^0 possui traço WH forte, então o movimento WH se aplica. Caso contrário, não ocorre movimento WH.

Um problema que poderia surgir para a abordagem minimalista é uma questão de economia, já que derivações com WH *in situ* são mais econômicas que aquelas com WH deslocado, uma vez que movimento é uma operação custosa. Isso se resolve, no entanto, pelo fato de que uma estrutura com WH *in situ* e uma estrutura com WH deslocado apresentam Numerações diferentes, pois a primeira seleciona um C^0 com traço WH não-forte e a segunda um C^0 com traço forte. Desta forma, tais estruturas não seriam passíveis de comparações. Por outro lado, precisaríamos de evidências independentes para assumir a existência de dois complementizadores diferentes no léxico. Um dos argumentos dos autores é o fato de que quando há intervenção de ilhas não há derivação convergente com traço WH forte.

2.4 Resumo do capítulo

Neste capítulo, mostramos duas maneiras de abordar as interrogativas WH em teoria gerativa em dois de seus arcabouços teóricos: a Teoria de Regência e Vinculação e o Programa Minimalista. Mostramos também como tais abordagens podem ser aplicadas na análise do comportamento das interrogativas WH do PB. Vejamos quais as principais idéias de cada uma delas.

A primeira abordagem postula um princípio de boa formação para as interrogativas WH, o Critério WH de Rizzi (1991, 1996), e assume, em linhas gerais, que interrogativas WH devem apresentar uma configuração Spec-Núcleo, traduzida pela presença de um operador WH em Spec CP (sintagma WH) e de um núcleo [+WH] em C^0 , que, no caso das línguas com V2 residual, é o verbo flexionado mais alto da sentença. Essa configuração explica, segundo o autor, a adjacência entre o sintagma WH e o verbo [V+I] (inversão VS) em interrogativas WH matrizes das línguas que a possuem. Nesta abordagem, um sintagma WH se qualifica como um operador WH se estiver em Spec CP (posição de escopo). Se o elemento WH estiver em outra posição na sentença, ele não se configurará como operador WH.

Mioto (1994) procura aplicar o Critério WH às interrogativas WH do PB, mostrando que esta língua se submete a tal princípio a partir da idéia de *concordância*

dinâmica (Rizzi, 1991), uma vez que, de modo geral, não apresenta inversão VS em interrogativas com WH deslocado. Segundo o autor, o PB se caracteriza por ser uma língua na qual o operador WH em Spec CP é capaz de dotar o núcleo C^0 com o traço [+WH], por estarem em relação de concordância, satisfazendo, assim, o Critério WH.

Já nas interrogativas com sintagma WH *in situ*, o Critério WH será satisfeito em LF, nível em que o sintagma WH se move para Spec CP e passa a figurar como um operador WH. No caso das interrogativas WH *que*, a presença do complementizador em C^0 dota este com o traço [+WH], satisfazendo, assim, o Critério WH. Mioto não menciona, entretanto, como as interrogativas WH *é que* se submeteriam ao Critério WH. Esta análise, contudo, parece mostrar claramente a diferença entre estruturas [WH *que*] e estruturas [WH *é que*], conforme veremos no capítulo 3.

Uma vez que esta tese tem por objetivo principal o estudo das interrogativas do PB, é preciso averiguar que vantagens cada quadro teórico fornece para explicar não somente as perguntas WH, mas também as interrogativas polares do PB. No decorrer deste trabalho procuraremos mostrar, pois, de que forma cada quadro teórico lida com os fenômenos relacionados às interrogativas do PB, pontuando as questões que podem ou não ser respondidas dentro dos limites de cada arcabouço.

3 AS INTERROGATIVAS COM WH DESLOCADO

3.1 Considerações iniciais

Este capítulo tem como objetivo discutir as interrogativas do PB que apresentam o sintagma WH deslocado para o início da sentença, construções com diferenças marcantes em relação a outras línguas naturais. Neste estudo, estaremos concentrados basicamente na questão da ordem Sujeito-Verbo/Verbo-Sujeito e da inserção de *que/é que* em relação a este tipo de interrogativas do PB.

Para tanto, a seção 3.2 apresenta a descrição tipológica das interrogativas WH deslocadas do PB, retomando as descrições de Mioto (1994) e de NHG (2001), apresentadas no capítulo anterior. A seção 3.3 apresenta uma discussão sobre a inversão Verbo-Sujeito (VS) neste tipo de interrogativa e a seção 3.4 discute a alternância *que vs. é que* observada em interrogativas WH deslocadas. A seção 3.5 retoma o referencial teórico apresentado no capítulo 2, a fim de discutir as construções interrogativas WH deslocadas do PB a partir dos dois arcabouços teóricos apresentados naquele capítulo. Por fim, a seção 3.6 resume este capítulo.

3.2 Descrição tipológica do PB

As interrogativas WH matrizes com sintagma WH deslocado para a periferia esquerda da sentença de línguas como o inglês e o alemão têm como característica principal a inversão Verbo-Sujeito (VS)¹. Este fato é particularmente saliente em

¹ Este mesmo fenômeno também é encontrado no Português Europeu (PE). Ambar (1987:7) observa que a inversão VS obrigatória verifica-se em parte nesta língua:

(i)a. Que comprou a Joana?

b. *Que a Joana comprou?

Entretanto, algumas vezes em PE o argumento temático do verbo é movido para Spec CP, mas a inversão passa a ser optativa:

(ii)a. Que livro a Joana comprou?

b. Que livro comprou a Joana?

Para uma descrição das interrogativas WH do PE, veja Ambar (1987), entre outros. Há também um estudo diacrônico do PB e do PE em Lopes-Rossi (1996). Para uma descrição das interrogativas WH do

alemão, que apresenta em sentenças matrizes declarativas o verbo na segunda posição da sentença (fenômeno V2). Note que as sentenças (1a) do inglês e (2a) do alemão são gramaticais com a inversão VS, enquanto em (1b) e (2b) são agramaticais sem inversão:

(1) a. Why are you tired ?

/por que está você cansado/

‘Por que você está cansado?’

b. *Why you are tired ?

/por que você está cansado/

(2) a. Was studiert Hans?

/o que estuda Hans/

‘O que Hans estuda?’

b. *Was Hans studiert?

/o que Hans estuda/

Por outro lado, interrogativas WH matrizes do PB com deslocamento do WH à esquerda de maneira geral não se caracterizam por inversão VS; ao contrário, sentenças que apresentam tal inversão são, no mínimo, marcadas nesta língua, como podemos notar no contraste entre a interrogativa (3a) sem inversão VS e (3b) com inversão:

(3) a. O que o João tinha visto?²

b. %O que tinha o João visto?³

Entretanto, existem estruturas, como mostra Sell (1998) entre outros, em que ocorre a ordem VS, mesmo não sendo esta a ordem geralmente encontrada em

PB veja também Sikansi (1994, 1998) e Sell (1998). Nesta última há também uma breve descrição das interrogativas WH do inglês e do alemão.

² Esse fenômeno da ordem SV nas interrogativas do PB torna-se interessante se olharmos para outras línguas românicas como o francês, nas quais quando muito aceitam apenas sujeitos fracos (pronominais) intervindo entre o sintagma WH e o verbo, como mostra Cardinaletti (2001:5):

(i) a. ??Quand Marie ira à MIT? (Polleto & Pollock, 1999)

b. Quand elle ira à MIT?

O interessante é que o PB, ao contrário de línguas como o francês, aceita tanto sujeitos lexicais como sujeitos pronominais nesta posição.

³ Cf. Menuzzi (1993).

interrogativas do PB, como mostra (4) abaixo. Note que a única sentença de (4) que não apresenta verbo copular é (4a):

- (4) a. Onde foram eles?
 b. Como era o nome dele? (VARSUL - RS POA 08 F A PRI - linha 304)
 c. E a língua, como foi a comunicação com eles? (VARSUL - RS POA 04 M A GIN - linha 720)
 d. Onde está a Maria?
 e. Onde fica a farmácia?

Observe ainda que, das sentenças em (4), algumas aceitam a ordem contrária, isto é SV, enquanto outras são agramaticais com a ordem SV, como mostra (5) abaixo:

- (5) a. Onde eles foram?
 b. ??Como o nome dele era?
 c. * Como a comunicação com eles foi?
 d. Onde a Maria está?
 e. ??Onde a farmácia fica?

O que é preciso explicar, a partir do que se observa em (4a-d) e (5a-d), é a flexibilidade de ordem SV / VS que tais estruturas apresentam em PB. Kato (1993) propõe que estas estruturas não apresentam inversão de fato, mas *falsa inversão*. Esta proposta será examinada mais adiante, na seção 3.3 deste capítulo.⁴

Diferentemente de outras línguas naturais, o PB pode apresentar o complementizador *que* em suas interrogativas com WH deslocado. Este complementizador pode co-ocorrer com qualquer tipo de sintagma WH, como mostram os exemplos em (6) abaixo:

⁴ Ao lado das construções VS que abordamos aqui, há ainda aquelas em que a ordem VS é obrigatória, como mostram os exemplos abaixo (cf. Miotto, 2001:114):

(i) Onde é a biblioteca?
 (ii) *Onde a biblioteca é?

- (6) a. *O que que é isso?* (VARFUL - SC FLP 03 F A PRI - linha 1035)
 b. *Quem que está certo nessa questão entre índios versus garimpeiros?*
 (VARFUL - RS POA 04 M A GIN - linha 452)
 c. *Por que que ele não amou tanto quanto ela, né?* (VARFUL - SC FLP 11 F
 A GIN - linha 685)
 d. *Como que liga o computador?*

As interrogativas WH do PB apresentam ainda uma versão clivada para a forma *WH que*, composta pelo elemento WH, a cópula e o complementizador (7a). Esta forma, usualmente referida como *é que* na literatura, pode aparecer duplicada (7b) ou combinada com o complementizador *que* (7c) e também apresentar a cópula conjugada em vários tempos verbais (8):

- (7) a. *Como é que anda o comércio com a inflação do jeito que está?* (VARFUL
 - RS POA 04 M A GIN - linha 55)
 b. *E como é que é que se faz [bolo]?* (VARFUL - RS POA 08 F A PRI -
 linha 639)
 c. *O que que é que você perguntou?*
 (8) a. *O que é que foi que você fez?*
 b. *Quando é que será que a Maria volta?*

Interrogativas WH encaixadas também podem apresentar as formas *WH que / WH é que*, como mostram os exemplos abaixo:

- (9) a. *Você sabe como que liga o computador?*
 b. *Você sabe como (é) que é que liga o computador?*
 c. *Você sabe como é que foi que a Maria ligou o computador?*

Quanto às interrogativas WH encaixadas, o PB apresenta o mesmo padrão encontrado nas matrizes em relação à ordem Sujeito-Verbo o que é, neste caso, o mesmo padrão encontrado em línguas como o inglês, o alemão e o francês, isto é, em geral não apresenta inversão VS:

- (10) a. *A Maria perguntou o que o João tinha visto.*

b. *A Maria perguntou o que tinha o João visto.

Quanto à posição do sintagma WH, este sempre estará deslocado para o início da sentença encaixada, mantendo o padrão de outras línguas (como o inglês, o alemão e o francês), já que a subcategorização do verbo *perguntou* da sentença matriz exige que o Spec CP intermediário esteja ocupado, independente da inserção do complementizador *que*:

(11) a. A Maria perguntou o que (*que*) o João tinha visto.

b. *A Maria perguntou o João tinha visto o quê.

A partir da descrição das interrogativas com WH deslocado do PB, vimos que este tipo de construção apresenta, de modo geral, a ordem SV. A ordem VS só aparece em algumas estruturas, na sua maioria com verbos copulares. Além disso, WH *que* é generalizado tanto para interrogativas matrizes quanto para encaixadas. Ao lado da estrutura com WH *que*, há ainda a estrutura WH *é que*.

Nas próximas seções discutiremos a ordem SV que, de modo geral, esta língua apresenta, e a ordem VS remanescente em algumas estruturas com verbos copulares. Além disso, é relevante discutir as propriedades das estruturas [WH *que*] e [WH *é que*] do PB. Veremos que a propriedade crucial de estruturas com WH *que* (e também WH *é que*) é que elas apresentam deslocamento obrigatório do sintagma WH para a periferia esquerda da sentença.

3.3 A inversão Verbo-Sujeito

Como vimos na seção anterior, o PB geralmente mantém a ordem SV canônica das sentenças declarativas nas interrogativas WH, enquanto línguas como o italiano e o inglês de modo geral reorganizam os elementos da sentença.

As interrogativas WH do PB que apresentam a ordem VS representam casos específicos, que trazem, em sua maioria, verbos copulares e *são*, muitas vezes, estruturas cristalizadas na língua, como atestam Duarte (1992) e Sikansi (1994, 1998), entre outros.

Entretanto, para Menuzzi (1993), a inversão Sujeito-Auxiliar, embora marcada, parece ser possível em interrogativas WH do PB, enquanto não é de nenhuma maneira possível em sentenças declarativas, como mostram os exemplos abaixo. O autor acrescenta que esses casos colocam problemas para o Critério WH de Rizzi (1991, 1996):

- (12) a. Onde o Paulo *tinha* ido ontem?
 b. ?Onde *tinha* o Paulo ido ontem?

- (13) a. O Paulo *tinha* saído ontem?
 b. ?*Tinha* o Paulo saído ontem?

- (14) a. O Paulo *tinha* saído ontem
 b. **Tinha* o Paulo saído ontem
 c. *Ontem *tinha* o Paulo saído

Menuzzi acredita que o contraste entre (12b) e (13b) de um lado, e entre (14b-c) de outro confirmariam a inversão Sujeito-Auxiliar em PB, o que equivaleria a dizer, nos termos de Rizzi, que o conteúdo de I em interrogativas é [+WH]. Assim, seria esperado que sempre que houvesse a inversão Sujeito-Auxiliar em PB, o movimento WH fosse acionado também, como em (15c) abaixo, já que o Critério WH se aplica na SS nesta língua. O autor nota, porém, que isso não é verdade, pois em PB é possível a ordem Auxiliar-Sujeito e WH *in situ* em uma mesma sentença, como (15d) abaixo:

- (15) a. O Paulo *teria* feito *o que* numa situação destas?
 b. O *que* o Paulo *teria* feito numa situação destas?
 c. ?O *que teria* o Paulo feito numa situação destas?
 d. ?*Teria* o Paulo feito *o que* numa situação destas?

Para explicar (15d) dentro da abordagem de Rizzi, Menuzzi assume que este não é um caso de I para C, apesar de a inversão, ainda que marginal em (12b) e (13b), apontar para o caráter V2 Residual do PB. Todavia, o autor observa que não parece haver evidências conclusivas de que I está em C⁰ nem para os casos marginais (12b) e

(13b). Um teste que poderia servir de evidência de que V+I está em um ponto mais alto que IP funciona bem para o inglês, mas não para o PB:

(16) a. What *would* Paulo *probably* have said in such situation?

/o que teria Paulo provavelmente ter dito em tal situação/

b. * What *would probably* Paulo have said in such situation?

(17) a. O que *teria* o Paulo *provavelmente* feito numa situação destas?

b. O que *provavelmente teria* o Paulo feito numa situação destas?

Além disso, segundo Menuzzi (1993), o PB aceita a inversão Sujeito-Auxiliar mesmo quando C⁰ exibe preenchimento manifesto, o que mostra que esta língua não se comporta como outras línguas V2 Residual:

(18) a. Paulo perguntou *o que teria* o Paulo feito numa situação dessas.

b. Paulo perguntou *se teria* o Paulo feito isso numa situação dessas.

De fato, as estruturas com inversão Sujeito-Auxiliar mostrados por Menuzzi (1993), embora marcadas, parecem ocorrer pelo menos em registros formais do PB. Considerando esse tipo de estrutura como existente na língua, surgem problemas para abordagens como o Critério WH de Rizzi (1991, 1996).

O que precisa ser discutido aqui é o estatuto de VS em PB, uma vez que VS é uma ordem com distribuição restrita nas estruturas declarativas desta língua – só com verbos inacusativos, como generalização básica. Resta saber, então, que tipo de estatuto VS tem nas interrogativas WH do PB.

Além da inversão observada por Menuzzi, há outra em PB: aquelas mostradas em interrogativas com em (4a) acima, repetida aqui em (19):

(19) Onde foram eles?

Vejamos em que contextos esta inversão VS aparece em PB segundo alguns autores. Duarte (1992), em seu um estudo diacrônico sobre as interrogativas WH do PB, procura buscar os fatores que mais condicionaram a mudança da ordem VS para a ordem SV em PB. A autora notou, entre outras coisas, que esta mudança de ordem

coincide com o aparecimento da seqüência expletiva *é que* (e suas formas variantes *que* e *foi que*).⁵

Porém, na medida que a ordem SV vai se instalando no PB, *é que* deixa de ser seu único fator condicionante. SV passa, então, a ser a ordem mais usada nas interrogativas do PB, independentemente da presença de *que* ou *é que*. A partir disso, Duarte tenta encontrar os contextos em que a ordem VS ainda aparece em PB. Consideremos alguns dados dos dois últimos períodos analisados por Duarte (1975 e 1989)⁶:

- (20) a. Como que vai ser a reprodução da espécie?
 b. E onde está o resto?
 c. E como é que se comportam as pessoas civilizadas?
 d. Como é que me acontece uma coisa dessas?
 e. Onde que tá aquela desgraçada?
 f. Onde que se enfiou o endemoniado?

Duarte nota que todas as palavras interrogativas nas sentenças de (20) são não-argumentais e apenas um dos argumentos, o sujeito, tem realização fonética através de um DP. A autora observa, ainda, que se este DP for substituído por um pronome, podemos ter a ordem SV, como mostra (21) abaixo:

- (21)a. Onde você está?
 b. Aonde você vai?
 c. Como ele era?

Duarte observa ainda que desde que a ordem SV começou a ser usada, a incidência de sujeitos pronominais nas estruturas interrogativas tende a crescer. Entretanto, a autora adverte que não é possível afirmar que o sujeito representado por uma expressão-R em (20) determinará sempre a ordem VS. Ela mostra, então, como ficam as sentenças com sujeito lexical de (20) com a ordem SV:

⁵ O *corpus* da pesquisa de Duarte (1992) foi extraído de peças teatrais escritas nos séculos XIX e XX.

⁶ Para os dados de 1975 Duarte (1992) utilizou a peça de teatro “A Mulher Integral” de Carlos Novaes e para os dados de 1989, as novelas de TV “Tieta” e “Que Rei sou Eu”.

- (22) a. Como que a reprodução da espécie vai ser?
 b. E onde o resto está?⁷
 c. E como é que as pessoas civilizadas se comportam?
 d. Como é que uma coisa dessas me acontece?
 e. Onde que aquela desgraçada tá?
 f. Onde que o endemoniado se enfiou?

Duarte conclui que a ordem VS em PB é restrita a interrogativas que apresentam os verbos *ser*, *estar*, e os apresentativos. Este fato, segundo a autora, pode significar que não há inversão de fato em sentenças com tais verbos; ou seja, VS é antes o movimento do sujeito para a direita, não necessariamente do verbo para a esquerda. Além disso, sentenças com a ordem VS geralmente apresentam sujeito representado por uma expressão-R e, ainda, apenas este único argumento foneticamente realizado.

Sikansi (1994) chega a conclusões semelhantes às de Duarte (1992), observando que os verbos transitivos são inibidores de VS. Em contrapartida, verbos copulares, ergativos e intransitivos tendem a aparecer antes do sujeito. Quanto ao tipo de sujeito, os pronominais e os pronomes de tratamento quase todos aparecem com a ordem SV. Já as expressões-R favorecem a ordem VS. A autora chama a atenção para o fato de que quanto maior a dimensão do sujeito⁸ maior a probabilidade de ocorrer a ordem VS, como é o caso da interrogativa (4c) acima.

Sikansi conclui que a ordem VS em PB é restrita e ocorre basicamente quando o verbo é uma cópula. Para explicar os demais casos de inversão do PB, a autora assume a proposta de *falsa inversão* de Kato (1993) e a proposta de Lopes-Rossi (1993) para interrogativas com o expletivo *é que*, que permite tanto a ordem VS quanto a ordem SV. A proposta de Lopes-Rossi será tratada na próxima seção.

Para Kato (1993), a ordem VS em interrogativas WH do PB, como (23a), abaixo é na verdade uma falsa inversão, pois não é o resultado do movimento do verbo, mas de deslocamento à direita com pronome correferente preenchido (23b) ou nulo (23c):

- (23)a. O que bebe o João?

⁷ A nosso ver, a sentença (22b) é agramatical (cf. Sell, 1998).

⁸ Sikansi (1994) verificou a dimensão do sujeito a partir da contagem do número de sílabas que o compunham, levando em conta as elisões que ocorrem na fala:

(i) O que deve a *sociedade tão privilegiada* fazer quanto a isso?

- b. O que *ele* bebe o João?
- c. O que *pro* bebe o João?

Kato conclui, então, que a inversão em PB é uma regra estilística, dado o caráter facultativo da escolha entre preenchimento ou não do sujeito pronominal. Confirmando a proposta de Kato, Duarte e Sikansi concluem que a ordem VS em PB ocorre geralmente quando o sujeito é uma expressão-R.

Sell (1998) mostra, entretanto, que a proposta de falsa inversão para o PB de Kato (1993) parece não explicar a ordem VS em interrogativas com sujeito pronominal, como (24a) abaixo, que corresponde ao exemplo (19) citado mais acima:

- (24) a. Onde (pro) foram eles?
- b. * Onde eles foram eles?
- c. ? Onde foi ele?

Sell (1998) nota que a sentença (24b) acima não parece ser o caso de deslocamento à direita com retomada pronominal, como sugere Kato, já que não é possível um pronome correferente preenchido entre o sintagma WH e o verbo. Sell nota, entretanto, que a sentença torna-se agramatical se estiver no singular, como (24c), o que mostra que o problema da gramaticalidade de (24a) parece depender da marca de plural. Porém, o fato de existirem interrogativas VS com sujeito pronominal pode ser um indício de que está acontecendo algo mais nas sentenças interrogativas VS em PB além de uma regra estilística de preenchimento ou não do pronome correferente, como Kato sustenta.

Além disso, Sell (1998) nota, intuitivamente, uma diferença entonacional entre as interrogativas em (19) e (23a) acima, já que em interrogativas como (23a) há uma quebra no padrão entonacional, enquanto isso não ocorre em sentenças como (19). Isso pode indicar, seguindo Sell (1998), que tais estruturas são diferentes.

Poderíamos pensar, então, que essas duas estruturas com inversão VS são diferentes no PB, merecendo, pois, explicações diferentes. A falsa inversão de Kato (1993) parece explicar de forma satisfatória o caso de inversão de interrogativas como (23a). O que nos resta explicar, então, são estruturas como (19), as quais não parecem ser um caso de falsa inversão.

Note que uma estrutura como (19) pode apresentar, mesmo que marginalmente, um complementizador aberto, como mostra (25), o que significa que o verbo não está ocupando o núcleo de CP:

(25) Onde que foram eles?

Note também que uma estrutura como (19) torna-se degradada se construída com outros sintagmas WH:

(26) a. ??Quando foram eles?

b. ??Como foram eles?

Até aqui, vimos que inversão VS em PB pode ser dos seguintes tipos:

- (a) inversão auxiliar-sujeito;
- (b) inversão VS com verbos inacusativos, também nas declarativas;
- (c) inversão VS com outros verbos: *se comportar*, *se enfiar* (cf. exemplos em (20)).
- (d) falsa inversão VS.

Resumindo, parece que o PB, a rigor, não apresenta inversão VS nas sentenças interrogativas, nem nas declarativas. Quando há inversão nas interrogativas, em geral não é obrigatória, como no caso do inglês, e não parece ser movimento I para C. Os casos de inversão VS que vimos podem resultar de processos sintáticos distintos: por exemplo, o verbo está em I e o sujeito em uma posição mais baixa, porque Spec IP está ocupado por um expletivo. Isso explica o fato de tal configuração só ser possível com inacusativos. Além disso, a construção VS em PB apresenta certas particularidades. Duarte (1992) observa, por exemplo, que todas as palavras interrogativas nas sentenças de (20) são não-argumentais e apenas um dos argumentos, o sujeito, tem realização fonética através de um DP.

sobre uma só estrutura S (SS) para ambas as sentenças (27a) e (27b). Entretanto, esse apagamento opcional da cópula traz alguns problemas.

Mioto (1996) argumenta que, apesar de existir uma teoria¹⁰ que considera o verbo *ser* vazio de conteúdo semântico, isto não constitui motivo suficiente para esvaziá-lo também de conteúdo fonético. Ademais, a cópula *ser* é um monossílabo tônico fonologicamente consistente e por isso mesmo não sujeito a processos de apagamento. Logo, se ocorresse algum tipo de mudança na forma *o que é que*, teríamos algo como *o quié que* ou *o qué que*.¹¹

Mioto & Figueiredo Silva (1995) observam que em alguns contextos *é* e *foi* se alternam; então, se é preciso postular uma regra de apagamento para *é*, esta tem que funcionar igualmente para *foi*:

- (28) a. Quem é que inventou o pecado?
 b. Quem foi que inventou o pecado?
 c. Quem que inventou o pecado?

Quanto às considerações de caráter semântico-pragmático, a HE agrupa as sentenças de (28) acima diferenciando-as de (29) abaixo:

- (29) Quem inventou o pecado?

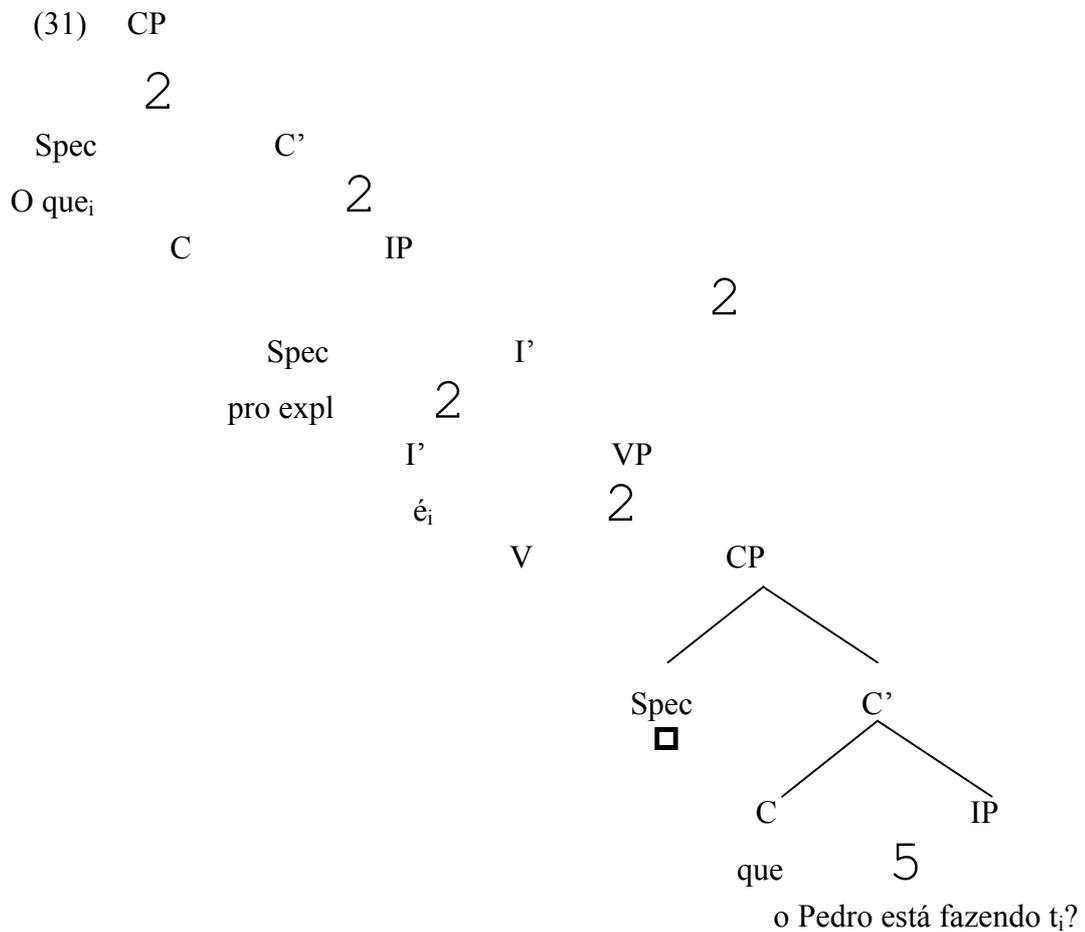
Mioto & Figueiredo Silva acreditam que essa diferença pode ser explicitada a partir de um paralelo com sentenças declarativas clivadas. Desta forma, (28a-b) seriam interrogativas clivadas e (29), não clivada. Os autores se perguntam, porém, como explicar, dentro da HE, que (28a-b) sejam clivadas enquanto (28c) não passa de uma interrogativa comum. E, como decorrência, como explicar que (28c) equivale a (29) do ponto de vista semântico-pragmático.

Para as considerações de caráter sintático, os autores admitem a SS (31) para a interrogativa (30) abaixo:

¹⁰ Martin (1977), citado por Mioto (1996).

¹¹ Segundo Mioto & Figueiredo Silva (1995), uma outra questão é colocada quanto à gramaticalidade de (27), já que esta interrogativa é boa em PB, mas não em PE. Seria preciso supor, então, que a regra de apagamento da cópula é válida para o PB, mas não para o PE.

(30) O que é que o Pedro está fazendo?



Essa representação evidencia o caráter inacusativo do verbo *ser*, que subcategoriza um complemento CP que tem como uma de suas propriedades semânticas o fato de ser [+cleft]. Elementos clivados, então, podem ser alojados no Spec □.

A HE admite (31) para representar ambas as sentenças de (27), o que implica no apagamento da cópula em (27a). Porém, essa hipótese enfrenta problemas para explicar como isso é possível, uma vez que esse tipo de processo não é usual em PB; ou seja, em outros contextos de clivagem, o apagamento da cópula resulta em sentença agramatical:

(32) a. O que eu quero de você é um beijo.

b. *O que eu quero de você um beijo.

Além disso, a HE apresenta problemas para explicar por que a cópula não pode aparecer em sentenças como (33) abaixo:

- (33) a. Vai *que* dá certo essa história...
 b. *Vai *é que* dá certo essa história...

Por outro lado, a HNE, segundo Miotto & Figueiredo Silva, não apresenta problemas quanto ao caráter fonológico, uma vez que não entende (27a) como a abreviação de (27b). Assim, cada uma dessas sentenças surge da Forma Fonética (PF) que interpreta duas SS distintas.

Quanto ao caráter semântico-pragmático, Miotto (1996) argumenta que as sentenças (27a) e (27b) são sinônimas, apesar de estruturalmente diferentes.

No que concerne ao caráter sintático, a HNE elegerá a representação sintática (34) como adequada à interrogativa (30) acima:

- (34) CP
 2
 Spec C'
 O que_i 2
 C IP
 (que) 5
 O Pedro está fazendo t_i

A partir dessa representação, supõe-se que **que** pode preencher opcionalmente o núcleo C. Ocorrendo isso, ele lexicaliza o traço WH presente em C. Desta forma, a configuração Spec-Núcleo, que envolve o operador *o que* e o núcleo **que**, é verificada e o Critério WH é satisfeito. O fato de se admitir que **que** ocupa C e *o que* Spec de CP auxilia na explicação de fenômenos como (35) abaixo, isto é, não é possível romper a adjacência entre Spec e o núcleo de CP. Veja o resultado com a interposição de um advérbio como *afinal*:

- (35) a. **O que* afinal **que** Pedro viu?
 b. O que afinal é que Pedro viu?
 c. O que é afinal que Pedro viu?

Segundo a HE, (35a) deveria ser possível, já que possui várias projeções máximas para adjungir o advérbio *afinal*. Já a HNE explica a agramaticalidade de (35a) postulando que **que** se situa C⁰ e *o que* em Spec de CP (configuração Spec-Núcleo, segundo o Critério WH), não havendo, assim, uma posição intermediária para alojar o advérbio *afinal*, o que não ocorre em (35b-c), nas quais a estrutura clivada das sentenças permite alojar o advérbio.

Mioto (1996), argumentando em favor da HNE, mostra que nem sempre é possível substituir *WH que* por *WH é que* e vice-versa. Veja os exemplos abaixo:

- (36) a. *O que é que é que você está fazendo?
 b. O que que é que você está fazendo?
 c. *O que que que você está fazendo?
 d. *O que é que que você está fazendo?

Mioto (1996) observa que (36b) é gramatical porque é a única sentença em que não há duplicação nem de *é que* (36a) nem de *que* (36c) e afirma ainda que se *WH que* equivalesse a *WH é que* o mesmo padrão deveria ser válido para as três outras sentenças.

Em vista das considerações feitas até aqui, assumimos, pois, a hipótese da não equivalência entre interrogativas com *WH é que* e com *WH que* proposta por Mioto & Figueiredo Silva (1995) e assumida por Mioto (1996).

3.4.2 As propriedades das estruturas com *que / é que*

As estruturas interrogativas com *que/é que* apresentam propriedades interessantes do ponto de vista sintático. Na seção anterior, vimos que há a possibilidade de redobramento de *que/é que*, como mostrou o exemplo (36) acima. Além disso, tal redobramento apresenta uma hierarquia, na qual *que* deve preceder *é que*. Por outro lado, vimos que o redobramento parece ter que ser feito entre *que/é que* e não apenas com *que* ou apenas com *é que*. Esta questão da hierarquia entre *que/é que* parece ser um fenômeno que merece explicação.

Além disso, vimos, a partir das sentenças em (35), repetidas aqui em (37), que *que* parece ocupar o núcleo de CP. Isso pode ser observado a partir da agramaticalidade

da sentença em (37a) abaixo. Se *que* ocupa C⁰ e *o que* Spec CP, não há uma posição intermediária para alojar o advérbio *afinal*. Note novamente que não ocorre o mesmo nas estruturas com *é que*, as quais permitem a intervenção de um advérbio:

- (37) a. **O que* *afinal* **que** Pedro viu?
 b. O *que* *afinal* *é* *que* Pedro viu?
 c. O *que* *é* *afinal* *que* Pedro viu?

Por fim, o que há de mais interessante na inserção do complementizador *que/é que* nas interrogativas WH deslocadas é que sua presença exige o deslocamento do sintagma WH para a periferia esquerda da sentença (cf. Miotto, 2001), como mostram os exemplos em (38) abaixo. Repare que (38b) abaixo é agramatical com o sintagma WH *in situ*:

- (38) a. O *que* (*é*) *que* o João tinha visto?
 b. *(*é*) *Que* o João tinha visto o *quê*?

3.5 Análise das interrogativas com WH deslocado

A partir da descrição das interrogativas com WH deslocado feita neste capítulo, vimos que apresentam de forma geral a ordem SV. Apesar disso, ainda persistem na língua algumas estruturas com a ordem VS, que precisam ser explicadas. Vimos também que as interrogativas WH deslocadas podem apresentar em sua estrutura um complementizador *que* ou a forma clivada *é que*, cuja presença torna o movimento WH obrigatório.

Vamos então examinar os dois problemas acima à luz de cada um dos quadros teóricos de Princípios & Parâmetros. Dentro da abordagem de Rizzi (1996), Miotto (1994) mostrou que o PB, apesar de não apresentar, de modo geral, movimento I para C, satisfaz o Critério WH através de *concordância dinâmica*.¹² Vejamos agora de que maneira esta abordagem pode explicar os casos de inversão VS do PB comentados na seção 3.3 acima. Os casos de inversão sujeito-auxiliar, mostrados por Menuzzi (1993),

¹² Cf. capítulo 2, seção 2.2.2.

trazem problemas para a abordagem de Rizzi, já que parece que o PB não se comporta como uma língua V2 Residual. Um exemplo disso é que em PB pode haver, mesmo que marginalmente, inversão sujeito-auxiliar sem que haja necessariamente movimento WH, como mostram os exemplos em (15) acima, repetidos aqui em (39) abaixo:

- (39) a. O Paulo *teria* feito *o que* numa situação destas?
 b. O *que* o Paulo *teria* feito numa situação destas?
 c. ?O *que teria* o Paulo feito numa situação destas?
 d. ?*Teria* o Paulo feito *o que* numa situação destas?

A partir dos exemplos acima, parece que podemos tirar duas conclusões. A primeira é que inversão VS é marginal em PB e a segunda é que parece não haver nesta língua movimento I para C, pelo menos não necessariamente, como afirma Menuzzi (1993).

Quanto à inversão VS com os verbos *ser* e *estar*, vimos na seção 3.3 acima que a análise de Kato (1993) de falsa inversão para estes casos parece não explicar de forma satisfatória o que acontece com estas estruturas, uma vez que perguntas como (40a) abaixo parecem não ser o mesmo caso de interrogativas como (40b). Entre essas duas estruturas parece haver pelo menos uma diferença entonacional que, não é absurdo supormos, se correlaciona a uma diferença estrutural:

- (40) a. Onde eles estão, os meninos?
 b. Onde estão os meninos?

Além disso, a análise de Kato (1993) não explica adequadamente estruturas como aquela em (41) abaixo, em que o sujeito é pronominal:

- (41) Onde foram eles?

De qualquer forma, a interrogativa em (41) acima, como também aquelas em (40), não parecem ser o resultado de movimento I para C, já que admitem a inserção de *que*, que ocupa o núcleo de CP, como mostram os exemplos abaixo:

- (42) a. Onde eles estão, os meninos?
 b. Onde estão os meninos?
 c. Onde foram eles?

Se no PB o verbo não ocupa C nem nos casos de inversão VS, parece que nesta língua o Critério WH é satisfeito sempre via *concordância dinâmica*. No entanto, é de se observar que seria preciso dizer onde está o sujeito nestas estruturas invertidas. Se ele está em Spec VP seria preciso saber como recebe caso nesta posição, problema que se coloca também para os casos de inversão VS em declarativas.

Para a análise das interrogativas WH do PB, vamos ver como funcionaria a análise de NHG (2001), comentada no capítulo 2 desta tese, segundo a qual uma interrogativa com WH deslocado apresenta um C⁰ marcado com o traço [WH] forte, o que força o movimento do sintagma WH para Spec CP interrogativo em sintaxe visível, já que traços fortes devem ser eliminados antes de *Spell-Out*. Estando o sintagma WH em Spec CP, seu traço [WH] entra em relação de checagem com o traço forte do núcleo C⁰.

Quanto ao movimento I para C, podemos dizer, a partir da abordagem minimalista, que não há inversão VS nas interrogativas WH do PB porque elas não apresentam traço V forte em C que obrigue o alçamento do verbo finito em sintaxe visível.¹³ Portanto, os traços V de C do PB podem esperar até LF para serem checados, sem violar, pois, *Procrastinar*. Contudo, esta análise também enfrenta problemas com os casos de inversão VS, os quais carecem de explicação, como a questão da posição que o sujeito destas estruturas ocupa e maneira como recebe caso.

Uma análise para os casos de inversão VS do PB seria a de traços V fortes, os quais forçam o movimento do verbo (ou do auxiliar) para C. Esta opção, entretanto, enfrenta vários problemas, dentre eles o fato de termos que explicar por que em alguns casos o PB apresenta traços V fortes, mas não na maioria das interrogativas com WH deslocado. Além disso, como notam Menuzzi (1993) e Kato (1993), parece que inversão em PB não é movimento I para C, o que descarta tal hipótese.

Dado que assumimos que estruturas [WH *que*] e estruturas [WH *é que*] não são equivalentes (cf. Miotto & Figueiredo Silva, 1995; Miotto, 1996), seria esperado que tais estruturas fossem obtidas por caminhos diferentes.

¹³ Cf. Chomsky (1995)

No sistema de Rizzi (1996), as estruturas do tipo [WH *que*] satisfazem o Critério WH se admitimos que *que* preenche C, dotando este núcleo com o traço +WH. Desta forma, verifica-se a configuração Spec-Núcleo, do Critério WH.¹⁴ No caso das estruturas [WH *é que*], apesar de Mioto (1994, 1996) não mencionar de que forma tais estruturas se submetem ao Critério WH, podemos supor que tais estruturas se submetem a este critério através de *concordância dinâmica*, se assumimos para elas a representação em (31) acima.

Note ainda que, assumindo as diferentes estruturas propostas por Mioto & Figueiredo Silva (1995) para estas construções, o sistema de Rizzi (1996) faz uma distinção nítida entre [WH *que*] e [WH *é que*], já que dá conta da diferença entre as sentenças de (37) acima, repetidas aqui em (43):¹⁵

- (43) a. *O *que* afinal **que** o Pedro viu?
 b. O que afinal é que o Pedro viu?
 c. O que é afinal que o Pedro viu?

Como [WH *que*], em (G17a), é a configuração Spec-núcleo requerida pelo Critério WH, nenhum elemento pode interromper a adjacência entre o sintagma WH e o complementizador, já que o primeiro está no Spec CP e o outro no núcleo de CP. Por outro lado, como não há tal configuração na construção [WH *é que*], neste caso o Critério WH é satisfeito por *concordância dinâmica* e assim é possível que um elemento como *afinal* intervenha entre o WH e *é que*. Somado a isso, note que na pergunta em (44) abaixo, mesmo que marginalmente, é possível preencher o núcleo de CP com *que*:

- (44) ?O que que afinal é que o Pedro viu?

A sentença em (44) acima satisfaz o Critério WH no CP mais alto da estrutura: *que* ocupa C e o sintagma WH *o que* ocupa Spec CP, formando a configuração Spec-núcleo requerida por tal critério. Resta explicar, contudo, a inserção de *é que* na estrutura, o que talvez seja um recurso de ênfase. Este talvez seja o caso também de uma sentença como (45a) abaixo. Já (45c) e (45d) são excluídas pelo Critério WH, porque há

¹⁴ Cf. Mioto (1994, 1996); Mioto & Figueiredo Silva (1995).

um *que* em C, sem que haja nenhum elemento em Spec CP. Em outras palavras, o núcleo de CP carrega um traço WH, mas não há elemento em Spec CP para entrar em relação com ele e formar, assim, a configuração Spec-núcleo. (45b) é o mesmo caso de (44):

- (45) a. ?O que é que é que você está fazendo?
 b. O que que é que você está fazendo?
 c. *O que que que você está fazendo?
 d. *O que é que que você está fazendo?

O problema de todas as sentenças em (45), contudo, é postular recursão de CP ou algo semelhante, já que *que* deve se restringir a uma recursão só e no segundo CP só é permitida *é que*.

Vejamos agora como a abordagem de força do traço lida com estes fatos. No caso das interrogativas WH deslocadas com o complementizador *que*, NHG assumem que o movimento WH é obrigatório porque o complementizador *que* apresenta traço forte, requerendo, portanto, que o sintagma WH se mova para Spec CP, a fim de que seu traço entre em relação de checagem com o traço forte de C. No caso das interrogativas com *é que*, o movimento WH é obrigatório porque o núcleo de CP apresenta traço forte. Note, contudo, que é preciso sugerir a existência de um *pro* expletivo na numeração, por conta do EPP (*Extended Projection Principle* – Princípio da Projeção Estendida).

A diferença, então, entre [WH *que*] e [WH *é que*] é que na primeira estrutura o movimento WH é acionado porque o núcleo de CP está ocupado com um elemento com traço WH forte. Na segunda estrutura o movimento WH é acionado porque C carrega traço WH forte.

3.6 Resumo do capítulo

Neste capítulo apresentamos uma descrição tipológica das interrogativas com WH deslocado matrizes e encaixadas do PB. Contrapondo o sistema de Critérios à análise minimalista de força de traço vimos que ambos os quadros explicam quando há

¹⁵ Cf. Miotto (1996).

alçamento do elemento WH para a periferia esquerda da sentença na presença de *que* ou de *é que*: no sistema de Critérios, *que* está comprometido com a satisfação do Critério WH, que exige a presença de um operador no especificador e o traço WH presente no núcleo da mesma projeção; no caso de *é que*, o Critério WH é satisfeito por *concordância dinâmica*, exatamente como no caso em que não há nenhum material lexical em C. Dito de outro modo, WH *que* é uma estratégia para a satisfação do Critério WH e WH *é que* e movimento apenas do WH é outra – a *concordância dinâmica*.

Por outro lado, no MP este movimento é obrigatório na sintaxe visível em virtude do traço WH forte de C, que precisa ser checado. Veremos, no próximo capítulo, que esta análise apresenta a vantagem de tratar movimento WH em PB como não opcional.

Quanto à inversão VS em PB, vimos que apesar de poder ser dos tipos mencionados abaixo, é marginal nesta língua e parece não ser fruto de movimento I para C:

- (a) inversão auxiliar-sujeito;
- (b) inversão VS com verbos inacusativos, também nas declarativas;
- (c) inversão VS com outros verbos: *se comportar*, *se enfiar* (cf. exemplos em (20)).
- (d) falsa inversão VS.

Tanto o sistema de Critérios como a abordagem de traços enfrentam problemas para explicar o fenômeno de inversão VS do PB. Como o verbo parece estar em I nas estruturas invertidas desta língua, é preciso mostrar onde está o sujeito. No caso de permanecer em Spec VP, é preciso saber de que maneira recebe caso nesta posição, problema que se coloca também para os casos de inversão VS em sentenças declarativas.

Assumimos a não equivalência entre sentenças [WH *que*] e sentenças [WH *é que*] e procuramos mostrar de que maneira os dois quadros teóricos lidam com tais estruturas. No sistema de Critérios, interrogativas com [WH *que*] satisfazem o Critério WH, já que o complementizador dota o núcleo de CP com o traço [WH], o que detona movimento WH obrigatório para formar a configuração Spec-núcleo. Já em interrogativas [WH *é que*] o Critério WH é satisfeito via *concordância dinâmica*. O Critério WH parece, portanto, captar bem a diferença entre [WH *que*] e [WH *é que*]. Por

outro lado, no sistema de traços, a distinção entre tais estruturas não é muito visível, já que a partir de tal abordagem talvez não se tenha uma explicação direta em relação à distinção entre as sentenças em (36) acima.

4 AS INTERROGATIVAS WH MÚLTIPLAS

4.1 Considerações iniciais

Neste capítulo, iremos discutir as interrogativas WH múltiplas do PB a partir do referencial teórico do capítulo 2 e tendo em vista os trabalhos de Pesetsky (1987), que trata da diferença entre sintagmas WH *D-linked* e *não-D-linked*, e de Bošković (1998), que trata de questões envolvendo Efeito de Superioridade em interrogativas WH múltiplas de línguas como o servo-croata.

Deixamos para tratar da diferença entre sintagmas WH *D-linked* e *não-D-linked* nas estruturas WH múltiplas já que entendemos que é justamente nesses contextos que os fenômenos relacionados a essa distinção observada por Pesetsky (1987) aparecem mais nitidamente.

Este capítulo está dividido em 4 seções principais. A seção 4.2 apresenta uma descrição das interrogativas WH múltiplas do PB. A seção 4.3 apresenta as resenhas dos trabalhos de Pesetsky (1987) e de Bošković (1998). A seção 4.4 apresenta uma análise das interrogativas WH múltiplas do PB e a última seção resume o capítulo.

4.2 Descrição tipológica

Nesta seção mostraremos rapidamente as propriedades das interrogativas WH múltiplas nas línguas em geral. Em seguida, faremos uma descrição de tais interrogativas do PB atual, em relação à posição que ocupam na sentença e ao tipo de sintagma WH no que se refere ao fato de ser argumento ou adjunto e, ainda, *não-D-linked* ou *D-linked* (cf. Pesetsky, 1987). Advertimos que os julgamentos de gramaticalidade de interrogativas WH múltiplas são delicados, uma vez que este tipo de sentença é um tanto ‘pesada’, devido à presença de (pelo menos) dois elementos WH. Desta forma, por vezes tivemos uma certa dificuldade em testar tais sentenças com

falantes do PB. Nestes casos, procuramos submeter as sentenças ao julgamento de um número maior de falantes.

4.2.1 Interrogativas WH múltiplas nas línguas em geral

Segundo Rudin (1988: 445-6), as línguas naturais apresentam várias estratégias na formação de sentenças interrogativas WH múltiplas. No inglês, por exemplo, um e somente um sintagma WH pode permanecer em Spec CP em sintaxe visível (1a). Já no chinês, todos os elementos WH permanecem *in situ* (1b). No francês, o movimento WH é opcional, isto é, ou um dos sintagmas WH se movimenta para Spec CP (1c), como em inglês, ou todos os sintagmas WH se mantêm *in situ* (1c'), como no chinês. Por fim, no russo, como nas demais línguas eslavas, todos os sintagmas WH se movem para a posição inicial da sentença em sintaxe visível (1d):

- | | |
|---|-----------|
| (1)a. <i>What did you give to whom?</i> | [inglês] |
| /o que (<i>do</i> -suporte) você deu a quem/
‘O que você deu a quem?’ | |
| b. Ni xiang-zhidao Lisi <i>weishenme</i> mai-le <i>shenme</i> ? ¹ | [chinês] |
| /você quer saber Lisi por que comprou o que/
‘Você quer saber por que Lisi comprou o quê?’ | |
| c. <i>Qu’ as- tu donné à qui?</i> | [francês] |
| /o que tem você dado a quem/
‘ O que você deu a quem?’ | |
| c’. Tu as donne <i>quoi à qui?</i> | [francês] |
| /você tem dado o que a quem/
‘Você deu o que a quem’ | |
| d. <i>Kto čto kogda skazal?</i> ² | [russo] |
| /quem o que quando disse/
‘ Quem disse o que quando?’ | |

¹ Exemplo retirado de Huang (1982).

Ao lado das línguas que apresentam interrogativas WH múltiplas, há aquelas como o irlandês (cf. Ackema & Neeleman, 1998: 479) e o italiano³ que não possuem interrogativas com WH múltiplo, como mostra (2):

- (2)a. *Cé aL rinne caidé [irlandês]
 /quem C fez o quê/
 ‘Quem fez o quê?’
- b.* Cosa hai dato a chi? [italiano]
 ‘O que deste pra quem?’

As interrogativas WH múltiplas do PB comportam-se de maneira semelhante às do francês, ou seja, com um dos sintagmas WH ocupando Spec CP e outro *in situ* em sintaxe visível (3a) ou com ambos *in situ* (3b):

- (3) a. *O que você emprestou pra quem?*
 b. *Você emprestou o que pra quem?*

Assim como as interrogativas WH múltiplas do inglês (Pesetsky, 1987) e das línguas naturais, na sua maioria, as interrogativas WH múltiplas do PB apresentam, em geral, respostas com interpretação de par múltiplo, o que significa que uma boa resposta para as sentenças em (3) seria por exemplo “Eu emprestei o lápis pra Joana, a caneta pra Ana, etc.”. Observe que a mesma resposta com interpretação de par múltiplo é válida tanto para a interrogativa (3a), com um dos elementos WH deslocado, quanto para a interrogativa em (3b), com os sintagmas WH todos *in situ*. Voltaremos à questão da interpretação das interrogativas WH múltiplas mais adiante, na seção 4.2.1.3.

Note, também, que existe um limite para o número de elementos que se pode interrogar numa só sentença. Um número muito alto de sintagmas interrogativos em uma mesma pergunta pode prejudicar a aceitabilidade da interrogativa, como se observa em (4) abaixo (cf. Sell, 1998):

² Wachovicz (1974), citado por Rudin (1988). Outras línguas que se comportam como o russo em relação a WH múltiplo são o servo-croata, o tcheco, o polonês, o ucraniano, o romeno e o búlgaro, entre outras (cf. Rudin, 1988; Bošković, 1998).

³ Veja Pesetsky (1987:128, nota 34).

(4) **Quem* o João viu *onde quando*?⁴

Podemos pensar que o problema de aceitabilidade em (4) acima é devido à presença de sintagmas WH adjuntos. Veja, porém, que se substituirmos os dois adjuntos da interrogativa em (4) acima por dois argumentos, a interrogativa torna-se um pouco melhor, como se observa em (4') abaixo, mas mesmo assim, apresenta problemas de gramaticalidade devido ao número elevado de elementos WH:

(4') ? *Quem* deu o *que pra quem*?

Podemos construir interrogativas WH múltiplas no PB com sintagmas WH simples (*não-D-linked*) ou com sintagmas WH acompanhados de um N foneticamente realizado (sintagmas WH *D-linked*). No decorrer da descrição, veremos os efeitos de termos sintagmas WH *D-linked* ou *não-D-linked* nas interrogativas WH múltiplas do PB. Também é possível construir interrogativas WH múltiplas em PB a partir de várias combinações entre argumentos e adjuntos, como veremos mais a frente.

A tabela abaixo resume as várias estratégias na formação de sentenças interrogativas WH múltiplas nas línguas em geral, a partir do que vimos nesta seção:

(5) Estratégias de formação de interrogativas WH múltiplas nas línguas em geral em sintaxe visível

	Apenas 1 movido	Todos <i>in situ</i>	Todos movidos
Inglês	Ok	*	*
Chinês	*	Ok	*
Russo	*	*	Ok
Francês	Ok	Ok	*
PB	Ok	Ok	*
Italiano/Irlandês	*	*	*

⁴ Alguns falantes do PB, quando consultados sobre a agramaticalidade da sentença em (4) acima, fazem alusão a uma sentença como em (i) abaixo, na qual os sintagmas WH *in situ onde e quando* estão em uma estrutura de coordenação, e que é substancialmente melhor que a interrogativa em (4):

(i) *Quem* o João viu *onde e quando*?

Observe na tabela acima que o PB se comporta como o francês. Nós veremos mais adiante, entretanto, que em alguns casos, mesmo que marginalmente, todos os sintagmas WH podem aparecer movidos em sintaxe visível em PB. Note também que nenhuma estratégia é permitida em italiano e irlandês, já que tais línguas não apresentam interrogativas com WH múltiplo.

Nas próximas seções veremos como se comportam as interrogativas WH múltiplas do PB no que diz respeito à posição que os sintagmas WH ocupam na sentença, levando em conta se são argumentos ou adjuntos e *D-linked* ou *não-D-linked*.

4.2.1.1 As interrogativas WH múltiplas matrizes do PB

Nesta seção apresentaremos uma descrição das interrogativas WH múltiplas do PB tendo em vista as várias combinações entre argumentos e adjuntos (*D-linked* e *não-D-linked*), a fim de verificar se a posição que eles ocupam na sentença influi na aceitabilidade da mesma. Veremos que, de modo geral, adjuntos WH não são bons *in situ* e que sentenças com elementos WH sujeitos apresentam Efeito de Superioridade, a menos que sejam *D-linked*.

4.2.1.1.1 Quando os sintagmas WH são argumentos

As sentenças em (6) abaixo combinam sintagmas WH simples em posição de sujeito e de objeto direto. Repare que em (6b) não é possível passar o elemento WH objeto para o início da sentença. Isso mostra que existe uma hierarquia entre os elementos WH de uma interrogativa WH múltipla, obrigando que alguns antecedam outros:

- (6) a. Quem comprou o quê?⁵
 b. *O que quem comprou?

⁵ Em sentenças como (6), é difícil sabermos se o sintagma WH sujeito permanece em Spec IP ou se ele foi movido para Spec CP.

Esse fenômeno, como temos visto, é chamado na literatura gerativa de Efeito de Superioridade e ele surge em uma interrogativa WH múltipla quando mais de um elemento WH é relevante nos padrões de resposta para a pergunta (cf. Pesetsky, 2000: 15).⁶

Veja que a combinação entre um elemento WH sujeito e um elemento WH objeto indireto, como em (7) abaixo, apresenta o mesmo problema mostrado acima se o sintagma WH objeto é movido para frente da interrogativa; ou seja, a sentença em (7b) apresenta Efeito de Superioridade:

- (7) a. Quem emprestou um livro pra quem?
 b. *Pra quem quem emprestou um livro?

Estas sentenças também podem ser construídas com sintagmas WH *D-linked*. Note que se os sintagmas WH de (6b) e (7b) são *D-linked*, as interrogativas se tornam melhores, embora ainda apresentem uma certa marginalidade, como mostra (8c-d):

- (8) a. Que professor emprestou que livro?
 b. Que professor emprestou o livro pra que aluno?
 c. ?Que livro que aluno comprou?
 d. ?Pra que aluno que professora emprestou um livro?

Também é possível construir interrogativas WH múltiplas combinando objeto direto e objeto indireto, como mostram as sentenças em (9) abaixo. Os dois elementos WH podem permanecer *in situ* (9a), mas não é possível que os dois sejam movidos ao mesmo tempo para a frente da interrogativa (9b-c):

- (9) a. A Maria emprestou o que pra quem?
 b. *O que pra quem a Maria emprestou?⁷
 c. *Pra quem o que a Maria emprestou?
 d. A Maria emprestou o que pra quem?

⁶ Veja nota 26 do capítulo 5.

⁷ Cf. quadro (5) da seção 4.2.1.

O interessante é que qualquer um deles pode aparecer na periferia esquerda da sentença, enquanto o outro permanece *in situ* (10a-b); ou seja, entre dois objetos não há Efeito de Superioridade:

- (10) a. Pra quem a Maria emprestou o quê?
 b. O que a Maria emprestou pra quem?

Novamente, observe que quando temos um elemento WH *D-linked* a sentença sempre se torna mais aceitável do que quando os sintagmas WH são *não-D-linked*. Mesmo com os dois sintagmas movidos para o início da sentença (11d), ela é melhor que sua contraparte (9b) com sintagmas WH simples:

- (11) a. A Maria emprestou que livro pra que aluno?
 b. Pra que aluno a Maria emprestou que livro?
 c. Que livro a Maria emprestou pra que aluno?⁸
 d. ??Que livro pra que aluno a Maria emprestou?
 e. ??Pra que aluno que livro a Maria emprestou?

A tabela abaixo resume o comportamento das interrogativas WH múltiplas com sintagmas WH argumentos:

⁸ Nos julgamentos de gramaticalidade das 3 primeiras sentenças de (11), a maioria dos falantes advoga que o segundo sintagma WH deveria ser com *qual* a fim de que a interrogativa se torne mais ‘específica’ e, assim, mais parecida com uma sentença da língua falada:

- (i) A Maria emprestou que livro pra qual aluno?
 (ii) Pra que aluno a Maria emprestou qual livro?
 (iii) Que livro a Maria emprestou pra qual aluno?

- (12) Gramaticalidade da interrogativa matriz quanto à posição que sintagmas WH múltiplos argumento/argumento ocupam na sentença em sintaxe visível

	Ambos <i>in situ</i>		1 movido e 1 <i>in situ</i>		Ambos movidos	
	<i>N-D-linked</i>	<i>D-linked</i>	<i>N-D-linked</i>	<i>D-linked</i>	<i>N-D-linked</i>	<i>D-linked</i>
SUJ / OD	–	–	Ok	Ok	–	–
OD / SUJ	–	–	–	–	*	?
SUJ / OI	–	–	Ok	Ok	–	–
OI / SUJ	–	–	–	–	*	?
OD / OI	Ok	Ok	Ok	Ok	*	??
OI / OD	Ok	–	Ok	Ok	*	??

Observe na tabela acima que nas interrogativas com sintagmas WH em posição de sujeito não é possível saber se eles estão em Spec IP ou em Spec CP. Além disso, note que as sentenças que eram agramaticais com sintagmas *não-D-linked* melhoram com sintagmas *D-linked*.

Quanto ao Efeito de Superioridade, temos a seguinte tabela:

- (13) Efeito de Superioridade em interrogativas WH múltiplas matrizes quanto à posição que sintagmas WH argumentos ocupam na sentença:

<i>não-D-linked</i>	<i>D-linked</i>
SUJ / OD	SUJ / OD
*OD / SUJ	?OD / SUJ
SUJ / OI	SUJ / OI
*OI / SUJ	?OI / SUJ
OD / OI	OD / OI
OI / OD	OI / OD

Veja em (13) acima que o Efeito de Superioridade só aparece em relação ao sintagmas WH em posição de sujeito. Ademais, se o sintagmas WH for *D-linked*, a sentença deixa de ser agramatical.

Na próxima seção, veremos como ficam interrogativas WH múltiplas que combinam sintagmas WH argumentos e adjuntos.

4.2.1.1.2 Quando um dos sintagmas WH é argumento e o outro é adjunto

Interrogativas WH múltiplas que combinam um argumento e um adjunto, embora sejam razoavelmente boas, apresentam problemas de aceitabilidade entre os falantes. Nas sentenças abaixo, nas quais temos sintagmas WH objeto direto e adjunto, a interrogativa (14b), na qual o adjunto *onde* aparece no início da sentença, é melhor do que a interrogativa (14a) com o adjunto no final da sentença. Observe igualmente que neste caso os elementos WH não podem permanecer ambos *in situ*, como em (14c):

- (14) a. ??Quem o João viu onde?
 b. ?Onde o João viu quem?
 c. *O João viu quem onde?

Observe que o paradigma é o mesmo com adjuntos do tipo *quando* e *como*:⁹

- (15) a. ??Quem o João viu quando/como?
 b. ?Quando/como o João viu quem?
 c. *O João viu quem quando/como?

Se na combinação adjunto / objeto direto este último for [- animado], em (16) abaixo, então os sintagmas WH podem marginalmente permanecer *in situ* (16a) ou

⁹ O elemento WH adjunto *por que* não pode ser o segundo sintagma WH em uma interrogativa múltipla (i)-(ii) do PB. Este comportamento peculiar é observado não só no PB, como também em outras línguas como o inglês (iii) (Xu, 1990:374):

(i)*Quem o João viu por quê?

(ii)*O João viu quem por quê?

(iii)*I wonder who bought the books why?

/eu quero saber quem comprou os livros por que/

“Eu quero saber quem comprou os livros por quê?”

Para uma explicação do comportamento peculiar de *por que* na língua inglesa veja Stroik (1992). Para uma explicação dos sintagmas WH adverbiais do PB, veja capítulo 5 desta tese.

qualquer um dos dois pode aparecer no início da sentença (16b-c), embora tais interrogativas não sejam totalmente aceitáveis:

- (16) a. ??A Maria comprou o que onde?
 b. ?O que a Maria comprou onde?
 c. ?Onde a Maria comprou o quê?

Além disso, a interrogativa se torna agramatical se ambos estiverem no início da sentença, como mostra (17) abaixo:

- (17) a. *O que onde a Maria comprou?
 b. *Onde o que a Maria comprou?

No caso de os sintagmas WH objeto direto e adjunto não estarem adjacentes, como em (18) abaixo, em que um objeto indireto os separa, a interrogativa ainda assim apresenta problemas:

- (18) ??A Maria emprestou o que pro João quando?

Por outro lado, se um dos sintagmas for movido para o início da sentença, aquela que apresenta o adjunto *in situ* é pior do que aquela que apresenta o objeto direto *in situ*. Veja os dois casos em (19a) e (19b), respectivamente:

- (19) a. ??O que a Maria emprestou pro João quando?
 b. ?Quando a Maria emprestou o que pro João?

No caso de interrogativas que combinam sintagmas WH objeto indireto e adjunto, a sentença é agramatical se os dois sintagmas permanecem *in situ*, como é o caso de (20a) abaixo. Se um dos sintagmas WH é movido para o início da interrogativa, novamente aquela com o adjunto *in situ* será pior, como mostra (17b), em contraste a (20c), com objeto indireto *in situ*:

- (20) a. *A Maria emprestou o livro pra quem quando?
 b. ??Pra quem a Maria emprestou o livro quando?
 c. ?Quando a Maria emprestou o livro pra quem?

Veja que também não é possível mover ambos os sintagmas WH para o início da sentença, como mostra (21) abaixo:

- (21) a. *Pra quem quando a Maria emprestou o livro?
 b. *Quando pra quem a Maria emprestou o livro?

Observe que o problema maior nas interrogativas acima sempre está naquelas que apresentam um adjunto *in situ*, tanto em interrogativas nas quais ambos os sintagmas WH estão *in situ* como naquelas em que o outro elemento WH (objeto direto ou indireto) foi movido para o início da sentença. Todavia se os sintagmas WH adjuntos são do tipo *D-linked*, este problema desaparece, como mostram os contrastes abaixo:

- (22) a. ??Quem o João viu onde?
 b. ?Onde o João viu quem?
 c. *O João viu quem onde?

- (23) a. Que professor o João viu em que bar?
 b. Em que bar o João viu que professor?
 c. O João viu que professor em que bar?

- (24) a. *A Maria emprestou o livro pra quem quando?
 b. ??Pra quem a Maria emprestou o livro quando?
 c. ?Quando a Maria emprestou o livro pra quem?

- (25) a. A Maria emprestou o livro pra que aluno em que dia?
 b. Pra que aluno a Maria emprestou o livro em que dia?
 c. Em que dia a Maria emprestou o livro pra que aluno?

As interrogativas em (22) e (23) apresentam sintagmas WH adjunto e objeto direto e as interrogativas em (24) e (25) apresentam sintagmas WH adjunto e objeto

indireto. Observe que nos exemplos (23) e (25), que apresentam sintagmas WH *D-linked*, não há mais problema em o adjunto permanecer *in situ*.

Além disso, interrogativas WH múltiplas são agramaticais se os dois sintagmas WH estiverem do início da sentença. Todavia, se os elementos WH são do tipo [WH+N], as sentenças se tornam melhores e a agramaticalidade mostrada acima nos exemplos (17) para objeto direto e adjunto e (21) para objeto indireto e adjunto desaparece. Isso pode ser visto nas interrogativas em (26) e (27), respectivamente:

- (26) a. ??Que livro em que loja a Maria comprou?
 b. ??Em que loja que livro a Maria comprou?
- (27) a. ?Pra que aluno em que dia a Maria emprestou o livro?
 b. ?Em que dia pra que aluno a Maria emprestou o livro?

Em uma interrogativa WH múltipla é possível combinar também sujeito e adjunto, como mostra (28) abaixo. Novamente, a sentença em (28a), na qual o adjunto *onde* aparece *in situ*, tem problemas de aceitabilidade. Por outro lado, os dois sintagmas WH no início tornam a sentença agramatical (28b):

- (28) a. ?Quem comprou o livro onde?
 b. *Onde quem comprou o livro?

Contudo, observe em (29a) abaixo que, se o sintagmas forem do tipo [WH + N], a sentença é aceitável mesmo com o adjunto *em que livraria* no final da sentença. De maneira semelhante, a interrogativa (28b) acima, que era agramatical com os dois sintagmas WH simples no início da sentença, torna-se um pouco mais aceitável com sintagmas [WH + N], em (29b):

- (29) a. Que aluno comprou o livro do Fernando Pessoa em que livraria?
 b. ??Em que livraria que aluno comprou o livro do Fernando Pessoa?
 d. ?Que aluno em que livraria comprou o livro do Fernando Pessoa?

Nesta seção, vimos que interrogativas WH múltiplas em que um dos sintagmas WH *não-D-linked* é um adjunto (*in situ* ou deslocado) apresentam problemas de aceitabilidade. Por outro lado, se as mesmas sentenças são construídas com sintagmas

WH *D-linked*, elas se tornam gramaticais. A tabela abaixo resume os fenômenos em relação a interrogativas WH múltiplas que apresentam um sintagma WH argumento e outro adjunto:

(30) Gramaticalidade da interrogativa quanto à posição que sintagmas WH múltiplos argumento/adjunto ocupam na sentença em sintaxe visível

	<i>Ambos in situ</i>		1 movido e 1 <i>in situ</i>		<i>Ambos movidos</i>	
	<i>N-D-linked</i>	<i>D-linked</i>	<i>N-D-linked</i>	<i>D-linked</i>	<i>N-D-linked</i>	<i>D-linked</i>
ADJ / OD	–	–	?	Ok	*	??
OD / ADJ	* / ?? ¹⁰	Ok	??	Ok	*	??
ADJ / OI	–	–	?	Ok	*	??
OI / ADJ	*	Ok	??	Ok	*	??
SUJ / ADJ	–	–	?	Ok	*	?
ADJ / SUJ	–	–	*	??	*	??

Já a tabela abaixo resume o comportamento das interrogativas com sintagmas WH argumento/adjunto quanto ao Efeito de Superioridade:

(31) Efeito de Superioridade em interrogativas WH múltiplas matrizes quanto à posição que sintagmas WH argumento/adjunto ocupam na sentença:

<i>Não-D-linked</i>	<i>D-linked</i>
ADJ / OD	ADJ / OD
OD / ADJ	OD / ADJ
ADJ / OI	ADJ / OI
OI / ADJ	OI / ADJ
SUJ / ADJ	SUJ / ADJ
*ADJ / SUJ	??ADJ / SUJ

¹⁰ * = objeto direto [+ animado]
 ?? = objeto direto [-animado].

Veja que a única sentença que apresenta Efeito de Superioridade visível é aquela na qual o sintagma WH adjunto precede o sintagma WH sujeito. Note também que a sentença melhora com sintagmas WH *D-linked*.

Na próxima seção, examinaremos como se comportam interrogativas WH múltiplas que apresentam apenas adjuntos.

4.2.1.1.3 Quando os dois sintagmas WH são adjuntos

Não é possível fazer pergunta WH múltipla com dois adjuntos, como mostra (32b) abaixo, independente da combinação de posições que fizemos entre eles:

- (32) a. [Ontem a Maria encontrou o João no bar.]
 b. **Quando* a Maria encontrou o João *onde*?
 c. *A Maria encontrou o João *onde quando*?¹¹
 b. **Onde* a Maria encontrou o João *quando*?

Confirmando um comportamento mostrado até aqui, se as interrogativas acima são construídas com sintagmas WH *D-linked*, como mostra (33) abaixo, embora não sejam de todo aceitáveis, são melhores se comparadas às interrogativas em (32) acima:

- (33) a. ?A Maria encontrou o João *que dia em que bar*?
 b. ?*Que dia* a Maria encontrou o João *em que bar*?
 c. ?*Em que bar* a Maria encontrou o João *que dia*?

Observe que entre os sintagmas WH *D-linked* em (33b) e (33c) parece também não haver Efeito de Superioridade, já que as duas interrogativas apresentam a mesma aceitabilidade.

Por outro lado, não é possível mover os dois sintagmas WH adverbiais para o início da sentença, mesmo que sejam *D-linked*, como mostra (34b) abaixo:

¹¹ Uma sentença deste tipo, como observam os falantes consultados, ficaria melhor em uma estrutura de coordenação:

(i) A Maria encontrou o João *onde e quando*?

- (34) a. *Onde quando a Maria encontrou o João?
 b. *Em que bar em que dia a Maria encontrou o João?

Resumindo o comportamento das interrogativas WH múltiplas matrizes com adjuntos, temos a seguinte tabela:

- (35) Gramaticalidade quanto à posição que sintagmas WH múltiplos adjuntos ocupam na sentença em sintaxe visível:

	Ambos <i>in situ</i>	1 movido e 1 <i>in situ</i>	Ambos movidos
<i>Não-D-linked</i>	*	*	*
<i>D-linked</i>	?	?	?

A tabela acima mostra que em PB não é possível construir interrogativas WH múltiplas com dois adjuntos *não-D-linked*. Contudo, as interrogativas melhoram se os sintagmas WH adjuntos são *D-linked*, o que reforça o contraste entre *D-linked* e *não-D-linked*. No caso de interrogativas com dois sintagmas WH adjuntos não há Efeito de Superioridade.

4.2.1.1.4 Resumo das interrogativas WH múltiplas matrizes

Alguns fatos chamam a atenção na descrição feita até aqui das interrogativas WH múltiplas do PB. O primeiro deles é o comportamento das interrogativas com sintagmas WH adjuntos, as quais apresentam problemas de aceitabilidade se tais sintagmas aparecem *in situ*. Veremos no próximo capítulo, contudo, que sintagmas WH adjuntos podem perfeitamente permanecer *in situ* em interrogativas WH simples.

Além disso, vimos que sentenças agramaticais ou com problemas de aceitabilidade, com sintagmas WH *não-D-linked*, melhoram substancialmente se os sintagmas são *D-linked*, inclusive no caso de os dois sintagmas WH estarem no início da sentença, estratégia esta incomum em línguas como PB. Só não é possível mover os sintagmas WH adverbiais para o início da sentença, independentemente de serem *D-linked* ou *não-D-linked*.

Quanto ao Efeito de Superioridade, a tabela abaixo resume o comportamento das interrogativas WH múltiplas matrizes:

(36) Efeito de Superioridade em interrogativas WH múltiplas matrizes quanto à posição que os sintagmas WH ocupam na sentença:

		<i>não-D-linked</i>	<i>D-linked</i>
Sintagmas WH	Argumentos	SUJ / OD *OD / SUJ SUJ / OI *OI / SUJ OD / OI OI / OD	SUJ / OD ?OD / SUJ SUJ / OI ?OI / SUJ OD / OI OI / OD
	Argumento / adjunto	ADJ / OD OD / ADJ ADJ / OI OI / ADJ SUJ / ADJ *ADJ / SUJ	ADJ / OD OD / ADJ ADJ / OI OI / ADJ SUJ / ADJ ??ADJ / SUJ
	Adjuntos	–	ADJ / ADJ

A tabela acima mostra que Efeito de Superioridade aparece quando um dos sintagmas WH é o sujeito da sentença. Veja, entretanto, que tais sentenças melhoram se os sintagmas são *D-linked*. O que acontece, então, é que quando nenhum dos sintagmas são o sujeito da sentença, o Efeito de Superioridade não se manifesta.

4.2.1.2 Interrogativas WH múltiplas encaixadas do PB

Interrogativas WH múltiplas encaixadas apresentam fenômenos semelhantes aos mostrados em relação às interrogativas WH múltiplas matrizes. Em interrogativas WH m[últiplas encaixadas, por causa da subcategorização do verbo matriz *perguntar*, um dos sintagmas WH deve encabeçar a sentença encaixada enquanto o outro permanece *in situ*:

- (37) a. O João perguntou o que você emprestou pra quem.¹²
 b. O João quer saber pra quem você emprestou o quê.

Na interrogativa em (37) não há Efeito de Superioridade, já que os sintagmas WH são objetos direto e indireto. Em (38) abaixo, entretanto, o Efeito de Superioridade aparece no caso, por exemplo, de os sintagmas serem sujeito e objeto, como mostra (38b):

- (38) a. O João perguntou quem emprestou o que pra Maria.
 b. *O João perguntou o que quem emprestou pra Maria.

Veja que, da mesma forma que as interrogativas WH múltiplas matrizes, a aceitabilidade da interrogativa encaixada em (38) acima cresce se os sintagmas forem do tipo *D-linked*, como em (39):

- (39) ??O João perguntou que livro que professor emprestou pra Maria.

Da mesma forma que nas interrogativas WH múltiplas matrizes, sintagmas WH adjunto nas encaixadas também apresentam problemas de aceitabilidade se permanecem *in situ*:

- (40) ??O João perguntou o que a Maria emprestou pra Joana quando.

Quando os dois sintagmas WH são adjuntos em interrogativas WH múltiplas encaixadas, observamos o mesmo fenômeno mostrado para as matrizes, ou seja, a sentença torna-se agramatical, como vemos em (41):

- (41) a. [Ontem a Maria encontrou o Pedro no bar.]
 b. *O João perguntou *quando* a Maria encontrou o Pedro *onde*.
 c. *O João perguntou *onde* a Maria encontrou o Pedro *quando*.

¹² No caso da encaixada em (37a), diferentes do que vimos para as matrizes, podemos dizer que o sintagma WH sujeito, bem como qualquer outro elemento WH, está em Spec CP, já que o verbo da matriz seleciona um CP [+WH], cujo Spec deve estar ocupado em sintaxe visível.

Observe, contudo, que se as sentenças acima são construídas com sintagmas WH *D-linked*, como mostra (42), há uma melhora significativa na aceitabilidade das interrogativas:

- (42) a. [Ontem a Maria encontrou o Pedro no bar.]
 b. ?O João perguntou *em que dia* a Maria encontrou o Pedro *em que bar*.
 c. ?O João perguntou *em que bar* a Maria encontrou o Pedro *em que dia*.

A partir da descrição acima, podemos resumir o comportamento das interrogativas WH múltiplas encaixadas como segue:

- (a) sentenças encaixadas WH múltiplas apresentam um CP [+WH];
 (b) como o CP encaixado é [+WH], um dos sintagmas WH deve ocupar o Spec CP encaixado, enquanto o outro permanece *in situ*;
 (c) da mesma forma como nas interrogativas WH múltiplas matrizes, sintagmas WH adjunto *in situ* trazem problemas de aceitabilidade para as interrogativas WH múltiplas encaixadas.

4.2.1.3 A interpretação das interrogativas WH múltiplas

Como dissemos no início deste capítulo, interrogativas WH múltiplas apresentam, em geral, interpretação de par múltiplo. Uma boa resposta para a interrogativa em (43a), com sintagmas WH simples, será como em (43b). Todavia, parece que tal interrogativa não pode ter leitura de par único, como mostra (43c), a menos que seja uma pergunta-eco:

- (43) a. *Quem* emprestou o *quê*?
 b. A Ana emprestou o lápis, a Maria a caneta e o João o caderno.
 c. *A Ana emprestou o lápis.¹³

Por outro lado, uma interrogativa com sintagmas [WH + N], como (44) abaixo, pode receber tanto leitura de par múltiplo (44b) como leitura de par único (44c):

- (44) a. Que/qual aluno emprestou que/qual material?
 b. A Ana emprestou o lápis, a Maria a caneta e o João o caderno.
 c. A Ana emprestou o lápis.

Entretanto, nas sentenças abaixo com sintagmas [WH + N], somente (45a) tem leitura de par múltiplo, como em (45b). A interrogativa (46a) só pode receber leitura de par único, como em (46b) (cf. Barss, 2000:38):

- (45) a. Qual homem você acha que ajudou qual mulher ontem?
 b. O João ajudou a Maria, o Pedro ajudou a Ana, ...
- (46) a. ?Qual mulher você acha que qual homem ajudou ontem?
 b. A Maria, (eu acho que) o João ajudou.

Além disso, Bošković (1998: 18) observa que línguas de WH *in situ*, como o chinês e o japonês, têm preferência por leitura de par único nas interrogativas WH. Por outro lado, línguas que apresentam movimento WH visível, como o inglês, têm preferência por leitura de par múltiplo. Uma observação semelhante é feita por Huang (1982) em relação ao chinês, ou seja, que esta língua tem preferencialmente leitura de par único. Veja que em relação ao PB este fenômeno é sutil e não há consenso nos julgamentos dos falantes quando perguntados sobre as interpretações das interrogativas abaixo:

- (47) a. O João deu o que pra quem?
 – O João deu o lápis pra Maria, o caderno pra Ana, ...
 – O João deu o lápis pra Maria.
- b. O que o João deu pra quem?
 – O João deu o lápis pra Maria, o caderno pra Ana, ...
 – ?O João deu o lápis pra Maria.

¹³ Este tipo de resposta também pode ser dado em contextos em que há uma lista, mas só se conhece o primeiro par da lista, algo como *A Ana emprestou o lápis (os outros eu não sei)*. Repare que deve haver uma prosódia especial marcando esse tipo de resposta.

Parece-nos que no caso de múltiplas com movimento WH visível, como é o caso de (47b) acima, a resposta preferencial é de par múltiplo. Por outro lado, múltiplas com sintagmas WH *in situ*, como em (47a) acima, podem receber tanto resposta de par múltiplo como de par único.

4.2.2 Resumo da descrição das interrogativas WH múltiplas do PB

Vimos que as interrogativas WH múltiplas do PB, de modo geral, podem ser construídas com um dos sintagmas WH em Spec CP e outro *in situ*, ou com ambos *in situ* (no caso das matrizes). Vimos também que interrogativas WH com adjuntos WH *não-D-linked* apresentam problemas de aceitabilidade se estes permanecem *in situ*. Por outro lado, se os adjuntos WH são *D-linked*, a aceitabilidade dessas interrogativas cresce. De modo geral, as sentenças melhoram com sintagmas WH *D-linked*, mesmo quando estão em jogo fenômenos como Efeito de Superioridade.

Além disso, enquanto as interrogativas com sintagmas WH *não-D-linked* só aceitam leitura de par múltiplo, as perguntas com sintagmas WH *D-linked* podem receber tanto leitura de par múltiplo, como somente leitura de par único (46).

A partir do que vimos, então, na descrição das interrogativas WH múltiplas do PB, os fatos que merecem ser explicados são:

- (a) mover um dos sintagmas WH ou deixar ambos *in situ*;
- (b) sintagmas WH adverbiais são ruim *in situ*, mas melhoram se são *D-linked*;
- (c) *D-linked* é sempre melhor quando há Efeito de Superioridade;
- (d) quando há movimento WH visível, a resposta preferencial é de par múltiplo.

4.3 Dois estudos acerca das interrogativas WH múltiplas

Esta seção apresenta dois estudos acerca dos fenômenos relacionados às interrogativas WH múltiplas. O primeiro, de Pesetsky (1987), discute as diferenças que sintagmas WH *D-linked* e *não-D-linked* apresentam. O segundo, de Bošković (1998), apresenta uma proposta minimalista para as interrogativas WH múltiplas de línguas como o servo-croata que não manifestam Efeito de Superioridade.

4.3.1 Pesetsky (1987)

Nesta seção apresentamos o texto clássico de Pesetsky (1987), o qual propõe que, dependendo do tipo do sintagma WH (*D-linked* ou *não-D-linked*), há ou não movimento em LF.

Segundo Pesetsky (1987), existem dois tipos de WH *in situ*: um que se move em LF e outro que não se move. Uma vez que ambos apresentam ambigüidade de escopo, o autor se inspira na distinção entre *indefinidos* e *quantificadores* de Heim (1982)¹⁴ para caracterizar a diferença entre os dois tipos de WH *in situ*.

O autor mostra também que interrogativas múltiplas revelam ambigüidade de escopo; em uma sentença como (48), o WH *in situ* (*o que*) pode ser emparelhado com qualquer um dos outros WH que estão em Comp. Se *o que* é emparelhado com o WH que está no Comp mais baixo (*onde*), a resposta boa é *João sabe que nós compramos o livro em Amsterdam, o disco em Groningen, etc.* Se *o que* é emparelhado com o WH que está no Comp mais alto (*quem*), a resposta boa é *João sabe onde nós compramos o livro* (por exemplo, em Amsterdam):

(48) Quem sabe onde nós compramos o quê?¹⁵

Para explicar essa ambigüidade, Pesetsky discute a proposta de Baker (1970) por um lado e, por outro, a de Chomsky (1976), desenvolvida por Kayne (1979) e outros, e

¹⁴ Citado por Pesetsky (1987).

propõe que ambas podem ser utilizadas para interpretações de difernets tipos de WH *in situ*. Conforme o autor, Baker propõe coindexar os sintagmas WH, tanto os movidos como os *in situ*, com um morfema Q encontrado no Comp de sentenças interrogativas. Desta forma, o escopo dos sintagmas WH estaria representado, desfazendo, assim, a ambigüidade da sentença acima, que resulta da possibilidade de duas coindexações distintas de *o que*, como podemos observar em (49) abaixo:

- (49) a. $[[_{\text{Comp}} Q_j \text{ Quem }_j] e_j \text{ sabe } [[_{\text{Comp}} Q_{i,k} \text{ onde }_k] \text{ nós compramos } (o \text{ quê})_i e_k]]$
 b. $[[_{\text{Comp}} Q_{i,j} \text{ Quem }_j] e_j \text{ sabe } [[_{\text{Comp}} Q_k \text{ onde}_k] \text{ nós compramos } (o \text{ quê})_i e_k]]$

Segundo Chomsky (1976), WHs *in situ* sofrem o processo de movimento WH no nível de LF. Portanto, todas as palavras WH, tanto as que foram movidas em SS como as que foram movidas em LF, estão em Comp em LF. Uma vez que o escopo de um sintagma WH é determinado segundo o Comp no qual ele se encontra, a leitura de escopo estreito de (48) resulta do movimento em LF de *o que* para o Comp mais baixo (50a); já a leitura de escopo amplo, em (48), é fruto do movimento em LF de *o que* para o Comp mais alto (50b):

- (50) a. $[[_{\text{Comp}} \text{ Quem}_j] e_j \text{ sabe } [[_{\text{Comp}} (o \text{ que})_i \text{ onde}_k] \text{ nós compramos } e_i e_k]]$
 b. $[[_{\text{Comp}} (O \text{ que})_i \text{ quem}_j] e_j \text{ sabe } [[_{\text{Comp}} \text{ onde}_k] \text{ nós compramos } e_i e_k]]$

A proposta de Chomsky se baseia nos seguintes princípios:

(51) Todo quantificador (operador) ocupa uma posição A' em LF.

(52) Sintagmas WH são quantificadores (operadores).

Segundo Pesetsky, a distinção entre as análises de Baker e de Chomsky para WH *in situ* é semelhante às análises de Heim e de Russell para *indefinidos*. Enquanto a análise tradicional que começa com Russell propõe que *indefinidos* são quantificadores e se movem para uma posição A' no nível de LF deixando uma variável em sua posição

¹⁵ Os exemplos de Pesetsky (1987) foram traduzidos do inglês para o PB sempre que o problema discutido for idêntico em ambas as línguas. No caso de o PB não ilustrar o fenômeno em discussão, mantém-se o exemplo em inglês.

de origem, Heim (1982)¹⁶ postula que NPs *indefinidos* não são quantificadores, apesar de apresentarem ambigüidade de escopo. Seu caráter quantificacional dependerá do quantificador ou advérbio de quantificação que o acompanhar.¹⁷

Pesetsky mostra que indefinidos não obedecem a efeitos de ilha na determinação de seu escopo.¹⁸ O autor conclui, então, que eles não têm escopo por extração. Heim distingue quantificadores reais de elementos ligados não-seletivamente porque, assim como existem fenômenos de escopo que não obedecem condições de ilha, também há aqueles que obedecem, como, por exemplo, um NP com *every*, que não pode tomar escopo fora da sentença-*if*, como vemos em (53) abaixo:

- (53) *If John comes upon every donkey at the zoo, Mary tries to hide it.
/se John encontra todo burro no jardim zoológico, Mary tenta esconder isto/

Isso é explicado se *every* é interpretado depois da extração:

- (54) [every donkey_i [if John comes upon e_i, Mary always tries to hide it_i]]

¹⁶ Heim (1982) desenvolve idéias de Lewis (1975).

¹⁷ Indefinidos parecem mais com variáveis que devem ser ligadas por algum quantificador. *Sempre* em (iii) abaixo é um *unselective binder*, pois pode ligar mais que uma variável. (i)a-d têm suas paráfrases com quantificadores reais em (ii)a-d:

- (i)a. Se um homem possui um burro, ele sempre bate nele.
b. Na maioria dos casos, se uma mesa durou cinco anos, ela durará por outros cinco anos.
c. Algumas vezes, se um gato cai do quinto andar, ele sobrevive.
d. Se uma pessoa cai do quinto andar, ele ou ela muito raramente sobreviverá.
(ii) a. Para todo homem e todo burro tal que o primeiro possua o último, ele bate nele.
b. Muitas mesas que têm durado por cinco anos duram por outros cinco.
c. Alguns gatos que caem do quinto andar sobrevivem.
d. Muito poucas pessoas que caem do quinto andar sobrevivem.
(iii)[sempre [se um homem_i possui um burro_j, ele_i bate nele_j]].

Heim traça um contraste entre a análise acima de indefinidos e um tratamento mais tradicional de indefinidos como quantificadores, que recebe a seguinte representação lógica:

- (iv)[um homem_i [um burro_j [se e_i possui e_j, ele_i sempre bate nele_j]]]

¹⁸ A sentença (i) abaixo o indefinido pode ter escopo fora da sentença-*if*. Se este indefinido obtém escopo por extração, como em (ii)a, não se pode explicar facilmente por que ele não obedece condição de ilha que prevê agramaticalidade quando tal extração se dá em interrogativas WH (ii)b e estrutura de topicalização (ii)c:

- (i) If John comes upon a donkey, Mary always tries to hide it.
/ se John encontrar um burro Mary sempre tenta esconder ele/
(ii) a. [a donkey_i [if John comes upon e_i, Mary always tries to hide it_i]]
/um burro se John encontrar Mary tenta esconder ele/
b. *What donkey_i, if John comes upon e_i, does Mary try to hide it_i?
/que burro se John encontrar do-suporte Mary tenta esconder ele/
c. *This donkey_i, if John comes upon e_i, Mary tries to hide it_i.

Parece, portanto, que um NP com *every*, diferentemente de um indefinido, toma escopo como um resultado de extração. Obtém-se então o efeito de ilha.

Pesetsky afirma que o morfema Q de Baker é um *unselective binder* de Heim. Desta forma, a proposta de Baker é usada para tratar alguns WH *in situ* que não apresentam efeito de ilha na determinação de seu escopo, mas fazem vinculação não-seletiva, como os indefinidos. Por outro lado, a proposta de Chomsky é utilizada para tratar WHs *in situ* que apresentam efeito de ilha e, portanto, movimento em LF, como quantificadores reais.

Para demonstrar que está correta a análise chomskyana de que alguns WH *in situ* se movem em LF, Pesetsky define Condição de Superioridade como em (55) abaixo. Chomsky (1973)¹⁹ notou que tal condição se aplica em interrogativas múltiplas do inglês:

- (55) Em uma interrogativa múltipla, na qual um dos sintagmas WH está em Comp e o outro *in situ*, o vestígio em SS do WH que está em Comp deve comandar a posição SS do WH que está *in situ*.

Entretanto, a Condição de Superioridade, tal como está colocada, traz certos problemas, uma vez que é difícil entender por que o WH *in situ* deve manter algum tipo de relação com o vestígio do WH em Comp.

Pesetsky assume, então, uma versão da análise de Chomsky de WH *in situ*, segundo a qual se o WH *in situ* se move em LF, é possível explicar o Efeito de Superioridade como o resultado de uma condição familiar sobre movimento WH em SS.

O autor afirma que estruturas como (56a) e (57a) abaixo são freqüentemente tomadas como marginais porque violam a Condição de ilha WH. No entanto, são melhores que suas contrapartes (56b) e (57b):

- (56) a. ?*What book_j don't you know who_i to persuade e_i to read e_j?*
 /*que livro você não sabe quem persuade a ler/*
 b. **Who_i don't you know what book_j to persuade e_i to read e_j?*
 /*quem você não sabe que livro persuade a ler/*
 (57) a. ?*This is one book which_j I do know who_i to talk to e_i about e_j*

/Este burro se John encontrar Mary tenta esconder ele/

- / Este é um livro que eu sei quem_i falar para e_i sobre e_j/
- b. *John is one guy *who*_i I do know *what book*_j to talk to e_i about e_j
- /John é um cara_i que eu sei que livro_j falar com ei sobre ej/

Nos exemplos (56a) e (57a) os vestígios-WH e os sintagmas WH estão em relação sem cruzamento, enquanto nos exemplos (56b) e (57b) as relações estão cruzadas. Assim, as frases gramaticais podem ser excluídos por uma versão do *Nested Dependency Condition* (NDC):

(58) *Nested Dependency Condition* (NDC)

Se dois vestígios-WH se sobrepõem, um deve conter o outro.

O NDC é uma condição sobre movimento e não é difícil ver que o Efeito de Superioridade pode ser derivado do NDC, dada a hipótese do movimento em LF do WH *in situ*. Se o NDC é uma condição de movimento, então o Efeito de *Nested Dependency* (NDE) será diagnóstico de movimento. O autor encontra no fato de WH *in situ* mostrar NDE um forte argumento para afirmar que WH *in situ* passa por movimento WH em LF, o que é também um argumento em favor da análise de Chomsky.

Entretanto, nem sempre ocorre Efeito de Superioridade, como podemos observar nos exemplos abaixo:

- (59) a. *Qual pessoa*_i você persuadiu e_i a ler *qual livro*?
- b. *Qual livro*_i você persuadiu *que pessoa* a ler e_i?
- (60) a. Maria perguntou *qual pessoa*_i e_i leu *qual livro*.
- b. Maria perguntou *qual livro*_i *qual pessoa* leu e_i.

Pesetsky afirma que existe uma diferença entre sintagmas-*qual* (sintagmas-*which*) e a ocorrência normal de *quem* e *o que*. O autor sugere que a diferença relevante entre as ocorrências normais de *quem* e *o que* e os sintagmas-*qual* está no discurso. Assim, os primeiros são normalmente *não-D-linked* (*Non-Discourse-linked*), enquanto

¹⁹ Citado por Pesetsky (1987).

os sintagmas-*qual* são *D-linked* (*Discourse-linked*).²⁰ Entretanto, sintagmas-*qual* mostram a mesma ambigüidade de escopo que os outros sintagmas WH. Se esta discussão está correta, sintagmas-*qual* requerem um método de determinação de escopo que não envolva movimento LF, como, por exemplo, a representação de Baker, com ligação não-seletiva por Q.

O escopo de um sintagma-*qual* pode ser determinado pelo Comp que contém seu índice depois que a ligação pela análise de Baker for aplicada, como em (61) abaixo:

(61) ...[S' [Comp Q_{i,j} *qual homem_i*] [S e_i leu *qual livro_j*]]

Entretanto, não se pode escolher livremente entre a análise de Baker e a análise de Chomsky. Se *D-linking* rege a possibilidade de uma interpretação nos moldes da de Baker para WH *in situ*, então Pesetsky modifica (52) para (62):

(62) Sintagmas WH *não-D-linked* são quantificadores e são adjungidos a S'.

Esta adjunção é obrigatória em LF devido ao princípio (51) acima, segundo o qual todo quantificador deve estar em uma posição A' em LF. Pesetsky assume que tanto a análise de Baker quanto a de Chomsky para WH *in situ* são permitidas pela Gramática Universal. Os princípios (62) e (51) juntos excluem a análise de Baker para sintagmas WH *não-D-linked*, mas permitem a análise do Chomsky. Por outro lado, o autor supõe (63):

(63) Sintagmas WH *D-linked* não são quantificadores.

Sintagmas WH *D-linked* recebem, então, a análise de Baker, isto é, sem movimento. Por isso, escapam do NDC e não exibem Efeito de Superioridade. Como não se movem, tomam escopo através do mecanismo de ligação proposto por Baker. Já os sintagmas WH *não-D-linked* recebem a análise de Chomsky segundo a qual há movimento em LF e, portanto, essas construções exibem Efeito de Superioridade.

²⁰ Segundo Pesetsky (1987), quando um falante pergunta *Qual livro você leu?*, a cadeia de “respostas felizes” se restringe a um conjunto de livros que ambos, falante e ouvinte, têm em mente, o que não ocorre obrigatoriamente com os sintagmas *quem* e *o que*.

Assim, Pesetsky sustenta a hipótese de que alguns WH *in situ* se movem em LF e outros não. Aqueles que se movem mostram diagnóstico de movimento através do NDE. Além disso, o autor afirma que sintagmas WH devem se mover em LF somente se são *não-D-linked*. Caso contrário, não apresentam movimento e tomam escopo através do mecanismo de ligação não-seletiva proposto por Baker.

Movimento em LF deve obedecer Subjacência. A predição que Pesetsky faz para uma língua sem movimento WH visível é que, em interrogativas com sintagmas WH *D-linked*, o efeito de Subjacência desapareceria, enquanto sintagmas WH *não-D-linked* exibiriam efeitos de Subjacência, o que seria, pois, evidência de movimento em LF.

Usando exemplos do japonês, Pesetsky mostra que, de fato, quando o sintagma WH é decididamente *não-D-linked* (como *que* diabos, por exemplo), as interrogativas exibem efeito de Subjacência e, portanto, de movimento em LF. Por outro lado, quando há violação aparente de Subjacência, como em (64a) abaixo, o esperado seria que o WH fosse *D-linked*. No entanto, aparentemente não o é. O autor vai mostrar então que, quando o sintagma WH está encaixado em uma ilha, uma resposta que corresponde simplesmente ao sintagma WH não é a melhor resposta (a mais ‘feliz’, nos seus termos) para muitos falantes desta língua. Em vez disso, uma resposta ‘feliz’ deve recapitular a ilha inteira, como mostram as sentenças abaixo:

(64) a. Mary-wa John-ni nani-o ageta hito-ni atta-no?

‘A Maria encontrou o homem que deu o que pro João?’

b. */?? Konpyuutaa desu.

‘Um computador.’

c. Konpyuutaa-o ageta hito desu.

‘O homem que deu um computador.’

Segundo Pesetsky, que se baseia em Choe (1984) e Nishigauchi (1984)²¹, esses fatos sugerem *pied-piping*. O autor considera, então, que o seguinte princípio se aplica em japonês:

(65) Princípio da Felicidade:

²¹ Ambos citados por Pesetsky (1987).

Uma resposta feliz para uma interrogativa WH consiste de um sintagma estruturalmente idêntico ao sintagma WH cujo índice é imediatamente dominado pelo Comp da pergunta em LF.

Pesetsky examina, então, as conseqüências de Subjacência se aplicar em LF e de o sintagma WH em (64) receber uma análise de movimento no estilo Chomsky. Embora o movimento WH não possa mover o sintagma WH para fora do NP complexo, a priori nada impede *pied-piping* do sintagma WH inteiro. Se *pied-piping* se aplica, então a (64) tem uma representação em LF como em (66):

(66) Mary-wa e_i atta- [Comp no [NP [S' John-ni nani-o ageta] hito-no]_i]
/Mary-Top encontrou- Q John-Dat o que-Acc deu homem-Dat/

Segundo Pesetsky, o princípio de Felicidade prevê corretamente o padrão de respostas. Veja entretanto, que no PB os fatos não são os mesmos, já que uma interrogativa como em (64) pode receber os dois padrões de resposta, como mostra (67) abaixo:

- (67) a. A Maria encontrou o homem que deu o que pro João?
b. Um computador.
c. (O homem) que deu um computador.

Se a resposta em (67b) é possível em PB, isso parece mostrar que pelo menos neste caso não há *pied-piping* do complexo NP inteiro no PB. Nesta análise, isto indicaria, portanto, que se o sintagma WH se move em LF, há violação de Subjacência. Para não admitirmos tal violação, é plausível pensar que nestes casos o sintagma WH em PB permanece *in situ* em LF, precisando ser interpretado de outra maneira.

Ademais, segundo Pesetsky (1987), Lasnik & Saito (1984)²², a fim de explicar a gramaticalidade da interrogativa do japonês em (68) abaixo, postulam, seguindo Huang (1982), que movimento WH em LF não obedece Subjacência. Note que a sentença do japonês (68) contrasta com sua contraparte em inglês (69) (e também com a tradução para o PB), que é agramatical dado que o sintagma WH é extraído da ilha relativa:

²² Citado por Pesetsky (1987).

(68) Mary-wa John-ni nani-o ageta hito-ni atta-no?

/Mary-Top John-Dat o que-Acc deu homem-Dat encontrou-Q/

‘A Maria encontrou o homem que deu o que pro João?’

(69) *What_i did Mary meet the man who gave e_i to John?

/o que do-sup. Mary encontrou o homem que deu a John/

‘* O que que a Maria encontrou o homem que deu *t* pro João?’

Uma vez que é assumido que o sintagma WH *in situ* do japonês (e também do chinês – cf. Huang, 1982) passa por movimento WH em LF, a gramaticalidade da interrogativa em (68) só pode ser explicada se tal movimento não obedece Subjacência. Por outro lado, dado que este fenômeno de ilha – Restrição sobre NP complexo, é o principal teste que diagnostica movimento, Pesetsky acredita que este é um forte argumento de que a derivação em LF não envolve movimento.²³

Veja que também em PB o sintagma WH *in situ* viola Subjacência se passa por movimento em LF, como observamos em (70b), que mostra a representação LF de (70a):

(70) a. ?A Maria encontrou o homem que deu o que pro João?

b.* O que a Maria conhece o homem que deu __ pro João?

Se sintagma WH *in situ* de interrogativas WH *in situ* simples violam Subjacência em LF, isso significa que devem ser interpretados *in situ*, sem passar por movimento em LF.

4.3.2 Bošković (1998)

Para Bošković (1998), movimento WH é acionado exclusivamente para checar o traço forte de C. Além do movimento WH, pode haver um outro tipo de movimento,

²³ Mas Pesetsky (1987) vai mostrar, como veremos no capítulo 5 desta tese, que sintagmas WH *não-D-linked* passam por movimento em LF, enquanto sintagmas WH *D-linked* podem ser interpretados *in situ*. As conseqüências desta abordagem serão discutidas no capítulo 5.

que o autor chama de *fronteamento não-WH*. Este termo é usado para indicar qualquer movimento de sintagma WH que não é motivado pela checagem do traço forte de C. A diferença entre movimento WH e *fronteamento não-WH* é que, enquanto as construções em que se dá movimento WH manifestam Efeito de Superioridade, as construções que apresentam *fronteamento não-WH* não exibem tal efeito.

Em outras palavras, em uma língua como o servo-croata, que apresenta todos os sintagmas WH movidos para o início da sentença em sintaxe visível, Superioridade será diagnóstico de movimento WH: se há Efeito de Superioridade, há movimento WH, se não há Efeito de Superioridade, não há movimento WH, mas sim *fronteamento não-WH*. Bošković chega a esta conclusão comparando o servo-croata com o francês e mostrando que o comportamento curioso do movimento WH em servo-croata em relação a Superioridade pode ser explicado se esta é uma língua do tipo do francês quanto a movimento WH obrigatório. Contextos encaixados, complementizador C aberto e perguntas a longa distância exibem Efeito de Superioridade porque, como em francês, em servo-croata movimento WH é obrigatório em tais construções. Por outro lado, interrogativas WH matrizes com C nulo não exibem Efeito de Superioridade por uma razão simples, segundo Bošković, já que assim como em francês, tais perguntas em servo-croata não envolvem movimento WH. Isso significa, portanto, que quando há movimento WH, Superioridade é operativo.

Dentro desta análise, portanto, servo-croata comporta-se como o francês no que diz respeito a movimento WH obrigatório. A única diferença entre essas línguas, segundo o autor, é que, apesar de os sintagmas WH não passarem por movimento WH para Spec CP, em servo-croata eles devem ser movidos em sintaxe visível, independente de movimento WH.

Para explicar o *fronteamento não-WH*, Bošković se baseia em Stjepanovic (1995)²⁴, segundo a qual sintagmas WH em servo-croata são inerentemente focalizados e por isso devem passar por *movimento de foco*. O autor cita Horvarth (1986), segundo a qual, se uma língua tem uma posição especial para sintagmas focalizados contrastivamente, sintagmas WH se moverão para esta posição, o que parece plausível para Bošković, dada a similaridade na interpretação de sintagmas WH e de sintagmas focalizados contrastivamente. Com foco contrastivo, o conjunto sobre o qual o foco

²⁴ Citado por Bošković (1998).

opera é fechado. Uma situação similar acontece com sintagmas WH, cujo valor é retirado de um conjunto fechado de itens, delimitado pela própria pergunta.²⁵

Bošković tem que explicar também por que fronteamto não-WH ou movimento de foco de sintagmas WH é insensível à Superioridade. Para tanto, o autor levanta duas hipóteses. Na primeira, o autor sugere que o traço forte que aciona tal movimento está no próprio sintagma e não no alvo do movimento.²⁶ Se o traço forte está no alvo, e não no sintagma, seria suficiente, como o é no inglês, frontear apenas um dos sintagmas WH em interrogativas WH múltiplas de línguas como o servo-croata.

Assim, movimento de foco se diferencia de movimento WH no que diz respeito ao lugar em que está o traço forte que aciona o movimento: com movimento de foco, o traço forte está no elemento que passa por movimento; com movimento WH, o traço forte está no alvo. Bošković argumenta, então, que esta diferença é responsável pelo comportamento diferente destes dois tipos de movimento em relação à Superioridade, considerando as seguintes configurações abstratas de movimento WH e de movimento de foco:

(71) Movimento WH

F	sintagma WH ₁	sintagma WH ₂	sintagma WH ₃ ²⁷
WH	WH	WH	WH
forte	não forte	não forte	não forte

(72) Movimento WH

F	sintagma WH ₁	sintagma WH ₂	sintagma WH ₃
foco	foco	foco	foco
fraco	forte	forte	forte

O núcleo F funcional em (71) tem um traço forte, que deve ser checado através do movimento mais curto possível. Por isso, o sintagma WH₁ terá que se mover para F. Se o sintagma WH₂ ou o sintagma WH₃ se move para checar o traço forte de F, então

²⁵ Note que o que se está dizendo aqui é algo como a definição de Higginbotham (1996), segundo o qual uma pergunta pode ser definida como uma sentença que abre um espaço de possibilidades, cujos elementos são mutuamente exclusivos e conjuntamente exaustivos. Cf. capítulo 1 desta tese.

²⁶ Uma sugestão semelhante é feita por NHG (2001) para explicar o movimento de todos os sintagmas WH de interrogativas WH múltiplas de línguas como o búlgaro.

²⁷ Segundo Pesetsky (2000:17) interrogativas WH múltiplas com mais de dois WH não apresentam Efeito de Superioridade:

(i) *What did who give to Mary?

tem-se Efeito de Superioridade. Por outro lado, em (72) o traço forte está no sintagma WH. Novamente, o traço relevante deve ser checado através do movimento mais curto possível, que é o movimento para F. Neste caso, porém, a ordem na qual os sintagmas WH checam seus traços contra F é irrelevante, já que qualquer uma das derivações (cujas ordens podem ser 1-2-3, 1-3-2, 2-1-3, 2-3-1, 3-1-2, 3-2-1) são igualmente econômicas. Por isso, não há Efeito de Superioridade.

Assim, podemos prever corretamente, segundo Bošković, que Efeito de Superioridade surgirá nas construções quando o traço forte que aciona o movimento está no alvo, ou seja, quando temos *Atrair (Attract)*, mas não quando o traço forte pertence ao elemento que passa por movimento, isto é, quando temos *Mover (Move)*.

Bošković assume que no movimento de foco os sintagmas WH não se movem para a projeção CP, mas sim para FP, dado que, segundo o autor, em perguntas matrizes com C nulo em francês e servo-croata, o CP interrogativo pode ser inserido em LF. Por conta disso, não há movimento WH (movimento para Spec CP) em tais perguntas. Segundo Bošković, é isso o que licencia WH *in situ* em francês e faz com que movimento WH não viole Superioridade. Todavia, o servo-croata difere do francês na medida em que precisa que todos os sintagmas WH estejam fronteados independentemente do traço +WH.²⁸

A segunda hipótese de Bošković é que é possível não posicionar a força do traço nos elementos movidos, dada uma visão particular de checagem múltipla de traços. Chomsky (1995) propõe, em sua discussão sobre as construções de sujeitos múltiplos do islandês, que o mesmo núcleo pode atrair um traço F particular mais de uma vez. Segundo Bošković, podemos pensar a atração múltipla de um mesmo núcleo como segue:

- (a) existem elementos que possuem uma impropriedade formal que é superada pela atração de uma traço F;
- (b) existem elementos que possuem uma impropriedade formal que é superada pela atração de dois traços F;
- (c) existem elementos que possuem uma impropriedade formal que é superada pela atração de três traços F, etc.

(ii) What did who give to whom?

²⁸ Bošković (1998) assume que o C interrogativo tanto do servo-croata como do francês apresentam traço forte. Segundo o autor, se não for este o caso, não é possível forçar a opção de movimento WH em sintaxe visível nestas línguas. Discutiremos esta questão mais adiante.

Nesse sistema, parece natural, segundo o autor, termos elementos que possuem uma impropriedade formal que é superada pela atração de todos os traços F. Assim, o ‘atrator’ de movimento WH de línguas como o inglês é um núcleo do tipo Atrair um F. Quando existe mais de um elemento para ser atraído, Atrair um F atrairá sempre aquele que estiver mais perto, dado que todo requisito deve ser satisfeito da forma mais econômica. Isso significa que com um elemento Atrair um F, teremos Efeito de Superioridade.

Bošković supõe, então que o ‘atrator’ de foco é um elemento atrair todos os F. Ele terá, então, que atrair todos os elementos que carregam traço de foco. Neste caso, porém, não haverá Efeito de Superioridade, já que qualquer ordem em que os elementos são atraídos é a mais econômica, pois o mesmo número de nós será cruzado para satisfazer Atrair todos os F. Essa segunda hipótese, segundo Bošković, mantém o essencial de sua análise do comportamento diferente do movimento de foco e do movimento WH com respeito à Superioridade, sem precisar usar a noção de força nos elementos movidos, mas utilizando um sistema Atrair puro. Assim, a diferença de comportamento do movimento WH e do de foco segue do fato de o primeiro ter a propriedade de atrair um F e de o último ter a propriedade de Atrair todos os F.

Bošković apresenta ainda um argumento para sua análise baseado na interpretação múltipla de perguntas. O autor mostra que línguas de WH *in situ* como o chinês e o japonês podem apresentar interrogativas WH múltiplas tanto com interpretação de par múltiplo como com interpretação de par único. Segundo Bošković, é possível que a obrigatoriedade do movimento sintático do sintagma WH para Spec CP force, por alguma razão, a interpretação de par múltiplo, o que ocorre no caso de línguas como o inglês. O autor mostra, então, que o francês confirma essa hipótese, já que nesta língua respostas de par único só são possíveis com interrogativas WH múltiplas *in situ*, como em (73a) abaixo. Por outro lado, tal resposta é degradada com perguntas envolvendo movimento WH, como em (73b):

- (73) a. Il a donné quoi a qui?
 ‘Ele deu o que pra quem?’
 b. Qu’a-t-il donné a qui?
 ‘O que ele deu pra quem?’

Segundo o autor, o contraste entre (73a) e (73b) indica fortemente que a possibilidade de respostas de par único depende da possibilidade de não mover os sintagmas WH para Spec CP. Isso é confirmado também pelo búlgaro, língua na qual movimento WH para Spec CP é obrigatório em sintaxe visível e que requer resposta com par múltiplo para as interrogativas WH múltiplas.

Bošković afirma, então, que interrogativas do servo-croata que não envolvem movimento WH (para Spec CP) apresentam tanto interpretação de par único quanto de par múltiplo, o que indica que interrogativas WH em servo-croata são bem formadas mesmo quando nenhum elemento WH se move para Spec CP em sintaxe visível.

4.3.3 Resumo das seções 4.3.1 e 4.3.2

Pesetsky (1987) mostra que existe uma diferença entre sintagmas-*qual* (sintagmas-*which*) e a ocorrência normal de *quem* e *o que* e que esta diferença está no discurso. Assim, o autor chama os últimos de *não-D-linked* (*Non-Discourse-linked*), e os primeiros de *D-linked* (*Discourse-linked*).

Uma vez que sintagmas WH *D-linked* escapam do NDC (*Nested Dependency Condition*) e não exibem Efeito de Superioridade, eles recebem a análise de Baker, isto é, sem movimento. Como não se movem, tomam escopo através do mecanismo de ligação não-seletiva nos moldes de Baker. Já os sintagmas WH *não-D-linked* recebem a análise de Chomsky segundo a qual há movimento em LF, já que essas construções exibem Efeito de Subjacência. Em suma, Pesetsky sustenta a hipótese de que alguns WH *in situ* se movem em LF (*não-D-linked*) e outros não (*D-linked*).

Parece, entretanto, que no PB sintagmas WH *in situ* não se movem em LF, mesmo no caso de sintagmas WH *não-D-linked*. Se sintagma WH *in situ* de interrogativas WH *in situ* simples violam Subjacência em LF, isso significa que devem ser interpretados *in situ*, sem passar por movimento em LF, com exceção dos sintagmas WH adverbiais, que discutiremos mais adiante. O que nos interessa, pois, da abordagem de Pesetsky é a distinção entre sintagmas WH *D-linked* e *não-D-linked*, uma vez que, como vimos na descrição das interrogativas WH múltiplas do PB, o fato de a sentença apresentar um ou outro sintagma WH traz conseqüências para a gramaticalidade da estrutura no que diz respeito a Efeito de Superioridade (ou MLC, em termos minimalistas).

Bošković (1998) procura explicar a não manifestação de Efeito de Superioridade em interrogativas WH múltiplas do servo-croata, mostrando que além do movimento WH há também outro tipo de movimento, chamado, em um primeiro momento, de fronteamento não-WH. Segundo o autor, quando a interrogativa WH múltipla exhibe Efeito de Superioridade, então houve movimento WH. Por outro lado, quando uma construção não manifesta tal efeito, então houve fronteamento não-WH.

Para explicar por que fronteamento não-WH não manifesta Efeito de Superioridade, Bošković levanta duas hipóteses. Na primeira, é sugerido que o traço forte que aciona tal movimento (de foco) está no próprio WH e não no alvo do movimento. Como o traço está no sintagma WH, a ordem na qual os elementos WH checam seus traços é irrelevante, pois qualquer uma das derivações é igualmente econômica. Sendo assim, não haverá Efeito de Superioridade quando se aplica este tipo de movimento. A segunda hipótese se baseia na checagem múltipla de traços, isto é, o mesmo núcleo pode atrair um traço F particular mais de uma vez. Bošković supõe, então, que o ‘atrator’ de foco é um elemento atrair todos os F. Novamente, não haverá Efeito de Superioridade, pois qualquer ordem em que os elementos são atraídos é a mais econômica.

Um argumento que Bošković apresenta para sua análise se baseia na interpretação múltipla de perguntas. Para o autor, é possível que o movimento WH obrigatório para Spec CP force a leitura de par múltiplo em interrogativas WH múltiplas, como é o caso do inglês. Por outro lado, línguas de WH *in situ*, como o japonês, podem apresentar tanto interpretação de par múltiplo como de par único. O autor nota que leitura de par único em uma língua como o francês é permitida em interrogativas WH múltiplas *in situ*, mas tal resposta é marginal em construções envolvendo movimento WH. Já uma língua como o servo-croata apresenta tanto leitura de par único como de par múltiplo, o que indicaria que interrogativas WH nesta língua parecem não envolver movimento WH de fato.

Na próxima seção, procuraremos mostrar de que maneira o sistema de Critérios e a abordagem de força do traço lidam com os seguintes fenômenos envolvendo interrogativas WH múltiplas do PB, tendo em vista os trabalhos de Pesetsky (1987) e de Bošković (1998):

- (a) mover um dos sintagmas WH ou deixar ambos *in situ*;
- (b) sintagmas WH adverbiais são ruim *in situ*, mas melhoram se são *D-linked*;
- (c) *D-linked* é sempre melhor quando há Efeito de Superioridade;

(d) quando há movimento WH visível, a resposta preferencial é de par múltiplo.

4.4 Análise das interrogativas WH múltiplas do PB

Vimos até aqui que a análise de Pesetsky (1987) segundo a qual alguns sintagmas WH passam por movimento WH, enquanto outros são interpretados *in situ*, parece não se sustentar em PB, uma vez que os sintagmas WH desta língua de modo geral parecem apresentar evidências de permanência *in situ* em sintaxe encoberta (Cf. seção 4.3.1). O único caso em que a distinção de Pesetsky entre sintagmas *D-linked* e *não-D-linked* talvez seja válida é o dos sintagmas WH adverbiais, como comentaremos no capítulo 5 desta tese, juntamente com os casos de sintagmas WH adverbiais em interrogativas WH *in situ* simples. Além disso, esta distinção parece ser válida também no que diz respeito a Efeito de Superioridade, já que quando há tal efeito as interrogativas WH múltiplas melhoram com sintagmas WH *D-linked*.

Para explicar o comportamento das interrogativas WH múltiplas do PB, vamos explorar as possibilidades das abordagens de traços fortes de NHG (2001) para o PB e do Critério WH, como fizemos no capítulo 3 para tratar das interrogativas com WH deslocado do PB. Vejamos, então, como estas análises podem lidar com os problemas apresentados pelas interrogativas WH múltiplas desta língua, a saber:

- (a) WH *in situ* parece ficar *in situ* mesmo;
- (b) Efeito de Superioridade desaparece com *D-linked*.

4.4.1 As interrogativas WH múltiplas matrizes e encaixadas

Vimos no quadro (5) da seção 4.2.2 acima que as interrogativas WH múltiplas do PB podem apresentar um dos sintagmas WH deslocado para a periferia esquerda da sentença ou todos *in situ*, mas não podem apresentar todos deslocados para a periferia esquerda da sentença (se estes são *não-D-linked*).

As interrogativas em que um dos sintagmas WH é movido de forma aberta para a periferia esquerda da sentença podem ser explicadas a partir da proposta de NHG (2001) se consideramos que o núcleo de CP é dotado de traço WH forte. Assim, um dos

sintagmas WH deve se mover em sintaxe visível a fim de checar o traço WH forte de C. Uma vez que o traço WH forte de C é checado pelo sintagma movido, não há necessidade de outro sintagma WH se mover em sintaxe visível. No próximo capítulo, veremos de que forma o WH *in situ* pode ser interpretado, a partir da análise de Reinhart (1994), levando em conta o caso dos sintagmas WH adverbiais *in situ*.

Apesar de não tratar do caso das interrogativas WH múltiplas, o sistema de Critérios também parece lidar com tranquilidade com esses dados se assumimos movimento WH em LF para o PB: como o WH *in situ* não se configura como um operador (dada a definição de Operador que Rizzi 1996 utiliza), o Critério WH é satisfeito via *concordância dinâmica* em LF, nível em que o sintagma WH *in situ* passa por movimento WH. Contudo, vimos que o PB apresenta evidências de que seus sintagmas WH permanecem *in situ* tanto em sintaxe visível como de forma encoberta. Quanto ao sintagma WH que permanece *in situ* em sintaxe visível, é preciso saber se se move em LF, já que o Critério WH já foi satisfeito pelo sintagma WH que passou por movimento em SS.

No sistema de traços, se todos os sintagmas WH da estrutura múltipla permanecem *in situ*, isso se deve ao fato de a interrogativa envolver um C cujo traço WH não é forte. Se o traço WH não é forte, não pode ocorrer movimento WH visível, já que esta é uma operação de último recurso. Se um sintagma WH é movido em sintaxe visível em uma derivação cujo C não é dotado de traço WH forte, a derivação é cancelada por *Procrastinar*, como vimos no capítulo 2. No que concerne à interpretação, veremos no próximo capítulo que tais sintagmas *in situ* também podem receber a análise de Reinhart (1994).

O sistema de Critérios também tem que fazer uma estipulação semelhante aqui: é necessário dizer que C não tem o traço [+WH], pois de outro modo uma das cláusulas do Critério WH seria violada. Assim, em interrogativas WH múltiplas com os sintagmas WH *in situ*, o Critério WH deve ser satisfeito em LF, via *concordância dinâmica*. Note, porém, que para tal critério ser satisfeito, basta que um dos sintagmas WH *in situ* passe por movimento em LF. É preciso saber, portanto, como o outro sintagma WH é interpretado e como tem seu escopo determinado, questão que Rizzi (1996) não menciona.²⁹

²⁹ Uma possível solução seria pensar que ambos os sintagmas WH passam por movimento em LF, passando, neste nível, pelo mecanismo de *absorção* de Higginbotham & May (1981). Contudo, teríamos que assumir movimento WH em LF para todos os sintagmas WH do PB, o que parece não ser interessante

Portanto, para os casos de WH múltiplos, se todos estão *in situ* ou se um é movido, ambos os quadros têm respostas que não precisam postular mais do que o necessário pra explicar também os casos de WH *in situ* simples, que veremos adiante. No entanto, é possível que o sistema de Critérios se defronte com um problema para a interpretação dos sintagmas WH *in situ*, uma questão que abordaremos igualmente no próximo capítulo.

Nas interrogativas que apresentam todos os sintagmas WH movidos para o início da estrutura, vimos que quando os sintagmas são *não-D-linked* a sentença é agramatical. Por outro lado, quando os sintagmas são do tipo *D-linked*, as sentenças no mínimo melhoram (cf. quadros (12), (30) e (35)). O caso envolvendo sintagmas WH *não-D-linked* é previsível em PB, já que esta língua se comporta de maneira diferente de línguas como o russo e o búlgaro, entre outras. Conforme NHG (2001), nestas línguas os próprios sintagmas WH têm traço WH forte; por isso, devem se mover em sintaxe visível para checar seus traços.

A análise minimalista deste fato é que os sintagmas WH *não-D-linked* do PB não apresentam traços WH fortes, o que explica a agramaticalidade de interrogativas WH múltiplas com todos os sintagmas WH movidos em sintaxe visível. Já os casos de interrogativas WH múltiplas com todos os sintagmas WH *D-linked* movidos merecem uma discussão à parte. Trataremos desta questão na seção 4.4.4.

Como já foi dito, a abordagem de Rizzi (1996) não discute o caso das interrogativas WH múltiplas e, portanto, não trabalha com os casos de línguas que movem todos os sintagmas WH para a periferia esquerda da sentença. Poderíamos pensar que, dentro da abordagem de Critérios, um dos sintagmas WH passa por movimento WH em SS a fim de satisfazer o Critério WH. Por outro lado, teríamos que explicar, ainda, por que motivo o outro sintagma WH também passa por movimento visível, o que não parece fácil nesse quadro.

Além disso, não podemos esquecer que qualquer análise que queira dar conta de línguas que movem visivelmente todos os sintagmas WH deve dar conta também da seguinte observação feita por Rudin (1988): em algumas línguas de WH-*fronteado*, todos os sintagmas WH estão em Spec CP em SS, enquanto em outras somente um sintagma WH está em Spec de CP e os demais ocupam posição de IP-inicial. No primeiro caso estão o búlgaro e o romeno, línguas que segundo Rudin (1988)

já que os sintagmas WH *in situ* do PB apresentam evidências de não movimento em LF. Sobre *absorção*,

apresentam Spec CP multiplamente preenchido (*multiply-filled* Spec CP [+MFS]) e no segundo o servo-croata, o polonês e o tcheco, isto é, [-MFS]. Lembremos que a análise minimalista de Bošković (1998) procura dar conta dessa diferença. Por outro lado, o Critério WH claramente nada tem a dizer sobre estas diferenças.

No caso das interrogativas WH encaixadas, já que o verbo da sentença matriz seleciona um CP [+WH], então um dos sintagmas WH deve se mover em sintaxe visível para o Spec CP encaixado a fim de checar o traço forte de C ou a fim de satisfazer o Critério WH via *concordância dinâmica*, da mesma forma que nas interrogativas WH deslocadas simples. Resta saber o que acontece com o sintagma WH *in situ* em sintaxe visível. Como já foi dito, no sistema de Critérios esta é uma questão que fica em aberto, já que é preciso resolver se tal sintagma passa por movimento em LF (levando em conta o fato de o PB mostrar evidências de não movimento em LF). Já na abordagem minimalista, podemos pensar em uma análise de interpretação *in situ*, como a de Reinhart (1994), a qual desenvolveremos no próximo capítulo.

4.4.2 Efeito de Superioridade³⁰, MLC e sintagmas *D-linked/não-D-linked*

Em PB, a preferência por o sintagma *não-D-linked* se mover obedece MLC quando um dos elementos WH tem função de sujeito, conforme mostrou a tabela (36) acima. Por outro lado, se os sintagmas WH são OD/OI, OD/ADV ou OI/ADV não há Efeito de Superioridade. Note que isso traz problemas para a análise de Pesetsky (1987), já que para este autor somente sintagmas WH *D-linked* não deveriam apresentar Efeito de Superioridade. O que observamos nos dados do PB, contudo, é que não só os sintagmas *D-linked* não apresentam Efeito de Superioridade, mas também sintagmas *não-D-linked* não o apresentam, a menos que sejam sujeito da sentença.

Se a predição de Pesetsky quanto a Efeito de Superioridade não se sustenta em PB, sua análise quanto a movimento WH também parece não se sustentar de todo, já que, grosso modo, para o autor sintagmas WH *in situ* que exibem Efeito de Superioridade (*não-D-linked*) devem passar por movimento WH em LF, enquanto

cf. nota 27 do capítulo 5.

³⁰ Para facilitar a exposição, vamos manter o termo Efeito de Superioridade. Em termos minimalistas, se há Efeito de Superioridade isso deve significar que MLC não é violado e vice-versa.

aqueles que não exibem tal efeito (*D-linked*) devem ser interpretados *in situ* pelo mecanismo de ligação não-seletiva. Por outro lado, a distinção *D-linked/ não-D-linked* de Pesetsky parece ser relevante em PB quando um dos sintagmas tem função sujeito. Além disso, esta distinção também é pertinente no caso dos sintagmas WH adverbiais, como veremos no capítulo 5, a partir da análise de Reinhart (1994).

O fato de sintagmas WH não-sujeito violarem MLC traz problemas para uma das análises que estamos explorando aqui. Na abordagem minimalista, é preciso explicar por que tais sintagmas parecem violar MLC. Por outro lado, parece que o sistema de Critérios não tem nada a dizer sobre esse fenômeno, uma vez que exige apenas que as cláusulas do Critério WH sejam satisfeitas no sentido de haver um operador WH em Spec CP na configuração Spec-núcleo com um núcleo [+WH]. O Critério WH parece não poder explicar Efeito de Superioridade, já que não exige o movimento mais curto. Tal restrição teria que ser feita por outro princípio da gramática, como Minimalidade Relativizada.³¹

Vejamos como podemos tentar explicar a violação do MLC por parte dos sintagmas WH *D-linked* e dos *não-D-linked* não-sujeito.³² Uma maneira de tentarmos explicar esta questão seria olharmos para algumas das idéias da análise que Bošković (1998) desenvolve para explicar as interrogativas WH múltiplas do servo-croata as quais violam MLC.

Em relação ao PB, vimos que os sintagmas WH *não-D-linked* em estruturas múltiplas só apresentam Efeito de Superioridade se um dos elementos WH for o sujeito da sentença. Além disso, vimos que os sintagmas WH *D-linked* em estruturas múltiplas não apresentam Efeito de Superioridade. Dado o trabalho de Bošković (1998), podemos pensar que as interrogativas WH múltiplas do PB que violam Superioridade talvez não envolvam movimento WH de fato (movimento do sintagma WH para Spec CP a fim de checar o traço forte de C), mas sim outro tipo de movimento, que pode ser, por exemplo, movimento de foco, como propõe Bošković para o servo-croata. Este autor, contudo, não faz diferença entre sintagmas *D-linked* e *não-D-linked*.

³¹ Note, ainda, que a abordagem minimalista, baseada apenas no sistema de traços, não dá conta de explicar o Efeito de Superioridade a menos que recorra à aplicação de MLC.

³² Uma opção seria assumir a análise de Barss (2000), a qual propõe a opcionalidade do traço [+WH] em expressões WH. Isso significa que a violação de MLC é apenas aparente, já que somente um dos sintagmas WH é dotado com o traço [+WH] capaz de checar o traço WH de C⁰. Este sintagma, portanto, é que vai se mover em sintaxe visível, constituindo, pois, o movimento mais curto. O problema mais saliente desta análise, entretanto, é que parece não haver motivação para assumirmos que o traço WH é

Vejam os em primeiro lugar o caso dos sintagmas WH *não-D-linked* que não apresentam Efeito de Superioridade se um dos sintagmas não tem função de sujeito.³³ Se em tais casos não há Efeito de Superioridade, podemos pensar, portanto, que estas estruturas não apresentam movimento WH, mas sim outro tipo de movimento. Repare que no caso de uma interrogativa cujos elementos WH são OD e ID, como mostra (74) abaixo, se o sintagma WH OI se move para a periferia esquerda da sentença, há violação de Superioridade. Mas note que, neste caso, a resposta para esta interrogativa pode ser a de par único. E, mais, na resposta, o sintagma que responde ao elemento WH deslocado na pergunta pode aparecer deslocado também na resposta:³⁴

(74) Pra quem_i você deu o quê t_i?

– Eu dei um sapato pra Maria.

– Pra Maria eu dei um sapato.

– Pra Maria eu dei um sapato, pro João um relógio, pro Pedro uma gravata,...

Veja que, se não há violação de Superioridade, como no caso de (75) abaixo, a interpretação preferencial é de par múltiplo:

(75) O que você deu pra quem?

– Eu dei um sapato pra Maria, um relógio pro João,...

No caso das interrogativas com sintagmas *D-linked* que violam Superioridade, como no exemplo de Barss (2000:38) em (76b) abaixo, vimos, na seção 4.2.1.3, que este tipo de pergunta só pode receber resposta de par único. Por outro lado, a interrogativa em (76a), que não viola Superioridade, recebe somente resposta de par múltiplo:

(76) a. Qual homem você acha que ajudou qual mulher ontem?

– O João ajudou a Maria, o Pedro ajudou a Ana, ...

opcional somente nos sintagmas *D-linked* e nos *não-D-linked* que não são sujeito, enquanto ele não é jamais opcional nos sintagmas WH sujeito.

³³ Observe que, ao contrário do PB, em servo-croata também não há Efeito de Superioridade quando um dos sintagmas é sujeito (Cf. Bošković, 1998: 8):

(i) Ko je sta prodao?

/quem é o que vendeu/

‘Quem vendeu o quê?’

(ii) Sta je ko prodao?

/o que é quem vendeu/

³⁴ Este tipo de fenômeno, entretanto, não é saliente quando a interrogativa apresenta sintagmas WH objeto e adjunto.

- b. Qual mulher você acha que qual homem ajudou ontem?
 – A Maria, o João ajudou.

Note-se, portanto, que estes fatos parecem confirmar a hipótese de Bošković (1998), de que a possibilidade de respostas de par único depende da possibilidade de não mover os sintagmas WH para Spec CP. Podemos pensar, portanto, que tais estruturas do PB, as quais violam Superioridade, não apresentam movimento WH, de forma semelhante ao que ocorre em servo-croata e em francês. Contudo, este parece ser apenas o caso dos sintagmas WH *D-linked*; para os *não-D-linked*, esta conclusão soa precipitada, uma vez que não explica por que somente no caso dos sintagmas WH sujeito não pode haver violação de Superioridade.

Se os sintagmas WH que violam Superioridade não passam por movimento WH, precisamos saber por que tipo de movimento eles passam. Veja que para assumirmos que eles passam por movimento de foco, como no caso dos sintagmas do servo-croata, o primeiro problema que temos é mostrar que o sintagma WH do PB apresenta um traço de foco, o qual pode ser forte ou não.

Ademais, no caso de haver realmente movimento de foco no PB, teremos que encontrar uma explicação para o fato de que, nesta língua, se os sintagmas são *não-D-linked*, não há movimento de todos os sintagmas WH para a periferia esquerda da sentença, como há em servo-croata. E mesmo no caso dos *D-linked*, o deslocamento de todos os sintagmas WH para a periferia esquerda da sentença não é a única estratégia possível e nem a preferencial, de acordo com o que vimos no início deste capítulo.

Para assumir uma análise como a de Bošković para o PB, portanto, teríamos que assumir também que o movimento de foco do PB tem a propriedade de atrair um F, no caso dos *não-D-linked* e, no caso dos *D-linked*, que o movimento de foco pode ter a propriedade de Atrair um F ou de Atrair todos os F.

O que estamos mostrando, portanto, é que interrogativas WH múltiplas do PB que apresentam violação de Superioridade parecem envolver outro tipo de movimento, que não é movimento WH propriamente dito. Este movimento talvez seja movimento de foco, como proposto por Bošković para o servo-croata. Todavia, para assumirmos uma tal análise para o PB, teríamos que investigar de forma mais cuidadosa se os sintagmas WH do PB apresentam um traço de foco contrastivo e, também, investigar o movimento de foco nesta língua. É digno de nota o fato de que, como Costa (1998) mostra, pelo

menos no caso de foco *in situ*, estes não estão em distribuição complementar com sintagmas WH, como mostram os exemplos do PE em (77) abaixo:

- (77) a. Tu perguntaste quem é que viu [quem] ontem.
 b. Eu perguntei quem viu ontem [a Maria].

Em (77b), há um sintagma WH e um constituinte focalizado. Se o último se move em LF para a mesma posição em que o primeiro aparece, a sentença deveria ser agramatical, como mostra sua contraparte com movimento visível em (78) abaixo:

- (78) a. * Eu perguntei MUITA GENTE quem viu.
 b. * Eu perguntei quem MUITA GENTE viu.

Além disso, ainda ficamos com o problema de explicar por que interrogativas múltiplas com sintagmas WH sujeito *não-D-linked* manifestam efeito Superioridade.

Os principais resultados desta seção foram:

- (a) só há Efeito de Superioridade em PB quando um dos sintagmas WH é sujeito da sentença e é *não-D-linked*;
- (b) os fenômenos relacionados a Efeito de Superioridade em PB colocam problemas para a análise de Pesetsky (1987), segundo a qual somente sintagmas WH *D-linked* não manifestam Efeito de Superioridade. Por conta disso, a análise deste autor não se sustenta de todo em PB;
- (c) a distinção *D-linked/não-D-linked* quanto a Efeito de Superioridade só é relevante em PB quando um dos sintagmas WH é sujeito da sentença;
- (d) interrogativas WH múltiplas do PB que violam MLC (ou seja, não manifestam Efeito de Superioridade) parecem não envolver movimento WH de fato, mas outro tipo de movimento, se levamos em conta a proposta de Bošković (1998);
- (e) uma evidência para outro tipo de movimento é que interrogativas WH múltiplas que violam MLC podem apresentar resposta de par único (línguas sem movimento WH visível apresentam preferencialmente resposta de par único, enquanto línguas de movimento WH aparente apresentam resposta de par múltiplo);

- (f) se interrogativas WH múltiplas do PB que violam Superioridade apresentam outro tipo de movimento que não é movimento WH, ainda precisa ser investigado que tipo de movimento é esse e se de fato é movimento de foco, como proposto por Bošković (1998) para o servo-croata.

4.4.3 Sintagmas *D-linked*

Vimos que os sintagmas WH *D-linked* mostram pelo menos uma característica diferente dos sintagmas WH *não-D-linked*, já que interrogativas WH múltiplas com todos os sintagmas WH movidos em sintaxe visível não são gramaticais em PB, a menos que os sintagmas WH sejam *D-linked*. Em outras palavras, interrogativas com sintagmas WH *D-linked* movidos para o início da sentença no mínimo se tornam mais aceitáveis.

Acrescente-se a isso que o Efeito de Superioridade desaparece em interrogativas com sintagmas WH *D-linked*, mesmo quando um dos sintagmas é o sujeito da sentença. Apesar de termos mostrado que Superioridade pode ser violada com sintagmas WH *não-D-linked* não-sujeitos, isso não acaba com o contraste entre *D-linked* e *não-D-linked*, já que WH sujeito só viola Superioridade se for *D-linked*. Adicionalmente, interrogativas WH múltiplas, que são agramaticais com dois adjuntos WH, passam a marginais se eles forem *D-linked*.

Estes fatos parecem nos indicar que sintagmas WH *D-linked* devem ser tratados de maneira diferente dos sintagmas WH *não-D-linked*, o que confirma a intuição de Pesetsky (1987), de que os fenômenos que envolvem *D-linked* não são os mesmos que envolvem *não-D-linked*.

Entretanto, as situações envolvendo *D-linking* parecem ser ainda um tanto obscuras para a sintaxe, como nota Pesetsky (2000), já que parecem envolver questões semântico-discursivas. Por outro lado, deveríamos poder responder, a partir da sintaxe, o que é que um sintagma *D-linked* pode fazer com a estrutura das perguntas, de tal modo que faz o Efeito de Superioridade desaparecer.

Em primeiro lugar, é preciso saber o que pode significar o fato de que somente sintagmas WH *D-linked* podem ser movidos para o início da sentença, mesmo que marginalmente. Em segundo lugar, é preciso explicar por que há diferença entre sintagmas WH *D-linked* e não *D-linked* com função de sujeitos. Note-se que nenhum

dos quadros teóricos parece apresentar respostas ‘diretas’ a estas duas perguntas. Por outro lado, se a hipótese de Bošković (1998) está correta, o fato de poder deslocar o sintagma WH à esquerda pode estar ligado à questão de sintagmas WH *D-linked* serem mais específicos, já que são ligados ao discurso. Essa sugestão, contudo, precisa ser investigada.

4.5 Resumo do capítulo

Neste capítulo, procuramos mostrar como se comportam as interrogativas WH múltiplas do PB em relação a fenômenos como Efeito de Superioridade e o comportamento dos sintagmas WH *D-linked* / *não-D-linked*. A partir do estudo de tais fenômenos, pudemos notar que, quando há em uma estrutura violação de Superioridade, talvez estejamos às voltas com um tipo de movimento que não é o movimento WH propriamente dito (isto é, não se trata de movimento do sintagma WH para Spec CP, a fim de checar o traço forte de C ou de satisfazer o Critério WH).

O que poderia indicar que tal movimento é de outra natureza é o fato de que interrogativas que violam Superioridade podem receber resposta de par único. Isto porque a possibilidade de respostas de par único depende da possibilidade de não mover os sintagmas WH para Spec CP, conforme Bošković (1998).

Vimos também que o PB parece apresentar evidências de não movimento WH em LF, já que, entre outras coisas, sintagma WH *in situ* de interrogativas WH *in situ* simples³⁵ violam Subjacência em LF, supondo que Subjacência deve ser obedecida neste nível.

Além disso, vimos que a abordagem minimalista consegue apresentar possíveis soluções para os fenômenos envolvendo estruturas WH múltiplas se contar com a proposta de Bošković (1998). A partir da análise deste autor para o servo-croata, é possível pensar que as estruturas WH múltiplas em PB que violam MLC não apresentam movimento WH de fato, mas outro tipo de movimento que, por ter a propriedade de Atrair todos os F, não apresenta problemas em relação a MLC, já que qualquer ordem em que os elementos são atraídos é a mais econômica, pois o mesmo número de nós será cruzado para satisfazer Atrair todos os F.

³⁵ Cf. exemplo (70) da seção 4.3.1.

Por outro lado, o sistema de Critérios enfrenta vários problemas em relação a essas estruturas. Em primeiro lugar, mostramos que a análise de Rizzi (1996) explica apenas o movimento WH de um dos sintagmas WH. Vimos que é possível imaginar que o segundo sintagma WH passa por movimento em LF a fim de marcar escopo, mas esta análise então teria que abordar o problema de o PB apresentar evidências de não movimento WH em LF. Além disso, parece que o sistema de Critérios não consegue descrever adequadamente os fenômenos envolvendo estruturas múltiplas do PB, como, por exemplo, todos os sintagmas WH ficarem *in situ* ou todos se moverem para frente só se são *D-linked*. Ademais, o sistema de Critérios não consegue captar a distinção *D-linked/não-D-linked*.

Apesar de o quadro minimalista se apresentar mais adequado para descrever e talvez mesmo explicar os fenômenos das interrogativas WH múltiplas eleitos nesta tese, algumas questões ainda ficaram sem resposta. A primeira delas, que será retomada no próximo capítulo, é por que os sintagmas WH adverbiais não são bons *in situ* em estruturas múltiplas. A segunda diz respeito aos sintagmas WH *D-linked* e pode ser desmembrada em duas outras questões:

- (a) por que somente sintagmas WH *D-linked* podem ser movidos para o início da sentença, mesmo que marginalmente?
- (b) por que interrogativas múltiplas com sintagmas WH sujeito *não-D-linked* não violam Superioridade?

Finalmente, mais uma questão a ser levantada é o fato de haver Efeito de Superioridade entre dois objetos em inglês mas não haver entre objetos do PB.

5 AS INTERROGATIVAS WH *in situ*

5.1 Considerações iniciais

Dando continuidade ao estudo das interrogativas WH, neste capítulo abordaremos as interrogativas simples com WH *in situ*. Este tipo de pergunta WH levanta questões importantes para a teoria gerativa, uma vez que é preciso dar conta, entre outras coisas, da marcação de escopo dos sintagmas WH *in situ*.

O capítulo está organizado da seguinte maneira: na seção 5.2 discutimos o estatuto destas interrogativas em PB. Na seção 5.3 abordamos as teorias que procuram explicar o fenômeno WH *in situ*. A seção 5.4 traz um resumo crítico das análises apresentadas na seção anterior. Na seção 5.5 discutimos um análise para as interrogativas WH *in situ* do PB. Finalmente, a seção 5.6 traz um resumo do que foi visto sobre WH *in situ* em interrogativas WH simples.

5.2 O estatuto das interrogativas WH *in situ* em PB

Além da estratégia de WH deslocado, o PB apresenta também interrogativas em que o único sintagma WH de uma sentença interrogativa matriz permanece *in situ*, como nas sentenças de (1) abaixo:

- (1) a. Eles brincam *onde*, aqui na Protásio mesmo? (VARSUL - RS POA 08 F A PRI - linha 729)
- b. E você começou nessa vida comercial *como*? (VARSUL - RS POA 04 M A GIN - linha 640)
- c. A Maria comprou *o quê*?
- d. A Maria saiu *quando*?

WH *in situ* não ocorre em interrogativas com CP encaixado [+WH], como se observa em (2b) abaixo, a menos que a sentença apresente mais de um sintagma WH, como no caso das interrogativas WH múltiplas, como vimos no capítulo 4 desta tese:

- (2) a. A Maria perguntou *onde* as crianças brincam.
 b. * A Maria perguntou as crianças brincam *onde*.

De acordo com o que vimos no capítulo 3 desta tese, em PB não é possível sintagmas WH *in situ* em interrogativas WH encaixadas por causa da subcategorização do verbo da sentença matriz (*perguntar*, no caso), o qual requer que o Spec CP encaixado esteja ocupado. De forma semelhante, interrogativas WH *in situ* não comportam a inserção do complementizador *que*, uma vez que este, ocupando o núcleo C⁰, requer que o sintagma WH esteja ocupando Spec CP.

Veja, porém, que se o verbo da sentença matriz subcategoriza um CP [-WH], então o sintagma WH pode permanecer *in situ*, como mostra (3a) abaixo, pode ser movido para o início da sentença, como mostra (3b), mas não pode ocupar Spec de CP intermediário, como mostra (3c) (cf. Miotto, 2001:122):

- (3)a. O João acha que o Pedro tinha visto o quê?
 b. O que que o João acha que o Pedro tinha visto?
 c. *O João acha o que que a Pedro tinha visto?

Note que as interrogativas em (1) acima aparentemente têm a mesma estrutura de perguntas-eco, apresentadas no capítulo 1 desta tese. Precisamos investigar, portanto, se interrogativas com WH *in situ* e perguntas-eco têm o mesmo estatuto no PB.

Parece estar havendo uma tendência na literatura (cf. Sikansi, 1999 e Ambar & Veloso, 1999) no sentido de encontrar semelhanças semântico-pragmáticas entre estruturas com WH *in situ* e perguntas-eco.

Em um estudo sobre a aquisição das interrogativas WH do PB, Sikansi (1999)¹, defende que a aquisição tardia das interrogativas WH *in situ* em relação àquelas com WH deslocado² ocorre porque tais sentenças aparecem em contextos diferentes daqueles

¹ Discutida também em Sell (2001).

² A literatura acerca dos dados sobre aquisição de interrogativas WH de línguas que apresentam tanto elementos WH deslocados como *in situ*, como é o caso do PB (cf. Sikansi, 1999 e Grolla, 2000) e do

em que aparecem interrogativas com o elemento WH deslocado, pois cada uma delas representa um tipo de conhecimento que o falante assume que o ouvinte possui.

A autora acredita que as interrogativas com WH *in situ* ocorrem em contextos semelhantes àqueles das perguntas-eco, nos quais o falante assume que o ouvinte tem como preencher o valor da variável X que substitui o elemento WH da interrogativa. Nas interrogativas com WH deslocado, por outro lado, o falante admite a possibilidade de que seja vazio para o ouvinte o conjunto sobre o qual o elemento WH deslocado opera.

Sikansi assume, então, a mesma estrutura para as interrogativas com WH *in situ* e para as perguntas-eco. O que as diferencia, segundo a autora, é que no caso das interrogativas WH *in situ*, buscamos as condições que indiquem ao falante que o ouvinte pode responder sua pergunta num contexto pragmático mais amplo. Já para as perguntas-eco, é preciso recorrer apenas às informações constantes no próprio diálogo.

A autora apresenta o seguinte dado para comprovar sua hipótese:

- (4) Situação: a mãe, que estava dirigindo o carro, pára num semáforo onde recebe um folheto de propaganda. Após dar uma rápida olhada no mesmo, ela o coloca sobre o console do carro. Então G pergunta:
G: esse folheto é sobre o quê? (Gabriela 4;5.11)³

A criança produziu uma interrogativa com o elemento WH *in situ*, segundo Sikansi, porque o contexto indicava que a mãe tinha condições suficientes para responder sua pergunta pois havia dado uma olhada no papel. A autora acrescenta ainda que se a mãe tivesse descartado o papel sem ler, tal situação não comportaria uma interrogativa com o elemento WH *in situ*. No entanto, nós assumimos com Sell (2001) que neste último contexto descrito pela autora não caberia nem uma interrogativa com o elemento WH deslocado como também nenhum tipo de pergunta.

Além disso, não parece possível considerar interrogativas com WH *in situ* e perguntas-eco como tendo a mesma estrutura, pois mesmo línguas que não possuem as

Francês (cf. Crisma, 1992), tem mostrado que interrogativas com WH deslocado são produzidas antes daquelas cujo elemento WH permanece *in situ*. Ou, dito de outra maneira, a aquisição das interrogativas WH *in situ* é considerada tardia em relação às demais estruturas envolvendo o nóculo CP. Este fenômeno parece ser intrigante, já que, pelo menos aparentemente, estruturas interrogativas com o elemento WH *in situ* parecem requerer menos operações/menos categorias que aquelas com o elemento WH deslocado.

³ Os números indicam a idade da criança em anos, meses e dias, respectivamente.

primeiras apresentam interrogativas com leitura-eco, como é o caso do inglês. Ademais, conforme vimos no capítulo 1, uma pergunta-eco só ocorre em situações muito específicas e com uma entonação peculiar a elas em que o ouvinte retoma o discurso do falante; já as interrogativas com WH *in situ* até podem aparecer em contextos semelhantes ao das perguntas-eco, mas por outro lado podem perfeitamente ocorrer em contextos nos quais temos interrogativas com WH deslocado. Adicionalmente, há ainda línguas que só apresentam sentenças interrogativas com WH *in situ* sem que todas elas tenham necessariamente leitura-eco, como o chinês e o japonês.

Pensemos, por exemplo, no caso do inglês. Nesta língua, quando uma interrogativa contém apenas um elemento WH e este aparece *in situ*, tem-se uma pergunta-eco. Por outro lado, quando WH *in situ* aparece em interrogativa múltipla, a interpretação desta é de pergunta de fato e sua resposta é par múltiplo. Se existe WH *in situ* em interrogativas múltiplas do inglês, contexto em que não tem interpretação de pergunta-eco, não parece procedente considerar que interrogativas com WH *in situ* e perguntas-eco apresentam a mesma estrutura. Além do mais, em PB é possível interrogativas múltiplas com ambos os sintagmas WH *in situ* (cf. capítulo 4 desta tese).⁴

Ambar & Veloso (1999) assumem que interrogativas WH *in situ* se comportam como perguntas-eco à medida que em ambas o falante parece ter mais informações do que em interrogativas WH não-eco. Repare, por exemplo, nos pares pergunta-resposta do PE abaixo:

(5) a. O que comprou o João? (PE)

– Nada.

b. O João comprou o quê?⁵ (PE)

– *Nada.

Segundo as autoras, a primeira parte da proposição da interrogativa em (5b) é declarativa, uma vez que, antes de mais nada, o falante afirma que o João comprou alguma coisa, ou seja, atribui um valor de verdade para o evento. Isso se confirmaria

⁴ Poderíamos pensar que existe em PB a ocorrência de dois tipos de WH *in situ*, um que de certa maneira se aproxima das perguntas-eco, como proposto por Sikansi (1999), e outro que pode ocorrer nos mesmos contextos onde temos WH deslocado. Contudo, esse tipo de proposta parece carecer de evidências empíricas para ser motivada e é o tipo de solução desinteressante teoricamente, porque não ilumina de nenhuma maneira o entedimento do fenômeno.

⁵ Exemplos (42) e (43) de Ambar & Veloso (1999).

pelo fato de que, diferente de (5a), (5b) não pode ser respondida com um conjunto vazio.

Já em PB, por outro lado, uma pergunta como (5b) pode ser tranquilamente respondida com um conjunto vazio, como em (6) abaixo, o que indica que nesta língua interrogativas com WH *in situ* não precisam ter necessariamente informação declarativa, embora possam ocorrer em contextos tais como aquele apresentado acima em (5b) para o PE por Ambar & Veloso (1999):

(6) O João comprou o quê? (PB)

– Nada.

O que estamos querendo mostrar é que interrogativas WH *in situ* podem receber o mesmo tipo de resposta que interrogativas WH deslocadas recebem, incluindo resposta com um conjunto vazio. Posto isso, agora precisamos averiguar se interrogativas com WH deslocado e interrogativas com WH *in situ* possuem as mesmas propriedades sintáticas.

Vimos no capítulo 3 que as interrogativas WH encaixadas só aceitam sintagmas WH deslocados, como podemos observar em (7a) abaixo. A descrição das interrogativas com WH *in situ* feita naquele capítulo mostrou que WH *in situ* não pode ocorrer em contextos encaixados, como mostra (7b):

(7) a. A Maria perguntou *o que* o João tinha visto.

b. *A Maria perguntou o João tinha visto *o quê*.

Note-se, entretanto, que a não ocorrência de WH *in situ* em contexto encaixado não se deve a alguma propriedade do próprio WH, mas devido à subcategorização do verbo da sentença principal. Uma vez que verbos como *perguntar* selecionam um CP cujo núcleo é dotado com o traço WH, é requerido que o Spec CP encaixado esteja ocupado por um sintagma WH. Note que se o verbo da sentença matriz não seleciona um CP [+WH], o sintagma WH pode permanecer *in situ* ou ser deslocado para o início da sentença (cf. Miotto, 2001: 122):

(8) a. O João acha que o Pedro tinha visto o quê?

– (O João acha que o Pedro tinha visto) um carro.

- b. O que que o João acha que o Pedro tinha visto?
 – (O João acha que o Pedro tinha visto) um carro.

Em (8) acima, observe que um sintagma WH *in situ* pode ocorrer em contextos encaixados se o verbo da sentença matriz seleciona um CP [-WH]. Adicionalmente, as interrogativas em (8) acima, tanto (a) quanto (b), também podem ocorrer em contextos em que “o falante parece ter mais informações”, nas palavras de Ambar & Veloso (1999). Isso significa que podemos considerar que a primeira parte da interrogativa, isto é a sentença matriz *O João acha...*, é uma declarativa. Isso mostra que os contextos apontados por Sikansi (1999) e por Ambar & Veloso (1999) para WH *in situ*, que se assemelham aos contextos de pergunta-eco, parecem poder apresentar também sintagmas WH deslocado. Parece não ser este tipo de contexto, pois, que assemelha interrogativas WH *in situ* com perguntas-eco.

Um lugar em que talvez WH *in situ* e WH deslocado apresentem diferenças é no caso de configurações de ilha forte. Vejamos que comportamento eles apresentam em contextos de ilha. Observe as interrogativas em (9) abaixo:

- (9) a. * Quem que a Maria conhece o homem que beijou *t*?
 b.?? A Maria conhece o homem que beijou quem?

Se o sintagma WH for extraído para fora da ilha relativa (uma ilha forte em PB), a sentença se torna agramatical (9a). Por outro lado, a interrogativa é marginalmente aceitável se o sintagma WH permanece *in situ* (9b). No entanto, a interrogativa em (9b) apresenta outros problemas que temos que resolver, como, por exemplo, a marcação de escopo WH.

Não é demais lembrar também que falamos no capítulo 1 desta tese sobre o escopo relativo de operadores/quantificadores WH em relação ao escopo de outros quantificadores (comuns) na mesma sentença, fenômeno muito discutido na literatura em teoria gerativa, quando o sintagma WH tem função de objeto da sentença.⁶ Observe agora as sentenças abaixo (cf. Huang, 1982:263-4)⁷:

⁶ Cf. Huang (1982:263-4), Hornstein (1995: 44-6), Pesetsky (2000:63), Barss (2000: 32), entre outros.

⁷ Huang (1982:263-4) discute estes fatos com interrogativas do chinês. Nós, entretanto, usaremos sentenças do PB para discutir a questão do escopo relativo de quantificadores WH em relação ao escopo de outros quantificadores na mesma sentença, já que este fenômeno se manifesta de maneira semelhante nas duas línguas.

(10)a. Todo mundo comprou *o quê*?

b. *O que* todo mundo comprou?

Na estrutura linear da interrogativa em (10a), o sintagma WH *o que* aparece dentro do escopo de c-comando do quantificador do sujeito. Portanto, *o que* deveria ter escopo restrito em relação ao quantificador do sujeito, como indicado na representação abaixo:

(11) [$\forall y$: pessoa (y)] [WH!x: coisa (x)] [y comprou x]

Entretanto, isso não é o que ocorre, uma vez que *o que* tem escopo amplo em relação ao quantificador do sujeito, de acordo com a representação abaixo:

(12) [WH!x: coisa (x)] [$\forall y$: pessoa (y)] [y comprou x]

Uma evidência disso é que o quantificador sujeito *todo mundo* é interpretado coletivamente, e não distributivamente, em relação ao objeto *o que*, como na sentença com WH deslocado (10b) acima. Uma resposta apropriada para (10a) será (13a) e não (13b):

(13) a. Todo mundo comprou livros.

b. O João comprou livros, a Maria comprou canetas, ...

Esses exemplos mostram, pois, as propriedades de escopo do sintagma WH *o que* na interrogativa em (10a) acima: ele tem escopo sobre toda a sentença mesmo estando *in situ* na sintaxe visível. Mostram também que sintagmas WH *in situ*, como em (10a), têm as mesmas propriedades de escopo de sintagmas WH deslocados, como em (10b). Mais adiante, discutiremos as abordagens que procuram explicar como o escopo amplo de sintagmas WH *in situ* é garantido.

Assumimos, pois, para o PB, a existência de interrogativas de fato com WH *in situ*, as quais têm as mesmas propriedades de pergunta que possuem interrogativas com WH deslocado nesta língua, já que podem aparecer nas mesmas estruturas e apresentam as mesmas propriedades de escopo.

Vamos nos deter agora na questão do escopo de sintagmas WH *in situ*, já que eles devem de alguma maneira determinar o escopo sobre a interrogativa da qual fazem

parte. A maneira padrão de resolver este problema em sintaxe gerativa é postular que eles se movem no nível LF para o início da sentença. Nesta posição, eles têm escopo amplo sobre a sentença. Existem, porém, teorias em que a marcação do escopo do WH *in situ* é feita através de coindexação e não de movimento em LF. Há também propostas segundo as quais o sintagma WH *in situ* é interpretado em sua posição de base. E existem, ainda, abordagens mistas em que, dependendo do estatuto do WH *in situ*, ele pode ou não se mover em LF.

Apresentamos, na próxima seção, algumas das principais abordagens desenvolvidas em teoria gerativa com o intuito de garantir o escopo de sintagmas WH *in situ*.

5.3 Movimento em LF?

Esta seção está dividida em 2 partes. Na primeira parte (5.3.1) apresentamos a análise padrão de Huang (1982) de movimento em LF para sintagmas WH *in situ*. Na segunda parte (5.3.2), apresentamos algumas teorias de autores que defendem não haver movimento do WH *in situ*, incluindo a proposta de interpretação do sintagma WH *in situ* em sua posição de base desenvolvida por Reinhart (1994). Com exceção da análise de Reinhart (1994), as demais propostas vistas aqui para WH *in situ* se filiam à Teoria de Regência e Vinculação (*Government and Binding Theory* - GB).

5.3.1 Huang (1982)

Para explicar as interrogativas com WH *in situ* do chinês, Huang (1982) propõe que todo WH *in situ* é um operador que se move em LF para o Spec CP mais alto a fim de ter escopo sobre a sentença. Desta forma, todas as línguas se submeteriam a movimento WH, reduzindo, assim, suas diferenças apenas ao nível em que tal movimento se aplica: estrutura-S ou LF. Uma consequência disto, segundo o autor, é que todas as línguas têm a mesma semântica de interrogativas (mesma forma lógica), embora difiram na sintaxe.

Aplicando a análise de Huang ao PB, o resultado será que a sentença com WH *in situ* (15) abaixo e a interrogativa com WH deslocado em (14) têm a mesma representação em LF:

(14) *O que* o João comprou?

(15) O João comprou *o quê*?

Uma outra consequência da abordagem de Huang é que tanto o sintagma WH deslocado em (14) como o WH *in situ* em (15) têm igualmente escopo sobre a interrogativa, embora o primeiro marque isso já em SS e o segundo só em LF.

O tratamento que Huang dá para interrogativas WH *in situ* de línguas como o chinês é uma extensão do tratamento dado para interrogativas WH múltiplas do inglês. Observe uma interrogativa WH múltipla do inglês:

(16) Who bought what?

‘Quem comprou o quê?’

Em (16) acima, o elemento WH *what* é tratado como um quantificador da mesma forma que *who*, embora somente o último ocorra em posição de operador em SS. Isso é possível assumindo que os dois elementos WH da interrogativa ocorrem em posição de escopo em LF, pois *what* passa por movimento neste nível.

Alguns outros pontos importantes de Huang (1982), como a assimetria argumento/adjunto, serão tratados mais adiante, principalmente na resenha de Reinhart (1994).

5.3.2 Propostas de não movimento WH em LF

Além da abordagem padrão de marcação de escopo via movimento em LF, surgiram outras propostas em que se defende não haver movimento WH em LF. Nesta seção, veremos algumas destas análises para WH *in situ* em línguas como o chinês (em que todos os sintagmas WH permanecem *in situ*) e também a proposta de Lopes-Rossi (1996) para o PB.

5.3.2.1 Aoun & Li (1993)

Segundo Aoun & Li (1993), WH *in situ* em línguas como o inglês e o chinês não precisam ser alçados para Spec CP em LF, pois são coindexados e interpretados por um operador de pergunta (operador QU) que é alçado em SS para um Spec CP apropriado. Desta forma, o escopo de um WH *in situ* é determinado por referência ao operador QU com o qual ele está coindexado.

Uma evidência de que WH *in situ* não se move em LF, conforme Aoun & Li, é dada através da interação destes com advérbios como *only* (somente). O seguinte princípio (Tancredi, 1990)⁸ codifica as restrições de uso deste advérbio:

(17) Princípio da Associação Lexical (PLA – *Principle of Lexical Association*)

Um operador como *only* (somente) deve ser associado com um constituinte lexical em seu domínio de c-comando.

Segundo os autores, o advérbio *only* em (18a) abaixo pode, por exemplo, estar associado com um verbo (ou um sintagma verbal) ou com um objeto pós-verbal, produzindo duas leituras diferentes, como em (18b) e (18c), respectivamente:

(18) a. He *only* likes Mary.

‘Ele só gosta da Mary’

b. Ele só gosta da Mary (ele não a ama).

c. Ele só gosta da Mary (ele não gosta da Sue).

Aoun & Li advertem que, para o propósito da análise deles, é relevante mostrar que o objeto pós-verbal associado a *only* não pode passar por movimento visível; ou seja, ele não pode ser topicalizado (19a) e nem movido (no caso de ser um sintagma WH) para Spec CP (19b):

(19) a. * Mary_i, he only likes x_i.

/(da) Mary, ele só gosta/

b. *Who_i does he only like x_i?

/(de) quem ele só gosta/

Observe agora a interação de *only* com um elemento WH *in situ* (*what*) supostamente sujeito a movimento em LF na interrogativa em (20) abaixo. Repare que sentenças envolvendo WH *in situ* associadas com *only* são aceitáveis:

(20) a. Who only likes what? [inglês]

‘Quem só gosta do quê?’

b. Ta zhi xihuan shei? [chinês]

/ele só gosta quem/

‘Ele só gosta de quem?’

A gramaticalidade das interrogativas em (20) é problemática se o WH *in situ* se move para Spec CP em vista do que vimos em (19), pois tal movimento cruza *only* e, portanto, viola PLA. Tendo em mente PLA, parece haver duas maneiras de explicar a aceitabilidade das sentenças em (20) acima. A primeira é assumir que o princípio (17) se aplica em SS, mas não em LF. Aoun & Li advertem, entretanto, que não é possível manter esta assunção em vista do seguinte contraste:

(21) a. Someone loves every boy in the room. [ambígua]

‘Alguém ama todos os meninos no quarto’

b. Someone only loves every boy in the room. [não ambígua]

‘Alguém só ama todos os meninos no quarto’

(ao invés de todo mundo no quarto, meninos e meninas)

May (1985) e Aoun & Li (1993) geram o escopo amplo de (21a) adjungindo o objeto QP a IP, como mostra (22) abaixo:

(22) [_{IP} every boy in the room_i [_{IP} someone loves x_i]]

⁸ Citado por Aoun & Li (1993).

A não ambigüidade de (21b) pode ser explicada se PLA se aplica em LF, pois neste caso o objeto QP não cruza o advérbio *only* nem permanece associado ao sujeito QP em seu domínio de c-comando.

Assumindo que PLA se aplica em SS e em LF, não há problemas, segundo Aoun & Li, para explicar a aceitabilidade de interrogativas como (20) acima. Se o WH *in situ* não é movido em LF, PLA não é violado. Além disso, a interação entre PLA e WH *in situ* constitui evidência de que WH *in situ* não precisa ser alçado em LF para Spec CP.

Línguas como o chinês e o japonês apresentam um marcador interrogativo aberto. Um marcador interrogativo é, segundo Aoun & Li, uma categoria X^0 que ocorre no núcleo de Comp em SS (posição final de sentença em línguas núcleo-final). Os autores sugerem que ele é gerado pelo mecanismo de concordância Spec-núcleo. Segundo Aoun & Li (1993:211), a presença de um operador em Spec CP em algumas línguas (irlandês, entre outras) aciona a ocorrência de um marcador de concordância em Comp.

A partir dessa idéia, os autores postulam a existência de um operador QU não aberto, que se move para uma posição Spec CP apropriada e aciona concordância Spec-Núcleo. Assim, existirá um operador QU abstrato nos casos onde um marcador QU aberto não estiver presente.⁹

Dentro desta análise, os elementos WH do chinês (que permanecem sempre *in situ*) não podem figurar como operadores interrogativos, pois os dois operadores – o WH e o QU – poderiam ligar a mesma variável. Para resolver a questão do estatuto do WH *in situ* em chinês, os autores afirmam (baseados em Li, 1992)¹⁰ que estes não são operadores, mas sim um tipo de item de polaridade.

Conforme Aoun & Li (1993), uma das evidências dadas por Li (1992)¹¹ de que WH *in situ* em chinês é um item de polaridade e não um operador é o fato de que, diferente de línguas como o inglês, elementos WH nesta língua podem ser construídos ou com palavras interrogativas ou com elementos indefinidos não interrogativos ('todo, algum'):

⁹ Segundo Aoun & Li (1993:212, nota 10), a hipótese da existência de um operador de pergunta está de acordo com várias propostas da literatura sobre o assunto, tais como Katz & Fodor (1964), Baker (1970) e Pesetsky (1987), entre outros.

¹⁰ Citado por Aoun & Li (1993).

¹¹ Citado por Aoun & Li (1993).

(23) a. Ta yimwei wo xihuan shenme?

/ele acha eu gosto do que/

'Do que ele acha que eu gosto?'

b. Ta yimwei wo xihuan shenme.

/ele acha eu gosto de algo/

'Ele acha que eu gosto de algo'

Este fato indica para estes autores que elementos WH do chinês não são intrinsecamente operadores. Além disso, elementos WH indefinidos desta língua se comportam de maneira semelhante a itens de polaridade negativa podendo ocorrer, por exemplo, em interrogativas Y/N, como mostra o exemplo abaixo:

(24) Shei/Shenme ren xihuan ta ma?

/quem /que pessoa gosta dele QU/

'Alguém gosta dele?'

A determinação do escopo de um WH *in situ* é feita, então, por referência ao operador QU com o qual ele está coindexado. Desta forma, na interrogativa do chinês em (25) abaixo, o WH *in situ* está coindexado com o QU matriz e é interpretado como tendo escopo matriz:

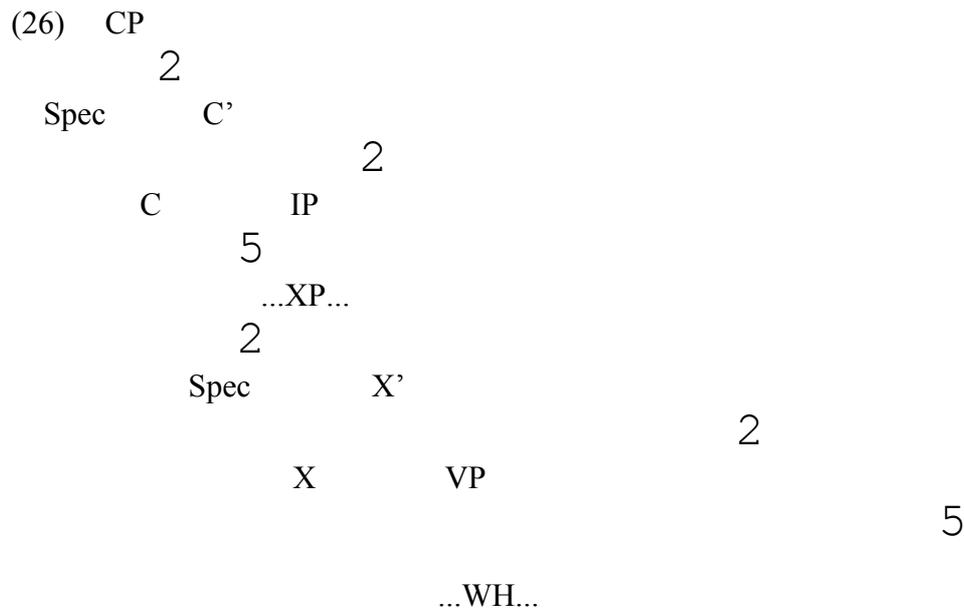
(25) [_{CP} Qu_i [_{IP} Zhang shuo [_{CP} Li maile shenme_i]]]?

/Zhang disse Li comprou o que/

'Zhang disse que Li comprou o quê?'

Aoun & Li assumem que a geração de um operador QU envolve movimento, já que a distribuição deste é sensível a ilhas (cf. Aoun & Li, 1993:219-24). Pode-se assumir a existência de uma projeção de pergunta na sentença cuja posição de Spec é preenchida pelo operador QU, como se observa na (26) abaixo:¹²

¹² A existência desta projeção de pergunta está baseada nas idéias de Chomsky (1986, 1991), Pollock (1989) e Ouhalla (1990), todos citados por Aoun & Li (1993:231).



Se XP em (26) acima for [+QU, +WH]¹³, será gerada um interrogativa [+WH] e o operador QU pode ocorrer em uma posição Spec desta projeção e, então, se mover em SS para Spec C. Na abordagem de Aoun & Li não há necessidade, pois, de movimento do WH *in situ* em nenhum dos níveis: SS ou LF.

Em suma, na abordagem de Aoun & Li (1993) o sintagma WH *in situ* não passa por movimento nem em SS nem em LF. O que se move é um operador QU abstrato em SS a fim de determinar o escopo do elemento WH *in situ*. Havendo um operador abstrato na sentença, os autores sugerem que os elementos WH do chinês não figuram como operadores, mas sim como itens de polaridade.

Uma contra-evidência ao tratamento dado por Aoun & Li (1993) para os sintagmas WH do chinês é encontrada em Cole & Hermon (1994:260). Os autores mostram que em línguas Quechua os elementos WH também podem ser usados como formas não interrogativas, como mostram os exemplos (27a) do Ancash Quechua e (27b) do Ibabura Quechua:

- (27) a. Ima-pis aqrakashqa. [Ancash quechua]
 /o que ainda está perdido/
 ‘Alguma coisa está perdida’
- b. Pi-pash shamurka. [Ibabura quechua]

¹³ Se o XP for [+QU, -WH] em (26), será gerada uma interrogativa Y/N. [-QU, -WH] produz sentenças declarativas e, por fim, [-QU, +WH] pode ser relacionado, segundo Aoun & Li (1993), com exclamativas.

/quem ainda vem/
 'Alguém vem'

Segundo Cole & Hermon (1994), Ancash quechua é uma língua que apresenta WH *in situ*, mas Ibabura quechua não possui interrogativas com WH *in situ*. Portanto, o uso de sintagmas WH como formas não interrogativas pode ser uma condição necessária mas não suficiente para que tratemos sintagmas WH como variáveis coindexadas com operadores QU.

Além disso, o fato de uma determinada língua ter dois elementos com a mesma forma não significa necessariamente que eles sejam o mesmo elemento. No PB, por exemplo, as palavras ditas sintagmas WH podem aparecer em outras estruturas (que não são interrogativas WH). Observe:

- (28) a. Maria se sentiu aliviada *quando* acabou a tese.
 b. Maria se sentiu aliviada *porque* acabou a tese.

Nos termos da gramática tradicional, *quando* na sentença em (28a) acima é uma conjunção introduzindo uma oração subordinada adverbial temporal, enquanto a conjunção *porque* em (28b) introduz uma oração subordinada adverbial causal. Repare ainda que no caso de *porque*, a conjunção não apresenta sequer a mesma grafia do *por que* sintagma WH. Apesar de sintagmas WH serem homófonos a conjunções em PB, como no caso de *quando* e *porque*, eles não são o mesmo elemento, já que não possuem as mesmas propriedades. Se transformarmos as sentenças acima em sentenças interrogativas, por exemplo, o que teremos é uma pergunta Y/N e não uma WH, como mostra (29) abaixo:

- (29) a. Maria se sentiu aliviada *quando* acabou a tese?
 b. Maria se sentiu aliviada *porque* acabou a tese?

Note que as interrogativas em (29) pode receber respostas com o verbo finito *se sentir* ou ainda com a cópula *É*, não sendo possível dar uma resposta a *quando* ou *porque*, já que não figuram como sintagmas WH.

Estes fatos do PB poderiam indicar uma maneira de tratar também os elementos WH do chinês: quando eles aparecem em outras construções que não são interrogativas

WH, eles poderiam não estar figurando como sintagmas WH, apresentando outra função sintática. Todavia, não temos evidências da língua suficientes para comprovar esse tipo de suposição.

A partir do que foi exposto até aqui e supondo que a abordagem de Aoun & Li (1993) para os sintagmas WH do chinês esteja correta, não parece possível estendê-la para o PB, já que os sintagmas WH desta língua parecem não apresentar as mesmas propriedades dos elementos WH do chinês. Como consequência, não parece possível considerar os sintagma WH do PB como itens de polaridade, embora saibamos que evidência morfológica não é de todo confiável. Se os sintagmas WH do PB não podem ser tratados como variáveis ao estilo Aoun & Li (1993), uma das possibilidades é pensar que eles são de fato operadores concorrendo com o operador WH nulo da sentença.

5.3.2.2 Shi (1994)

Para Shi (1994), sintagmas WH do chinês não se movem em LF e são tratados como variáveis ligadas por um operador *Question* (Q) que marca o escopo dos sintagmas WH em seu domínio. A evidência para a ausência de movimento de WH *in situ* do chinês em LF é dada por alguns dialetos desta língua que não apresentam a assimetria argumento/adjunto de Huang (1982:525-6). Segundo este autor, há uma distinção entre as propriedades de escopo de elementos WH argumentos e elementos WH adjuntos no chinês, como mostra o contraste entre (30) e (31):

(30) Ni xiangzhidao [shei mai le shenmo]?

/você quer saber quem comprou o quê/

(31) Ni xiangzhidao [shei weishenmo mai shu]?

/você quer saber quem por que comprou livros/

Segundo Huang (1982), a interrogativa em (30) permite duas leituras, em que ‘quem’ ou ‘o que’ podem ter escopo amplo, como mostra (32), enquanto a pergunta em (31) só permite a interpretação na qual ‘quem’ tem escopo amplo, com em (33):

(32) a. O que é a coisa *x* tal que você quer saber quem comprou *x*.

b. Quem é a pessoa *x* tal que você quer saber o que *x* comprou.

(33) Quem é a pessoa *x* tal que você quer saber por que *x* comprou livros.

Segundo Huang (1982), o traço deixado pelo alçamento em LF dos sintagmas WH deve ser propriamente regido a fim de satisfazer o ECP. Como um NP objeto é regido lexicalmente pelo verbo e um NP sujeito é regido por I¹⁴, os traços deixados pelo alçamento de ‘quem’ e ‘o que’ satisfazem o ECP. Por isso, estes sintagmas WH podem tomar escopo matriz e serem movidos para fora da ilha WH. No caso de um adjunto como ‘por que’, este não é regido pelo verbo ou por I. Assim, quando este sintagma é alçado, seu vestígio tem que ser regido pelo antecedente. Na configuração em (33), o vestígio só pode ser regido por seu antecedente dentro do Comp encaixado, mas não no Comp matriz; por isso, adjuntos como ‘por que’ só podem tomar escopo encaixado.

Esta assimetria, segundo Shi (1994), não existe em alguns dialetos do chinês, nos quais um elemento WH adjunto se comporta da mesma maneira que elementos WH argumentos, ambos podendo ter escopo matriz.¹⁵

O autor assume a análise de Baker (1970)¹⁶, desenvolvida por Aoun & Li (1990)¹⁷, segundo a qual cada interrogativa, direta ou indireta, é gerada com um morfema QUESTION (Q) dentro do seu nó INFL.¹⁸ Este morfema funciona como um operador e vincula elementos WH. O escopo de um elemento WH é determinado pelo morfema Q que o vincula.

Assim, para uma interpretação de interrogativa direta, o elemento WH deve estar vinculado ao Q matriz, pois terá escopo matriz; para uma leitura de interrogativa

¹⁴ Huang (1982) assume que I no chinês é lexical. Já Shi (1994) assume em sua análise que I é não lexical.

¹⁵ Xu (1990) contesta em parte a assimetria de Huang, mostrando que o sintagma WH *weishenme* (por que) do chinês, dependendo da forma como é pronunciado, apresenta um comportamento diferente de outros elementos WH adjuntos: ele não pode ser usado em pergunta-eco, não pode ser interpretado como um advérbio indefinido (os demais sintagmas WH desta língua podem) e não pode tomar escopo matriz em certas estruturas de ilha. Xu mostra que se o sintagma WH *weishenme* for pronunciado *WEIshenme*, então ele é correlato de *por que* no PB. Mas se ele é pronunciado *weiSHENME*, ele significa *por que razão*. Assim, uma interrogativa WH múltipla do chinês como em (i) abaixo só é gramatical se pronunciamos *weiSHENME* e não *WEIshenme*.

(i) Shui weishenme bu canjia wuhui?

/quem não compareceu à festa *por que/ por que razão/

Observe, contudo, que *weiSHENME* parece poder ser analisado como um sintagma WH *D-linked*, que sempre tem um efeito de amelhoramento sobre a sentença quando é ele que está *in situ* em sintaxe visível, como bem mostrou Pesetsky (1987), se comparado a um sintagma WH *não-D-linked* como *WEIshenme*.

¹⁶ Citado por Shi (1994).

¹⁷ Citado por Shi (1994).

¹⁸ Shi (1994: 312, nota 7) não discute a possibilidade de o morfema Q ser gerado em C, pois isso, segundo o autor, não tem conseqüências teóricas significativas para a análise apresentada por ele. Gerar o morfema que em C traz certas vantagens técnicas para sua análise de interrogativas WH, mas desvantagens para sua análise de perguntas A-não-A.

indireta, ele deve estar ligado ao Q encaixado para ter escopo encaixado. Esta assunção requer uma explicação alternativa para a satisfação das restrições seletivas dos verbos.

Um verbo como *wen* (perguntar) requer que seu CP complemento seja [+WH], enquanto um verbo como *xiangxin* (acreditar) requer um CP complemento [-WH]. Em Chomsky (1976), as restrições seletivas dos verbos de línguas como o inglês são satisfeitas na sintaxe com o movimento de algum elemento que possua o valor do traço correto; por outro lado, em línguas como o chinês, essas mesmas restrições são satisfeitas em LF, também por movimento.

Uma vez que na análise de Shi o WH *in situ* não se move de forma encoberta, é adotado, então, que a restrição seletiva relevante de um verbo é satisfeita quando sua sentença complemento tem o valor correto do traço [Q]. A restrição seletiva é entendida agora como a relação entre o verbo matriz e o núcleo de sua sentença complemento.

Como o morfema Q é gerado dentro de INFL, é necessário assumir que Q pode ser alçado para o nó CP em algum estágio para prover CP com o traço [+Q] e satisfazer as restrições seletivas do verbo. Elementos WH em chinês têm que ser licenciados pelo morfema Q para funcionarem como sintagmas interrogativos e não produzirem, por exemplo, leituras de quantificadores universais ou itens de polaridade negativa.¹⁹ Shi assume que eles funcionam como palavras WH somente quando são licenciados por um morfema Q.

A relação entre um morfema Q e um elemento WH é de ligação e o primeiro pode licenciar qualquer número de elementos WH em seu domínio por c-comando. Barreiras e Condição de Subjacência não afetam essa relação. Todos os WH, em qualquer posição, se comportam da mesma maneira. ECP não se aplica, pois não há movimento de palavras WH e a assimetria argumento/adjunto não é esperada.

Em sentenças com o verbo *wen* (perguntar) em (34) abaixo, o morfema Q deve ser gerado dentro da sentença complemento para prover o traço [+Q] selecionado pelo verbo. Quando o operador Q sobe do núcleo de IP para o núcleo do CP encaixado, ele c-comanda todos os constituintes dominados por esse CP. Como a Condição de Subjacência e o ECP são irrelevantes, não há problema se o elemento WH é um adjunto ou se está encaixado em uma ilha:

(34) Ta wen [[[ni zenmo chu] de chehuo] zui yanghong].

/ele perguntou me o acidente você teve de que maneira é o mais sério/

No caso de um elemento WH gerado em uma sentença sem um verbo que requeira um complemento [+Q], o WH se vinculará obrigatoriamente ao operador Q matriz, produzindo uma leitura de interrogativa WH direta matriz, mesmo que esteja dentro de uma ilha, como com *weishenmo* (por que) em um complexo NP em (35) abaixo:

(35) Ni renwei [[ta weishenmo cizhi] de shuofa] bijiao kekau ne ?

/você acha ele por que assinou DE requerimento mais seguro QU/

Interrogativas do chinês são usualmente marcadas por um morfema especial que aparece em posição final de sentença, tal como o marcador *ma* de interrogativas Y/N e o marcador *ne* de interrogativas WH. No japonês e no coreano existe um marcador obrigatório para interrogativas não-eco.

Se é assumido que movimento WH e o uso de marcadores interrogativos são caminhos equivalentes nas línguas para marcar visivelmente uma interrogativa, então a análise apresentada por Shi pode ser adaptada para o inglês. De modo geral, elementos WH de línguas como o inglês são movidos em sintaxe visível para marcar uma interrogativa direta ou indireta. Eles podem ser movidos para Spec CP e c-comandar a sentença sobre a qual eles têm escopo. Estendendo a análise de Shi para o inglês, os sintagmas WH desta língua passam a ser considerados variáveis ligadas por um operador Q. Assim, o escopo de sintagmas WH movidos ou *in situ* é determinado pelo operador Q que os vincula.

Um dos problemas em assumir a análise de Shi (1994) para o PB é o mesmo mostrado em relação à abordagem de Aoun & Li (1993), isto é, WH *in situ* de línguas como o chinês e o PB parecem não ter as mesmas propriedades, uma vez que os sintagmas WH do PB não parecem poder ser considerados itens de polaridade.

Além disso, note que as sentenças em (34) e (35) acima são agramaticais em PB, como mostra (36) abaixo:

¹⁹ Este comportamento peculiar dos sintagmas WH do chinês também é mostrado por Aoun & Li (1993),

- (36) a. *O acidente que você teve como/de que maneira foi o mais sério?
 b. *O requerimento que ele assinou por que é mais seguro?

Ademais, se a sentença em (36a) torna-se melhor se for construída com um argumento, como mostra (37) abaixo, o que evidencia a distinção argumento/adjunto:

- (37) ?O acidente que você machucou que pessoa foi o mais sério?

As sentenças (34)-(35) do chinês de um lado e as sentenças (36)-(37) do PB de outro parecem mostrar, pois, que os sintagmas WH *in situ* destas línguas não apresentam o mesmo comportamento. Ainda seria preciso mostrar, entretanto, que WH *in situ* em PB comporta-se de fato de maneira diferente de WH *in situ* em chinês.

Além disso, o PB apresenta a assimetria mostrada por Huang (1982) entre argumentos e adjuntos, como mostra (38) e (39). Veja que o adjunto em (39b) não pode ser alçado para fora da ilha WH, ou seja, não pode ter escopo encaixado:

- (38) a. Quem você quer saber o que comprou?
 b. O que você quer saber quem comprou?
 (39) a. Quem você quer saber por que comprou livros?
 b. * Por que você quer saber quem comprou livros?

Um outro problema é assumir que movimento WH e o uso de marcadores de pergunta são caminhos equivalentes para marcar uma interrogativa abertamente, uma vez que existem línguas como o PB em que tanto há movimento WH quanto WH *in situ*, sem que esteja presente, neste último caso, nenhum marcador interrogativo.

5.3.2.3 Lopes-Rossi (1996)

Com o mesmo tipo de proposta defendida por Shi (1994), Lopes-Rossi (1996) apresenta a análise de vários autores a respeito de WH *in situ* e questiona se em PB eles são de fato operadores que se movem em LF. A autora observa que os WHs *in situ* do PB podem aparecer adjungidos em alguns outros pontos na sentença na sintaxe visível, como o quantificador de (40) abaixo. Compare estas sentenças às de (41) com os WHs *in situ*, que podem aparecer no meio da sentença ou no início desta (Lopes-Rossi, 1996, exemplos (123) a (129)):

- (40) a. Os estudantes estão bebendo cerveja *todos* no bar.
 b. Os estudantes estão *todos* bebendo cerveja no bar.
 c. Os estudantes *todos* estão bebendo cerveja no bar.
 d. *Todos* os estudantes estão bebendo cerveja no bar.

- (41) a. Os estudantes estão bebendo cerveja *onde*?
 b. Os estudantes estão *onde* bebendo cerveja?
 c. *Onde* os estudantes estão bebendo cerveja?

A autora observa que ocorre o mesmo em japonês. Lopes-Rossi conclui daí que WH *in situ* em PB é um QP (sintagma quantificacional), que tem seu escopo determinado pelo mecanismo de “ligação não-seletiva”, segundo Pesetsky (1987), e afirma que o morfema interrogativo abstrato do PB é gerado em I e permanece nessa posição. Assim, WH *in situ* se submete a uma regra de alçamento de quantificador em LF que o adjuge a IP. A partir da análise de outras línguas que possuem WH *in situ*, a autora conclui que línguas marcadas [- movimento WH], isto é, que permitem WH *in situ*, como o PB, possuem flexão pobre, pois seu INFL, juntamente com o morfema Q²⁰, é incapaz de se mover para C por falta de traços distintivos de pessoa.

Lopes-Rossi (1996) segue Galves (1991)²¹, segundo a qual a concordância verbal em PB é fraca morfológicamente pela ausência da segunda pessoa e semanticamente pela possibilidade de interpretação da terceira pessoa do singular como

²⁰ Segundo Lopes-Rossi (1996), línguas orientais, de WH *in situ*, possuem um morfema interrogativo Q lexicalmente manifesto. Em PB tal morfema é, segundo a autora, um traço de IP sem manifestação morfológica.

²¹ Citado por Lopes-Rossi (1996).

indeterminada. Lopes-Rossi (1996:109) propõe, então, baseada no parâmetro proposto por Mahajan (1990)²², o seguinte parâmetro para o movimento WH:

(42) As línguas naturais se dividem entre aquelas que apresentam movimento WH e movimento de V na sintaxe visível porque possuem características de concordância verbal que exigem alçamento de [V+I] do traço Q para C⁰, forçando o movimento WH para a checagem do traço Q forte nessa posição, e línguas que possuem características de concordância verbal fracas, que impossibilitam o alçamento de [V+I] e do traço Q para C⁰ e dessa forma não criam condições para o movimento WH.

A partir de (42) acima, a autora está assumindo, pois, que o parâmetro de movimento WH em PB é marcado negativamente. Entretanto, se assumimos que o parâmetro do PB é [- movimento WH], não temos como explicar as interrogativas com WH deslocado, que estão abundantemente presentes tanto na fala adulta quanto na aquisição (cf. Sikansi, 1999).

Além disso, Sérgio Menuzzi (c.p.) observa que as sentenças em (41) acima são boas devido à ambigüidade da estrutura. Compare as sentenças de (41) repetidas aqui em (43) com as sentenças em (44):

- (43) a. Os estudantes estão bebendo cerveja *onde*?
 b. Os estudantes estão *onde* bebendo cerveja?
 c. *Onde* os estudantes estão bebendo cerveja?

- (44) a. Os estudantes tinham bebido cerveja *onde*?
 b. *Os estudantes tinham *onde* bebido cerveja?
 c. *Onde* os estudantes tinham bebido cerveja?

Segundo Menuzzi, a sentença em (43a) é ambígua porque *bebendo cerveja* pode ser o SV do auxiliar *estar* (de aspecto progressivo). Neste caso *onde* é um adjunto adverbial de lugar daquele SV; ou, ainda, *onde* pode ser o predicativo de um predicado nominal cujo verbo de ligação é *estar*, como em (45) abaixo, por exemplo:

²² Citado por Lopes-Rossi (1996).

(45) Os estudantes estavam onde?

– Eles estavam no bar (bebendo cerveja)

Menuzzi nota que em (45) acima *bebendo cerveja* é uma oração reduzida de gerúndio, com função de modificador adverbial, exatamente da mesma forma que em uma sentença como *Paulo só é feliz bebendo cerveja*.

A sentença em (44b) acima não pode, pois, receber o mesmo tipo de tratamento, uma vez que *tenham bebido* forma uma locução verbal não ambígua. A aceitabilidade da interrogativa em (43b) é devida à ambigüidade de sua estrutura, na medida em que ela pode ser interpretada como em (46a) abaixo. A agramaticalidade de (46b) abaixo se deve, pois, à não ambigüidade de (44b):

(46)a. Os estudantes bebendo cerveja estão onde?

b. *Os estudantes bebido cerveja tinham onde?

Um outro problema apontado por Sell (1998) para a proposta de Lopes-Rossi de que línguas com WH *in situ* de fato não possuem verdadeiros operadores WH, mas antes quantificadores que se adjungem a IP, é a existência de WH *in situ* em PE atual (cf. Menuzzi, 1993), já que essa língua apresenta movimento do verbo para C e inegavelmente seus constituintes interrogativos ocupam Spec CP.

Sell (1998) nota também que se a proposta de Lopes-Rossi com respeito à relação estreita entre movimento WH e riqueza da flexão está correta, o inglês, que possui um quadro flexional pobre, deveria se comportar da mesma forma que o PB no que concerne a WH *in situ*. Entretanto, o fenômeno WH *in situ* em inglês só ocorre em contextos muito restritos, como nas interrogativas múltiplas. Adicionalmente, Sell (1998) observa que, pelo menos em Florianópolis/SC, essa ausência da marca específica de segunda pessoa do singular no paradigma verbal não se verifica, de modo que, pelo menos na fala açoriana local, a “pobreza” do paradigma não é a que Galves observa e ainda assim não se nota diferença visível na distribuição de WH *in situ*.

Do que vimos até aqui, parece que não é possível considerar os sintagmas WH *in situ* do PB como QPs adjungidos a IP, como propõe Lopes-Rossi. Além disso, concluir que línguas marcadas [-movimento WH] são línguas de flexão pobre não parece estar correto em vista dos contra-exemplos dados em Sell (1998).

Um outro problema é classificar o PB como uma língua marcada negativamente em relação ao parâmetro do movimento WH, já que isso exclui as interrogativas com WH deslocado. Por outro lado, se consideramos que tal parâmetro é marcado positivamente nesta língua, excluimos as interrogativas com WH *in situ*. Parece, pois, que este parâmetro é bastante problemático.

Se sintagmas WH *in situ* não são QPs, como proposto Lopes-Rossi, é preciso que determinemos qual o estatuto deles em PB.

5.3.2.4 A interpretação de sintagmas WH *in situ*: Reinhart (1994)

Vimos que duas abordagens de marcação de escopo amplo tem sido propostas para WH *in situ*. A primeira, até recentemente a mais comumente assumida, é que o sintagma WH passa por movimento em LF para Spec CP, onde se tornam legítimas as relações de escopo WH. Esta proposta, como vimos, de movimento WH em LF surgiu com Huang (1982) para explicar as interrogativas com WH *in situ* do chinês. Segundo esta abordagem, todo WH *in situ* é um operador que se move em LF para o Spec CP mais alto a fim de marcar escopo. Desta forma, todas as línguas se submetem a movimento WH, reduzindo, assim, suas diferenças apenas ao nível em que tal movimento se aplica: estrutura-S ou LF. A outra abordagem, que tem origem em Baker (1977), postula que cada sentença interrogativa contém um morfema Q abstrato ao qual o sintagma WH *in situ* está diretamente ligado.

Segundo Reinhart (1994) há duas questões que estas análises precisam resolver, que são restrições na distribuição de WH *in situ*. A primeira é o problema de Superioridade; a segunda é o problema dos sintagmas WH adverbiais, que não são bons *in situ*.

Em Chomsky (1973)²³, Superioridade era vista como uma questão de movimento sintático. A relação “superior” é o predecessor de c-comando, e a condição de Superioridade requer que dado dois ou mais candidatos a movimento em DS, o que se move é o mais alto, isto é, o que c-comanda o outro. Esta abordagem, no entanto, não dá conta de casos como (47b) abaixo, que é uma sentença ruim, apesar de o sintagma

²³ Citado por Reinhart (1994).

WH *quem* c-comandar o WH adverbial *in situ*, satisfazendo o requerimento de Superioridade:

- (47) a. Quem desmaiou quando você agrediu quem? ²⁴
 b. *Quem desmaiou quando você se comportou como?

Huang (1982) propõe que os dois problemas, Superioridade e impossibilidade de WH adverbial *in situ*²⁵, podem ser reduzidos ao ECP, se assumirmos que WH *in situ* passa por movimento em LF. Assim, movimento em SS pode se aplicar a alguns candidatos WH, mas em LF todos os outros devem ser alçados. Essa abordagem apreende corretamente os casos de adjuntos, já que estes sempre requerem regência por antecedente. Explica também Superioridade com sujeitos, como na LF de (48a), dada em (48b) abaixo, onde o vestígio de *quem* não é regido por antecedente, violando ECP:

- (48) a. */? O que quem discutiu *e* com você?
 b. *[quem₁ [o que₂]]₂ [e₁ discutiu e₂ com você]]

Por outro lado, deixa outros casos sem explicação como, por exemplo, aquele apresentado em (49) abaixo; na LF de (49a), dada em (49b), na posição em que *quem*₂ se encontra, ele não c-comanda seu vestígio, por isso este não é regido por antecedente; entretanto, o vestígio de *quem*₂ é apropriadamente regido pelo núcleo V *e*, portanto, o ECP permite tal derivação:

- (49) a. */? Quem Lucie persuadiu quem [PRO a visitar *e*]
 b. [quem₁ [quem₂]] [Lucie persuadiu e₁ a visitar e₂]]

No MP (Chomsky, 1992), Chomsky retorna à análise de Chomsky (1973), onde Superioridade é uma restrição ao movimento aberto, agora vista como uma instância da

²⁴ Todos os exemplos foram traduzidos do inglês para o PB.

²⁵ Huang (1982:535) observa um contraste entre adjuntos WH *in situ*, (i) e (ii) de um lado e (iii) e (iv) de outro:

- (i) Who remembers what we bought when?
 /quem se lembra o que nós compramos quando/
 (ii) Who remembers what we bought where? [onde]
 (iii) *Who remembers what we bought why? [por que]
 (iv) *Who remembers what we bought how? [como]

estratégia de economia de preferir ligações mais curtas²⁶. Em seu movimento para o Spec CP, o sintagma WH c-comandante deve cruzar menos nós que o dominam do que algum WH que ele c-comande. O mecanismo de interpretação assumido é “absorção” (Higginbotham & May, 1981)²⁷. A uma estrutura como (50a) será atribuída uma análise como (50b), onde a restrição-N (livro) permanece *in situ*, uma vez que *qual livro* não se move:

- (50)a. Quem *e* comprou qual livro
 b. para $\langle x, y \rangle$, x comprou y, e livro (y).

Para demonstrar que essa análise é vantajosa e necessária dentro da abordagem de que não existe movimento em LF de WH *in situ*, Reinhart toma a sentença em (51a) abaixo, que tem leitura ambígua. O escopo do WH *in situ* pode estar na sentença encaixada (podendo receber uma resposta do tipo: *Max sabe onde encontrar o quê*), ou sobre a sentença matriz (apresentando resposta de par múltiplo como *Max sabe onde encontrar bicicletas, ...*). A representação semântica desta última está dada em (51b):

- (51) a. Quem sabe onde encontrar o quê?
 b. para $\langle x, y \rangle$, x sabe onde encontrar y.

Dado o requerimento de economia de tomar o movimento mais curto, o movimento em (51b) não deveria ser permitido. Já que se tem a opção de adjungir *o que* ao WH mais baixo *onde*, adjungi-lo ao mais alto viola economia. Reinhart conclui que para obter a leitura de (51b) deveríamos então dizer que movimento de WH *in situ* viola

²⁶ Segundo Pesetsky (2000: 15), a Condição de Elo Mínimo (MLC – *Minimal Link Condition*) de Chomsky (1995), citada no capítulo 2 desta tese e repetida aqui em (i) abaixo, é uma reformulação da condição de Superioridade para movimento. Pesetsky chama a condição abaixo de *Attract Closest*:

(i) α can raise to target K only if there is no legitimate operation Move β targeting K, where β is closer to K. (Chomsky, 1995: 296)

[α pode ser alçado para alvejar K somente se não existe operação legítima Mova β para alvejar K, onde β está mais próximo de K]

²⁷ Um dos problemas que o mecanismo de absorção resolve, nestes autores, é a questão da *interpretação bijetiva* em interrogativas WH múltiplas com sintagmas WH singulares do inglês. Nos termos de Higginbotham & May (1981:49), *absorção* terá o efeito de gerar representações contendo operadores WH n-ários ($n \geq 2$) de pares de operadores WH com números menores de lugares. Em outros termos, isso significa que onde seria necessário ter vários Specs, um para cada operador WH, é possível construir uma representação com apenas um Spec. Esse único Spec abriga o conjunto de todos os operadores WH da interrogativa, que passa a formar uma unidade obtida a partir da absorção destes operadores. Como cada operador WH está ligado a uma única variável, na absorção, o operador resultante passará a estar ligado a um conjunto ordenado de variável, o que permitirá a interpretação bijetiva em interrogativas WH múltiplas com sintagmas WH singulares.

economia, o que não é, de fato, uma possibilidade dentro do MP. A outra possibilidade seria assumir que tal movimento não existe.

Reinhart (1994) acrescenta que um forte argumento para a abordagem de ausência de movimento em LF para WH *in situ* é a questão da Subjacência²⁸. Huang (1982) postula que movimento em LF, ao contrário de movimento sintático, não obedece Subjacência. Reinhart argumenta que, independentemente de questões conceituais, é empiricamente incorreto afirmar que movimento foneticamente invisível não obedece Subjacência, já que esta é uma restrição geral sobre mova α ²⁹; portanto, não deveria haver diferenças, neste sentido, entre movimento foneticamente visível e invisível.³⁰ Se WH *in situ* não mostra efeito de Subjacência, isso não pode decorrer das propriedades do movimento em LF, mas isso indica, segundo a autora, que WH *in situ* não se move em LF.

Considerando que WH *in situ* não se move em LF, o resultado crucial dessa análise, segundo Reinhart, é que embora seu escopo seja idêntico ao do sintagma WH movido, a restrição-N permanece *in situ*, em vez de ocorrer como uma restrição no operador interrogativo. O problema que surge, então, é como interpretar *in situ* (sem movimento em LF) tais sintagmas WH. Note que a autora está tratando dos sintagmas WH do tipo *D-linked* (nos termos de Pesetsky, 1987). Mais adiante, ela estenderá sua análise aos sintagmas *não-D-linked*.

Reinhart assume a semântica de interrogativas proposta por Karttunen (1977)³¹, para quem NPs-WH são NPs existenciais e a interrogativa denota o conjunto de

²⁸ **Condição de Subjacência:** o movimento não pode atravessar mais que um nó de ligação, onde nós de ligação são IP e NP. (cf. Haegeman, 1994: 402)

²⁹ No caso de comparativas e outras conjunções elípticas, como em (i), o sintagma (correlato) sublinhado deve mover-se em LF e adjungir-se ao sintagma *that* ou *except*. Este movimento não é *clause-bound*, como ilustrado em (ia-b), mas deve ainda obedecer Subjacência. Em (ic-d), o correlato está numa ilha, portanto seu movimento em LF viola Subjacência e o resultado é comparável ao movimento visível para fora de uma ilha, como em (e):

- (i)a. More people said that they will vote for Bush, in the last pole, than for Dukakis.
 ‘Mais pessoas disseram que votarão em Bush, na última eleição, do que para Dukakis’
 b. Lucie did not admit that she stole anything, when we pressed her, except for the little red book.
 ‘Lucie não admitiu que ela roubou alguma coisa, quando nós a pressionamos, com exceção do pequeno livro vermelho.’
 c. *More people who love Bach arrived, than Mozart.
 /mais pessoas que amam Bach chegaram, do que Mozart/
 d. * The people who love every composer arrived, except Mozart.
 /as pessoas que amam todo compositor chegaram, menos Mozart/
 e. * Quem que você leu o livro [que *t* escreveu]?

³⁰ Pesetsky (1987) também argumenta que movimento em LF deve obedecer Subjacência (cf. Pesetsky, 1987 na discussão que teve lugar no capítulo 4 desta tese).

³¹ Citado por Reinhart (1994).

proposições que são respostas verdadeiras para ela. A interpretação de (52a) abaixo, por exemplo, é dada em (52b):

- (52) a. Que país europeu tem uma rainha?
 b. $\{P \mid (\exists x) (\text{país europeu}(x) \ \& \ P = \wedge (x \text{ tem uma rainha}) \ \& \ \text{verdadeiro}(P))\}$
 c. $\{A \text{ Inglaterra tem uma rainha: a Holanda tem uma rainha}\}$

(52b) é o conjunto de proposições verdadeiras P, tal que existe um país europeu x sobre o qual P declara que x tem uma rainha. O valor de verdade de x, em nosso mundo atual, produzindo ‘x tem uma rainha’ como uma proposição verdadeira, conduz a Inglaterra e Holanda. Assim, a interrogativa em (52a) denota o conjunto em (52c).

Como marcar, então, escopo amplo para sintagmas WH que mostram propriedades de permanência *in situ*? Reinhart (1994) mostra que, supondo que se queira representar escopo amplo do existencial *algum livro* (53a), sem extrair sua restrição (sem movimento em LF), pode-se permitir quantificação existencial sobre funções de seleção, isto é, pode-se pensar em funções que se aplicam a um conjunto e dão como resultado um membro individual desse conjunto. Em (53) tal função se aplica ao conjunto de livros:

- (53) a. Toda mulher leu algum livro
 b. $(\exists f) (\forall z) (\text{mulher}(z) \rightarrow z \text{ leu } f(\text{livro}))$

A variável da função pode ser ligada por um operador existencial arbitrariamente longe dela. (53b) diz que existe uma função que se aplica ao conjunto dos livros, tal que para todo z, se z é uma mulher, então z leu o livro selecionado por essa função (o que equivale a dizer que um livro existe tal que todas as mulheres o leram). A autora nota que $f(\text{livro})$ é um argumento (de *ler*), o que corresponde ao fato de que seu NP permanece na posição de argumento e ele denota o valor da função, isto é, um dado livro.

Veja o que acontece quando a restrição-N ocorre na sentença antecedente de uma implicação material. A representação em (54b) capta corretamente suas condições de verdade, apesar de a restrição-N em (54) estar *in situ*:

- (54) a. Max ficará ofendido se nós convidarmos algum filósofo.
 b. $(\exists f) (\text{nós convidamos } f(\text{filósofo}) \rightarrow \text{Max ficará ofendido})$
 c. $(\exists x) ((\text{filósofo}(x)) \ \& \ (\text{se nós convidamos } x \ \text{Max ficará ofendido}))$

A representação em (54b) denota que existe uma função tal que se nós convidarmos o filósofo que ela seleciona, Max ficará ofendido, o que equivale à representação padrão de escopo amplo em (54c).

A autora acredita ser possível aplicar sintagmas WH o mesmo mecanismo de quantificar sobre funções de seleção, já que, em todas as abordagens semânticas padrão para interrogativas, tal como Karttunen (1977), que Reinhart (1994) assume, NPs-WH são sempre tratados como quantificadores existenciais.

No exemplo (55) abaixo, podemos aplicar uma função de seleção ao WH *in situ* que livro, produzindo $f(\text{livro})$. A função variável será então ligada pelo operador interrogativo relevante, como ilustrado informalmente em (55b). A interrogativa denota aqui o conjunto de proposições P verdadeiras, cada uma das quais declarando que, para alguma mulher x e para alguma função f, x leu o livro selecionado por f:

- (55) a. Que mulher *e* leu que livro?
 b. Para qual $\langle x, f \rangle$ (mulher (x)) e (x leu $f(\text{livro})$)
 c. $\{P | (\exists \langle x, f \rangle) (\text{mulher}(x) \text{ e } P = \wedge ((x \text{ leu } f(\text{livro})) \text{ e } \text{verdade}(P)))\}$

Retornando ao problema que se apresenta quando a restrição-N ocorre na sentença antecedente de uma implicação, como em (56), Reinhart aplica o mesmo procedimento, em que a função de seleção, ligada pelo operador interrogativo, seleciona um valor do conjunto de filósofos. Embora a restrição ocorra dentro de uma sentença condicional, os valores permitidos na resposta podem ser somente do conjunto de filósofos, como já havia sido discutido em (54), com o existencial *algum filósofo*:

- (56)a. Quem ficará ofendido se nós convidarmos qual filósofo?
 b. Para qual $\langle x, f \rangle$, se nós convidamos $f(\text{filósofo})$, x ficará ofendido.
 c. $\{P | (\exists \langle x, f \rangle) (P = \wedge ((\text{nós convidamos } f(\text{filósofo})) \rightarrow (x \text{ ficará ofendido})))\}$

Reinhart (1994) adverte que o que se pretende apreender é estritamente o escopo amplo de existenciais. Para garantir que isso é equivalente à sua interpretação padrão de escopo amplo, devemos nos certificar de que as dadas funções selecionam sempre

somente de dentro da extensão do conjunto-N do mundo real (igualmente quando a restrição-N se origina em um contexto intensional).

Segundo Reinhart, usar quantificação existencial sobre funções de seleção resolve o problema de interpretação enfrentado pela análise sintática do MP, pois permite que sintagmas sejam interpretados *in situ*, sem passar por problemas com ligação não-seletiva de variáveis individuais, ou seus equivalentes com o mecanismo de absorção. Entretanto, isso só será possível se demonstrado que quantificação existencial sobre funções de seleção é motivada pela sintaxe das línguas naturais e que pode ser diretamente derivada.

Observe um NP existencial padrão tal como *alguma mulher*, cuja estrutura é dada em (57):

(57)a.	N ^{''}	
	2	
	Det	N
	Alguma/WH	mulher (i)
b.	($\exists x$)	(mulher (x))
c.	f	{x mulher (x)}

Segundo Higginbotham (1985), N é gerado com um argumento que é um índice ('papel') que deve estar ligado (*descarregado*, nos termos do autor).³² Algumas análises de NPs assumem isso, de fato: N é sempre visto como um conjunto, com uma variável como índice. Uma maneira de a variável poder estar ligada é o determinante *algum* (*some*) ser interpretado como um operador existencial, como em (57b).

Entretanto, determinantes indefinidos, ou em geral determinantes fracos, não necessariamente correspondem a um operador. Uma opção é ligar a variável formando um conjunto como a tradução de N, como em (57c). Assim, o determinante é, de qualquer modo, uma função. Uma alternativa (no caso de NPs fracos) é permitir que o

³² Segundo Higginbotham (1985), nominais, em muitas línguas, podem servir de predicados em sentenças matrizes. A partir disso, poderíamos esperar, então, que uma palavra como *cachorro*, por exemplo, tenha uma grade temática como parte de sua entrada lexical, como em (i):

(i) *cachorro*, -V + N, ⟨1⟩

onde ⟨1⟩ significa uma posição acessível no Spec da estrutura, que pode ser preenchida, por exemplo, por um artigo. *Descarregar* um argumento-índice significa fechar uma estrutura com respeito a papel temático. Observe entretanto que para o autor grade temática é algo mais abrangente do que para a Teoria de Regência e Vinculação.

determinante sirva como uma variável de função (de seleção), aplicada para o dado conjunto. Esta é a maneira de derivar $f(\text{mulher})$, usada na fórmula anterior.

Para a ligação da variável da função, aplica-se fechamento existencial, introduzindo um operador existencial, ou ligando-o a um operador existencial disponível, como proposto em Heim (1982) (exceto por esse operador ligar aqui uma variável de função).

No caso de sintagmas WH tal como *que mulher*, já que elas são vistas como existenciais padrão, no nível-NP local elas podem ser analisadas como em (57c). Entretanto, elas diferem de outros existenciais na medida em que os operadores existenciais encarregados de ligá-las devem estar inseridos numa posição predeterminada no escopo do operador de formação interrogativa (o qual forma o conjunto de proposições denotado pela interrogativa). Sintaticamente, ‘absorção’ pode ser vista então como a vinculação da variável-f pelo operador Q.

Reinhart nota que não é suficiente mostrar que a interpretação assumida aqui é possível, mas também que as duas opções de (57) são as únicas interpretações possíveis (excluindo a opção de ligação não-seletiva). A restrição relevante pode ser retirada de Higginbotham (1985), o qual argumenta que a variável-N deve ser ligada (*discharged*) dentro do NP. Esta restrição não poderia vir de princípios da lógica, mas ela é uma restrição de línguas naturais. Se verdadeira, ela requer que as opções ilustradas em (57) sejam as únicas disponíveis: ou a variável é vinculada pelo determinante de NP ou por um operador que forma um conjunto.

No caso de sintagmas WH pronominais como *quem*, Reinhart assume a mesma estrutura: *quem* é um determinante, mas o conjunto nome é vazio, como em (58):

(58) [quem [_N e(i)]]³³

³³ Uma estrutura bastante similar à proposta aqui por Reinhart é assumida por Ambar (1987) para explicar as assimetrias existentes em interrogativas WH do Português Europeu (PE). Ambar postula que da mesma forma como existe um sintagma WH com um N foneticamente realizado, como em (i), é provável que haja um sintagma com um N nulo sem realização fonética junto a *que* em sentenças como (ii). Esse N nulo é uma categoria vazia (cv) que pode ser deduzida, segundo a autora, a partir da intuição do falante tendo em vista a equivalência entre [Que cv] e as expressões *que coisa* em PE e *che cosa* em Italiano:

(i) Que [livro] a Joana comprou?

(ii) Que [cv] comprou a Joana?

Ambar postula ainda que alguns sintagmas WH (argumentais e adverbiais) apresentam traços inerentes importantes para a recuperabilidade de conteúdo da cv. Esses traços são, entre outros:

quem = [que cv_[humano]]

quando = [que cv_[tempo]]

o que = [que cv_[definido]]

onde = [que cv_[lugar]]

A interpretação desse N vazio pode ser pensada de várias maneiras: ele pode ser visto como denotando um conjunto de entidades nesse modelo, ou como contendo a restrição-seleção do determinante (tal como animacidade). O ponto crucial, entretanto, é que ele também contém um índice N que é uma variável. Isso significa que o mecanismo de descarregar essa variável e fechar o NP com a formação de um conjunto pode proceder como acima (uma alternativa é que tal sintagma WH não contém um N, mas pode ser traduzido diretamente como uma variável, que pode ser vinculada a longa distância).

Reinhart conclui, pois, que é possível derivar a interpretação apropriada de WH *in situ* sem movimento.

A autora faz ainda uma distinção entre a interpretação *in situ* de NPs-WH e de WH-adverbiais; os primeiros podem ser interpretados *in situ*, enquanto os últimos não, sendo somente possível interpretá-los em Spec CP (talvez requerendo seu próprio operador Q)³⁴. Reinhart argumenta que o problema apresentado nas sentenças abaixo não é um problema geral com adjuntos WH, mas restringe-se a sintagmas WH adverbiais:

- (59) a.* Quem desmaiou quando você se comportou como?
 b. Quem desmaiou quando você se comportou de que maneira?

Sintática e semanticamente os sintagmas WH *como* e *de que maneira* são adjuntos nas sentenças de (59). No entanto, somente adjuntos adverbiais, como em (59a), causam problemas, já que a sentença (59b) é boa, pois o adjunto que permanece *in situ* ainda é um NP, por isso, pode ser interpretado *in situ*. A autora afirma, então, que se o problema com (59a) fosse ECP, não deveria haver diferenças entre (59a) e (59b). Isso leva Reinhart a concluir que WHs adverbiais são diferentes de WHs NPs, pois os primeiros não possuem um conjunto-N, e portanto não possuem um “papel” para descarregar nem uma variável; acrescente-se que eles denotam funções que se estendem

Diferente destes sintagmas, *que* e *por que*, segundo a autora, não apresentam nenhum desses traços. Note que a abordagem de Ambar, diferentemente da proposta de Reinhart, inclui sintagmas WH adverbiais *não-D-linked*.

Para uma crítica à proposta de Ambar (1987), ver Menuzzi (1993).

a entidades de ordem mais alta ((Szabolsci & Zwarts, 1991) citado por Reinhart, 1994). Isso implica em eles não poderem ser interpretados via funções de seleção selecionando um membro do conjunto.

Observe que a proposta de Reinhart explica o caso de sintagmas WH inerentemente *não-D-linked* como *que diabos*. Este tipo de WH não pode ficar *in situ*:

- (60)a. Que diabos você disse?
 b. * Você disse que diabos?

O N que aparece na estrutura deste tipo de sintagma WH não apresenta ligação com nenhum conjunto-N do mundo real. Portanto, ele não pode ser interpretado *in situ* via funções de seleção. Este fenômeno corrobora, pois, a proposta de Reinhart (1994).

Todavia, uma das questões que surge em relação à análise de Reinhart é avaliar se sua teoria se aplica somente a sintagmas WH *in situ* de interrogativas WH múltiplas ou se pode ser estendida para as interrogativas WH *in situ* simples do PB.

Veja, por exemplo, que em PB WH-adverbiais *in situ* apresentam problemas de aceitabilidade somente em interrogativas WH múltiplas, como vimos no capítulo anterior. Em interrogativas WH simples, sintagmas WH adverbiais, *D-linked* ou *não-D-linked*, de modo geral são aceitáveis:

- (61) a. Você se comportou como / de que maneira?
 b. Você encontrou o João onde / em que lugar?
 c. Você viaja quando / que mês?
 d. Você pagou a conta por quê / por que razão?

Na seção 5.5 deste capítulo voltaremos a discutir a possibilidade de analisar os sintagmas WH *in situ* do PB a partir da abordagem interpretativa de Reinhart (1994).

³⁴ Reinhart (1994) afirma que se poderia assumir que tais advérbios são gerados na base em Spec QP, como proposto por Reinhart (1992). A autora não apresenta, entretanto, uma análise mais detalhada para sintagmas WH adverbiais.

5.4 Resumo das análises para WH *in situ*

Vejamos as principais idéias de cada uma das análises vistas nas seções anteriores. Na análise clássica de Huang (1982), todos os sintagmas WH passam por movimento WH em SS ou em LF. Esta abordagem trata os sintagmas WH como operadores que se movem de sua posição de origem para uma posição na periferia esquerda da sentença, onde se tornam legítimas as relações de escopo. Ela apresenta a vantagem de tratarmos os sintagmas WH de forma unificada, já que todos passam por movimento WH, deixando a diferença apenas para o nível no qual o movimento WH se aplica: SS ou LF (ou, ainda, sintaxe visível ou sintaxe encoberta).

Na abordagem de Aoun & Li (1993) para sintagmas WH *in situ* do chinês, estes elementos não passam por movimento WH nem em sintaxe visível nem de forma encoberta, uma vez que são coindexados e interpretados por um operador QU abstrato que se move em sintaxe visível para uma posição na periferia esquerda da sentença, onde as relações de escopo WH se tornam legítimas.

Elementos WH do chinês, para os autores, são considerados itens de polaridade, já que nesta língua eles podem ser interpretados ou como palavras interrogativas ou como elementos indefinidos não interrogativos. Conforme vimos, esta análise não pode ser aplicada ao PB, uma vez que sintagmas WH desta língua parecem não apresentar o mesmo comportamento de sintagmas WH de línguas como o chinês, o que torna difícil assumirmos que elementos WH do PB são itens de polaridade.

Em uma análise semelhante à de Aoun & Li (1993), Shi (1994) considera os sintagmas WH *in situ* do chinês como variáveis ligadas por um operador Q que determina o escopo dos sintagmas WH em seu domínio. Nesta análise, portanto, WH *in situ* também não passa por movimento encoberto. Uma das evidências para esta hipótese, segundo o autor, é que alguns dialetos do chinês não apresentam a assimetria argumento / adjunto de Huang (1982:525). Entretanto, de acordo com o que vimos na seção 5.3.2.2 parece que tal assimetria é encontrada no PB. Portanto, a evidência que o autor quer usar para mostrar que não há movimento WH em LF não é imediatamente apreensível, pelo menos nesta língua.

Ademais, vimos que assumir a análise de Shi para o PB apresenta o mesmo problema mostrado em relação à abordagem de Aoun & Li (1993), uma vez que sintagmas WH *in situ* de línguas como o PB e de línguas como o chinês parecem não

apresentar as mesmas propriedades. Um problema adicional é assumir que movimento WH e o uso de marcadores de pergunta são caminhos equivalentes para marcar uma interrogativa abertamente, em vista do fato de que algumas línguas, como é o caso do PB, apresentam tanto sintagmas WH movidos como WH *in situ*, ambos em sintaxe visível, sem apresentar, neste último caso, nenhum marcador interrogativo.

Com uma proposta na mesma direção de Shi (1994), Lopes-Rossi (1996) considera os sintagmas WH *in situ* do PB como QPs (sintagmas quantificacionais), que têm seu escopo determinado pelo mecanismo de “ligação não-seletiva” de Heim (1982). De acordo com o que vimos, a análise da autora apresenta vários problemas, dentre eles de classificar o PB como uma língua marcada negativamente em relação ao parâmetro do movimento WH, já que isso exclui as interrogativas com WH deslocado.

Por fim, na abordagem de Reinhart (1994), sintagmas WH *in situ* são interpretados *in situ* via funções de seleção. Um argumento levantado pela autora em favor da ausência de movimento WH de sintagmas WH *in situ* é a questão da Subjacência. Huang assume que movimento WH encoberto não obedece Subjacência e a diferença entre WH argumentos e WH adjuntos pode ser explicada a partir do ECP. Reinhart mostra, entretanto, que o ECP não resolve todos os casos problemáticos e que Subjacência deve ser obedecida na sintaxe visível e no nível encoberto. Desta forma, se WH *in situ* não mostra efeito de Subjacência, isso indica que WH *in situ* não se move em LF.

Vimos, entretanto, que explicar as interrogativas WH *in situ* simples do PB a partir da análise de Reinhart nos traz alguns problemas, uma vez que WH-adverbiais *in situ* são agramaticais em perguntas WH múltiplas, mas não o são em perguntas WH simples.

Na próxima seção, trataremos dos fenômenos relacionados às interrogativas WH *in situ* simples do PB, tendo em vista as discussões feitas até aqui e os dois quadros teóricos discutidos no capítulo 2.

5.5 Análise das interrogativas com WH *in situ*

De acordo com o que vimos no capítulo 2 desta tese, Miotto (1994) mostra que as interrogativas WH *in situ* do PB se submetem ao Critério WH de Rizzi (1996) no nível LF. Para tanto, os sintagmas WH devem passar por movimento WH em LF a fim de ocupar, neste nível, uma posição que os configure como operadores WH. Isto ocorrendo, o Critério WH será satisfeito através de *concordância dinâmica* em LF. Note que nesta abordagem é preciso assumir movimento WH em LF.

A partir de Chomsky (1995) e da análise de NHG (2001), vimos que nas interrogativas WH *in situ* simples não há movimento em sintaxe visível porque o traço WH de C é não-forte. Isso significa que este tipo de estrutura não viola *Procrastinar*. Neste quadro, então, de acordo com o que vimos na seção 2.3 do capítulo 2 desta tese, podemos tratar as interrogativas WH *in situ* de duas maneiras diferentes.

Na primeira, podemos assumir que o traço WH do sintagma WH *in situ* se move em LF a fim de entrar, neste nível, em relação de checagem com o traço WH não-forte de C. Na segunda, podemos postular que não há movimento WH de forma encoberta e que o escopo do sintagma WH *in situ* precisa ser determinado de outra maneira, como, por exemplo, da maneira proposta por Reinhart (1994). Antes de optar por uma destas análises, é preciso discutir se os sintagmas WH *in situ* de interrogativas WH simples do PB apresentam diagnóstico de movimento em LF.

Em primeiro lugar, note-se que vimos neste capítulo que sintagmas WH *in situ* apresentam as mesmas propriedades de escopo WH que sintagmas WH deslocados. Isso significa que as relações de escopo dos sintagmas WH *in situ* precisam ser legitimadas de alguma forma. Observe-se também que o argumento principal de Reinhart para assumir que não há movimento WH em LF está ancorado na questão de que Subjacência deve ser obedecida também em LF (e não apenas em sintaxe visível, como propôs Huang, 1982). Além disso, vimos no capítulo 4 que WH *in situ* em PB parece não se mover em LF, já que sintagmas WH *in situ* violariam Subjacência neste nível.³⁵

Uma das possibilidades de análise para WH *in situ* seria, pois, adotarmos a abordagem de Reinhart (1994).

³⁵ Cf. seção 4.3.1 do capítulo 4.

Se assumimos esta análise, então os sintagmas WH *in situ* são interpretados *in situ* via funções de seleção. Entretanto, em interrogativas WH simples do PB sintagmas WH adverbiais são bons *in situ*, o que talvez possa trazer problemas para o tratamento proposto pela autora para os sintagmas WH adverbiais.

Uma análise possível é de qualquer modo considerarmos que sintagmas WH adverbiais em interrogativas WH simples podem ser interpretados *in situ*. Essa solução, entretanto, além de contrariar a abordagem de Reinhart (1994), nos faria tratar os sintagmas WH adverbiais em interrogativas WH simples de maneira diferente de quando eles aparecem em interrogativas WH múltiplas, já que nessas estruturas adverbiais WH não são bons *in situ*. Essa diferença de comportamento é inesperada na análise de Reinhart (1994), que aliás só toma como exemplos os fenômenos de WH múltiplo do inglês.

Por outro lado, se assumimos que a abordagem de Reinhart está correta e que, portanto, sintagmas WH adverbiais não podem ser interpretados *in situ*, mesmo sendo bons *in situ* em interrogativas WH simples, podemos pensar em uma análise alternativa para eles. Vejamos o conjunto de dados do PB que precisam ser explicados:

- (62) a. A Maria falou com o Pedro onde?
 b.?? Quem falou com o Pedro onde?
 c. * Quando a Maria falou com o Pedro onde?
 d.* Onde a Maria falou com o Pedro quando?

Veja que temos que explicar por que WH adverbiais são bons *in situ* em interrogativas WH simples (62a), mas são marginais *in situ* em interrogativas WH múltiplas (62b), ao mesmo tempo em que não podem ocorrer dois WH adverbiais na mesma estrutura (62c-d). Em estruturas múltiplas, WH adverbiais não podem ser interpretados *in situ*, de acordo com a análise de Reinhart (1994), o que deriva o comportamento de (62c-d); mas o mesmo não ocorre com os sintagmas WH adverbiais em estruturas WH *in situ* simples e portanto (62a) é o inesperado. Temos aqui dois caminhos a tomar.

No primeiro, mantemos a distinção entre estruturas múltiplas e estruturas simples e assumimos que sintagmas WH adverbiais nas estruturas simples recebem a análise de interpretação *in situ* de Reinhart (1994) e nas múltiplas eles recebem um outro tipo de análise, a ser apresentado ainda. Veja que este tipo de abordagem coloca

todo o peso na distinção entre interrogativas WH simples e interrogativas WH múltiplas, e por isso fica com o problema de criar dois mecanismos de interpretação e de marcação de escopo para um mesmo item: os sintagmas WH adverbiais.

Ademais, como Reinhart nota, sintagmas WH adverbiais não possuem o conjunto N e, portanto, nem regra-N ou variável, o que implica em eles não poderem ser interpretados via funções de seleção selecionando um indivíduo do conjunto ou um conjunto dentro de um conjunto. E isso, evidentemente, independe do fato de sintagmas WH adverbiais estarem em uma estrutura múltipla ou em uma estrutura simples. Portanto, este primeiro caminho parece estar inexoravelmente comprometido.

O segundo caminho a tomarmos seria unificar o tratamento dos sintagmas WH adverbiais tanto em contextos WH *in situ* simples como em múltiplos. Isso significa que, uma vez que eles não podem ser interpretados *in situ* em interrogativas WH múltiplas, eles também não podem sê-lo em estruturas *in situ* simples, já que adverbiais não apresentam um conjunto N. Resta explicar, entretanto, por que eles são perfeitamente aceitáveis *in situ* em interrogativas WH simples, mas apresentam problemas se permanecem *in situ* em contextos múltiplos.

Se sintagmas WH adverbiais não podem ser interpretados *in situ*, a partir da análise de Reinhart (1994), eles precisam ser interpretados e ter seu escopo marcado de alguma outra forma. Uma análise possível para sintagmas WH adverbiais seria QR, isto é, movimento em LF, o qual deve obedecer, segundo Reinhart, todas as restrições que se aplicam a uma operação de movimento: deve respeitar Subjacência e não pode estar restrito a uma só oração. O que é preciso mostrar, então, é que WH adverbiais obedecem Subjacência, além de poderem ocorrer em outras estruturas, tais como infinitivas simples e complementos ECM. Os exemplos abaixo mostram que de fato WH adverbiais em estruturas *in situ* simples deve obedecer Subjacência (63) e que podem ocorrer em outras construções, tais como infinitivas simples (64) e complementos ECM (65):

(63) a. ?A Maria encontrou o homem que falou com o João quando?

b. *Quando a Maria encontrou o homem que falou com o João?

(64) A Maria parou de fumar quando?

(65) A Maria viu as crianças brincarem onde?

Sintagmas WH adverbiais *in situ* não estão restritos a um tipo só de oração, como mostram os exemplos em (64)-(65). Por outro lado, violam Subjacência se movidos em LF, como mostra a representação LF de (63a) em (63b). Isso significa que uma análise para os sintagmas WH adverbiais não-D-linked *in situ* do PB não pode contar com movimento em LF, se supomos que Subjacência deve ser obedecida neste nível.

Já os demais sintagmas WH *in situ* do PB podem ser interpretados *in situ*, portanto, a partir da análise de Reinhart (1994), ou seja, sem passar por movimento em LF. Esta abordagem pode ser combinada, pois, à análise de força do traço para dar conta das estruturas do PB simples e múltiplas com WH *in situ*.

Por outro lado, parece não ser possível compatibilizar a proposta de Reinhart (1994) com o sistema de Critérios. No caso das interrogativas WH múltiplas em que um dos sintagmas WH passa por movimento WH visível, até seria possível combinar as duas abordagens, já que o Critério WH já foi satisfeito, restando apenas interpretar o sintagma WH que permaneceu *in situ*. Contudo, o Critério WH enfrenta problemas nas estruturas WH *in situ* simples e nas estruturas múltiplas em que todos os sintagmas WH permanecem *in situ* em SS, já que não haveria movimento WH em LF para que o Critério WH fosse satisfeito através da configuração Spec-núcleo. Se o Critério WH não for satisfeito, não se pode sequer interpretar a sentença como uma interrogativa.

5.6 Resumo do capítulo

Este capítulo discutiu o comportamento das interrogativas com WH *in situ* do PB, procurando mostrar de que forma o sistema de Critérios de um lado e a teoria de força do traço de outro lidam com os fenômenos das interrogativas WH *in situ* do PB. Para o sistema de Critérios, tais estruturas não são problemáticas, já que WH *in situ* não se configura como operador, não violando, portanto, o Critério WH, que será satisfeito via *concordância dinâmica* em LF. O problema desta abordagem, no entanto, é que parece que os sintagmas WH *in situ* do PB não passam por movimento WH em LF. Se em PB permanecem *in situ* neste nível, então o sistema de Critérios não explica satisfatoriamente os dados desta língua.

No caso da abordagem de traços, uma vez que o traço WH de C é não-forte, não há necessidade de o sintagma WH se mover em sintaxe visível, o que o faz permanecer

in situ. Como os sintagmas WH *in situ* de interrogativas WH simples do PB de forma geral apresentam evidências de permanência *in situ*, optamos por interpretá-los utilizando a análise de Reinhart (1994) Assim, os sintagmas WH *in situ* do PB são interpretados via funções de seleção e tomam escopo de forma não seletiva, à exceção dos sintagmas WH adverbiais, os quais carecem ainda de uma análise plausível que não deve colocar em jogo movimento em LF, se levamos em conta as sentenças em (63) acima.

Vimos também que a análise interpretativa de Reinhart (1994) não é compatível com o sistema de Critérios, já que nas interrogativas em que todos os sintagmas WH permanecem *in situ* em SS o Critério WH não pode ser satisfeito. Isto porque na análise de Reinhart há possibilidade de movimento em LF somente para os sintagmas WH adverbiais, mas não para os demais sintagmas.

6 AS INTERROGATIVAS POLARES DO PB

6.1 Considerações iniciais

Neste capítulo nos propomos a investigar as estruturas das interrogativas Y/N (seção 6.2) e das alternativas (seção 6.3), estas últimas incluindo as perguntas A-não-A (seção 6.3.1). Como vimos no capítulo 1 desta tese, vamos analisar as interrogativas polares tendo em vista as respostas dadas a elas. Um dos motivos que nos leva a estudar as interrogativas a partir de suas respostas é que estas podem indicar as diferenças entre os tipos de interrogativas, se compararmos os tipos de respostas que cada qual pode receber.

Além disso, o conjunto de respostas que cada tipo de interrogativa pode receber tem a ver com a estrutura de cada pergunta. Estamos nos baseando no conjunto de respostas para afirmar que perguntas A-não-A são um subtipo de interrogativas alternativas e não um subtipo de perguntas Y/N. As definições estão, portanto, baseadas no tipo de resposta que cada uma das interrogativas pode receber.

6.2 Interrogativas Y/N

Esta seção se divide em 3 subseções principais. A subseção 6.2.1 apresenta uma descrição, baseada em Sell (1998), das respostas dadas a interrogativas Y/N do PB. Já a subseção 6.2.2 apresenta os trabalhos de Kato & Tarallo (1993) e de De Oliveira (1996), ambos discutindo os tipos de respostas dadas a esse tipo de pergunta. A última subseção (6.2.3) oferece uma discussão acerca das interrogativas Y/N do PB à luz do que foi visto nas seções anteriores.

6.2.1 Descrição

A característica que particulariza uma interrogativa Y/N, conforme Huddleston (1994), é o fato de ela definir um conjunto de duas respostas, aquela que tem o conteúdo proposicional expresso na pergunta e outra que é seu oposto polar, ou, ainda, por poder receber, de modo geral, *sim* ou *não* como resposta.

Em línguas como o inglês e o alemão, as interrogativas Y/N apresentam uma estrutura diferente daquela de sentenças declarativas. Enquanto as sentenças declarativas destas línguas apresentam a ordem sujeito-verbo para o inglês e constituinte-verbo para o alemão¹, as interrogativas Y/N apresentam o verbo na primeira posição da sentença, ou seja, o fenômeno V1:

- | | |
|-----------------------------|--------------------------|
| (1) a. I am hungry. | [declarativa do inglês] |
| ‘Eu estou com fome’ | |
| a’. Are you hungry now? | [pergunta Y/N] |
| /está você fome agora/ | |
| ‘Você está com fome agora?’ | |
| b. Fritz wohnt in Berlin. | [declarativa do alemão] |
| /Fritz mora em Berlim/ | |
| ‘Fritz mora em Berlim’ | |
| b’. Wohnt Fritz in Berlin? | [pergunta Y/N do alemão] |
| /mora Fritz em Berlim/ | |
| ‘Fritz mora em Berlim?’ | |

Observe que as sentenças declarativas do inglês (1a) e do alemão (1b) não apresentam a mesma ordem linear de suas interrogativas Y/N (1a’) e (1b’), respectivamente. Ao contrário das interrogativas Y/N de línguas como o alemão e o

¹ As sentenças declarativas matrizes do alemão se caracterizam por apresentar o fenômeno V2, isto é, o verbo deve ocupar a segunda posição na sentença, independente do constituinte que o precede(ia)-(1b). Observe em (ic)-(id) que se o verbo ocupar outra posição, a sentença torna-se agramatical:

- (i) a. Fritz *wohnt* in Berlin
 /Fritz mora em Berlim/
 ‘Fritz mora em Berlim.’
 b. In Berlin *wohnt* Fritz.
 c. **Wohnt* Fritz in Berlin.

inglês, as perguntas Y/N do PB (2b) apresentam a mesma ordem linear de sentenças declarativas desta língua (2a):

- | | |
|---------------------------------------|----------------|
| (2) a. A Maria tem encontrado o João. | [declarativa] |
| b. A Maria tem encontrado o João? | [pergunta Y/N] |
| b'.* Tem a Maria encontrado o João? | [pergunta Y/N] |

Em PB, uma das características que diferencia uma interrogativa Y/N de uma declarativa é que a primeira tem entonação ascendente final², além, é claro, de ser uma sentença que define um conjunto de duas respostas, uma que tem o conteúdo proposicional expresso na pergunta e outra que é seu oposto polar.

Uma outra característica das interrogativas Y/N do PB, que distingue esta língua de línguas como o francês e o alemão, é que a estratégia mais comum de resposta afirmativa a elas é o verbo finito mais alto da sentença (cf. Kato & Tarallo, 1993; Sell, 1998), como podemos observar nos exemplos abaixo:

- (3) A Maria devia ter ido visitar a Joana ontem?
 – Devia.
 – *Ter
 – *Ido
 – *Visitar

Além de podermos responder a uma pergunta Y/N matriz como (3) com o verbo finito mais alto, que se configura como a resposta padrão desta língua, também é possível responder com a cópula *É* (cf. De Oliveira, 1996).

- (4) A Maria devia ter ido visitar a Joana ontem?
 – *É*

A resposta com a cópula *É* parece estar ligada à informalidade no PB. Além disso, há contextos em que o tempo verbal pode variar, como mostra (5):

d. * Fritz in Berlin *wohnt*.

² Observe que, apesar de as interrogativas Y/N apresentarem entonação ascendente final, como as perguntas-eco, elas não apresentam a entonação de surpresa destas últimas. Como dissemos do capítulo 1, nosso objetivo é apenas identificar intuitivamente a diferença prosódica entre essas frases. Portanto, não vamos nos deter nos fenômenos de entonação do PB.

- (5) Você bateu o carro?
– Foi.

Interrogativas Y/N também podem ser respondidas com as partículas assertivas *não* e *sim*. Todavia, parece que estas partículas não apresentam o mesmo estatuto como resposta. Observe:

- (6) A Maria devia ter ido visitar a Joana ontem?
– Sim
– Não.

O uso da partícula assertiva *sim* como resposta talvez esteja ligado a marcas de formalidade ou ênfase, como discutiremos mais adiante. Ademais, parece que seu uso é marginal em relação à resposta afirmativa com o verbo finito e talvez até em relação à resposta com a cópula *É*. Já a resposta com a partícula assertiva *não* apresenta um comportamento diferente, uma vez que *não* pode aparecer na resposta negativa sozinho, ou junto com o verbo finito mais alto da sentença, ou com o VP inteiro ou ainda com a sentença toda:

- (6') A Maria foi visitar a Joana ontem?
– Não.
– Não foi.
– Não foi visitar.
– Não, a Maria não foi visitar a Joana ontem.

Por outro lado, a partícula *não* não pode aparecer na resposta negando a cópula *É*, nem a partícula *sim*, como mostra (7) abaixo:

- (7) A Maria devia ter ido visitar a Joana ontem?
– *Não sim.
–* Não é.³

³ Este tipo de resposta pode evidentemente ser usado para responder negativamente (talvez como resposta enfática), por exemplo, perguntas Y/N clivadas, como em (i):

(i) É a Maria que o João namora?
– Não é.

Em alguns dialetos do nordeste do Brasil, nas respostas negativas, a partícula assertiva *não* pode aparecer posposta à cópula, como mostra (ii), ou ainda posposta ao verbo finito, como mostra (iii), sem ser necessariamente enfática:

(ii) É a Maria que o João namora?

Já as interrogativas Y/N cujo predicado seleciona uma interrogativa encaixada são respondidas com o verbo da sentença principal e não podem ter como resposta o verbo da encaixada, como observamos em (8) abaixo:

- (8) O João perguntou se a Maria saiu?
 – Perguntou.
 – *Saiu.

Por outro lado, em estruturas encaixadas como em (9) abaixo, só é possível pensar em uma resposta para uma interrogativa indireta se considerarmos o seguinte contexto: o João telefona para a Ana e pergunta se a Maria saiu. Como a Ana não sabe a resposta, ela formula uma interrogativa Y/N indireta para o José, que está com ela, repetindo a pergunta do João. Essa pergunta será respondida, então, com o verbo finito da sentença encaixada, ou, com as partículas assertivas *sim/não*:

- (9) O João perguntou se a Maria saiu.
 – Saiu.
 – *Perguntou.
 – *É
 – Sim/ Não.

Observe que a interrogativa (9) acima não pode ser respondida nem com o verbo da oração principal *perguntou*, nem com a cópula *É*. Além disso, (9) mostra que responder a uma interrogativa Y/N encaixada só é permitido em contextos muito restritos como este do telefone mencionado acima, visto que neste contexto o que está de fato sendo respondida é uma interrogativa matriz que tem o conteúdo da sentença encaixada em (9).

Interrogativas Y/N podem apresentar quantificadores em sua estrutura, como mostram os exemplos em (10) abaixo:

- (10) a. Alguns jogadores se machucaram?
 – Alguns (*jogadores) (se machucaram)
 – (Se) machucaram.

– É não.
 (iii) A Maria visitou a Joana?

- b. O Júnior Baiano chutou alguns jogadores?
 – Chutou
 *– Alguns

Note que se um quantificador do tipo [algum + N] está em posição de sujeito, como em (10a), ele pode ser dado como resposta, embora tenha que aparecer sozinho, sem o N que o acompanha. Por outro lado, se o quantificador estiver em posição de objeto, como em (10b), não poderá ser resposta para a interrogativa. Veja que a resposta com o verbo finito em ambas é sempre boa.

Outros quantificadores também podem figurar como resposta, como é o caso de *ninguém* em (11) e de *todo mundo* em (12) abaixo:

- (11) a. Ninguém ama a Maria?
 – Ninguém (ama).
 – Não, ninguém ama.
- b. A Maria não ama ninguém?
 – Ninguém.
 – Não, não ama (ninguém).
- (12) a. Todo mundo ama a Maria?
 – Todo mundo (ama).
 – Ama.
- b. A Maria ama todo mundo?
 – (Ama) todo mundo.
 – Ama.

Veja que os quantificadores *ninguém* e *todo mundo* podem aparecer na resposta sozinhos ou com o verbo finito, estando em posição de sujeito ou de objeto. Já o quantificador *alguém* não pode aparecer sozinho na resposta nem mesmo quando está em posição de sujeito. Por outro lado, seu oposto *ninguém* pode responder a interrogativa no caso de a resposta ser negativa. *Alguém* só aparece na resposta acompanhando o verbo se houver um complemento na resposta do tipo *não sei quem*, não necessariamente expresso.

- (13) a. Alguém ama a Maria?
 – *Alguém.
 – Alguém ama (não sei quem).

- b. A Maria ama alguém?
 – * Alguém.
 – Ama alguém (não sei quem).
 – Ninguém.

Outro fato interessante envolvendo quantificadores como *alguém* e *ninguém* é que a pergunta que os contém (e isso fica mais claro com *alguém*) pode ser respondida da mesma forma que uma interrogativa WH. Observe:

- (14) a. Alguém viu a Maria?
 – O Paulo.
 b. Ninguém viu a Maria?
 – O Paulo (viu).

Vejamos agora como se caracterizam as respostas de interrogativas Y/N construídas com advérbios. Segundo Costa (1998), advérbios são elementos que permitem variação por excelência, pois são flexíveis em relação à posição que ocupam na sentença. Isso significa que alguns advérbios podem (ou devem) aparecer depois do verbo lexical, outros podem aparecer em uma posição mais alta na frase antes do verbo lexical e outros ainda podem aparecer em diversas posições na sentença.

Analisando interrogativas Y/N com advérbios, procuramos saber se estes podem responder as perguntas e se a posição que eles podem (ou devem) ocupar na sentença nos diz algo sobre o fato de poderem ou não figurar como resposta.

Numa primeira aproximação do problema, Figueiredo Silva (1996) divide os advérbios do PB em dois grandes grupos. O primeiro grupo abrange os advérbios que só podem aparecer pospostos ao verbo lexical, como é o caso dos advérbios de maneira como **completamente**, dos de instrumento, como **manualmente**, dos quantificacionais, como **muito** e **demais** e ainda dos orientados em direção ao verbo, como **corretamente** e **bem**. (15) abaixo exemplifica este primeiro grupo:

- (15)a. O João tinha perdido **completamente** a cabeça.
 b. *O João tinha **completamente** perdido a cabeça.
 c. * O João **completamente** tinha perdido a cabeça.

No segundo grupo de advérbios estão aqueles que podem aparecer em uma posição mais alta do que a do verbo lexical. Neste grupo, exemplificado em (16), estão incluídos os advérbios que ocupam uma posição entre o sujeito e o verbo ou entre o verbo auxiliar e o verbo lexical, mas não podem aparecer no início da sentença, como é o caso de certos advérbios de grau e de freqüência, como **quase** e **já**, respectivamente:

- (16) a. *O João tinha perdido **quase** a cabeça.
 b. O João tinha **quase** perdido a cabeça.
 c. O João **quase** tinha perdido a cabeça.
 d.* Quase o João tinha perdido a cabeça.

Também fazem parte deste segundo grupo aqueles advérbios que podem aparecer na posição inicial da sentença, como é o caso dos advérbios pragmáticos, como **felizmente**, dos modais, como **provavelmente**, e dos orientados para o sujeito, como **deliberadamente**. A autora se refere também ao tipo de advérbio que pode ‘passear’ pela sentença, aparecendo em diferentes posições na frase, como se observa em (17):

- (17) a. **Raramente** o João pede a cabeça.
 b. O João **raramente** perde a cabeça.
 c. O João perde **raramente** a cabeça.
 d. O João perde a cabeça **raramente**.

O primeiro grupo de advérbios mencionado por Figueiredo Silva parece responder de maneira satisfatória a uma pergunta Y/N, como observamos em (18) abaixo:^{4, 5}

⁴ Todas as interrogativas Y/N com advérbios apresentadas aqui podem também receber como resposta as partículas assertivas *sim/não* e a cópula *É*. Para facilitar a exposição dos fenômenos relacionados com as interrogativas Y/N que comportam advérbios, optamos por mostrar, junto com as respostas adverbiais, apenas as respostas verbais, pois parece que é somente este último tipo de resposta que pode sofrer alteração dependendo da posição que o advérbio ocupa na sentença.

⁵ Existem alguns advérbios que ficam estranhos como resposta a interrogativas, como é o caso dos advérbios como *ontem* e isso independe de eles aparecerem antes ou depois do verbo. Observe:

- (i)a. A Maria ligou **ontem**?
 – Ligou.
 – ??Ontem.
 b. **Ontem** a Maria ligou?
 – Ligou.
 – ??Ontem.

(18) O João tinha perdido **completamente** a cabeça?

- Completamente.
- Tinha (perdido)

Veja que o mesmo acontece com os advérbios do segundo grupo, como observamos em (17), e também com os advérbios que podem ‘passar’ na sentença, como mostra (19), independente da posição que eles ocupam na interrogativa:

(19) a. O João tinha **quase** perdido a cabeça?

- Quase.
- Tinha (*perdido)

b. O João **quase** tinha perdido a cabeça?

- Quase.
- Tinha (perdido).

(20) a. **Raramente** o João perde a cabeça?

- Raramente (perde).
- *Perde.

b. O João **raramente** perde a cabeça?

- Raramente (perde).
- ??Perde.

c. O João perde **raramente** a cabeça?

- Raramente (perde).
- Perde.

d. O João perde a cabeça **raramente**?

- Raramente (perde).
- Perde.

Note que a pergunta em (19a) pode ser respondida também com o verbo finito mais alto, embora o particípio não possa acompanhar o verbo. Já em (19b), a resposta pode ser dada com o verbo finito mais alto ou ainda com o grupo de verbos. A restrição

Em (i) acima, a resposta com o verbo finito é melhor do que a resposta com o advérbio. Segundo alguns falantes do PB, a resposta com *ontem* é aceitável se o falante já sabe que a Maria ligou, mas não tem certeza de quando ela ligou. Isso fica mais claro com advérbios como *amanhã* e *agora*, entre outros, como mostra (i):

(i) a. A Maria ligou **agora**?

- Ligou.
- ?Agora.

b. A Maria vai ligar **amanhã**?

- Vai.
- ?Amanhã.

na resposta verbal em (19a) talvez se deva à posição do advérbio, que se encontra entre os dois verbos da sentença, impedindo que o particípio apareça na resposta.

Em relação a (20), observe que, independentemente da posição em que este tipo de advérbio se encontra, ele sempre pode responder a interrogativa. Por outro lado, a posição que ele ocupa pode barrar ou tornar marginal a resposta com o verbo. Se ele aparece no início da sentença ou imediatamente antes do verbo, a resposta com o verbo é ruim (20a) ou marginal (20b). Mas se este advérbio aparece depois do verbo (20c-d), então a resposta verbal é aceitável.

Vimos em (18) que a resposta verbal é boa se o advérbio é do tipo que aparece sempre depois do verbo (ou do conjunto de verbos). Por outro lado, a presença do advérbio antes do particípio em (19b) vetou a presença deste na resposta.

No caso de uma interrogativa Y/N que seleciona uma interrogativa encaixada, como no exemplo (21) abaixo, como esperado, só é possível responder com o advérbio se este estiver no nível matriz, como em (Y5'a) abaixo; no caso de estar na encaixada, ele não pode figurar como resposta, como mostra (Y5'b):

- (21)a. A Maria **quase** perguntou se o João perdeu a cabeça?
 – Quase (perguntou).
- b. A Maria perguntou se o João **quase** perdeu a cabeça?
 – *Quase (perdeu).
 – Perguntou.

Até aqui, vimos que as interrogativas Y/N do PB apresentam a mesma ordem linear de sentenças declarativas desta língua, mas entonação diferente, e vimos também os tipos de respostas que tais perguntas podem receber em PB. A maneira mais usual de se responder a uma pergunta Y/N em PB é, pois, com o verbo finito, mas também podemos responder com a cópula *É*, com as partículas assertivas Sim/não ou, ainda, com advérbios, independentemente da posição que ocupam na frase. Em relação a interrogativas que apresentam advérbios, vimos que a posição que eles ocupam na sentença pode tornar marginal ou mesmo agramatical a resposta do tipo verbal. Na próxima seção, veremos o que alguns autores nos dizem sobre as perguntas Y/N e suas respostas.

- b. Est-ce que tu as vu Jean? [francês]
 /você tem visto o João/
 –Oui, je l’ai vu.
 /sim, eu o tenho visto/
- c. Hai visto Gianni? [italiano]
 /tem visto o João/
 – Si, l’ho visto.
 /sim, o tenho visto/
- d. Jun-o mimashita-ka? [japonês]⁸
 /João ver(-morfemaY/N)/
 "Viu o João?"
 – Hai, mimashita.
 /sim, ver/
 ‘Sim, vi’
- e. Você viu o João? [PB]
 – Sim, [eu] vi.

Kato & Tarallo sustentam que em todas essas línguas o elemento portador da flexão se manifesta obrigatoriamente na **SE**, variando somente a manifestação lexical de seus argumentos. Além disso, este elemento portador da flexão deve ser uma palavra fonológica, não podendo, pois, ser de natureza clítica. Desta forma, o inglês, (22a) acima, manifesta elipse de VP quando o auxiliar é o portador do tempo; mas se o verbo principal é retomado, obrigatoriamente seus argumentos aparecem como pronomes. Em francês (22b), mesmo que o portador da flexão seja o auxiliar, não é possível elidir a forma sentencial. No italiano (22c), o argumento sujeito pode aparecer elíptico, mas o clítico objeto não. No japonês (22d), tanto sujeito como objeto podem aparecer elididos. E no PB (22e), enquanto o pronome sujeito pode se manifestar, o objeto é quase sempre elidido.

Para o PB, Kato & Tarallo (1993) mostram que qualquer verbo pode aparecer como núcleo de **SE**, como vemos em (23) abaixo. Os autores sugerem ainda que os auxiliares podem ser núcleos sem o apoio do verbo principal em PB porque,

autores é a escassa bibliografia em PB que trata de interrogativas Y/N. Além disso, nosso objetivo principal é ampliar a discussão das interrogativas Y/N feita em Sell (1998).

⁸ Note que o japonês é uma língua sem marca de concordância verbal.

diferentemente do francês, eles constituem núcleos fonologicamente autônomos, como atesta (23a) abaixo. Conforme afirmam os autores, o verbo pode aparecer sozinho em I porque o PB possui um sistema pobre de clíticos, da mesma forma que o japonês, que não possui clíticos:

- (23) a. O João está correndo?
 – Está.
 b. O João correu?
 – Correu.
 c. O João viu o jogo?
 – Viu.

Além das respostas do tipo verbal, vimos na seção anterior que em PB é possível também responder com certos advérbios, chamados por Kato & Tarallo de *freqüentativos*. Uma vez que o comportamento de advérbios freqüentativos *stricto sensu* não é homogêneo nas línguas, os autores afirmam então que é possível considerar que certos advérbios são categorias que funcionam como *pro formas* verbais (*pro-SV*). Sendo esta uma propriedade lexical, não há uma explicação sintática para as diferenças intra ou interlingüísticas que possam surgir. Esta função *pro-SV* pode ser verificada, segundo os autores, através de coordenação:

- (24) a. Pedro nunca foi à Europa, mas João já.
 b. Pedro nunca foi à Europa, mas João sim.
 c. Pedro nunca foi à Europa, mas João foi.

A partir dos exemplos acima, Kato & Tarallo afirmam que o verbo é a *pro forma* universal do SV e que o advérbio, incluindo *SIM*, é uma segunda escolha, dependente da restrição lexical de cada língua. A *pro forma* de SV de línguas com clíticos não pode se reduzir ao verbo, pois junto deste devem aparecer seus argumentos cliticizados.

Os autores mostram também que há nas línguas naturais uma variação na própria partícula **P**, em relação à sua obrigatoriedade na resposta, que pode ser observada a partir do quadro abaixo:

(25) Variação do tipo de resposta curta nas línguas

	P+SE	P	SE
Inglês	+	+	+
PB	+	+	+
Francês	+	+	–
Italiano	+	+	–
Japonês formal	+	+	–
Japonês informal	–	+	+

(Kato & Tarallo, 1993:267)

Com base neste conjunto de línguas apresentadas no quadro em (25), Kato & Tarallo concluem que aquelas que apresentam um sistema rico de clíticos não dispensam **P**, como é o caso do francês e do italiano. Por outro lado, línguas com um sistema empobrecido, como o PB, ou inexistente, como o japonês, admitem **P**, **SE**, ou **P+SE**. O quadro mostra também que **P** marca formalidade no japonês e que por esse motivo é dispensada da fala informal. Em vista disso, os autores levantam a hipótese de que em inglês e PB **P** também marca formalidade, pois sua presença não é obrigatória.⁹

Para verificar quanto e como do que foi exposto acima se manifesta qualitativamente nos dados orais do PB, os autores efetuam uma análise empírica quantitativa desta língua. Foram verificados quatro pontos principais:

1. a produtividade da partícula *sim* frente às suas formas variantes (o verbo finito, o auxiliar e alguns advérbios);
2. a variação entre o uso exclusivo de **P**, o uso exclusivo de **SE** e a combinação **P+SE**;
3. a estrutura interna de **SE**, no que concerne à presença do argumento externo;

⁹ Kato & Tarallo (1993:267) sugerem que em línguas como o PB e o japonês, nas quais **P** parece ter perdido sua função ilocucionária, pode haver um tipo de redundância enfática manifestada pela posposição de **P** (*sim* no PB e *yo* no japonês):

(i) –Vi, sim.

(ii) –Mitta-yo.

Já De Oliveira (1996: 118) mostra que (i) do PB pode ser usada como denegação de uma declarativa negativa, como em (iii) ou em construções enfáticas, como (iv):

(iii) A – Eu sou brasileira.

B – Mas não é vigarista.

A – Sou, sim.

(iv) A – E você acha que sua irmã vai continuar costurando a roupa?

B – Vai, sim.

4. a avaliação subjetiva dos informantes sobre o uso da partícula *sim* e sobre a variação entre SE e P+SE.

Dentre os resultados encontrados pelos autores está a constatação de que a partícula *sim* apresenta em PB uma leve marca estilística e que seu uso é restrito em relação às suas formas variantes. Os dados sugerem também que o uso exclusivo de **P** é inferior ao uso exclusivo de **SE** e que o uso simultâneo de **P+SE** ou **SE+P** é quase inexistente. Os autores constatarem mais uma vez que o emprego de **P** caracteriza-se como marcador estilístico, desvinculando-o da obrigatoriedade nas respostas afirmativas curtas.

No que diz respeito à estrutura interna de SE, Kato & Tarallo observam que a incidência de argumentos externos junto a SE é mínima e afirmam que, dada a baixa incidência de clíticos acusativos e do acusativo *ele* na fala, como atesta Duarte (1986, 1989)¹⁰, a presença de argumentos internos nas respostas tenderá a zero. Os autores afirmam, então, que a estrutura interna de SE em PB pode ser [– sujeito] [– objeto].

Quanto à avaliação subjetiva dos informantes sobre o uso da partícula *sim*, a maioria dos informantes atribuiu a ela uma função meramente sintática de marcar uma resposta afirmativa. Sobre a variação entre SE e P+SE, o experimento pedia que os informantes escolhessem sua forma preferida e informassem o por quê desta escolha entre as possíveis respostas afirmativas [*Sim, vi*] e [*Vi*] para a pergunta *Você viu aquela menina?*. Dos 26 informantes que responderam o teste, 21 optaram pela **SE** *Vi*, pelos mais variados motivos.

Da análise intralingüística do PB os autores concluem que a variação nesta língua se dá entre P e SE, sendo este último mais produtivo que P, e a combinação P+SE é marginal. Além disso, os dados empíricos mostram que a partícula *sim* não é a candidata mais freqüente nas respostas afirmativas breves, estando, pois, ligada a uma marca discursiva.

Um dos problemas do estudo de Kato & Tarallo é que SE abarca tipos de resposta que apresentam estatutos diferentes no PB, como é o caso da resposta verbal e da resposta adverbial. Colocando estes dois tipos de resposta sob o mesmo ‘rótulo’, podemos estar deixando de mostrar que a resposta verbal constitui a forma mais usual de resposta a uma interrogativa Y/N do PB e, ainda, que a resposta adverbial pode

¹⁰ Citado por Kato & Tarallo (1993).

apresentar exclusivamente o advérbio, mas também o advérbio e o verbo finito. Ademais, como vimos da descrição das interrogativas Y/N na seção 6.2.1, o advérbio pode inclusive barrar a presença do verbo na resposta, dependendo da posição que ocupa na sentença.

Quanto à combinação P+SE, que os autores tratam como marginal, é de se perguntar se este tipo de resposta realmente ocorre em contextos normais do PB, não estando ligada apenas a contextos discursivos especiais como denegar ou enfatizar.

Repare também que o estudo de Kato & Tarallo não dá conta de respostas com a cópula *É* ou com quantificadores. Por outro lado, se colocamos estas respostas dentro do rótulo SE continuamos com o mesmo problema comentado há pouco em relação à resposta verbal e à adverbial; ou seja, todas estas respostas sob o mesmo rótulo nos faz perder as diferenças que elas apresentam entre si, mostradas na descrição das respostas às interrogativas Y/N na seção 6.2.1 deste capítulo e que comentaremos mais adiante.

6.2.2.2 De Oliveira (1996)

De Oliveira (1996) observa que a estratégia de responder a uma interrogativa Y/N com o verbo finito ou com alguns advérbios é encontrada também em outras línguas. A autora nota que a resposta a uma interrogativa no latim era dada com o verbo finito, seguido ou não por um advérbio de modo (*sic / ita*) ou por um pronome neutro (*hoc*) (cf. De Oliveira, 1996:35-7).

Quanto ao PE, a autora nota igualmente, em sua análise de profrases encontradas em peças do teatro português a partir do século XVII¹¹, o uso da partícula *Sim* como *confirmação* de uma interrogativa de foco estreito¹² (26) e de uma declarativa e como *assentimento* com uma frase imperativa:^{13, 14}

¹¹ Cf. De Oliveira (1996: 39, nota 31).

¹² De Oliveira (1996:39, nota 32) usa o termo *foco largo* para interrogativas que focalizam IP (A Maria vem?) e *foco estreito* para interrogativas que focalizam NP (A Maria?), PP (Com o pai?) e CP ((*sic*) Que vem?). Nosso interesse nesta tese são as interrogativas de foco largo.

¹³ Segundo De Oliveira (1996: 21-2), *assentimento* é um 'response' (= reação do interlocutor em relação a uma frase imperativa ou declarativa) de compromisso em relação ao proferimento de uma frase imperativa, como em (i); *confirmação* é um proferimento de anuência com relação à frase declarativa anterior, como em (ii):

(i) Abre a janela!
– Depois.
(ii) É um martírio tráfegar pelas ruas na época do natal.
– É mesmo.

(26) A – Não tanto como te persuades, porque tenho aqui dentro (com a mão no peito) uma coisa que me incomoda.

B – O coração?!

A – **Sim**: este músculo que é o aleijão que o Cristo podia dar ao homem.

(p. 40, exemplo 62 da autora)

No século XX, o PE apresenta respostas do tipo verbal para interrogativas de foco largo, como em (27) abaixo, e a partícula *sim* é dada, em geral, como resposta a interrogativas de foco estreito, perdendo, pois, seu caráter de frase assertiva reativa (cf. nota 13 deste capítulo):

(27) Ela chora?

– Chora. (p.42, exemplo 84 – texto de 1970)

Além disso, é possível encontrar nesta língua respostas com advérbios (28) e quantificadores (28) desde o século XVII. Estes dados mostram, segundo De Oliveira, o caráter conservador destes tipos de resposta:

(27) A – Já saiu?

B – Já. (p.42, exemplo 88 – texto de 1861)

(28) A – São eles todos perfeitos?

B – Todos, mas um falta. (p.42, exemplo 86 – texto de 1648)

Em relação ao PB, De Oliveira observa em sua análise diacrônica baseada em peças teatrais que no início do século XX se dá uma mudança em relação às respostas a interrogativas de foco largo com a generalização das respostas do tipo verbal e a

Somado a estes dois tipos de response/resposta, a autora distingue também a *frase assertiva reativa*, ou seja, a resposta afirmativa a uma interrogativa anterior (de foco largo), como em (iii):

(iii) Você encontrou o disco que queria?

– Encontrei.

A autora ressalta que as respostas às interrogativas de foco estreito recaem no domínio da **confirmação**.

¹⁴ O estudo de De Oliveira (1996) abarca as frases assertivas para sentenças declarativas, imperativas e interrogativas. Nesta tese só nos interessa, é claro, a parte em que a autora estuda as respostas para as sentenças interrogativas, mais especificamente as de foco largo.

introdução da cópula *É* como resposta a interrogativas polares em geral (e também como confirmação a declarativas).¹⁵

Quanto à partícula *sim*, De Oliveira mostra que no início do século XX ela deixa de ser marca de formalidade. Na segunda metade do século XX esta partícula deixa de ser usada como resposta a interrogativas de foco largo, aparecendo mais freqüentemente posposta ao verbo para enfatizar o conteúdo da interrogativa (cf. nota 9 deste capítulo). No quadro abaixo, a autora mostra a distribuição das respostas assertivas mais freqüentes do PB através dos séculos:

(29) Respostas mais freqüentes a frases assertivas através dos séculos¹⁶

(De Oliveira, 1996:120, quadro 3.4)

	INTERROGATIVAS											
	CONFIRMAÇÃO			FOCO LARGO			FOCO ESTREITO			ASSENTIMENTO		
	XIX	1/XX	2/XX	XIX	1/XX	2/XX	XIX	1/XX	2/XX	XIX	1/XX	2/XX
ISSO É VERDADE	22	14	-	5	2	1	1	-	-	-	-	-
VERBO	-	4	-	20	53	47	-	-	-	-	4	5
VERBO SIM	-	-	2	4	2	9	-	-	-	-	1	-
VERBO SIM SENHOR	-	1	1	1	5	1	-	-	-	-	-	-
SIM	14	12	-	5	11	-	17	20	1	3	7	-
SIM SENHOR	3	3	-	7	-	-	4	-	-	14	8	-
É	2	14	21	-	2	5	1	7	13	-	1	-

Observe que na segunda metade do século XX há um crescimento das respostas verbais, enquanto a resposta com a partícula *sim* desaparece. Além disso, aumentam as respostas com a cópula *É*. No entanto, é na confirmação a uma sentença declarativa e na resposta a uma interrogativa de foco estreito que há um maior crescimento deste último tipo de resposta; ou seja, há maior crescimento das respostas com a cópula *É* nos contextos de **confirmação** do que nos de **frase reativa assertiva**. Observe também que nas respostas a interrogativas de foco largo, o tipo de resposta que mais cresce é a resposta do tipo verbal.

¹⁵ De Oliveira (1996: 36, nota 23) mostra, porém, em sua análise de profrases em peças teatrais do século XIX, que o surgimento da cópula como elemento profrástico se dá no contexto de confirmação de uma declarativa e não no contexto de asseveração do conteúdo de uma pergunta.

¹⁶ Repare que a análise de De Oliveira (1996) não contempla interrogativas que incluem advérbios. Conseqüentemente, não é considerado o uso de advérbios com resposta.

De Oliveira nota igualmente que em PB o argumento externo pode aparecer lexicalmente realizado nas respostas do tipo verbal, mas o argumento interno não é recuperado, como é observado por Tarallo (1993:51)¹⁷:

(30) A – Você viu o Luiz?

B – (Eu) vi.

Segundo De Oliveira (baseada em Kato & Tarallo, 1993 e Martins, 1994)¹⁸, a elipse de VP é que parece determinar o aparecimento das respostas do tipo verbal nas línguas, já que línguas que não apresentam elipse de VP, como o espanhol, o italiano e o francês, não permitem resposta mínima do tipo verbal (com a presença única do verbo).

Além disso, a autora acredita que esta estrutura elíptica no PB (e também no PE) é licenciada por um pronome demonstrativo neutro preposto ao verbo. Uma das evidências para essa afirmação, segundo De Oliveira, é que respostas verbais (e também frases de confirmação de uma asserção) em textos do PB do século XIX apresentam um demonstrativo neutro preposto ao verbo, como mostra (31) abaixo:

(31) A – Seu Lopes, você já viu a Mimi Bilontra?

B – **Isso vi**, mas a Mimi Bilontra não é mulata.

(p. 50, exemplo (112) – texto de 1897)

Assim, De Oliveira levanta a hipótese de que a estrutura das respostas curtas (bem como a das expressões de confirmação) em PB (e também em PE) é formada por um pronome neutro nulo mais o verbo contido na interrogativa de foco largo. Como as demais línguas românicas não apresentam este pronome preposto ao verbo, não permitem, conseqüentemente, elipse de VP.

De Oliveira assume a hipótese de Rothstein (1995)¹⁹, segundo a qual o pronome *it* do inglês anteposto ao complementizador tem a função de objeto pronominal da matriz e também de sujeito de CP. Rothstein faz a predição de que construções *it* + CP só são possíveis com verbos que denotam evento, pois *it* anteposto ao

¹⁷ Citado por De Oliveira (1996).

¹⁸ Esta última citada por De Oliveira (1996).

¹⁹ Citado por De Oliveira (1996).

complementizador denota um evento específico no discurso, como mostram os exemplos abaixo:

(32) a. John and Mary have announced that they got married.

‘John e Mary anunciaram que eles se casaram’

b. John and Mary have announced **it** they got married.

Em (32a) há a informação nova para o interlocutor de que John e Mary vão se casar. Já em (32b) o interlocutor já sabe que os dois vão se casar e o locutor relata que o casamento vai ser foi anunciado. De Oliveira mostra que em PE ocorre o mesmo, como vemos em (33) abaixo, em que *isto* é o objeto do verbo matriz *compreendes* e sujeito do predicado *que eu preciso de confessar*:

(33) Tu compreendes **isso** que eu preciso de confessar antes que a vida se me acabe? (p. 54, exemplo (64) – texto de 1970)

Voltando ao PB atual, é comum nesta língua, segundo De Oliveira, o pronome demonstrativo neutro retomar a frase anterior, como mostra o exemplo em (34). Segundo a autora, isso sugere que ele ocupa uma posição ‘baixa’ nesta língua, ou seja, dentro de VP:

(34) Você usou essa menina pra sabotar a minha administração, você vai confirmar **isso** agora. (p.54, exemplo 128)

Assumindo, pois, a dupla função do pronome demonstrativo neutro apresentada por Rothstein (1995) - objeto pronominal e sujeito do CP -, De Oliveira acredita que, nas respostas com a retomada do verbo finito da interrogativa, há um pronome demonstrativo nulo com função de objeto preposto ao verbo, como mostra (35a) abaixo. Por outro lado, nas respostas com *É*, há um demonstrativo com função de sujeito na posição inicial a sentença, como mostra (35b):

(35)a. (Isso) **sei** (eu).

b. (Isso) **é** (verdade).

A autora presume, ainda, que o emprego da cópula *É* nas respostas curtas do PB pode estar sendo favorecido justamente pelo fenômeno da ordem no PB, uma vez que a ordem (O)VS das respostas verbais dá lugar à ordem SVO das respostas com a cópula *É*. No final desta subseção discutiremos os problemas que esta análise nos parece apresentar.

A partir do que foi exposto até aqui em relação à cópula *É*, De Oliveira acredita que este tipo de resposta pode ser considerado um marcador de polaridade positiva (conforme a hipótese que K&T, 1993)²⁰ se asseverar o conteúdo de uma interrogativa de foco largo. Para confirmar sua hipótese, a autora menciona um experimento seu (questionário com 81 perguntas a 20 universitários), semelhante ao de K&T (1993), para mostrar os contextos em que a cópula *É* figura como resposta (muitas vezes seguida de um comentário):

(36) A – Eu te disse, não disse?²¹

B – *É*... bem que você me avisou. (resposta de um entrevistado)

(37) A – E aí, ela foi e disse que quem mandava era ela?

B – *É*. Ela acabou com ele. (resposta de um entrevistado)

De Oliveira afirma que as respostas com a cópula *É* a interrogativas de foco largo constituídas de locução verbal podem confirmar sua hipótese **de** que este tipo de resposta está se tornando um marcador de polaridade positiva. As locuções verbais, segundo a autora, podem ser de três tipos e apresentar respostas diferentes:

1. se o verbo flexionado apresenta marca de aspecto, a resposta é dada com este verbo:

(38)A – A Paula está estudando?

B – Está.

2. Se a ‘locução’ é constituída pelo verbo flexionado mais uma oração reduzida de gerúndio, o verbo flexionado será dado como resposta:

²⁰ Para Kato & Tarallo (1993: 260), o marcador sintático de polaridade positiva é um elemento portador da flexão.

²¹ Note que este exemplo em (36) de De Oliveira (1996: 124, exemplo 239) não é uma interrogativa de foco largo, podendo ser considerado, talvez, uma alternativa ou, ainda, uma pergunta retórica.

(39) A – O Paulo falou dormindo?

B – Falou.

3. Se o verbo flexionado for do tipo leve formando um complexo verbal com o verbo principal, então a resposta pode ser dada com a cópula *É*:

(40)A- Ele chegou dizendo que estava cansado?

B- *É*. Ele disse.

A autora explica a resposta com a cópula *É* neste último caso como um mecanismo que o locutor usa para evitar a resposta com apenas um dos verbos do complexo verbal. De Oliveira nota também que na interrogativa (41) abaixo, se nenhuma das sentenças estiver subentendida, só é possível responder com a cópula *É*. Entretanto, se uma das orações estiver subentendida, é possível responder com o verbo flexionado da outra oração:

(41) Ela veio porque pensou que o Miguel estava aqui?

– *É* / *Veio / *Pensou

– Veio [se a segunda oração estiver subentendida]

– Pensou [se a primeira oração estiver subentendida]

De Oliveira defende, pois, que o uso da cópula *É* em interrogativas formadas com um complexo verbal (verbo leve + verbo principal) constitui um dos *passos* que pode levar à mudança de resposta do tipo verbal em PB. A autora sustenta, pois, que a resposta verbal em PB está sendo substituída pela resposta com a cópula *É*, já que seu estudo diacrônico mostrou que o uso desta vem crescendo em relação a outros tipos de resposta.

No entanto, cumpre ressaltar que o que a autora mostra é que a resposta mais apropriada para interrogativas Y/N constituída por um verbo leve mais um verbo principal é aquela com a cópula *É*, nos parecendo ser este um contexto específico que propicia este tipo de resposta. Dada a especificidade e – por que não dizer? – a raridade deste tipo de contexto, não está claro que os fatos mostrados por De Oliveira estejam levando à mudança da resposta com o verbo flexionado para a resposta com a cópula *É*, sugerida pela autora.

Além disso, o estudo diacrônico de De Oliveira (1996), ilustrado no quadro (29) acima, mostra um crescimento mais significativo das resposta com a cópula *É* como

confirmação a uma declarativa anterior e a interrogativas de foco estreito (cf. nota 9) do que como **frase assertiva reativa** às interrogativas de foco largo. Sua hipótese para o PB, portanto, não condiz com a sua própria tabela mostrada em (29), segundo a qual o tipo de resposta para interrogativas de foco largo que mais cresceu foi a resposta do tipo verbal.

Ademais, olhemos mais atentamente para os exemplos de interrogativas Y/N de foco largo que De Oliveira (1996:125-6) apresenta, em particular os que recebem resposta com a cópula *É* (as sentenças abaixo foram retiradas do experimento feito pela autora, já mencionado aqui):

- (42) A - Ela veio pensando que o Miguel estava aqui?
B - *É*. Senão ela nem vinha.
- (43) A - Ela saiu dando o telefone pra tudo quanto é menino?
B - *É*, meu! Mo' galinha. Agora não pára de tocar.
- (44) A - Você acabou lendo o livro?
B - *É*. Fazer o quê, né?
- (45) A - Ela entrou xingando o marido no meio da reunião?
B - *É*, foi uma baixaria só.
- (46) A - Ele veio dizendo que nunca tinha visto ela?
B - *É*, cê viu?
- (47) A - Ela sentou cruzando as pernas?
B - *É*, ela cruzou só pra chamar a atenção de todo mundo.
- (48) A - Ela começou ameaçando o Pedro que ia contar pra mãe dele?
B - *É*! Ele ficou desesperado!
- (49) A - A professora andou dizendo que o meu trabalho estava uma droga?
B - *É*. Ela disse.
- (50) A - Ele sumiu correndo?
B - *É*, correndo.

Apesar de estas sentenças serem classificadas como interrogativas de foco largo, repare que na maioria dos casos a resposta dada parece mais uma **confirmação** do conteúdo proposicional da pergunta do que uma *resposta* propriamente dita, ou seja, do

que uma **frase assertiva reativa**.²² Intuitivamente, uma evidência disso é o comentário que segue a resposta, o qual pode estar mostrando o caráter de **confirmação** da resposta com a cópula *É*. Veja, por exemplo, que a resposta verbal é no mínimo marginal como confirmação a uma sentença declarativa, como mostra (51) abaixo. Por outro lado, é perfeita a confirmação com a cópula *É*, como mostra (52):

(51) O João casou com a prima dele.

– ??Casou. Ele casou.

(52) O João casou com a prima dele.

– É. Ele casou.

Veja que o mesmo ocorre com verbos intransitivos, como em (53) abaixo. Com verbos inacusativos, a resposta verbal é boa com *parecer*, como mostra (54) mas marginal com *chegar*, como mostra (55). Note, contudo, que há um contraste entre (53) e (55):

(53) O João espirrou.

– ?? Espirrou. Ele espirrou.

– É. Ele espirrou.

(54) O João parece feliz.

– Parece. Ele parece feliz.

– É. Ele parece feliz.

(55) O João chegou.

– ?Chegou. Ele chegou.

–É. Ele chegou.

Os exemplos acima mostram que confirmação a uma sentença declarativa não pode ser feita com verbos transitivos e intransitivos, mas pode ser feita com a cópula *É* ou com o inacusativo *parecer*, como se este verbo se comportasse como uma cópula. Estes fatos parecem mostrar que se por um lado a resposta verbal (transitiva e intransitiva) só pode ser usada como **frase assertiva reativa**, por outro a cópula *É* e as

²² Para De Oliveira (1996), **confirmação** é um proferimento de anuência com relação à frase declarativa anterior (cf. nota 13 deste capítulo). Todavia, se observamos os exemplos (42) a (50) acima, parece ser possível também ‘confirmar’ o conteúdo proposicional de uma pergunta. Isso talvez esteja indicando que tais perguntas não são interrogativas verdadeiras, a partir da definição de Higginbotham (1996). No capítulo 1 desta tese vimos que uma pergunta Y/N abre um espaço de possibilidades formado pelo conteúdo proposicional da pergunta e seu oposto polar. As sentenças de (42) a (50), talvez não sejam perguntas de fato por não abrirem um espaço de possibilidades, já que parecem requerer apenas uma *confirmação* ao seu conteúdo proposicional.

réplicas com o inacusativo *parecer* podem figurar como **confirmação** ao conteúdo proposicional de sentenças declarativas e também ao de interrogativas.

Isso não significa, entretanto, que a cópula *É* (e também a resposta verbal com o inacusativo *parecer*) não possa figurar como *resposta* (frase assertiva reativa) a uma interrogativa de foco largo, embora seja difícil mostrar um contexto em que a cópula figure estritamente como **frase assertiva reativa**, não podendo ser interpretada como **confirmação**. O que queremos mostrar é que, em vista da frequência que a resposta com o verbo flexionado tem em PB, precisamos ser muito cuidadosos ao prever o tipo de mudança sugerido por De Oliveira (1996).

Voltemos agora à hipótese de De Oliveira de que, nas respostas com a retomada do verbo finito da interrogativa, há um pronome demonstrativo nulo com função de objeto preposto ao verbo e de que, nas respostas com *É*, há um demonstrativo com função de sujeito na posição inicial a sentença, como mostra (35), retomado aqui em (56):

- (56) a. (Isso) **sei** (eu).
 b. (Isso) **é** (verdade).

A estrutura subjacente de (56b), apresentando o pronome demonstrativo neutro antecedendo a cópula *É*, parece ser intuitivamente plausível. Todavia, a estrutura proposta para (56a), com a ordem OVS, não nos parece razoável.

Em primeiro lugar, voltemos ao exemplo (34) de De Oliveira, repetido aqui em (57). Segundo a autora, é comum no PB atual o pronome demonstrativo neutro retomar a frase anterior. Segundo a autora, isso sugere que ele ocupa uma posição ‘baixa’ nesta língua, ou seja, dentro de VP:

- (57) Você usou essa menina pra sabotar a minha administração, você vai confirmar **isso** agora. (p.54, exemplo 128)

Entretanto, segundo Duarte (1989), uma das estratégias de retomada do objeto em PB é o uso de SNs anafóricos tais como o pronome demonstrativo *isso*. Na sentença acima, por exemplo, em lugar do clítico de 3ª. pessoa, está sendo usado o demonstrativo *isso*. Neste caso, o demonstrativo não tem a mesma função do *it* nas construções analisadas por Rothstein para o inglês, ou seja, não é uma construção [*it* + CP].

Se essas construções não existem no PB, a hipótese de De Oliveira (1996) de que há um demonstrativo com função de objeto precedendo a resposta verbal a interrogativas de foco largo parece não se sustentar.

Além disso, estudos diacrônicos acerca da ordem dos constituintes do PB têm mostrado que estruturas de inversão Verbo-Sujeito nesta língua são quase inexistentes, sendo possíveis apenas em certos contextos sintáticos, que dependem por exemplo do tipo de verbo, como mostra o estudo de Berlinck (1989). Ademais, esta autora mostra em seu estudo que a ocorrência de VS com verbos transitivos no século XX é praticamente nula (cf. Berlinck, 1989: 102). Se a inversão VS é uma estrutura pouco encontrada (ou até inexistente) na gramática do PB, é difícil entender como ela pode ser a base de uma estrutura tão freqüente como essa de respostas a interrogativas de foco largo.

E finalmente, o inglês também admite resposta verbal, como mostram Kato & Tarallo (1993) e De Oliveira (1996). Note, entretanto, que, apesar da construção com *it*, nesta língua a única ordem gramatical é SV para as respostas a interrogativas de foco largo, como mostram os exemplos de De Oliveira (1996: 48, exemplo 108) em (58) abaixo:

(58) Have you seen the boys in the garden?

–Yes, I have.

–Yes, I have seen them.

Veja que a ordem das respostas do inglês é sempre SV, não podendo nunca ser algo como ‘it have I’. Se o inglês, que é uma língua que apresenta a ordem VS em algumas estruturas, como por exemplo as interrogativas Y/N, não apresenta a ordem VS nas respostas a interrogativas de foco largo, não se entende por que o PB, língua em que a ordem VS é ainda mais rara, teria esta ordem na resposta.

6.2.3 Análise das interrogativas Y/N do PB

Vejam agora que tipo de estrutura podemos atribuir a uma interrogativa Y/N do PB. Cumpre lembrar que uma diferença visível entre sentenças declarativas e interrogativas Y/N, ambas matrizes, em línguas como o alemão e o inglês é que

- (61) a. [CP [C Are Q [IP you hungry now?]]] [inglês]²⁴
 b. [CP [C Wohnt Q [IP Fritz in Berlin?]]] [alemão]
 c. [CP [C Q [IP A Maria tem encontrado o João?]]] [PB]

Precisamos explicar então por que em línguas como o inglês e o alemão há movimento I para C, enquanto em línguas como o PB este movimento não ocorre. Seguindo a teoria de força do traço proposta por Chomsky (1995), podemos sugerir que, da mesma forma que o núcleo de interrogativas WH, C matriz de perguntas Y/N tem um traço V forte, no caso de línguas como o inglês e o alemão, que obriga o alçamento do verbo finito para seu domínio de checagem. No caso de línguas como o PB, o C de perguntas Y/N apresenta traço V não forte, por isso, não há movimento visível de I para C. Essa explicação é interessante na medida em que mostra uma simetria quanto aos traços V de C de interrogativas WH deslocadas (cf. capítulo 3 desta tese) e de perguntas Y/N.

Algumas línguas, como o chinês e o japonês, podem apresentar um marcador de pergunta Y/N morfologicamente realizado (cf. Watanabe, 1992; Aoun & Li, 1993), como mostra (62) abaixo:

- (62) a. John-wa kita ka? [japonês]
 /João-Top vir Q/
 ‘João vem?’
 b. Ta lai ma? [chinês]
 /ele vem Q/
 ‘Ele vem?’

²⁴ No inglês apenas alguns verbos, tais como *be*, o auxiliar *have* e os modais, podem ser deslocados para o início da sentença. Quando interrogativas Y/N desta língua apresentam verbos que não podem ser deslocados para o início da sentença, como em (i) abaixo, insere-se *do* (*do-suporte*), mantendo, assim, o fenômeno V1, que deve ser encarado como Flexão-em-primeiro-lugar-da-frase, já que *do* porta os traços modo-temporais e número-pessoais. No exemplo abaixo, observe que as sentenças em (i) se tornam gramaticais quando *do* aparece em primeira posição (ii):

(i) **Like you italian food?*
 (ii) *Do you like Italian food?*
 /(do) você gosta italiana comida/
 ‘Você gosta de comida italiana?’

Aoun & Li (1993) e Watanabe (1992) mostram que marcadores interrogativos em línguas como o japonês e o chinês podem ser obrigatórios ou opcionais a depender da estrutura que está em jogo. Os autores afirmam também que um marcador interrogativo de pergunta é uma categoria X^0 , que ocorre no núcleo de CP em sintaxe visível, que é uma posição no final da sentença em línguas núcleo-final como o chinês e o japonês. Se o marcador de pergunta Y/N está presente nesta posição, poderíamos explicar esses fenômenos assumindo que línguas como o chinês e o japonês podem apresentar o traço Q de C morfologicamente realizado.

Por outro lado, línguas como o inglês, o alemão e o PB não apresentam nenhum tipo de marcador de pergunta. Além disso, a diferença entre o inglês e o alemão de um lado e o PB de outro é que as primeiras apresentam movimento I para C visível. Tendo em mente estes três tipos de língua, parece que existe uma incompatibilidade entre a presença de marcadores morfologicamente realizados e o movimento I para C, mas isso não significa, entretanto, que línguas sem marcadores de pergunta apresentem movimento I para C obrigatório, já que o PB é uma língua que não apresenta nem movimento I para C, nem marcadores de pergunta Y/N.

Parece então que temos três tipos de língua em relação ao traço Q de C de interrogativas Y/N. O primeiro tipo realiza (embora opcionalmente) o traço Q morfologicamente, como é o caso do japonês e do chinês. O segundo tipo apresenta movimento I para C em sintaxe visível, como é o caso do inglês e do alemão. E finalmente o terceiro não apresenta nem marcadores de pergunta Y/N, nem movimento I para C visível, mas apenas um traço Q em C.

Para garantir a visibilidade deste traço, no PB aparentemente basta apenas a entonação peculiar de interrogativas Y/N, que distingue este tipo de sentença das sentenças declarativas na língua oral. Esta entonação peculiar, portanto, deve estar espelhando este traço sintático (e também semântico). Contudo, apenas postular a existência de um traço Q em C não traz muitos esclarecimentos acerca da estruturas das interrogativas Y/N. Vejamos, então, o que uma abordagem como o sistema de Critérios pode nos dizer em relação a estas estruturas.

A partir do sistema de Critérios, pode-se dizer que o movimento I para C em interrogativas Y/N de línguas como o inglês e alemão ocorre, da mesma forma que nas perguntas WH, para satisfazer uma das cláusulas do Critério WH. A questão que se coloca, entretanto, é o fato de não haver, no caso das Y/N, um operador lexicalmente realizado que se mova para Spec CP a fim de satisfazer o requerimento de concordância

Spec-núcleo. Contudo, é possível postular (Cf. Haegeman, 1995) que em tais estruturas, à semelhança das interrogativas WH, há um operador abstrato com o traço de pergunta relevante, capaz de satisfazer o Critério WH.²⁵

(63) [_{CP} OP_Q [_C Wohnt [_{IP} Fritz in Berlin?]]] [alemão]

Note que esta análise procura encontrar um paralelismo entre interrogativas WH e perguntas Y/N. No caso de línguas como o PB, que, à semelhança das interrogativas WH, também não apresenta movimento I para C nas perguntas Y/N, seria preciso assumir que o operador abstrato é capaz de gerar *concordância dinâmica*, para que esta língua se submeta a um sistema de Critérios. Assim, tal operador não lexical seria capaz de dotar o núcleo de CP com o traço relevante, por estarem ambos em relação de concordância.

Mais uma vez, note que uma análise como esta também apresenta a vantagem de mostrar uma simetria entre estruturas WH e estruturas Y/N. Por outro lado, teríamos que mostrar pelos menos de que maneira um operador nulo, cuja presença é portanto hipotética, pode acionar um mecanismo também “invisível”, como é o caso de *concordância dinâmica*. Talvez fosse possível sugerir que o núcleo de CP apresenta o traço Q relevante. Desta forma, seria preciso apenas um operador não lexical para satisfazer a configuração Spec-núcleo do Critério WH. Um problema para esta hipótese se sustentar no sistema de Critérios é a possível perda de motivação para o movimento I para C em outras línguas. Uma possível solução para esse problema seria considerar Q um afixo em línguas como o inglês, o qual exige o alçamento de um elemento do tipo X^o (cf. Chomsky, 1995: 139), o que justificaria o movimento I para C (ou a inserção de *do*). Desta forma, para que seja possível analisar as interrogativas Y/N a partir do sistema de Critérios, seria preciso assumir que o traço Q em línguas como o inglês é um afixo.

Uma interrogativa WH apresenta um elemento do tipo XP que carrega um traço WH, a saber, o sintagma WH. Já as interrogativas Y/N aparentemente não apresentam

²⁵ Segundo Haegeman (1995), a evidência para tal operador pode ser encontrada em línguas V2, como o alemão, as quais requerem que o verbo esteja sempre em segunda posição em sentenças matrizes (i), com exceção das interrogativas Y/N, cujo verbo ocupa a primeira posição da sentença (ii):

(i) Fritz wohnt in Berlin.

/Fritz mora em Berlim/

(ii) Wohnt Fritz in Berlin?

nenhum elemento deste tipo. Entretanto, parece que o alemão apresenta evidências de que pode existir um operador não realizado lexicalmente nas estruturas Y/N, devido ao fato de ser uma língua V2 nas sentenças matrizes, mas V1 apenas nas interrogativas Y/N, como vimos mais acima. De qualquer maneira, se quisermos manter um paralelismo entre interrogativas WH e perguntas Y/N, é preciso postular em todas as línguas um operador nulo capaz de entrar em relação de concordância com o núcleo de CP, que receberá o traço interrogativo ou pelo movimento da flexão para C ou por *concordância dinâmica*.

No caso das perguntas do PB cujo predicado seleciona uma interrogativa encaixada como em (64) abaixo, o núcleo C de CP é [+Q], devido à subcategorização do verbo matriz *perguntar*. Miotto (2001) mostra que *se* preenche o núcleo de CP e não o Spec deste. Isso pode ser observado na distribuição complementar de *se* com o complementizador *que*, como mostra (64) abaixo:

- (64) a. A Maria não sabe quando o João chegou.
 b. A Maria não sabe quando que o João chegou.
 c. A Maria não sabe se o João chegou.
 d. *A Maria não sabe se que o João chegou.

Observe que, enquanto o elemento WH e o complementizador *que* podem coocorrer (64b), *se* e *que* não podem aparecer na mesma sentença, como mostra (64d), o que pode ser entendido como decorrência do fato de que competem pela mesma posição, isto é, o núcleo de CP. Na encaixada abaixo, o complementizador interrogativo *se* ocupa o núcleo de C. O PM dirá que este núcleo é marcado com o traço Q forte. Isso significa que *se* também apresenta traço Q:

- (65) O João perguntou se a Maria saiu.

Note que o núcleo do CP encaixado em (65) apresenta traço Q forte, já que a derivação só converge se um complementizador marcado com traço Q ocupar C abertamente, a fim de checar o traço forte deste. A derivação é cancelada se não há um complementizador realizado abertamente no C encaixado:

(66) *O João perguntou a Maria saiu.

No sistema de Critérios, é possível assumir que *se* dota o núcleo do CP encaixado com o traço Q. Neste caso, é preciso estipular a existência de um operador não realizado lexicalmente, a fim de satisfazer o Critério WH, como mostra (67) abaixo:

(67) O João perguntou [_{CP} OP [_C *se* a Maria saiu.]]

Note que o que a extensão da análise fornecida pelo sistema de Critérios para as interrogativas Y/N supõe é que há um paralelismo entre estruturas que selecionam um CP interrogativo Y/N e aquelas que selecionam um CP interrogativo WH, por conta dos complementizadores *se* e *que*, como vemos em (64). Por outro lado, uma abordagem que objetive mostrar uma simetria entre interrogativas Y/N e perguntas WH enfrenta limites claros. Em primeiro lugar, enquanto há interrogativas WH *in situ*, não há pergunta Y/N *in situ*. Há também a questão do operador, discutida acima, já que nas perguntas Y/N só temos evidências indiretas de um operador abstrato, pois nunca haverá um operador de pergunta Y/N realizado lexicalmente, como acontece nas interrogativas WH. Além disso, se por um lado, nem WH nem Y/N apresentam movimento I para C no PB atual, por outro não há nas perguntas Y/N nenhum caso reportado na literatura de inversão VS, nem obrigatória, nem opcional, com há nas perguntas WH.

Vejamos agora os resultados a que chegamos até aqui. Em primeiro lugar, foi possível isolar três tipos de línguas quanto às estruturas Y/N:

- (a) línguas como o chinês e japonês podem realizar o traço Q morfologicamente;
- (b) línguas como o inglês e o alemão apresentam movimento I para C;
- (c) línguas como o PB não apresentam nem marcadores realizados morfologicamente, nem movimento I para C, mas apenas um traço em Q, cuja visibilidade é garantida aparentemente pela entonação peculiar das perguntas Y/N.

Vimos também que:

- (a) na abordagem de força do traço, as interrogativas Y/N apresentam um traço Q em C. C matriz de perguntas Y/N tem um traço V forte, no caso de línguas como o inglês e o alemão, que obriga o alçamento do verbo finito para seu domínio de checagem. No caso de línguas como o PB, o C de perguntas Y/N apresenta traço V não forte, por isso, não há movimento visível de I para C;
- (b) no sistema de Critérios, o Critério WH pode ser satisfeito se postulamos um operador não lexicalmente realizado em Spec CP. Uma evidência de que este operador existe é o caso do alemão, que é V1 apenas nas interrogativas Y/N.

Pensemos agora nas respostas a interrogativas Y/N. Na descrição feita da seção 6.2.1, vimos que perguntas Y/N do PB podem ser respondidas:

- (a) com o verbo flexionado mais alto da sentença;
- (b) com a cópula *É*;
- (c) com as partículas assertivas *sim/não*;
- (d) com alguns quantificadores;
- (e) com alguns advérbios.

Vimos que o verbo finito é a forma mais usual de se responder uma interrogativa Y/N em PB. A cópula *É* também pode ser dada como resposta a uma pergunta Y/N e, pelo que vimos na seção, parece não poder substituir a resposta do tipo verbal, ao contrário do que previu De Oliveira (1996). Como a cópula *É* pode figurar como resposta a uma interrogativa de foco largo, mas também como confirmação ao conteúdo proposicional de declarativas e de interrogativas, parece difícil mostrar um contexto em que seja estritamente uma **frase assertiva reativa**.

Uma interrogativa Y/N pode ser respondida também com as partículas assertivas *Sim/não*, embora não apresentem o mesmo estatuto. Enquanto a resposta (frase assertiva reativa) com *sim* parece ser marginal em PB, competindo com as demais respostas, *não* apresenta um comportamento diferente, já que pode aparecer sozinho na resposta negativa, ou junto com o verbo finito, ou com o VP inteiro ou, ainda, com a sentença toda.

Vimos, também, que perguntas Y/N que apresentam quantificadores podem ser respondidas com eles dependendo da posição que ocupam na sentença. Geralmente

podem figurar como resposta quando precedem o verbo flexionado mais alto da sentença.

A última forma possível de resposta a interrogativas Y/N que arrolamos são as respostas com advérbios. Na descrição da seção 6.2.1 vimos que, dependendo da posição que ocupam na sentença, advérbios podem ou não figurar como resposta. Entretanto, apesar de vários advérbios poderem responder perguntas Y/N, parece que nem sempre eles apresentam o mesmo comportamento. Note que, do teste aplicado por Kato & Tarallo (1993), repetido em (68) abaixo, pode-se concluir que um advérbio como *já* pode funcionar como uma *pro-forma* verbal:

- (68) a. Pedro nunca foi à Europa, mas João já.
 b. Pedro nunca foi à Europa, mas João sim.
 c. Pedro nunca foi à Europa, mas João foi.

Observe agora que não é qualquer advérbio que funciona como uma *pro forma* verbal, como mostram os exemplos abaixo em (69) e (70):

- (69) a. Pedro nunca perdeu a cabeça, mas João perdeu/já/sim.
 b. Pedro nunca perdeu a cabeça, mas João *quase.
 c. Pedro nunca perdeu a cabeça, mas João *sempre.
 d. Pedro nunca perdeu a cabeça, mas João *infelizmente.
 e. Pedro sempre perde a cabeça, mas João ??raramente.

- (70) a. Pedro sempre perde a cabeça, mas o João não (perde).
 b. Pedro sempre perde a cabeça, mas o João *quase.
 c. Pedro sempre perde a cabeça, mas o João nunca/jamais.
 d. Pedro sempre perde a cabeça, mas o João *infelizmente.
 e. Pedro nunca perde a cabeça, mas o João *raramente
 f. Pedro nunca perde a cabeça, mas o João ?sempre.

Isso nos leva a crer que, apesar de alguns advérbios poderem aparecer em respostas a perguntas Y/N, advérbios como *já* apresentam um comportamento diferenciado, já que podem ser *pro-formas* verbais.

Quanto à estrutura, se supomos que interrogativas Y/N sempre ativam o domínio CP, talvez possamos postular que respostas também são domínios CPs. Além disso, se assumimos que o núcleo de CP de interrogativas possui um traço Q, podemos assumir também que o núcleo do CP de respostas a interrogativas também possui um traço em C. O tipo de traço que está em jogo vai depender crucialmente de que tipo de pergunta é respondida.

Uma estrutura CP que responde uma interrogativa Y/N, por exemplo, apresenta um C cujos traços comportam respostas apropriadas para tal tipo de interrogativa. Em outras palavras, os traços de C de uma estrutura CP que responde uma interrogativas Y/N devem ser compatíveis com respostas verbais, com respostas com a cópula *É*, com respostas com as partículas assertivas *sim/não* e, ainda, com respostas que comportem certos advérbios e quantificadores.

Note igualmente que uma estrutura CP que *responde* uma interrogativa não é a mesma estrutura que **confirma** uma interrogativa ou uma declarativa. Mostramos que respostas verbais não podem ser usadas para confirmar uma declarativa. Isso significa, portanto, que a estrutura CP de **confirmação** (se assumimos que é uma projeção CP) apresenta um C cujos traços são incompatíveis com respostas do tipo verbal.

Se este tipo de análise está correta, precisamos pensar em uma explicação para a forma como respondemos interrogativas Y/N em PB. Precisamos pensar, por exemplo, por que a resposta verbal é barrada nas estruturas com advérbios altos e por que não acontece o mesmo quando os advérbios são baixos.

Quanto à partícula *sim*, podemos assumir, junto com De Oliveira (1996), que ela possui um traço [+ênfase], uma vez que só aparece em PB em contextos enfáticos os denegativos. Podemos assumir então, que tal partícula ocupa uma posição na estrutura CP de resposta própria para elementos enfáticos.

O sistema de Critérios, por sua vez, parece enfrentar problemas para explicar as estruturas de resposta às interrogativas Y/N, já que seria preciso encontrar na estrutura de resposta uma maneira de criar a configuração Spec-núcleo. Como em PB o verbo permanece em IP, se poderia recorrer a *concordância dinâmica*, faltando para isso, contudo, um operador capaz de dotar o núcleo de CP com o traço relevante.

6.3 Interrogativas Alternativas

As interrogativas alternativas se caracterizam por terem como resposta esperada um conjunto de possibilidades dadas na própria pergunta (cf., Huddleston, 1994). A resposta com uma das alternativas geralmente vem acompanhada do verbo flexionado ou, então, aparece sozinha na resposta.

(71) João tá vivo ou tá morto?

- Tá vivo / Tá morto.
- Vivo / Morto.
- * Tá.
- * É.
- * Sim/não.

Observe que no caso do exemplo em (71) não é possível responder apenas com o verbo flexionado, mas veremos mais adiante que esta impossibilidade não é categórica. Além disso, de modo geral, não é possível responder a uma interrogativa alternativa com a cópula *É*, e tampouco com as partículas assertivas *sim/não*.

Podemos pensar na existência de dois subtipos de interrogativas alternativas: as binárias, como em (71) acima, e as não-binárias, como em (72) abaixo:

(72) Quer vinho ou refrigerante?

- Quero vinho/ Quero refrigerante.
- Vinho/ Refrigerante.
- Quero água.
- * Quero.
- * Sim /não.
- * É

Na interrogativa binária em (71), não há opção de se responder outra coisa que esteja fora das duas opções postas na pergunta (a menos que se suponha um estado intermediário do tipo *tá em coma profundo* como sugere Roberta Pires de Oliveira, c.p., ou uma resposta evasiva, que se caracterizam como *réplica* e não como *resposta*).

Já na interrogativa não-binária em (72), a possibilidade de resposta ultrapassa as duas (ou três) opções dadas pela interrogativa alternativa binária. Em vista do que vimos no capítulo 1 desta tese, consideraremos como *réplicas* (Huddleston, 1994) essas

respostas que ultrapassam as opções dadas na pergunta, como é o caso de ‘Quero água’ em (72) acima. Observe, contudo, que nem (71) nem (72) aceitam respostas do tipo *sim* / *não* ou respostas apenas com o verbo flexionado, nem com a cópula *É*.

A diferença entre as alternativas binárias e as não-binárias parece ser apenas de ordem semântica, pois se relaciona com propriedades lógicas do predicado, não havendo aparentemente nenhuma propriedade sintática que as diferencie. Além disso, de acordo com o que foi exposto na seção 1.2.3 do capítulo 1, estamos levando em conta apenas *respostas* propriamente ditas, em oposição a *réplicas*. Portanto, vamos tratar as interrogativas alternativas como um único grupo, classificando-as apenas pelo tipo de constituinte que envolvem: DP, PP, IP ou AP²⁶.

O foco de pergunta (no sentido de Zubizarreta, 1998) de uma interrogativa alternativa matriz pode estar sobre um DP, como em (73) abaixo, sobre um PP, como em (74), sobre um IP, como em (75), ou, ainda, sobre um AP, como em (76):

(73) A Ana namora [DP o João] ou [DP o Pedro]?²⁷

- (Namora) o João.
- (Namora) o Pedro.

(74) Vai pagar [PP à vista] ou [PP a prazo]?

- (Vou pagar) à vista.
- (Vou pagar) a prazo.

(75) [IP O João comprou] ou [IP vai comprar um carro]?

- Comprou (um carro).
- Vai comprar (um carro).

(76) o João é [AP bonito] ou [AP feio]?

- (É) bonito.
- (É) feio.

Observe que em perguntas alternativas matrizes só é obrigatória a resposta com o verbo finito quando IP é o foco de pergunta como no caso das interrogativas em (75), justamente porque as opções da resposta estão sobre a flexão. Neste caso, portanto, o que é opcional na resposta é o DP *um carro*. Por outro lado, respostas para perguntas

²⁶ Este último sugerido por Sérgio Menuzzi, c.p.

²⁷ Note que a pergunta alternativa pode ser feita também em relação ao sujeito da sentença:

(i) A Maria ou a Ana namora o Pedro?

- A Maria (namora).
- A Ana (namora).

Neste caso, a sentença mais natural seria a pergunta clivada:

cujo foco de interrogação é um DP (73), um PP (74) ou um AP (76), o verbo pode ficar elíptico na resposta.

As interrogativas alternativas envolvem uma estrutura de coordenação disjuntiva. Note, por exemplo, que deve haver algum tipo de vínculo semântico-pragmático entre as duas opções, isto é, entre a primeira e a segunda parte da coordenação. Uma interrogativa como (77) abaixo, apesar de ser sintaticamente perfeita, apresenta problemas semântico-pragmáticos:

(77) O João comprou um carro ou a Maria vai ter um bebê?

Por outro lado, a estrutura de coordenação disjuntiva²⁸ é crucial para termos uma interrogativa alternativa. Uma pergunta sem tal estrutura deixa de ser alternativa (A12a) e passa a ser Y/N (A12b):

(78) a. A Ana gosta de nadar ou de correr?	[pergunta alternativa]
b. A Ana gosta de nadar e de correr?	[pergunta Y/N]

(ii) É a Maria ou a Ana que namora o Pedro?

²⁸ Essa estrutura de coordenação disjuntiva pode ser exclusiva ou inclusiva. Conforme Pires de Oliveira (2000:169), existem dois usos da conjunção *ou* no PB. No primeiro, chamado de disjunção exclusiva, se as duas sentenças (aqui falaremos em duas partes da disjunção) forem verdadeiras, então o todo será falso. Já no segundo uso, chamado de disjunção inclusiva, se as duas partes forem verdadeiras, o todo é verdadeiro. Vejamos como isso funciona em relação ao tipo de sintagma sobre o qual se dá a disjunção. Observe as interrogativas (73)- (76), repetidas aqui em (i)-(iv):

(i) A Ana namora [DP o João] ou [DP o Pedro]?

- (Namora) o João.
- (Namora) o Pedro.
- (Namora) o João e o Pedro.

(ii) Vai pagar [PP à vista] ou [PP a prazo]?

- (Vou pagar) à vista.
- (Vou pagar) a prazo.
- *(Vou pagar) à vista e a prazo.

(iii) O João [IP comprou] ou [IP vai comprar um carro]?

- Comprou (um carro).
- Vai comprar (um carro).
- *Comprou e vai comprar (um carro).

(iv) o João é [AP bonito] ou [AP feio]?

- (É) bonito.
- (É) feio.
- (É) bonito e feio.

As duas primeiras respostas para cada pergunta são exclusivas e a última resposta é inclusiva. Veja que, de modo geral, a disjunção das interrogativas alternativas é exclusiva. Talvez possamos pensar em respostas inclusivas quando a alternativa recai sobre DP (i) ou sobre AP (iv). Mas isso pode ser apenas um reflexo dos exemplos dados aqui. Pensemos por exemplo em algo como *O João é rico ou pobre?*. Será que neste caso podemos pensar que João é ao mesmo tempo rico e pobre? Talvez sim. Mas veja que acabamos entrando num problema semelhante àquele visto no início desta seção, em relação às interrogativas alternativas binárias e não-binárias, cuja diferença advém do tipo de predicado em questão.

Isto posto, é preciso investigar, pois, a estrutura sintática da coordenação, já que é este tipo de estrutura que define uma interrogativa alternativa. Note que nas interrogativas alternativas podemos supor uma estrutura elíptica:

(79) A Ana namora o João ou (a Ana namora) o Pedro?

(80) Vai pagar à vista ou (vai pagar) à prazo?

(81) O João comprou (um carro) ou (o João) vai comprar um carro?

(82) O João é bonito ou (o João) é feio?

Pelo que vimos na descrição das interrogativas alternativas feita aqui, parece que o elemento portador da flexão pode aparecer ou foneticamente realizado na resposta ou de forma elíptica. Há um caso em que sua presença se torna obrigatória na resposta, ou seja, quando a disjunção recai sobre IP.

Parece que temos duas possibilidades de análise para as perguntas Alternativas: na primeira, podemos pensar que a estrutura de coordenação pode se aplicar em várias partes da sentença; na segunda, podemos pensar que a coordenação está sempre no mesmo lugar e a elipse é que pode se aplicar em diferentes lugares da sentença. Voltaremos a essa questão na próxima seção.

Nesta seção vimos, então, que interrogativas Alternativas do PB apresentam uma estrutura de coordenação disjuntiva. Vimos também que deve haver algum vínculo semântico-pragmático entre as duas partes da coordenação. O foco de uma pergunta Alternativa pode estar sobre DP, PP, IP ou AP. Tais interrogativas são respondidas, de modo geral, com uma das alternativas dadas na própria pergunta. Além disso, só aceitam respostas com o verbo finito mais alto da sentença quando IP é o foco de pergunta. Por fim, não aceitam respostas com as partículas *sim/não*, nem com a cópula *É*.

Da mesma forma, parece que o fato de a disjunção ser exclusiva ou inclusiva depende do tipo semântico do predicado, não sendo, pois, um fenômeno propriamente sintático.

6.3.1 Interrogativas A-não-A

Nesta seção veremos como se comportam as interrogativas A-não-A do PB, que estamos considerando como um tipo especial de perguntas alternativas, já que o conteúdo proposicional das duas respostas está expresso na pergunta (cf. seção 1.2.1 do capítulo 1, que remete a Huddleston, 1994).²⁹

Em um estudo sobre as interrogativas A-não-A do chinês, Shi (1994: 318) afirma que interrogativas A-não-A, da mesma forma que perguntas Y/N, são empregadas quando o falante está interessado no valor de verdade de uma dada declaração. A forma de superfície de tais interrogativas em chinês é marcada pela presença de um verbo A-não-A, que é construído a partir da cópia do verbo (ou sua primeira sílaba) mais um morfema negativo mais o verbo copiado, como mostra (82) abaixo:

- (82) Ni qu-bu-qu Niuyue?
 /você vai-não-vai New York/
 ‘Você vai ou não (vai) para Nova York?’

Huang (1982) mostra que perguntas A-não-A no chinês podem ser construídas como em (82) acima, mas também como em (83a) e (83b) abaixo:

- (83) a. Ta xihuan ni bu xihuan ni?
 /ele gosta você não gosta você/
 ‘Ele gosta de você ou não gosta de você?’
 b. Ta xihuan bu xihuan ni?
 /ele gosta não gosta você/
 ‘Ele gosta ou não gosta de você?’

As interrogativas A-não-A do PB diferem das do chinês quanto à forma de serem estruturadas, na medida em que não é possível em PB uma estrutura como aquela em (82) acima. Em PB, uma interrogativa A-não-A envolve uma estrutura de

coordenação, semelhante àquelas de perguntas alternativas, em que a primeira oração é afirmativa e a segunda é negativa. O verbo da segunda oração pode estar elíptico:

- (84) O João vai ou não (vai) pra São Paulo?
 – Vai
 – Não vai.

Note em (84) acima que o foco de pergunta de uma interrogativa A-não-A está sobre o IP.

Basicamente, as interrogativas A-não-A apresentam a forma **[V+I] + ou + não + [V+I]**, podendo, contudo, o segundo **[V+I]** estar elíptico.

Poderíamos nos perguntar, porém, se as interrogativas A-não-A apresentam diferença quanto ao fato de deixar ou não o segundo **[V+I]** elíptico, dependendo do tipo de verbo com o qual são formadas. Observando as sentenças abaixo, parece não haver diferença em se deixar ou não o segundo **[V+I]** elíptico, independente do verbo da sentença:

- (85) a. Você acredita ou não que o João fala inglês?
 b. Você acredita ou não acredita que o João fala inglês?
 c. Você acredita que o João fala inglês ou você não acredita que o João fala inglês?
- (86)a. A Maria parece ou não estar cansada?
 b. A Maria parece ou não parece estar cansada?
 c. A Maria parece estar cansada ou a Maria não parece estar cansada?
- (87)a. O João foi ou não a São Paulo?
 b. O João foi ou não foi a São Paulo?
 c. O João foi a São Paulo ou o João não foi a São Paulo?
- (88)a. Você telefonou ou não?
 b. Você telefonou ou não telefonou?
 c. Você telefonou ou você não telefonou?

²⁹ Xu (1990: 377, nota 3) credita o termo *pergunta A-não-A* a Y. R. Chao e trata este tipo de pergunta como um tipo intermediário entre uma Y/N e uma alternativa.

Em alguns casos, como na sentença abaixo, **ou + não** pode ‘passar’ pela sentença (Sérgio Menuzzi, c.p.). Observe que a única posição em que **ou + não** não pode aparecer é antes do primeiro verbo da sentença (89a):

- (89) a. ***Ou não** o João tinha conversado com a Maria sobre o Paulo?
 b. *O João **ou não** tinha conversado com a Maria sobre o Paulo?
 c. O João tinha **ou não** (tinha) conversado com a Maria sobre o Paulo?
 d. O João tinha conversado **ou não** (tinha conservado) com a Maria sobre o Paulo?
 e. O João tinha conversado com a Maria **ou não** (tinha conversado com a Maria) sobre o Paulo?
 f. O João tinha conversado com a Maria sobre o Paulo **ou não** (tinha conversado com a Maria sobre o Paulo)?

Os exemplos acima mostram que em perguntas A-não-A, assim como nas alternativas, há uma estrutura elíptica em jogo; aqui porém, a coordenação se dá sempre sobre a flexão, já que é esta que pode portar a negação sentencial.

Note também que nas interrogativas de (89) acima, independentemente da posição que **ou + não** ocupa, a resposta dada é sempre com o verbo flexionado mais alto ‘tinha’. Isso parece mostrar que a coordenação se dá sempre sobre a flexão e é a elipse que se aplica em pontos diferentes da estrutura. Estes resultados, contudo, não são conclusivos, já que é preciso investigar mais cuidadosamente tal hipótese.

Veja ainda que o conjunto de sentenças em (89) acima confirma o que a literatura vem afirmando acerca da negação sentencial, ou seja, que ela exige a presença de Tempo.³⁰ Note que as únicas sentenças ruins em (89) são aquelas em que a primeira parte da disjunção não apresentam o verbo flexionado, ou seja, T.

As interrogativas do tipo A-não-A do PB usualmente são respondidas com o verbo finito, quando a resposta é afirmativa, ou com o *não* mais o verbo finito, quando a resposta é negativa, já que a coordenação disjuntiva se dá sobre IP, como mostram (90) e (91) abaixo:

³⁰ Cardinaletti & Guasti (1995), baseadas em Cardinaletti & Guasti (1993), mostram que negação sentencial não pode ser encontrada em *Small Clauses*, já que NegP só pode aparecer em estruturas que contenham TP e *Small Clauses* não apresentam TP.

- (90) A Maria tá ou não tá grávida?
 – Tá (grávida)
 – Não tá.
 – ??Sim / ?Não.
 – *É
- (91) O João ganhou ou não ganhou o jogo?
 – Ganhou.
 – Não ganhou.
 – ??Sim / ?Não.
 – *É

Observe nos exemplos acima que este tipo de interrogativa, como no caso das interrogativas Y/N, também pode ser respondida com as partículas assertivas *sim/não*, embora as respostas deste tipo nos pareçam um tanto estranhas, principalmente quando a resposta é afirmativa. Por outro lado, não é possível responder uma interrogativa A-não-A com a cópula *É*.

Como vimos acima, as perguntas A-não-A também apresentam coordenação disjuntiva, como as interrogativas alternativas.³¹ A partir do que vimos, pois, acerca das perguntas alternativas e das A-não-A, podemos afirmar que elas se assemelham no que se refere a:

- (a) em ambas o conteúdo proposicional das respostas está expresso na pergunta;
- (b) apresentam estrutura de coordenação;

Por outro lado, uma pergunta A-não-A se distancia de uma interrogativa alternativa no que se refere a:

- (a) a disjunção em uma pergunta A-não-A se dá somente sobre IP;
- (b) sua estrutura apresenta uma negação, que aparece sobre IP.

³¹ Da mesma maneira que nas Alternativas, no caso das A-não-A a disjunção é de modo geral exclusiva, como vemos nos exemplos abaixo:

- (i) Você acredita ou não que o João fala inglês?
 – * Acredito e não acredito.
- (ii) A Maria parece ou não estar cansada?
 – * Parece e não parece.

Entretanto, como o fato de a disjunção ser exclusiva ou inclusiva depende fundamentalmente do item lexical e de sua propriedades, podemos pensar do seguinte exemplo de uma disjunção A-não-A inclusiva:

- (iii) O João é ou não é bonito?
 – É e não é (depende do que você olha num homem pra achar ele bonito)

Novamente, o fato de a disjunção ser exclusiva ou inclusiva depende crucialmente do tipo semântico do predicado e não de questões propriamente sintáticas.

6.3.2 Análise para as respostas de interrogativas Alternativas

Nesta seção abordamos resumidamente as análises de Huang (1982) e de Shi (1994) para as interrogativas A-não-A do chinês. Além disso, procuramos explicar as estruturas das interrogativas Alternativas e A-não-A do PB. Cumpre lembrar que, como dissemos na introdução desta tese, estamos simplesmente procurando mostrar algumas propriedades dos dados do PB e levantar algumas questões para pesquisas futuras.

6.3.2.1 Huang (1982)

Huang (1982) mostra que as interrogativas A-não-A no chinês podem ser construídas de acordo com as formas mostradas em (92) abaixo:

- (92) a. Ta xi-bu-xihuan ni ?
 /ele gos-não-gosta você/
 b. Ta xihuan ni bu xihuan ni?
 /ele gosta você não gosta você/
 c. Ta xihuan bu xihuan ni?
 /ele gosta não gosta você/
 ‘Ele gosta de você ou não gosta de você?’

Huang assume que a forma verbal em (92a) de interrogativas A-não-A do chinês é o resultado de uma regra fonológica de reduplicação que se aplica em PF. O autor analisa as perguntas A-não-A como sentenças geradas com um morfema abstrato [+Anão-A], que ele assume como um operador de pergunta dentro do nó I e que se afixa ao verbo para acionar a formação verbal A-não-A do chinês. Segundo o autor, o *não* da forma A-não-A é o mesmo *não* de sentenças negativas comuns. Huang supõe, então, que ambos são a realização de algum constituinte indicando a modalidade afirmativo/negativo, ou seja, o constituinte AFF. Assim, se AFF é [+afirmativo], então ele será zero, como em sentenças afirmativas. Se ele é [-afirmativo], então ele será ‘não’. Mas se ele for especificado [\pm afirmativo], ele será um quantificador sobre [+afirmativo] e [-afirmativo], ou seja, será [+A-não-A].

O autor supõe que é o próprio morfema [+A-não-A] que aciona uma regra sintática ou fonológica de reduplicação, apresentando a seguinte forma:

(93) Reduplicação A-não-A

[+A-não-A] [_{VP} X Y] > [_{VP} [[X] [não X]] Y]

Antes de a regra de reduplicação A-não-A se aplicar, podemos ter uma estrutura como em (94):

(94) [_{IP} ele [+A-não-A]] [_{VP} gosta de você]

O resultado da aplicação (93) a (94) será alguma das formas das perguntas A-não-A em (92) acima, dependendo se ‘xi-’ (gos-ta), ‘xihuan’ (gosta) ou ‘xihuan ni’ (gosta você) são tomados como X na descrição estrutural na regra em (93) acima. Huang assume, então, que tal regra se aplica em PF; assim, todas as perguntas em (92) têm a forma (94) em sintaxe visível. Em LF, o constituinte de modalidade contendo o morfema [+A-não-A] passa por movimento, produzindo (95):

(95) [[+A-não-A]_i [ele t_i gosta de você]]

O constituinte [+A-não-A] pode ser interpretado, então, como um quantificador sobre os dois membros [A] e [Não A].

O morfema [+A-não-A] comporta-se como os sintagmas WH não-argumentais e é alçado ao Comp relevante em LF. Já que um morfema A-não-A se comporta como um adjunto, seu alçamento em LF está sujeito a restrições de ilha por causa do ECP. Como analisa os verbos A-não-A como a combinação de um verbo e de um operador WH adjunto, o autor explica os efeitos de ilha exibidos por verbos A-não-A dentro de sua abordagem mais geral da assimetria argumento/adjunto.

De acordo com Huang, um NP ou um argumento podem ser extraídos livremente para fora de uma ilha WH. Por outro lado, não-NPs ou adjuntos não podem. O autor observa que a interpretação de perguntas A-não-A não pode cruzar uma ilha WH, como mostra (96) abaixo, ou um NP complexo:

(96) [ni xiang-zhobao [shei xu-bu-xihuan ni]]

/você quer saber quem gosta-não-gosta você/

‘Você quer saber quem gosta ou não gosta de você’

‘Quem é a pessoa x tal que você quer saber se x gosta ou não de você.’

Segundo Huang, a pergunta em (96) acima recebe uma resposta como em (97) abaixo, onde um valor é dado para ‘quem’, mas não pode ser respondida como em (98), onde um valor é dado para o operador A-não-A:

(97) [wo xiang-zhidao [Lisi xi-bu-xihuan wo]]

/eu quero saber Lisi gosta-não-gosta eu/

‘Eu quero saber se Lisi gosta de mim ou não/

(98) *[wo xiang-zhidao [shei bu-xihuan wo]]

/eu quero saber quem não-gosta eu/

*‘Eu quero saber quem não gosta de mim’

Ou seja, enquanto na representação em LF (99) abaixo ‘quem’ pode cruzar a ilha A-não-A, na representação em (100) o operador A-não-A não pode cruzar a ilha WH nucleada por ‘quem’:

(99) [Shei_i [ni xiang-zhidao [A-não-A_j [t_i t_j xihuan ni]]]]

/quem você quer saber gosta você/

(100) *[A-não-A_j ni xiang-zhidao [shei_i [t_i t_j xihuan ni]]]]

Isso mostra, segundo Huang, que um operador A-não-A é uma categoria não-NP. Obviamente, ele não pode entrar em uma relação predicado-argumento com o verbo da sentença na qual ele ocorre. Por isso, as sentenças em (101) e (102) são agramaticais, já que apresentam um operador A-não-A e ‘por que’ ou ‘como’ na sentença encaixada do verbo matriz:

(101) *[ni xiang-zhidao [Lisi weishenme xi-bu-xihuan ni]]?

/você quer saber por que Lisi gosta-não-gosta você/

(102) *[ni xiang-zhidao [Lisi zeme xi-bu-xihuan ni]]?

/você quer saber como Lisi gosta-não-gosta você/

Note, contudo, que em PB tanto as sentenças acima como aquela em (99) são agramaticais; ou seja, não é possível nesta língua uma estrutura que seja ao mesmo tempo uma pergunta A-não-A e uma pergunta WH, independente de o sintagma WH ser adjunto (103) ou argumento (104):

(103) a. *Por que Maria gosta ou não (gosta) de você?

b. *Como João vai ou não (vai) viajar?

(104) a. *Quem gosta ou não gosta de você?

b. *O que a Maria gosta ou não gosta?

Veja que algo semelhante ocorre com perguntas Alternativas comuns:

(105) a. *Por que a Maria namora o João ou o Pedro?

b. * Quem namora o João ou o Pedro?

6.3.2.2 Shi (1994)

A partir das análises de Huang (1982) e de Baltin (1991)³², Shi (1994) assume que uma pergunta A-não-A é gerada com um morfema A-não-A. Para o autor, entretanto, este morfema não é um operador especial como em Huang (1982). Shi assume que o morfema A-não-A é o mesmo morfema que licencia palavras WH. No caso de tal morfema não licenciar uma palavra WH, ele pode ser anexado ao verbo apropriado e acionar a formação verbal A-não-A típica do chinês. Nesta análise, um verbo A-não-A será a realização morfológica do morfema Q.

Shi assume que o componente V-Q amalgamado é um elemento verbal nas linhas do componente V-I criado pelo movimento V para I. Assim, o componente V-Q tem a função de verbo e não de operador, como proposto por Huang (1982); como consequência, ele não pode licenciar elementos WH. Assim, quando o Q matriz de uma pergunta direta é incorporado ao componente V-Q, nenhum elemento WH nesta sentença pode ter leitura de pergunta. Isso explica, segundo Shi, por que a sentença em

³² Conforma Shi (1994), Baltin (1991) analisa a interação das propriedades de verbos A-não-A com as de sintagmas WH, assumindo para ambos alçamento em LF. Um verbo A-não-A se move para o C relevante em LF via movimento de núcleo, enquanto o sintagma WH é alçado para Spec CP.

(106) abaixo é inaceitável, já que o sintagma WH *shei* não pode estar ligado ao Q matriz:

- (106) *Shei lai-bu-lai?
 /quem veio-não-veio/
 ‘*Quem veio ou não veio?’

Segundo Shi, o alçamento de um verbo A-não-A não é motivado por considerações de escopo (Baltin, 1991), nem pela assunção de que verbos A-não-A são operadores adjuntos. O movimento em LF do componente V-Q, que é realizado como um verbo A-não-A em PF, é acionado pela necessidade de prover o CP matriz como valor do traço Q apropriado.

6.3.2.3 As perguntas Alternativas do PB

Vimos que além de apresentarem uma estrutura de coordenação, interrogativas Alternativas não podem compartilhar a mesma estrutura que comportam interrogativas WH (cf. seção 6.3.2.1). Vimos também que temos duas possibilidades de análise para as perguntas Alternativas: na primeira, podemos pensar que a estrutura de coordenação pode se aplicar em várias partes da sentença; na segunda, podemos pensar que a coordenação está sempre no mesmo lugar e a elipse é que pode se aplicar em diferentes lugares da sentença. Vimos também que a segunda possibilidade de análise parece ser a mais adequada, carecendo, contudo, de uma investigação mais detalhada (Cf. seção 6.3.1). Vejamos agora o que podemos dizer acerca da estruturas das perguntas Alternativas do PB a partir do que vimos até aqui.

A partir da análise de Huang (1982), vimos que as interrogativas A-não-A apresentam um morfema A-não-A abstrato, que o autor assume como um operador de pergunta gerado dentro do nó I e que se afixa ao verbo para acionar a formação verbal A-não-A do chinês. Esta forma verbal especial de interrogativas A-não-A do chinês é o resultado de uma regra fonológica de reduplicação que se aplica em PF, segundo o autor.

Segundo Shi (1994), o morfema A-não-A de Huang é um traço A-não-A em I que aciona o processo de formação de perguntas A-não-A. É possível supor, como Shi,

que este traço é o mesmo traço Q que licencia palavras WH. A evidência disto é que um verbo A-não-A não pode tomar escopo sobre uma sentença que apresenta um sintagma WH, como mostra (107) abaixo (Cf. Shi, 1994: 319):

- (107) a. * Quem veio ou não veio?
 b. * Quem é bonito ou (é)feio?³³

Veja que, se fosse possível responder a pergunta em (107), responderíamos a interrogativa WH, e não a A-não-A. Assim, se o traço não licencia uma palavra WH, ele poderia ser anexado ao verbo apropriado e acionar a formação de pergunta A-não-A em PF. Parece complicado, contudo, assumir que perguntas A-não-A em PB sejam geradas em PF, já que nesta língua elas não apresentam a mesma estrutura de perguntas A-não-A do chinês, como aquela em (92a). Apesar disso, se perguntas A-não-A e perguntas WH não podem estar na mesma estrutura, é possível pensar que elas têm algum traço (ou operador?) em comum que as coloca em distribuição complementar.

Vejamos agora como os dois quadros teóricos comparados nesta tese podem lidar com tais sentenças. Chomsky (1995) assume que todas as sentenças interrogativas apresentam um traço Q em C. Assim, as interrogativas Alternativas, incluindo as A-não-A, também envolvem uma estrutura CP cujo núcleo é marcado com um traço Q. Precisariamos averiguar ainda, na abordagem de força do traço, se o núcleo de CP das perguntas Alternativas do PB apresenta traço forte ou não.

Por outro lado, para uma análise das interrogativas Alternativas a partir do sistema de Critérios, precisaríamos ‘criar’ a configuração Spec-núcleo. Para tanto, seria preciso que tivéssemos um operador não realizado lexicalmente e um núcleo marcado com o traço relevante. Se há a configuração Spec-núcleo em perguntas Alternativas, poderíamos supor que o Critério WH é satisfeito através de *concordância dinâmica*, como no caso das perguntas WH e das perguntas Y/N.

³³ É interessante notar também que se o sintagma WH ficar *in situ*, como mostra (i), abaixo, a sentença pode ser interpretada como pergunta-eco, o que é razoável, já que este tipo de estrutura não é uma interrogativa da fato:

- (i) a. * A Maria gosta ou não gosta de quem? [A-não-A]
 b. * A Maria comprou ou vai comprar o quê/que carro? [Alternativa]

Note, contudo, que em qualquer uma das duas abordagens não há uma explicação direta para as estruturas Alternativas do PB, já que uma tal explicação teria que dar conta da estrutura coordenada destas sentenças.

Nesta seção vimos, então, que:

- (a) a análise que parece mais adequada para explicar as interrogativas Alternativas do PB, mas que precisa ser investigada, é aquela em que a coordenação está sempre no mesmo lugar e a elipse é que pode se aplicar em diferentes lugares da sentença;
- (b) uma estrutura não pode ser ao mesmo tempo uma pergunta Alternativa e uma pergunta WH. Isso pode estar indicando que estes dois tipos de perguntas apresentam algum traço (ou operador) o qual pode licenciar ora uma ora outra, mas nunca ambas na mesma estrutura;
- (c) nem a abordagem de força do traço, nem o sistema de Critérios parecem poder explicar de forma direta as perguntas Alternativas do PB, as quais envolvem uma estrutura coordenada.

6.4 Resumo do capítulo

O que vimos até aqui é que em todos os tipos de interrogativas polares o elemento portador da flexão sempre está presente na resposta, mesmo que elíptico. No caso das interrogativas Y/N, o verbo finito é a forma mais comum de resposta para este tipo de pergunta em PB. Quanto às Alternativas, o verbo finito deve ser dado como resposta quando a coordenação disjuntiva se dá sobre IP. No caso de a disjunção estar sobre DP, PP, ou AP, o verbo finito pode permanecer elíptico na resposta. Como as perguntas A-não-A são um tipo de interrogativa Alternativa, cuja disjunção recai sobre IP, o verbo finito deverá aparecer realizado na resposta, estando aqui excluída a possibilidade de elipse deste elemento.

Observemos no quadro em (108) as semelhanças e as diferenças entre perguntas Y/N e pergunta Alternativas/A-não-A:

(108) As interrogativas polares do PB

	Y/N	Alternativas	
		Comuns	A-não-A
Estrutura coordenada	–	Ok	Ok
Resposta Sim \ Não	Ok	*	???
Resposta com <i>É</i>	Ok	*	*
Resposta V+Infl	Ok	Ok para alternativas em IP	Ok
Resposta é escolha entre duas alternativas	–	Ok	Ok

Olhando para o quadro acima, notamos que a única semelhança entre interrogativas Y/N e perguntas A-não-A é que ambas podem receber respostas do tipo *sim/não*. Entretanto, de acordo com o que vimos na descrição das interrogativas A-não-A, respostas deste tipo não são totalmente aceitáveis para estas perguntas.

Por outro lado, uma outra semelhança que se pode encontrar entre estes dois tipos de perguntas tem a ver com as respostas com verbo finito que ambas recebem. Contudo, interrogativas Alternativas também podem (e neste caso devem) receber respostas com o verbo finito no caso de a coordenação disjuntiva se dar sobre IP. Considerando que perguntas A-não-A são interrogativas Alternativas que apresentam a coordenação disjuntiva sobre IP, nada mais natural do que receberem respostas com o verbo finito. Isso não constitui, portanto, uma semelhança com interrogativas Y/N, mas sim com perguntas alternativas. Ou, olhando o fenômeno de outro ângulo, podemos dizer que, como interrogativas polares, todas elas podem receber resposta do tipo verbal, embora em alguns casos isso não seja obrigatório.

O quadro em (108) acima mostra também que não é possível responder interrogativas Alternativas, incluindo as A-não-A, com a cópula *É*. Temos visto que esse tipo de resposta só pode ser dada a uma interrogativa Y/N. Veja que isso significa que em pelo menos um contexto, o das perguntas Alternativas, a resposta com o verbo

finito não pode ser substituída pela resposta com a cópula *É*. Esta é, portanto, mais uma evidência contra a hipótese de De Oliveira (1996), segundo a qual a resposta verbal em PB está sendo substituída pela cópula *É*.

Quanto às respostas a perguntas Y/N com as partículas *sim/não*, vimos na seção 6.3.2 que elas não apresentam o mesmo estatuto. *Sim* é marginal como resposta em PB, se comparado às outras formas de responder afirmativamente nesta língua. Além disso, parece apresentar um traço [+ênfase], já que aparecem em contextos enfáticos, como nota De Oliveira (1996). Por outro lado, *não* apresenta comportamento diferenciado, pois pode aparecer na resposta negativa sozinho, acompanhado com o verbo finito, com o VP inteiro ou ainda com a sentença inteira.

Na seção 6.2.1 deste capítulo, vimos também que quantificadores podem responder interrogativas Y/N dependendo da posição que ocupam na sentença, de modo geral, quando precedem o verbo finito mais alto. Contudo, o estudo feito aqui sobre quantificadores como resposta a perguntas Y/N não trouxe conclusões precisas sobre o assunto, ainda necessitando de uma investigação mais cuidadosa.

Quanto aos advérbios, apesar que alguns deles poderem aparecer nas respostas (cf. seção 6.2.1), nem todos podem ser pro-formas verbais (cf. seção 6.2.3). Um advérbio como *já*, por exemplo, apresenta comportamento diferenciado, já que pode figurar como pro-forma verbal na resposta a interrogativas Y/N.

Apesar de termos descrito as interrogativas Alternativas a partir do tipo de resposta que podem receber, ficamos devendo uma tentativa de explicação para as respostas. Contudo, um estudo mais apurado da estrutura coordenada deste tipo de pergunta talvez possa elucidar a estrutura de suas respostas.

Quanto à maneira dos quadros teóricos comparados nesta tese lidarem como as interrogativas polares do PB, vimos que:

(a) quanto às interrogativas Y/N:

- na abordagem de força do traço, as interrogativas Y/N apresentam um traço Q em C. C matriz de perguntas Y/N tem um traço V forte no caso de línguas como o inglês e o alemão, que obriga o alçamento do verbo finito para seu domínio de checagem. No caso de línguas como o PB, o C de perguntas Y/N apresenta traço V não forte, por isso, não há movimento visível de I para C.
- no sistema de Critérios, o Critério WH pode ser satisfeito se postulamos um operador não lexicalmente realizado em Spec CP. Uma evidência de que este operador existe é o caso do alemão, que é V1 apenas nas interrogativas Y/N.

(b) quanto às interrogativas Alternativas:

- nem a abordagem de força do traço, nem o sistema de Critérios parecem poder explicar de forma direta as perguntas Alternativas do PB, as quais envolvem uma estrutura coordenada.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

7.1 Introdução

Esta pesquisa teve por objetivo o estudo das estruturas interrogativas do PB, as quais dividimos, num primeiro momento, em dois grupos: as interrogativas WH e as interrogativas polares. No capítulo 1 desta tese, procuramos delimitar nosso objeto de estudo, assumindo a tipologia de interrogativas proposta por Huddleston (1994) e a definição de pergunta de Higginbotham (1996). Além de apresentarmos a noção de *pergunta*, apresentamos também a noção de *resposta*, distinguindo-a da noção de *réplica*. Esta distinção se fez necessária devido ao fato de termos elaborado a descrição das interrogativas polares a partir do tipo de resposta que podem receber.

Procuramos mostrar também que perguntas-eco não podem ser classificadas como interrogativas de fato, já que não se comportam como tal. Além disso, mostramos que perguntas-eco não apresentam as mesmas características de uma interrogativa, uma vez que, a partir da definição de pergunta de Higginbotham (1996), elas não abrem um espaço de possibilidades, que será reduzido por uma resposta, já que pergunta-eco é uma espécie de repetição da sentença-estímulo, o que determinou sua exclusão de nosso estudo.

Abordamos também a noção de movimento e de escopo em teoria gerativa. Quanto ao primeiro, procuramos mostrar que movimento pode ser sintaticamente visível ou realizado de forma encoberta em LF. Quanto ao segundo, procuramos definir o que é operador e quantificador e mostrar que sintagmas WH podem se comportar como quantificadores. Além disso, procuramos mostrar, não só neste capítulo, como no decorrer da tese, que as noções de movimento e de escopo são cruciais para o estudo das interrogativas apresentado aqui, já que a questão do escopo dos sintagmas WH está ligada historicamente dentro da teoria à questão do movimento deles.

Nas próximas seções, apresentamos um quadro geral do estudo das interrogativas WH e das perguntas polares do PB desenvolvido nesta tese.

7.2 Quadro geral das interrogativas WH

Ao contrário do que as pesquisas sobre interrogativas WH do PB costumam fazer, dividimos nosso estudo em três partes, contemplando, assim, as interrogativas com WH deslocado, as interrogativas com WH múltiplas e as interrogativas WH *in situ*.

Quanto às interrogativas com WH deslocado do PB, no capítulo 3 vimos que apresentam as seguintes características:

(A) apresentam de forma geral a ordem SV;

(B) ainda persistem na língua algumas estruturas com a ordem VS, que podem ser:

– obrigatória tanto em interrogativas como em declarativas:

- (1) a. Onde fica a farmácia?
- b. *Onde a farmácia fica?
- c. Ali fica a farmácia.
- d. *Ali a farmácia fica.

– não obrigatória: inversão Suj/Aux (2a), falsa inversão no caso de inacusativos (2b), VS com sujeitos pronominais (2c):

- (2) a. ?Onde *tinha* o Paulo ido ontem?
- b. Onde (eles) estão os meninos?
- c. Onde foram eles?

(C) podem apresentar as estruturas [WH *que*] ou [WH *é que*], tornando o movimento WH obrigatório:

- (3) a. O que que o João comprou?
- b. O que é que o João comprou?
- a'. *Que o João comprou o quê?
- b'. *É que o João comprou o quê?

Vimos que nenhuma das análises enfrenta grandes problemas para lidar com as interrogativas WH deslocadas com ordem SV. Mito (1994) mostrou que as interrogativas WH deslocadas satisfazem o Critério WH em SS via *concordância dinâmica*. Na análise de NHG (2001), uma interrogativa com WH deslocado apresenta

um C⁰ marcado com o traço [WH] forte, o que força o movimento do sintagma WH para Spec CP interrogativo em sintaxe visível, a fim de que seu traço [WH] entre em relação de checagem com o traço forte do núcleo C⁰. Vimos também que o problema da abordagem minimalista é estipular dois C⁰ com traços diferentes, já que precisaria haver evidências independentes da existência de dois núcleos diferentes em PB.

Por outro lado, os casos de inversão VS é que apresentam maiores problemas para as duas abordagens, já que a inversão VS em PB parece não ser o resultado do movimento do verbo de I para C.

No caso das construções [WH *que*] e [WH *é que*], lembremos que foi assumida a não equivalência entre ambas, baseados em Miotto & Figueiredo Silva (1995) e Miotto (1996). Posto isso, foi preciso averiguar que quadro teórico melhor dá conta desta não equivalência:

- (a) interrogativas com [WH *que*] e interrogativas [WH *é que*] satisfazem o Critério WH por caminhos diferentes: o complementizador aberto dota o núcleo de CP com o traço [WH], acionando movimento WH obrigatório para formar a configuração Spec-núcleo. Já em interrogativas [WH *é que*] o Critério WH é satisfeito via *concordância dinâmica*. Esta análise explica adequadamente a adjacência entre o sintagma WH e o complementizador *que* a partir da configuração Spec-núcleo;
- (b) para o sistema de traços, nas estruturas [WH *que*] o movimento WH é acionado porque o núcleo de CP está ocupado com um elemento com traço WH forte. Já nas [WH *é que*] o movimento WH é acionado porque C carrega traço WH forte. Essa abordagem, contudo, não apresenta uma explicação direta em relação à distinção entre [WH *que*] e [WH *é que*].

O capítulo 3 levantou, pois, duas questões importantes envolvendo interrogativas com WH deslocado: inversão VS e estruturas com [WH *que*] e [WH *é que*], procurando mostrar de que maneira o sistema de Critérios e a abordagem de força do traço lidam com estes fenômenos, embora algumas questões tenham ficado em aberto para pesquisa futura, tais como:

- (a) como explicar os casos de inversão VS do PB: se não há movimento I para C em PB, que posição ocupa o sujeito e como recebe caso?

- (b) como explicar a recursão de CP ou algo semelhante, já que *que* deve se restringir a uma recursão só e no segundo CP só é permitido *é que*?
Recursão de CP se dá em contextos enfáticos?

Nas interrogativas WH múltiplas, vimos que às vezes parece que não há movimento WH (no sentido de Bošković, 1998) em interrogativas que apresentam sintagmas WH fronteados e isso pode ser diagnosticado a partir de Superioridade. Quando observamos as interrogativas com WH simples deslocado, entretanto, em alguns casos não é possível saber ao certo se houve ou não movimento WH, já que não temos como diagnosticar isso, pois Superioridade só aparece em contextos múltiplos.

Do que foi dito podemos tirar duas conclusões. A primeira é que o estudo das interrogativas WH do PB se torna mais completo se olhamos com mais cuidado para as interrogativas WH múltiplas, já que alguns fenômenos só podem ser averiguados nestes contextos. A segunda conclusão é que nas interrogativas com WH deslocado simples algumas construções nos dão certeza de que estamos lidando com movimento WH de fato, como é o caso de sentenças com complementizador visível e nas encaixadas cujo C é [+WH]. Nas demais, não podemos dizer ao certo se se trata de movimento WH ou de outro tipo de movimento.

Além disso, vimos também que o PB parece apresentar evidências de não movimento WH em LF. Sintagma WH *in situ* de interrogativas WH *in situ* simples violam Subjacência em LF, supondo que Subjacência deve ser obedecida neste nível (cf. Pestersky, 1987; Reinhart, 1994). Por conta disso, o sistema de Critérios se mostrou inadequado para explicar os casos de WH *in situ* do PB, já que esta abordagem trabalha com movimento WH em LF. Neste caso, a abordagem minimalista se mostrou mais adequada, já que pode ser combinada à análise interpretativa de Reinhart (1994).

Recapitulando, o PB apresenta evidências de não movimento WH em LF em sentenças como, por exemplo, (4) abaixo:

- (4) a. ?A Maria encontrou o homem que deu o que pro João?
b.* O que a Maria encontrou o homem que deu ___ pro João?

Note que a extração de dentro de uma ilha relativa torna a sentença (4b) agramatical, já que viola Subjacência. Admitindo que Subjacência deve ser respeitada também em LF, haverá violação de Subjacência no nível LF se o sintagma WH *o que*

em (4a) passar por movimento WH neste nível. Assim, a análise adequada para (4a) não deve colocar em jogo movimento.

No estudo das interrogativas WH múltiplas do PB, procuramos mostrar de que forma o sistema de traços do Programa Minimalista de um lado e o sistema de Critérios de GB de outro lidam com os seguintes dados desta língua:

(A) o quadro abaixo mostra como as interrogativas WH múltiplas se comportam em várias línguas naturais. Observa-se que as interrogativas WH múltiplas do PB podem apresentar, de modo geral, um sintagma WH movido para a periferia esquerda da sentença, ou todos *in situ*:

(5) Estratégias de formação de interrogativas WH múltiplas nas línguas em geral em sintaxe visível

	Apenas 1 movido	Todos <i>in situ</i>	Todos movidos
Inglês	Ok	*	*
Chinês	*	Ok	*
Russo	*	*	Ok
Francês	Ok	Ok	*
PB	Ok	Ok	*
Italiano/Irlandês	*	*	*

(B) durante a descrição das interrogativas WH múltiplas do PB, observamos que Efeito de Superioridade só aparece em perguntas *não-D-linked* quando um dos sintagmas é o sujeito da sentença. Por outro lado, sentenças formadas com sintagmas WH *D-linked* tendem a não mostrar Efeito de Superioridade. Tais fenômenos estão resumidos no quadro abaixo:

(6) Efeito de Superioridade em interrogativas WH múltiplas matrizes quanto à posição que os sintagmas WH ocupam na sentença:

		<i>Não-D-linked</i>	<i>D-linked</i>
Sintagmas WH	Argumentos	SUJ / OD *OD / SUJ SUJ / OI *OI / SUJ OD / OI OI / OD	SUJ / OD ?OD / SUJ SUJ / OI ?OI / SUJ OD / OI OI / OD
	Argumento / adjunto	ADJ / OD OD / ADJ ADJ / OI OI / ADJ SUJ / ADJ *ADJ / SUJ	ADJ / OD OD / ADJ ADJ / OI OI / ADJ SUJ / ADJ ??ADJ / SUJ
	Adjuntos	–	ADJ / ADJ

As questões colocadas em relação a estes dados foram:

- (a) por que sintagmas *não-D-linked* só apresentam Efeito de Superioridade quando um deles é sujeito?
- (b) por que sintagmas *D-linked* de modo geral não apresentam Efeito de Superioridade?
- (c) na abordagem minimalista, é preciso explicar a violação de MLC nas sentenças em que a condição de Superioridade é violada.

(C) um dado que chamou a atenção na descrição das interrogativas WH múltiplas foi o caso dos sintagmas WH adverbiais, os quais não são bons *in situ* em estruturas múltiplas, como mostra o exemplo abaixo:

(7) ??O que a Maria comprou onde?

Este fenômeno se tornou mais interessante na descrição das interrogativas WH *in situ* simples, quando nos deparamos com sentenças que são perfeitamente gramaticais com WH adverbiais *in situ*, como mostra o exemplo abaixo:

(8) A Maria comprou um livro onde?

Quanto aos dados em (A), vimos que a abordagem minimalista pareceu apresentar mais soluções para os fenômenos envolvendo estruturas WH múltiplas, já que o PB apresenta evidências de não movimento WH em LF. Por esse motivo, o sistema de Critérios se mostrou inadequado para explicar os sintagmas WH *in situ* do PB, tanto nas estruturas múltiplas como nas simples.

Quanto aos dados em (B), vimos que uma maneira de explicar estruturas que apresentam violação de Superioridade é supormos que talvez estejamos às voltas com um tipo de movimento que não é o movimento WH propriamente dito (isto é, não se trata de movimento do sintagma WH para Spec CP, a fim de checar o traço forte de C).

O fato de que interrogativas que violam Superioridade podem receber resposta de par único pode estar indicando um movimento de outra natureza, já que, conforme Bošković (1998), a possibilidade de respostas de par único depende da possibilidade de não mover os sintagmas WH para Spec CP. Nestes dados, mais uma vez, a abordagem minimalista leva vantagem em relação ao sistema de Critérios, já que este último parece não poder dizer nada sobre fenômenos que envolvem Efeito de Superioridade.

Quanto aos dados em (C), vimos, no capítulo 5, que os fatos relativos a WH adverbiais em estruturas múltiplas do PB corroboram a análise de Reinhart (1994), a qual discutiremos a seguir.

Quanto aos sintagmas WH *in situ* do PB, temos o seguinte quadro em relação a estruturas simples e múltiplas:

(9) Sintagmas WH *in situ* em estruturas simples e em múltiplas

Tipo de WH	WH <i>in situ</i> em pergunta simples	WH <i>in situ</i> Em pergunta múltipla
WH adverbial	OK	??
Demais WHs	OK	OK

Em relação a WH *in situ*, pôde-se formular as seguintes perguntas:

- (a) por que sintagmas WH adverbiais só não são bons *in situ* em estruturas múltiplas?
- (b) se sintagmas WH *in situ* do PB não se movem em LF, de que forma, então, podem ser interpretados?

No capítulo 5, vimos que a análise de Reinhart (1994) parece responder adequadamente a questão (a) formulada acima. Assim, optamos por interpretar os sintagmas WH *in situ* do PB utilizando a análise de Reinhart (1994), ou seja, via funções de seleção. Já os sintagmas WH adverbiais, por não serem bons *in situ* em estruturas múltiplas, mostram evidências de que devem ser analisados de outra maneira. Entretanto, uma tal análise não pode prever movimento em LF, já que o exemplo com WH adverbial em (10) abaixo repete o paradigma mostrado em (4) acima:

- (10) a. ?A Maria encontrou o homem que falou com o João quando?
- b. *Quando a Maria encontrou o homem que falou com o João?

Se assumimos que Subjacência deve ser respeitada também em LF, haverá violação de Subjacência neste nível caso o WH adverbial *quando* em (10a) passe por movimento WH em LF. Se sintagmas WH adverbiais não podem ser analisados nem a partir de movimento em LF, nem através da análise interpretativa de Reinhart (1994), ainda ficamos com o problema de encontrar uma análise adequada para eles.

Ainda em relação às interrogativas com WH *in situ*, vimos que não parece possível considerá-las com tendo uma estrutura semelhante a perguntas-eco, como propõem Sikansi (1999) e Ambar & Veloso (1999), porque:

- (a) línguas como o chinês e o japonês só apresentam interrogativas WH *in situ*, sem que todas tenham necessariamente leitura-eco;
- (b) perguntas-eco só ocorrem em contextos específicos, com entonação peculiar, como uma espécie de retomada do discurso do falante; por outro lado, mesmo que interrogativas WH *in situ* possam ocorrer em contextos semelhantes aos das perguntas-eco, tais perguntas podem perfeitamente ocorrer nos contextos em que se tem uma interrogativa WH deslocada;

- (c) em estruturas WH múltiplas, línguas como o inglês apresentam um dos sintagmas *in situ*. Tais interrogativas, no entanto, são interpretadas como perguntas de fato, recebendo resposta de par múltiplo;
- (d) em PB é possível interrogativas WH múltiplas com ambos os sintagmas *in situ*, sem que tenham necessariamente leitura-eco;
- (e) a evidência levantada por Ambar & Veloso (1999) de que interrogativas WH *in situ* em PE apresentam estrutura semelhante a perguntas-eco não se sustenta em PB. Segundo as autoras, a primeira parte da proposição de uma pergunta WH *in situ* é uma declarativa; por isso, não podem ser respondidas com um conjunto vazio. No PB, contudo, uma interrogativa tal como *O João comprou o quê?* pode perfeitamente ser respondida com um conjunto vazio, tal como *Nada*.

Com respeito à análise de Pesetsky (1987), calcada na diferença *D-linked/não-D-linked*, vimos que no PB de fato há tal diferença, mas não exatamente da maneira colocada pelo autor. Para Pesetsky, sintagmas WH *D-linked in situ* podem ser interpretados *in situ*, via ligação não seletiva, enquanto sintagmas WH *não-D-linked* devem passar por movimento WH em LF.

No caso dos WH adverbiais do PB realmente faz diferença ser *D-linked* ou *não-D-linked*, já que somente sintagmas WH *D-linked* são bons *in situ* em estruturas múltiplas, podendo ser interpretados via funções de seleção. Por outro lado, sintagmas WH adverbiais *não-D-linked* são ruins *in situ* em estruturas múltiplas, mas bons em estruturas simples.

Além disso, em relação a Efeito de Superioridade, a predição de Pesetsky só se confirma parcialmente em PB. Segundo o autor, somente sintagmas WH *D-linked* não mostram Efeito de Superioridade. Nos dados do PB, entretanto, vimos que tanto sintagmas WH *D-linked* como *não-D-linked* não exibem Efeito de Superioridade, com exceção dos sintagmas WH *não-D-linked* com função de sujeito. Dito de outra maneira, a predição de Pesetsky só se sustenta em PB para os casos de sintagmas WH *não-D-linked* que são sujeito da sentença, já que são os únicos que exibem Efeito de Superioridade. Se a abordagem para *D-linked/não-D-linked* de Pesetsky só se sustenta parcialmente em PB, está claro que sua análise para os sintagmas WH *in situ* também não pode se sustentar de todo.

Ainda em relação às estruturas múltiplas, vimos que somente sintagmas WH *não-D-linked* sujeito manifestam Efeito de Superioridade, fenômeno que ainda requer uma investigação mais cuidadosa.

Outra questão que fica em aberto é o caso dos sintagmas WH adverbiais *não-D-linked*, os quais não são bons *in situ* em estruturas múltiplas, embora surpreendentemente o sejam em perguntas simples. No capítulo 5 vimos que tais sintagmas não podem receber a análise interpretativa de Reinhart (1994), já que não possuem um conjunto N, a fim de que possam ser interpretados via funções de seleção. Por outro lado, vimos também que parecem não poder passar por movimento em LF, já que, como mostram os exemplos em (10) acima, violariam Subjacência neste nível. Note que para o caso dos sintagmas WH adverbiais *in situ* parece que nem o sistema de Critérios, nem a abordagem de força do traço têm algo a dizer.

7.3 Quadro geral das interrogativas polares

A descrição das interrogativas polares do PB teve como ponto de partida os tipos de resposta que podem receber, já que foi com base no tipo de resposta que definimos, a partir da abordagem de Huddleston (1994), dois tipos de perguntas polares no PB: as interrogativas Y/N de um lado e as perguntas Alternativas e A-não-A de outro. O quadro abaixo compara os tipos de resposta que interrogativas polares do PB podem receber.

(11) Respostas a interrogativas polares do PB

	Y/N	Alternativas	
		Comuns	A-não-A
Resposta Sim \ Não	Ok	*	???
Resposta com <i>É</i>	Ok	*	*
Resposta V+Infl	Ok	Ok para alternativas em IP	Ok
Resposta é escolha entre duas alternativas	–	Ok	Ok

Na descrição feita da seção 6.2.1 do capítulo 6, vimos que perguntas Y/N do PB podem ser respondidas:

- (a) com o verbo flexionado mais alto da sentença, que constitui a forma mais usual de resposta Y/N nesta língua;
- (b) com a cópula *É*, a qual pode figurar como *frase assertiva reativa*, mas também como confirmação a uma declarativa ou a uma interrogativa;
- (c) com as partículas assertivas *sim/não*, embora não apresentem o mesmo estatuto;
- (d) com alguns quantificadores;
- (e) com alguns advérbios, embora nem todos possam ser considerados como *pro-formas* verbais.

No capítulo 6, vimos também que a resposta para uma pergunta Alternativa será a escolha entre as duas alternativas expressas na pergunta. Este é o caso também das perguntas A-não-A, embora neste tipo de pergunta a escolha se dê entre o conteúdo proposicional da pergunta e sua negação, ambos expressos na estrutura A-não-A.

Quanto às interrogativas Y/N, foi possível isolar três tipos de línguas:

- (a) línguas como o chinês e japonês podem realizar o traço Q morfologicamente;
- (b) línguas como o inglês e o alemão apresentam movimento I para C;
- (c) línguas como o PB não apresentam nem marcadores realizados morfologicamente, nem movimento I para C, mas apenas um traço em Q, cuja visibilidade é garantida aparentemente pela entonação peculiar das perguntas Y/N.

Os dois quadros teóricos que estamos comparando nesta tese puderam nos dizer o seguinte sobre as interrogativas Y/N do PB:

- (a) na abordagem de força do traço, as interrogativas Y/N apresentam um traço Q em C. C matriz de perguntas Y/N tem um traço V forte no caso de línguas como o inglês e o alemão, que obriga o alçamento do verbo finito para seu domínio de checagem. No caso de línguas como o PB, o C de perguntas Y/N apresenta traço V não forte, por isso, não há movimento visível de I para C.

- (b) no sistema de Critérios, o Critério WH pode ser satisfeito se postulamos um operador não lexicalmente realizado em Spec CP. Uma evidência de que este operador existe é o caso do alemão, que é V1 apenas nas interrogativas Y/N. Em PB, tal operador em Spec CP deve ser capaz de dotar o núcleo C⁰ com o traço [+WH], por estarem em relação de concordância, de maneira semelhante ao que ocorre nas interrogativas WH desta língua.

Interrogativas Alternativas do PB apresentam as seguintes características:

- (a) uma estrutura de coordenação disjuntiva;
- (b) o foco de uma pergunta Alternativa pode estar sobre DP, PP, IP ou AP;
- (c) tais interrogativas são respondidas, de modo geral, com uma das alternativas dadas na própria pergunta;
- (d) só aceitam respostas com o verbo finito mais alto da sentença quando IP é o foco de pergunta.
- (e) não aceitam respostas com as partículas *sim/não*, nem com a cópula *É*.

Quanto às interrogativas A-não-A do PB, assumimos que são um tipo especial de perguntas Alternativas, pois além de envolverem uma estrutura de coordenação disjuntiva semelhantes às Alternativas, o conteúdo proposicional das duas respostas está expresso na pergunta. No capítulo 6 desta tese, pudemos definir as seguintes características das interrogativas A-não-A:

- (a) na coordenação A-não-A a primeira oração é afirmativa e a segunda é negativa;
- (b) o foco de pergunta de uma A-não-A está sobre IP, por isso são respondidas com o verbo finito mais alto da sentença;
- (c) não pode ser respondida com as partículas *sim/não*, nem com a cópula *É*;
- (d) a estrutura “ou não” pode “passar” pela sentença. Contudo, independente da posição que ocupa na sentença, a resposta dada é sempre com o verbo finito mais alto. Isso pode ser uma evidência de que a coordenação das Alternativas em geral está sempre no mesmo lugar. A elipse é que se aplica em lugares diferentes. Essa hipótese, entretanto, carece de uma investigação mais cuidadosa.

Nem a abordagem de força do traço, nem o sistema de Critérios parecem poder explicar de forma direta as perguntas Alternativas do PB, as quais envolvem uma estrutura coordenada.

Por fim, embora tenhamos descrito as interrogativas Alternativas a partir de seus tipos de resposta, ainda é preciso investigar a estruturas destas últimas, o que talvez seja possível a partir do estudo da estrutura coordenada que as interrogativas Alternativas apresentam.

7.4 Quadro geral das interrogativas do PB

O objetivo principal deste trabalho foi estudar as interrogativas do PB, levando em conta perguntas polares e perguntas não-polares. Foi um trabalho ousado justamente por ter elegido como objeto de estudo todos os tipos de interrogativas do PB de que temos conhecimento. Isso talvez tenha trazido prejuízos, já que em alguns momentos não pudemos nos deter mais demoradamente sobre alguns fenômenos. Por outro lado, tentar ‘olhar’ de forma mais abrangente para os fenômenos envolvendo estruturas interrogativas do PB talvez possa de alguma forma atenuar as falhas remanescentes.

Ao observarmos de maneira mais ampla as interrogativas desta língua, pudemos captar impressões interessantes sobre tais estruturas. Por exemplo, pudemos ver, como esperado, que as interrogativas do PB de modo geral apresentam a ordem SV. Por outro lado, enquanto interrogativas WH apresentam, mesmo que marginalmente, algumas construções com a ordem VS, nas interrogativas polares não há ordem VS, nem ao menos opcional.

Além disso, vimos que mesmo que um dos quadros teóricos consiga mostrar um paralelismo entre estruturas WH e estruturas Y/N, de qualquer modo enfrentarão limites claros. Um exemplo disso é o fato de haver interrogativas WH *in situ*, mas não perguntas Y/N *in situ*; o mesmo se pode dizer para interrogativas múltiplas. Por outro lado, há nítidas simetrias entre estas estruturas, como é o caso dos complementizadores encaixados de perguntas que selecionam um CP interrogativo: *que* e *se*, os quais ocupam a mesma posição na estrutura, ou seja, o núcleo do CP encaixado.

A tarefa mais complicada, contudo, parece ser encontrar simetrias entre interrogativas Y/N e perguntas Alternativas, e mais ainda entre estas últimas e perguntas WH, já que o que ‘salta aos olhos’ são somente assimetrias, a começar pela estrutura

coordenada das Alternativas, que não encontramos nem em perguntas Y/N, nem em WH.

Se comparamos interrogativas Y/N e perguntas Alternativas, podemos perceber que o que têm em comum é o fato de definirem um conjunto de duas respostas, enquanto resposta a uma interrogativa WH deve expressar proposições derivadas da substituição de um valor particular da variável, conforme vimos no capítulo 1, quando tratamos nos tipos de interrogativas definidas por Huddleston (1994).

No percurso deste estudo acerca das interrogativas do PB, pudemos notar que de um lado a inclusão das interrogativas WH múltiplas enriqueceu a discussão sobre os fenômenos relacionados às interrogativas WH desta língua. De outro, o estudo das perguntas Alternativas nos mostrou que algumas conclusões podem soar precipitadas, como no caso das respostas com a cópula *É*, se abragermos a tipologia das perguntas polares.

Finalmente, ao comparar os dois modelos da Teoria de Princípios e Parâmetros, notamos que se para muitas questões uma ou outra abordagem apresentam análises adequadas, para alguns fenômenos arrolados aqui ainda é preciso investigar de que forma poderiam ser tratados (e se de fato poderiam) tanto no sistema de Critérios como na abordagem de força do traço. Lembremos, pois, algumas questões que ainda precisam ser investigadas.

Nas interrogativas WH:

- (a) os casos de inversão VS, levando em conta que o PB parece não apresentar movimento I para C;
- (b) ausência de Efeito de Superioridade vs. movimento não-WH nas interrogativas WH múltiplas do PB;
- (c) Efeito de Superioridade com sintagmas WH *não-D-linked* sujeito;
- (d) o caso dos sintagmas WH adverbiais *não-D-linked in situ* do PB, os quais não são bons *in situ* em estruturas múltiplas, mas o são em interrogativas WH simples;
- (e) Efeito de Superioridade entre objetos em inglês mas não entre objetos PB.

Nas interrogativas polares:

- (a) respostas com quantificadores para perguntas Y/N;
- (b) respostas para interrogativas Alternativas;
- (c) a estrutura de coordenação das interrogativas Alternativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACKEMA & NEELEMAN (1998). "Optimal Questions". In: *NLLT*, 16:443-490.
- AMBAR, M. (1987) "Gouvernement et inversion dans les interrogatives QU- en portugais". *Recherches Linguistiques* 16.
- AMBAR, M. & VELOSO, R. (1999) "On the nature of wh phrases- extraction, wh *in situ* and word order - Evidence from Portuguese, french, Hungarian and Tetum". Universidade de Lisboa. *ms.* pp.1-23.
- AOUN, J. & LI, Y-N. Audrey. (1993) "WH-Elements *in situ*: Syntax or LF?" In: *Linguistic Inquiry*, Vol 24, n 2.
- AUGUSTO, M.R.A. (1998) "As restrições de ilha e a teoria gerativa: resíduos para o programa minimalista". In: *Cad. Est. Ling*, Campinas, (34): 51-65.
- BARSS, A. (2000) "Minimalism and Asymmetric WH-Interpretation". in: Martin et al. *Step by step*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- BERLINCK, R.A. (1989) "A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem.". In: F. Tarallo (org.) *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas, SP: Pontes.
- BOŠKOVIČ, Ž. (1998) "WH-phrases and WH-movement in Slavic". Bloomington, Indiana: "Comparative Slavic Morphosyntax". 5-7 de junho de 1998. [Versão 1, 20 de janeiro de 1998].
- CARDINALETTI, A. (2001)) *Subjects and Wh-questions*. ms. University of Bologna – University of Venice.
- CARDINALETTI, A. & GUAZZI, M.T. (1994) "Small Clauses: some controversies and issues of acquisition". In *Syntax and Semantics*, vol. 28.
- CHOMSKY, N. (1995) *The Minimalist Program*. Current Studies in Linguistics, Cambridge, Massachusetts: MIT
- COLE, P. & HERMON, G. (1994) "Is there LF WH-movement?" In: *Linguistic Inquiry*, Vol. 25, N.2.
- COSTA, J. (1998) *Word order variation*. Doctoral dissertation. HIL/Leiden University.
- CRISMA, P. (1992). 'On the acquisition of WH-Questions in French' In: *GenGenP*, no. 1-2.

CYRINO, S.M.L. (1993) "Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos". In: Roberts, I. & Kato, M. (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da Unicamp.

De OLIVEIRA, M. (1996) *Respostas Assertivas e sua Variação nas Línguas Românicas: o seu papel na aquisição*. Tese de doutorado - Unicamp.

DUARTE, M.E.L.(1992) "A Perda da Ordem V(erbo) S(ujeito) em Interrogativas Qu- no Português do Brasil", In: *D.E.L.T.A.* 8, N. especial: 37-52.

DUARTE, M.E.L. (1989) "Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil". In: F. Tarallo (org.) *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas, SP: Pontes.

FIGUEIREDO SILVA, M.C. (1996) A posição sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitivas. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.

GROLLA, E. B. (2000) A aquisição da periferia esquerda da sentença em português brasileiro. Dissertação de Mestrado, Unicamp.

HAEGEMAN, L. (1994) *Introduction to Government & Binding Theory*. 2ed. Cambridge, Massachusetts.

HIGGINBOTHAM (1996) "The Semantics of Questions". In : Lappin, Shalom (ed). *The Handbook of Contemporary Semantic Theory*. UK: Backwell.

_____ (1985) "On Semantics". In: *Linguistic Inquiry*, 16: 547-593.

_____ (1983) "Logical Form, Binding, and Nominals". In: *Linguistic Inquiry*, 14: 395-420.

HIGGINBOTHAM & MAY (1981) "Questions, quantifiers and crossing". *The Linguistic Review* 1: 41-80.

HORNSTEIN, N. (1995) *Logical Form: from GB to Minimalism*. Cambridge, Massachusetts.

HUANG, J. (1982) Logical relations in Chinese and the Theory of Grammar. Doctoral dissertation, MIT.

HUDDLESTON, R. (1994) "The contrast between interrogatives and questions". *J. Linguistics*, 30, 411-439.

KATO, Mary A. (1993) *Word Order Change: The Case of Brazilian Portuguese WH-Questions*. International Congress of Historical Linguistics, mimeo.

KATO, M. A. & RAPOSO, E. (1994) "European and Brazilian Portuguese Word Order: Questions, Focus and Topic Constructions". In Parodi et al. (eds) *Romance Linguistics in Los Angeles*, Washington:Georgetown U. Press.

KATO, M. A. & TARALLO, F. (1992) “Sim: respondendo afirmativamente em português”. in: M. Sofia Z. de Paschoal & M. Antonieta A. Celani (orgs.) *Linguística Aplicada: da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar*, Educ, São

LARSON, R. & SEGAL, G. (1995) *Knowledge of Meaning. An introduction to Semantic Theory*. MIT: MIT Press.

LOPES-ROSSI, M.A.G. (1996) *A Sintaxe Diacrônica das Interrogativas-Q do Português*. Tese de Doutorado. Campinas, São Paulo.

_____ (1993) “Estudo diacrônico sobre as interrogativas do português do Brasil.” In: Roberts, I e Kato, M. (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP.

MENUZZI, S. (1993) “Some Observations on Verb Movement in Portuguese WH Questions.” ms, HIL/Leiden University.

_____ (1994) “Algumas observações acerca do Movimento de Verbos nas Interrogativas Wh do Português”. (Trad. Fábio Luiz L. da Silva). *Revista Letras de Hoje*. Porto Alegre. v.29, n.2, p.19-33, junho de 1994.

MIOTO, C. (2001). “Sobre o sistema CP no Português Brasileiro” In: *Revista Letras*, n. 56. Editora da UFPR

_____ (1996) Wh é que ≠ Wh que. *Anais de Seminários do Gel*, p.648-654.

_____ (1994) As Interrogativas no Português Brasileiro e o Critério WH. *Revista Letras de Hoje*. Porto Alegre. nº 2, vol. 29, p. 19-33, junho 1994.

MIOTO, C. & M. C. FIGUEIREDO SILVA (1995) Wh que = Wh é que? *D.E.L.T.A.* n° 11, vol. 2, p. 301-311, 1995.

NOH, E.-J. (1998) “Echo questions: metarepresentation and pragmatic enrichment” In: *Linguistics and Philosophy* 21: 603-628.

NUNES, J. (1999) “Linearization of chains and phonetics realization of chain links”. In: N. Hornstein & S. Epstein (eds) *Working Minimalism*. Cambridge, Mass.: MIT Press.

NUNES, J., HORNSTEIN, N. & GROHMANN (2001) *Introduction to Minimalist Program*, ms.

PESETSKY, D. (2000). *Phrasal movement and its kin*. Cambridge, Massachusetts.

_____ (1987). “WH *in situ*: Movement and Unselective Binding” In E.J. Reuland & A.G.B. ter Meulen, eds. *The Representation of (In)definiteness*. MIT Press: Cambridge MA, USA.

PIRES DE OLIVEIRA, R. (2001) *Semântica formal: uma breve introdução*. Campinas, SP: Mercado de Letras.

REINHART, T. (1994) “WH *in situ* in the framework of the minimalist Program” OTS, Utrecht University.

RIZZI, L. (1999) On the position “Int (errogative)” in the Left Periphery Of the Clause. Ms. Università di Siena.

_____ (1997) “The Fine Structure of the Left Periphery”. In: L.Haegeman, *Elements of Grammar*. Kluwer, Dordrecht. pp.281-337.

_____ (1996) “Residual V-Second and the Wh-Criterion”. In: A.Beletti & L.Rizzi (eds.), *Parameters and Functional Heads*. Oxford University Press. pp.63-90.

_____ (1991) “Residual V-second and the Wh-criterion”. *Technical Reports in Formal and Computational Linguistics 3*. Université de Genève.

_____ (1989) “Speculations on Verb Second”. Universidade de Genebra, ms.

RUDIN, C. (1988) ‘On Multiple questions and multiple WH *fronting*’. *Natural Language and Linguistic Theory* 6 p. 445-501.

SELL, F.S.F. (2001) A aquisição das interrogativas WH *in situ* em PB. (não publicado)

_____, F.S.F. (1998) *Estudo das Interrogativas do Português Brasileiro em Teoria Gerativa*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, setembro de 1998.

SIKANSI, N.S. (1999) *A aquisição das interrogativas -Q do Português do Brasil*. Memorial para qualificação de Tese de Doutorado. Campinas, São Paulo.

_____, N.S. (1998) ‘Interrogativas Q- do português brasileiro moderno: quadro geral.’ In: *Cadernos de estudos Lingüísticos*. Campinas, (34): 119-129, jan/jun.

_____, N.S. (1994) *A Estrutura das Sentenças com Pronome Interrogativo*. Dissertação de Mestrado - Unicamp.

SHI, D. (1994) “The nature of Chinese WH-questions” in: *Natural language and Linguistic Theory* 12: 301-33

SOBIN (1990) “On the syntax of English echo questions”. In: *Língua*, 81.

STROIK, T. (1992) ‘English WH *in situ* Constructions’. *Linguistic Analysis*, 22:133-153.

TORREGO, E. (1984) “On Inversion in Spanish and Some Its Effects”. *Linguistic Inquire*, vol.15, n.1, The Massachusetts Institute of Technology.

WATANABE, A. (1992) “ WH *in situ*, Subjacency, and Chain Formation”. In: *MIT Occasional Papers in Linguistics 2*.

XU, L. (1990) Remarks on LF movement in chinese questions. *Linguistics* 28, 355-382.

ZUBIZARRETA, M.L. (1998) *Prosody, focus and word order*. Cambridge: MIT Press.